

Universidade de Brasília  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



**A Praça Maior da Universidade de Brasília:  
arquitetura paisagística e cotidiano**

Alice Rosa Cardoso  
Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo  
Brasília. Junho de 2019

Fotografia da capa: Joana França

Alice Rosa Cardoso

**A Praça Maior da Universidade de Brasília:  
arquitetura paisagística e cotidiano**

Dissertação de Mestrado em Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade de Brasília,  
na área de concentração de Projeto e  
Planejamento

Profa. Dra. Gabriela de Souza Tenorio  
Orientadora e Presidente da Banca (PPG-FAU / UnB)

Prof. Dr. Frederico Rosa Borges de Holanda  
Membro Interno (PPG-FAU / UnB)

Prof. Dr. Luiz Pedro de Melo César  
Membro Externo (FAU / UnB)

Profa. Dra. Cláudia da Conceição Garcia  
Membro Interno (PPG-FAU / UnB)  
(suplente)

Brasília

2019



## **Agradecimentos**

Agradeço à minha orientadora Gabriela de Souza Tenorio, que abraçou a ideia da dissertação desde o princípio, tendo sido uma referência de profissionalismo e uma pessoa criteriosa, presente e receptiva às minhas indagações, e principalmente por ser dona de um entusiasmo contagiante, que tornou todo o processo do mestrado incrivelmente positivo.

Agradeço à minha família, que sempre apoiou os meus planos, e mesmo de longe esteve presente neste processo. Ao meu pai Ubirajara Pereira Cardoso, pelo estímulo à busca do saber. À minha mãe Gilka Rosa Cardoso, por ser sempre uma fortaleza. Aos dois, pela referência ética e por serem a base de tudo. À minha irmã Clara Rosa Cardoso, por toda a colaboração e estímulo. Ao meu irmão Thiago Rosa Cardoso e minha prima Isabel Rosa Barros, pelo apoio sempre. E aos pequenos Vicente e Helena pela alegria que trazem.

Agradeço ao meu companheiro Bruno Scartezini, que por 20 anos tem estado ao meu lado, me fortalecendo, acreditando em mim, e que tanto favoreceu a minha dedicação ao mestrado. Obrigada pela jornada. Ao meu filho Felipe Rosa Cardoso Scartezini, com quem aprendo tanto, obrigada por me fazer crescer e pelo lindo desafio da maternidade. Ao meu enteado Luca Scartezini, obrigada pela amizade.

Agradeço a minha família brasiliense, que tão generosamente me acolheu nesta terra em que escolhi viver, especialmente à Vera Margini.

Agradeço ao Eduardo Soares por toda a generosidade e amizade. Aos colegas do CEPLAN, solidários em tantos momentos. E aos amigos do coração.

Agradeço aos membros da minha banca de qualificação, professores Frederico Rosa Borges de Holanda e Luiz Pedro de Melo César, pelas observações pertinentes e tão enriquecedoras a este trabalho.

Agradeço ao PPG-FAU, pelo suporte; aos colegas do programa e aos professores Jaime Gonçalves de Almeida, Elane Ribeiro Peixoto, Eduardo Pierrotti

Rossetti e Caio Frederico e Silva, por tantas trocas e por seus olhares sobre a arquitetura e a cidade.

Agradeço ao paisagista Sidney Linhares, antigo sócio de Fernando Chacel, da CAP - Consultoria Ambiental Paisagística, pela cordialidade da entrevista concedida à distância.

Meus mais sinceros agradecimentos ao arquiteto e professor Paulo de Melo Zimbres, que nos deixou a poucos dias, por ter compartilhado sua visão de mundo e pela gentileza da entrevista concedida em seu escritório em uma tarde tão agradável.

À Universidade de Brasília, da qual sou técnica e aluna, agradeço por ter me propiciado todas as condições de trabalho necessárias, por ter possibilitado a ampliação da minha formação, e por ter me proporcionado um objeto de estudo tão bonito. Agradeço também a toda a comunidade universitária, na figura de alunos, professores e funcionários, a quem este trabalho é dedicado.

E agradeço imensamente à universidade pública, que possibilitou meus estudos de graduação, especialização e agora mestrado, que tem possibilitado a pesquisa neste país, e da qual sinto tanto orgulho.

## Resumo

A pesquisa apresenta uma análise sobre os espaços livres do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, em Brasília, DF e seu uso e apropriação pelas pessoas. Investiga de que forma a configuração paisagística do *campus* contribui hoje com a vida pública, considerando que o encontro e a interação interpessoal são positivos, sobretudo para a experiência universitária. A área de estudo foi delimitada à porção central do *campus*, denominada Praça Maior, parte do projeto paisagístico de Fernando Chacel, e foi estudada em quatro momentos: a situação existente em 1971, à época do projeto; o projeto paisagístico de Chacel; a implantação do projeto, considerando as modificações entre o projetado e o executado; e a configuração atual da praça, em seus aspectos morfológicos e paisagísticos. Esta última etapa foca principalmente em como ela é apropriada hoje pela dinâmica social universitária, envolvendo a descrição dos sujeitos e atividades programadas e não programadas que nela ocorrem. Para isso, foram contextualizados os temas da vida pública, da arquitetura paisagística brasileira, do território universitário, na figura do *campus*, e da dimensão sociológica da arquitetura, que correlaciona espaço e sociedade. Estudou-se, com técnicas de contagem de fluxo e registro de atividades estacionárias, os padrões de ocupação da Praça Maior, a partir de pesquisa de campo, utilizando um método de avaliação da vida pública que proporcionou as bases para correlacionar configuração paisagística e uso cotidiano. Complementarmente, com a aplicação de questionários, buscou-se identificar questões de imagem e abairramento, e as atuais demandas, conflitos e potencialidades da Praça Maior. O trabalho conclui que há uma potencialidade não explorada de tratamento dos espaços para atrair e reter mais pessoas e favorecer a interação e o convívio.

## Palavras-chave

arquitetura paisagística; vida pública; *campus* universitário; Universidade de Brasília; Fernando Chacel

## **Abstract**

The present research offers an analysis on the free spaces of the Darcy Ribeiro University Campus, in Brasília, Federal District, and its use and appropriation by the people. It investigates how the campus landscape configuration contributes to public life today, considering that encounters and interpersonal interactions are positive, especially for university experience. The area studied was delimited to the central portion of the campus called Praça Maior (Main Square), part of the landscaping project of Fernando Chacel, and was analyzed in four different moments: the existing scenario in 1971, when the project was designed; Chacel's landscaping project; the implementation of the project, considering the adjustments made from the project to the execution; and the current configuration of the square in its morphological and landscape aspects. This last section will focus especially on how it is now occupied by university social dynamics, involving the description of subjects and planned and spontaneous activities that take place in it. To this end there came the necessity to contextualize the themes of public life, Brazilian landscape architecture, the university grounds in form of the campus, and the sociological dimension of architecture which correlates space and society. Field research assessed occupation patterns of Praça Maior with surveys on flow count and record of stationary activities, using a method of evaluation of public life that provided the basis for correlating landscape configuration and daily use. Besides that, the questionnaires applied, aimed at identifying questions of image and perception of neighborhood as well as the present demands, conflicts and potentialities of Praça Maior. The research concludes that there is an unexplored potential on the treatment of space to attract and keep more people, thus favoring interactions between them.

## **Keywords**

landscape architecture; public life; University campus; University of Brasília; Fernando Chacel

## **Lista de siglas**

ACE - Arquivo Central da Universidade de Brasília  
ArPDF - Arquivo Público do Distrito Federal  
BCE – Biblioteca Central  
CEPLAN – Centro de Planejamento Oscar Niemeyer  
CIC-EST – Ciência da Computação e Estatística  
CO – Centro Olímpico  
DF – Distrito Federal  
DIMPU – Laboratório Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização  
FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
FE – Faculdade de Educação  
FD – Faculdade de Direito  
FS – Faculdade de Saúde  
FT - Faculdade de Tecnologia  
HUB - Hospital da Universidade de Brasília  
IB – Instituto de Biologia  
ICC – Instituto Central de Ciências  
ICS - Instituto de Ciências Sociais  
IDA - Instituto de Artes  
IPOL-IREL – Instituto de Ciência Política e Instituto de Relações Internacionais  
MASC – Módulo de Apoio e Serviços Comunitários  
PAT - Pavilhão Anísio Teixeira  
PDTU-DF – Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade do DF  
PJC – Pavilhão João Calmon  
PPS – Project for Public Spaces  
CUB – Conjunto Urbanístico de Brasília  
Secom - Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília  
SG – Serviços Gerais  
SQN – Superquadra Norte  
UnB – Universidade de Brasília  
UFBa – Universidade Federal da Bahia



## **Sumário**

### **Introdução 1**

#### **Capítulo 1 – Eixos de discussão 11**

*1.1. Vida pública 11*

*1.2. Arquitetura paisagística 26*

*1.3. Campus, território universitário e universidade 44*

*1.4. Configuração e uso: relacionando lugar e gente 56*

#### **Capítulo 2 - Procedimentos metodológicos 65**

*2.1. Conhecimento do objeto 66*

*2.2. Levantamento da vida pública 67*

*2.3. Avaliação da vida pública 70*

*2.4. Avaliação do espaço público 72*

*2.4.1. Atributos globais 73*

*2.4.2. Atributos locais 74*

#### **Capítulo 3 – O contexto físico da Praça Maior 77**

*3.1. Brasília, cidade parque 77*

*3.2. A Universidade de Brasília 81*

*3.3. O Campus Universitário Darcy Ribeiro 83*

*3.4. A Praça Maior da UnB 100*

*3.5. Praça Maior em quatro momentos 109*

#### **Capítulo 4 – A vida pública da Praça Maior 153**

*4.1. Levantamento da vida pública 153*

*4.2. Avaliação da vida pública 198*

*4.3. Avaliação do espaço público 204*

#### **Considerações finais 221**

#### **Anexo 1 - Modelo de questionário aplicado 227**

#### **Anexo 2 – Mapas comportamentais da Praça Maior 228**

#### **Referências 273**

#### **Lista de figuras 278**

#### **Lista de tabelas 282**

#### **Lista de gráficos 282**



## Introdução

A arquitetura paisagística tem papel de destaque no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília - UnB, por marcar os espaços livres, que são majoritários em sua estrutura espacial. O *campus* segue os princípios do urbanismo moderno do Plano Piloto de Brasília<sup>1</sup> (Fig. 1), assinalado pela inversão da relação “figura-fundo”, em que os edifícios pontuam isoladamente a paisagem. Por manter essa característica, e por localizar-se entre o Plano Piloto e o Lago Paranoá (Fig. 2), o *campus* fica inserido na escala bucólica de Brasília. Uma cidade parque dentro da cidade parque.

Esses espaços livres se destacam não somente por questões estéticas e ambientais, embora sejam dimensões importantes e inerentes à arquitetura paisagística, mas destacam-se também por constituírem espaços do cotidiano. No caso da universidade, são espaços em que acontece uma parte importante da integração social. É da vida nesses espaços livres tratados paisagisticamente que trata este trabalho.

O *campus* é o território próprio para o desenvolvimento das atividades da universidade, distribuídas em ensino, pesquisa e extensão. O espaço do *campus* deve dispor de ambientes adequados à realização da teoria e prática das diversas áreas de conhecimento, pois a qualidade de suas instalações tem influência na promoção dessas atividades.

Entretanto, a experiência educacional completa não se dá exclusivamente no interior das instalações acadêmicas, por mais bem equipadas que elas sejam. Em outros tempos, o espaço universitário se reduzia a uma sala de aula rudimentar. De lá para cá, tanto a instituição quanto o seu território passaram por profundas transformações, e o modelo do *campus* passou a corresponder ao território ampliado da sociabilidade universitária. Os espaços livres do *campus* ganham um papel tão importante quanto suas instalações. Eles propiciam a

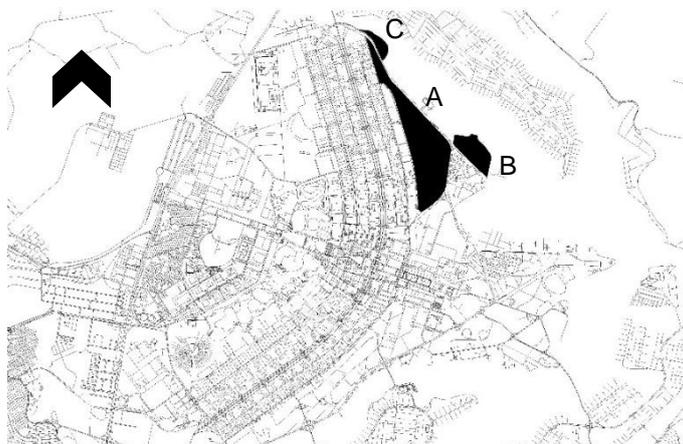
---

<sup>1</sup> O Plano Piloto de Brasília foi objeto do projeto urbanístico de Lucio Costa, de 1957, para a nova capital do país. Consiste hoje em uma das 31 Regiões Administrativas que compõem Brasília, único município do Distrito Federal. Portanto o Plano Piloto faz parte da metrópole Brasília.

reunião entre os diversos membros da comunidade, além dos visitantes, de uma maneira informal, dando suporte às relações de sociabilização. Os espaços livres não apenas compõem o repertório dos *campi* universitários, mas são elementos definidores desse modelo de espaço institucional.



**Fig. 1 Distrito Federal e Plano Piloto de Brasília**  
Fonte: Google.com



**Fig. 2 Localização do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro (glebas A, B e C)**

É inegável que a tecnologia tenha relativizado a necessidade da presença física e tenha ampliado as possibilidades de comunicação interpessoal. Por outro lado, a integração dentro da comunidade universitária permanece essencial, pois está presente na própria ideia de universidade. Para os estudantes, o período da graduação costuma ser vivido intensamente. Os anos de formação são marcados pelo desenvolvimento pessoal e acadêmico, e pela ampliação da rede de relações sociais, da visão de mundo e da cidadania. Nesse cenário, as trocas interpessoais são parte importante do processo. Da mesma maneira,

professores e pesquisadores mais experientes estabelecem contatos e parcerias promissoras a partir de encontros e eventualidades que extrapolam os laboratórios de pesquisa. Por sua vez, os funcionários, com presença permanente no *campus*, garantem a vitalidade do lugar mesmo nos períodos de recesso e articulam formas diversas de interação. Enfim, para uma comunidade que produz conhecimento e prepara cidadãos e profissionais, as relações interpessoais, o encontro e o convívio são não apenas desejáveis, mas necessários.

Por observar a relevância dos espaços livres para a vida universitária, a pesquisa buscou analisar um deles, alvo de um projeto paisagístico e que ocupa lugar central no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro. Daí vem a escolha por investigar as relações entre configuração paisagística e vida pública na Praça Maior da Universidade de Brasília (Fig. 3).

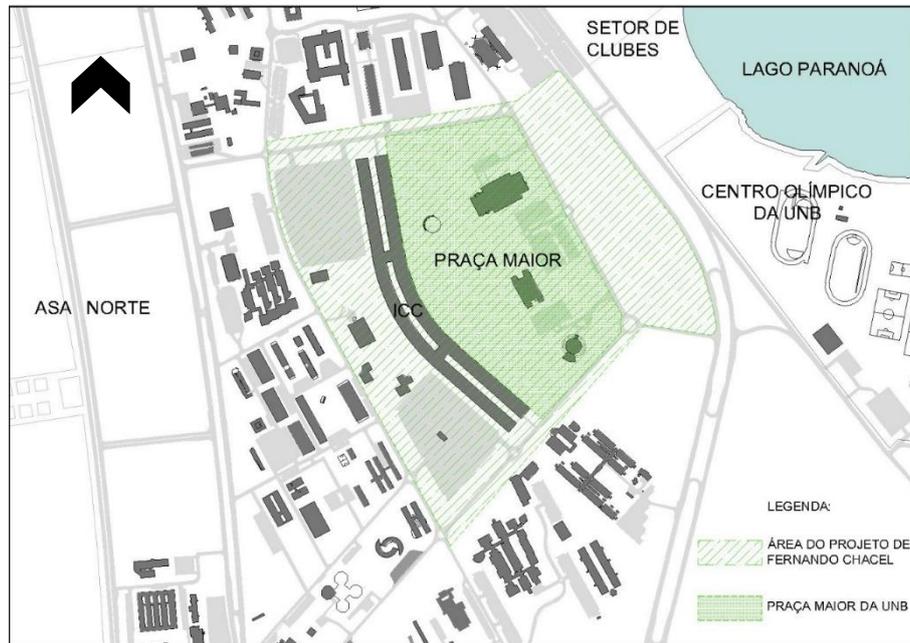


**Fig. 3 Localização da Praça Maior no *Campus***

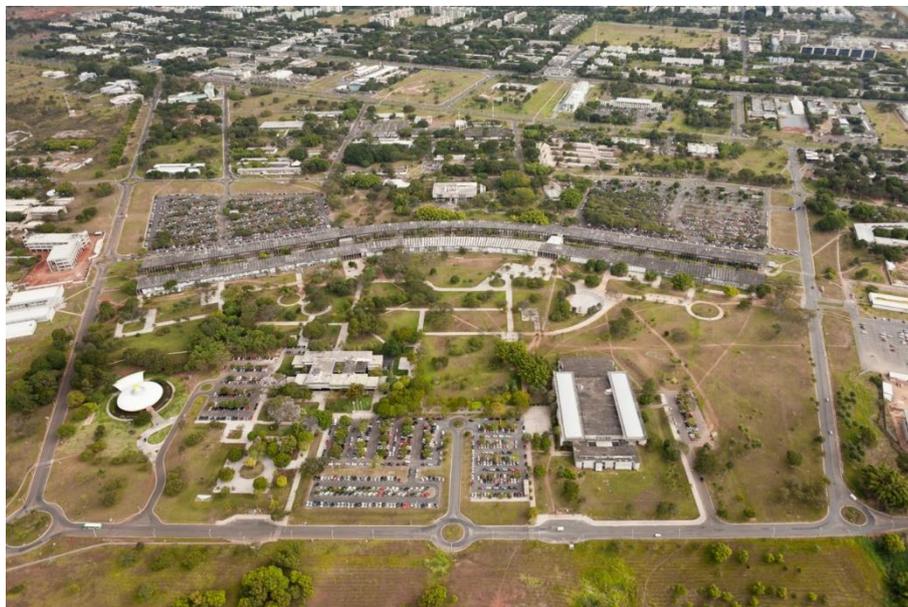
A praça é definida pela extensa área arborizada, localizada a leste do Instituto Central de Ciências – ICC, edifício mais emblemático da universidade. E embora tenha nome de praça, o lugar tem dimensões e características mais próximas às de um parque, e integra um sistema de espaços livres que foi alvo do projeto paisagístico de Fernando Chacel (Fig. 4 e Fig. 5).

A Praça Maior é um espaço emblemático, previsto desde a concepção original do *campus* como o espaço que reuniria seus edifícios mais representativos, atendendo não só a funções de interesse da universidade, mas também da cidade. Hoje, tendo o ICC como limite oeste, a praça reúne também os edifícios

da Reitoria, Biblioteca Central - BCE, e Memorial Darcy Ribeiro, todos eles com destacada arquitetura e importantes para a UnB.



**Fig. 4 Área da Praça Maior e área de abrangência do projeto de Fernando Chacel**



**Fig. 5 Vista aérea da Praça Maior, inserida no sistema de espaços livres projetado por Fernando Chacel. ICC ao fundo, Memorial, Reitoria e Biblioteca, da esquerda para direita. Fotografia Joana França (2013)**

Fonte: Archdaily.com

É curioso notar que, sendo Praça Maior seu nome oficial, a maior parte da comunidade universitária desconhece esta denominação. Além disso, uma parte

pequena da comunidade, ligada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU-UnB, conhece por Praça Maior o projeto não executado, proposto anteriormente por Oscar Niemeyer.

A escolha da Praça Maior do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro como objeto de estudo deu-se por várias razões. Em primeiro lugar, por compor o espaço mais central e significativo da universidade, em que estão localizados os edifícios mais simbólicos da instituição: ICC, Reitoria, BCE e Memorial. A praça, em conjunto com o outro lado do ICC, onde se localizam o Restaurante Universitário – RU, o Protótipo, e outros edifícios de menor porte e expressão<sup>2</sup>, formam a região mais dinâmica do *campus*, com grande confluência e diversidade de pessoas e, portanto, adequada ao estudo das relações entre espaço e vida pública. Apesar disso, observa-se, a partir da vivência cotidiana na Praça Maior, uma ocupação e permanência de usuários aquém do seu potencial, principalmente quando comparamos com o lado oeste do ICC, muito mais ativo, e considerando o tamanho da comunidade universitária, o que reflete uma das inquietações desta pesquisa.

Outra razão para a escolha é que ela é parte de um projeto paisagístico elaborado e implantado como um todo, ainda que tenha sofrido alterações. A concepção paisagística integral favoreceu a leitura do lugar e as correlações pretendidas. Além disso, a reunião da documentação completa do projeto foi facilitada, mesmo após quase 50 anos desde sua elaboração<sup>3</sup>.

O recorte temporal do objeto de pesquisa foi definido entre 1971, ano em que teve início o projeto de Fernando Chacel, com a universidade em pleno funcionamento, e 2019, quando foram registradas, relacionadas e analisadas as relações entre a vida pública e a configuração paisagística.

---

<sup>2</sup> O bloco C do Centro de Vivência, bloco A (em construção), e um Módulo de Apoio e Serviços Comunitários, o MASC Central.

<sup>3</sup> O projeto paisagístico da Praça Maior foi conservado e digitalizado pelo Centro de Planejamento Oscar Niemeyer da UnB - CEPLAN, e os demais documentos referentes ao projeto, pelo Arquivo Central da UnB - ACE.

Enquanto “lugar de nossa vida cotidiana” (HOLANDA, 2015, p. 37), a Praça Maior é arquitetura<sup>4</sup> e pode ser descrita por meio de atributos arquitetônicos, como luz/sombra, calor/frio, forma, dimensão etc. Por isso, uma parte da análise do espaço físico, se dá pelo enfoque morfológico. Há, porém, aspectos específicos da natureza deste lugar, que englobam, além dos elementos construídos, os elementos naturais, de forma que o estudo somente se completa com o enfoque paisagístico.

A pesquisa partiu da premissa de que o paisagismo, integrante da configuração espacial, afeta as pessoas de inúmeras formas, entre elas favorecendo ou dificultando a circulação, a permanência e o encontro. Em outras palavras, interferindo nos padrões de uso e ocupação.

Assim, da mesma forma que importa conhecer a localização, dimensões, disposição, integração/segregação, continuidade, compacidade, os trajetos (barreiras e permeabilidades) e a ampla visualização (opacidades e transparências), entre as qualidades morfológicas do espaço urbano; importa também a sua caracterização paisagística, em que se consideram as formas de concepção naturalista e formalista, o tratamento dado ao relevo e a implantação, o tratamento do piso e da cobertura do solo, os eixos e campos visuais, a presença de água, a incidência de luz e sombra, a disposição da vegetação, os tipos vegetais, o mobiliário, os equipamentos de apoio, a iluminação e obras de arte.

A caracterização conjunta busca trazer uma visão ampla e detalhada sobre o contexto físico da Praça Maior, e traz indícios importantes de como influenciam as relações sociais. Por sua vez, o levantamento e a avaliação da vida pública, orientados pelo método proposto por Gabriela Tenorio (2012), que envolve extensa pesquisa de campo, identificam os padrões de ocupação e trazem um retrato do cotidiano da Praça Maior.

---

4 Em sua concepção ampliada da arquitetura, Frederico de Holanda contrapõe as definições de autores como: Lucio Costa, Bill Hillier, Evaldo Coutinho, e Carlos Brandão, além da ideia generalizada de arquitetura como artefato.

Neste contexto, vêm as questões provocadoras desta pesquisa: **Como são os espaços livres da Praça Maior e como são usados?** e **O que a arquitetura paisagística tem a ver com isso?**

Algumas questões a serem examinadas são:

As relações entre a desconexão da Praça Maior com a cidade e com o Lago Paranoá, resultante do próprio processo de implantação do Plano Piloto de Brasília, e do *campus*; e o reduzido uso atual do espaço.

As relações entre as características morfológicas da Praça Maior e a aparentemente reduzida vitalidade e variedade de atividades, contrariando a lógica da localização central no *campus* e do tamanho da comunidade universitária.

As relações entre o nível de detalhamento dado ao projeto paisagístico da Praça Maior, e as diferentes respostas com relação à macroescala do *campus*, e com relação à escala do pedestre e das atividades cotidianas.

As relações entre os padrões de configuração paisagística encontrados na Praça Maior (das áreas pavimentadas e permeáveis), e os padrões de uso e ocupação predominantes verificados.

Em suma, o que se busca é estabelecer relações entre aspectos e elementos da atual configuração espacial da Praça Maior, com ênfase nos aspectos paisagísticos, e as formas de utilização do espaço pela comunidade universitária.

Junto com este objetivo de pesquisa, surgem outros, mais específicos, tais como:

Fazer uma análise crítica do projeto paisagístico da Praça Maior, considerando o discurso, a concepção, os elementos naturais e construídos, e detalhamento. Fazer uma análise comparativa entre o projetado e o existente, identificando divergências e adaptações.

Fazer o levantamento da atual configuração espacial da Praça Maior, caracterizando e analisando seus espaços dos pontos de vista morfológico e paisagístico.

Investigar o lugar do ponto de vista do abairramento, identificando a imagem que os usuários têm, como se referem ao lugar, e que aspectos são percebidos como positivos e negativos.

Fazer a descrição dos sujeitos usuários da Praça Maior em quantidade, variedade, tipos de agrupamento, fluxos e horários, bem como mapear as atividades programadas e não programadas, a recorrência, a facilidade e dificuldade com que se realizam e as potencialidades.

Identificar os espaços mais e menos propícios às práticas sociais, estabelecendo padrões com a configuração paisagística e que aspectos interferem nesses padrões.

Demonstrar a importância do tratamento paisagístico nos espaços livres do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro.

E obter um material de referência sobre a Praça Maior da Universidade de Brasília.

Para isso, a pesquisa se estrutura em quatro partes. No primeiro capítulo é feita uma revisão bibliográfica em que são abordados quatro eixos temáticos: vida pública; arquitetura paisagística; *campus*, universidade e território universitário; e as relações entre configuração e uso.

No segundo capítulo são expostos os procedimentos metodológicos sobre os quais a análise do objeto é feita: a reunião da documentação disponível sobre o *campus*, a Praça Maior e o projeto paisagístico; a apresentação do método de Gabriela Tenorio (2012) de investigação de espaços públicos com ênfase na vida pública, adotado no trabalho de campo; e a proposição do questionário com vistas em aprofundar questões sobre os sujeitos e atividades, e investigar questões de imagem do lugar.

O terceiro capítulo compreende a contextualização física da Praça Maior. São abordados Brasília, como cidade parque, a Universidade de Brasília e sua relação com a metrópole, o *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, sua concepção e evolução urbanística, a configuração atual e seus espaços livres. A Praça Maior é analisada em quatro momentos: a situação à época do projeto; o projeto de Fernando Chacel; a implantação do projeto, adaptações e modificações; e a configuração atual da praça.

No quarto capítulo é relatado o resultado do levantamento da vida pública, feito por meio de técnicas de contagem de fluxo de pedestres e registro de atividades estacionárias, e complementados por breve questionários aplicados aos usuários da Praça Maior. A avaliação do espaço público e da vida pública completam o trabalho.

Considerações finais são tecidas, com observações relativas ao caráter da Praça Maior e ao tratamento que ela vem recebendo, às atividades e atuais necessidades, e a potencialidade em ser um espaço integrador da comunidade universitária. Também são feitas considerações sobre o processo de pesquisa, sua contribuição, além de possíveis estudos complementares.



## Capítulo 1 – Eixos de discussão

### 1.1. Vida pública

O primeiro eixo de discussão aborda as atividades desenvolvidas pelas pessoas no espaço público, em outras palavras, a vida pública. A descrição de um recai na caracterização do outro, assim as definições de espaço público e vida pública são indissociáveis. Falar de vida pública é essencial aos propósitos dessa pesquisa, uma vez que é ela que se pretende analisar em última instância.

O movimento natural de agrupamento humano data de milênios, e a maior parte da humanidade escolheu habitar as cidades<sup>5</sup>, o que parece ser uma tendência global. Os centros urbanos desempenham um papel fundamental na qualidade de vida de cada vez mais pessoas, que neles buscam diversidade, excitação e oportunidades. As cidades assumem diversas facetas em relação às expectativas humanas. Elas podem ser entre muitas coisas, democráticas, aprazíveis, propícias às mais diversas atividades, ou não. A forma com que uma cidade trata seus cidadãos se manifesta, sobretudo em seus espaços públicos.

O espaço público é o lugar que diz respeito a todos, pois toda a sorte de pessoas pode nele acessar, permanecer e interagir. Assim, desempenha uma função social fundamental, como espaço da interação entre pessoas diferentes.

Por definição, não é passível de ser apropriado por um grupo particular que lhe designe um uso privativo. O seu caráter problemático advém de não poder ser definido de uma vez por todas, mas pelo contrário, constituir objeto de uma construção permanente no decurso de interações que fazem reencontrar-se cidadãos de diferentes identidades em lugares de livre acesso. Expressão emblemática da urbanidade, o espaço público é por excelência o que faz da cidade outra coisa que não um mosaico de bairros e um simples agregado de mundos estanques (Grefmeyer, 1994, p.115, 116).

Essa característica do espaço público possibilita muitas trocas, bem como a ampliação da experiência cotidiana, da tolerância e do respeito entre pessoas,

---

<sup>5</sup> Conforme relatório *Revision of World Urbanization Prospects, de 2007*, da Organização das Nações Unidas, ONU.  
Disponível em: <https://www.unric.org/pt/novedades-desenvolvimento-economico-e-social/15574>

mais que em qualquer outro lugar. E é na diversidade de pessoas em suas atividades, e no contato despojado entre estranhos que se desenvolve a vida pública.

Aparentemente despreziosos, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade (JACOBS, 2009, p.78).

### 1.1.1. Importância geral

Gabriela Tenorio, na tese *Ao desocupado em cima da ponte: Brasília, arquitetura e vida pública* (2012), aborda essencialmente a vida pública. Com base em uma extensa revisão bibliográfica, e em uma profunda pesquisa de campo, ela defende que há algo nos espaços públicos que ocorre de maneira muito singular e que é insubstituível. Segundo ela, a experiência de ver pessoas diferentes (cociência) e de compartilhar o mesmo lugar com elas (copresença), sem a obrigatoriedade de interagir, possibilita conhecer um pouco como elas funcionam, e assim, conhecer melhor a nós mesmos. Isso ocorre porque a vida pública é desejada por nós, seres humanos, gregários por natureza (2012, p. 13). Para Tenorio, a vida pública, pode ser definida como “o conjunto das ações, programadas ou não, protagonizadas pelos indivíduos nos espaços públicos” (2012, p. 14). Essas ações podem incluir ou não a interação entre pessoas. Quando há interação e ela se dá de forma negociada, com tolerância, dentro de um aprendizado de convivência, a isso se dá o nome de urbanidade.

Cabe aqui a observação de que o fenômeno social pode se dar de várias maneiras, e a urbanidade é uma das formas pelas quais ele se manifesta, mas não a única. A vida em cooperação existe também de acordo com outro paradigma, o da formalidade, e os dois serão apropriadamente abordados adiante. Por ora, é preciso frisar que ele também possibilita o convívio social, apenas que se dá de uma forma muito peculiar: não no espaço público, nem entre pessoas diferentes, mas especializado no tempo e no espaço.

Tenorio reúne em sua pesquisa, uma série de oportunidades que a vida pública oferece. Para Jan Gehl, permite que se esteja em companhia de outras pessoas “de uma forma descontraída e pouco exigente”, sem necessariamente estar

com alguém. Dessa forma, possibilita uma gradação de situações alternativas a se estar sozinho (GEHL, 2006, p. 17).

De acordo com Gehl, oportunidades de interação começam por contatos de baixa intensidade, e podem progredir e ampliar nossa rede de relações sociais. Esses encontros naturais e cotidianos dispensam compromisso prévio. "O espaço público, assim, desonera as pessoas da necessidade de programarem grande parte de seus encontros" (TENORIO, 2012, p. 21).

Ou ainda, como coloca Jane Jacobs:

Com um relacionamento assim, é possível conhecer na vizinhança todo tipo de pessoa sem estabelecer laços indesejados, sem haver chateação, necessidade de desculpas, explicações, receio de ofender, constrangimentos com imposições ou compromissos e toda a parafernália de obrigações dessa espécie que vem junto com os relacionamentos menos restritos. É possível conviver bem nas calçadas com pessoas que são bastante diferentes entre si e, com o passar do tempo, é possível até a convivência pública familiar com elas. Tais relacionamentos podem durar, e duram, anos a fio, décadas; nunca poderiam ter se formado sem aquele limite, muito menos ser prolongados. Formam-se exatamente porque estão ao alcance das pessoas em suas saídas costumeiras (JACOBS, 2009, P. 66).

Outra oportunidade compilada por Tenorio (2012, p. 22) é a de permitir "obter informação sobre o mundo que nos cerca e sobre as pessoas à nossa volta", pois não se pode negar o conforto psicológico vindo do domínio do ambiente circundante, e a sensação de pertencimento. Para Gehl (2006, p. 21), essa é uma função especialmente importante no desenvolvimento social de crianças, que muito aprendem ao observar o ambiente, embora o seja também para adultos, que precisam estar atualizados e atuantes no contexto social.

Por fim, outra oportunidade seria a inspiração (IBID, p.21). Fazer parte da vida pública é naturalmente uma fonte de estímulo, pois vivenciar pessoas no espaço público é uma experiência rica e atraente, e raramente repetitiva ou previsível.

Um aspecto que vale ressaltar são as mudanças pelas quais a sociedade vem passando. Nos tempos recentes há uma crescente onda de individualização, em que as famílias são menos numerosas, mais pessoas moram sozinhas, e a tecnologia passou a permitir outras possibilidades de contato que não o presencial.

Por meio das redes sociais, as relações interpessoais tornaram-se mais virtualizadas. Esse é um fenômeno que por um lado amplia as possibilidades de relações, e por outro lado, cria o que tem sido chamado de “bolha social”. Algoritmos filtram os interesses individuais de forma que as pessoas compartilham experiências apenas entre semelhantes, tendo a impressão de que estão integradas.

Gehl (2015, p. 26-27) entende que as duas formas de contato, a presencial e a virtual, não competem entre si, pelo contrário. Ele sugere que essa tendência faz com que as pessoas busquem ainda mais vivenciar os espaços públicos, a fim de resgatar aquilo de que acabam sentindo falta – o contato com pessoas. Portanto o processo de individualização acaba reforçando a necessidade de contato, e a vida pública ganha mais importância, na medida em que continua sendo uma fonte permanente de integração social.

### **1.1.2. Utilização e socialização em espaços públicos**

O que torna determinado lugar mais ou menos propício à vida pública?

Temos visto uma infinidade de espaços públicos sendo utilizados com dificuldade, subutilizados, e mesmo abandonados. Para Tenorio (2012, p. 14), os espaços públicos com qualidade devem convidar e acolher pessoas em quantidade, diversidade, e pelo maior período de tempo possível. Assim floresce a vida pública.

Faremos aqui uma síntese do que vem revelando o trabalho de alguns estudiosos da urbanidade que relacionam questões de desenho urbano com a vida pública. São eles: Jane Jacobs, William Whyte, a organização *Projects for Public Spaces* e Jan Gehl. Importa ressaltar que muitos deles fazem crítica aos paradigmas do urbanismo moderno, que prioriza o motorista em detrimento do pedestre, e que produz muitas vezes espaços superdimensionados, que se tornam residuais, e de difícil apropriação, entre outras questões.

## Jane Jacobs

Jane Jacobs, em *Morte e vida de grandes cidades*<sup>6</sup> (2009), defende as cidades e o que elas têm de melhor - a diversidade. A partir da observação atenta do comportamento das pessoas e da dinâmica urbana, Jacobs afirma que as cidades têm uma natureza peculiar. Nela as pessoas desenvolvem suas atividades em relativa proximidade umas com as outras, o que proporciona trocas que enriquecem suas experiências.

Ela defende como fatores fundamentais para a vida pública, a segurança e os usos diversificados combinados. Um garante que as pessoas se sintam à vontade para usufruir os espaços; o outro assegura que os espaços estejam sempre alimentados pelo movimento de pessoas.

Segundo Jacobs, a segurança se deve, mais do que ao policiamento, a uma vigilância natural a que chama de “olhos da rua”. A ordem pública é mantida pelos próprios cidadãos em suas atividades rotineiras.

É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados (JACOBS, 2009, p. 32).

Para isso, é preciso que os edifícios estejam voltados de frente, e nunca de fundos, ou com um lado cego para a rua. E que as calçadas tenham pessoas passando ininterruptamente, de forma a aumentar o número de olhos atentos, e a atrair os olhares de quem está dentro dos edifícios.

Por sua vez, os usos diversificados combinados propiciam a utilização dos espaços públicos de maneira variada e em horários sortidos. A combinação de residências, comércios, serviços, escolas, bares etc. atrai pessoas diferentes, com hábitos diferentes, e que exploram de formas variadas a cidade. Esse movimento de pessoas, sejam moradores do bairro, frequentadores, ou estranhos, é o que traz vitalidade aos espaços públicos.

Segundo Jacobs, quanto mais diversificado, mais interessante e até divertido um lugar se torna, desde que a segurança esteja garantida. Não é surpresa, portanto, que regiões monofuncionais das cidades fiquem esvaziadas em algum período do dia, ou da semana. Temos o que ela chama de a “Grande Pra-

---

<sup>6</sup> Título original do livro: *The Death and Life of Great American Cities*, escrito por Jane Jacobs (1916-2006), foi publicado pela primeira vez em 1961.

ga da Monotonia”, atribuída ao urbanismo moderno, que costuma separar funções. Esses lugares, caracterizados pela falta de uma diversidade abundante, se configuram em bolsões apagados e desvitalizados das metrópoles.

Jacobs enumera, além dos usos principais combinados, algumas condições para gerar vitalidade urbana: a necessidade de quadras curtas, que geram alternativas de percursos e distribuem melhor o fluxo de pedestres, evitando que algumas ruas fiquem desertas; a necessidade de combinar edifícios com idades e estados de conservação variados, de forma a atrair moradores e negócios com diferentes padrões econômicos; e a necessidade de maior densidade populacional nos bairros, pois quanto mais concentrado for, maior a oportunidade para caminhar.

O contrário da concentração é a dispersão de pessoas, outro problema que Jacobs atribui ao urbanismo moderno ortodoxo. A dispersão esvazia as ruas de pessoas, que passam a depender de automóveis.

Lembramos que Jane Jacobs faz suas considerações sobre ruas e bairros de grandes cidades. A autora é bastante crítica quanto a parques e praças, e os considera na maioria “vazios urbanos desvitalizados”. Afirma que são espaços com desempenho instável e inclusive desconsidera a importância ambiental das áreas verdes nos centros urbanos<sup>7</sup>. Jacobs questiona: por que é tão frequente não haver ninguém onde há parques e nenhum parque onde há gente? Gabriela Tenorio (2012, p. 64) contrapõe essa crítica, entendendo que ela está vinculada às grandes dimensões desses espaços em geral, causando dispersão. Aponta também que muitas vezes configuram locais de remanso e não de passagem. A própria Jacobs afirma que:

Aumentando consideravelmente o tamanho do parque, ou então mudando seu traçado de modo a afastar e dispersar os usuários das ruas vizinhas, em vez de juntá-los e misturá-los, então todas as correlações se desfazem (JACOBS, 2009, pg. 482).

Entretanto, Tenorio afirma que não se pode diminuir a importância dos parques e praças na urbanidade, pois são locais de práticas sociais variadas que não têm lugar nas ruas.

---

<sup>7</sup> É preciso considerar que o livro foi escrito em 1961. Além disso, Jane Jacobs foi uma ativista contrária às reformas e grandes intervenções que Nova York e outras cidades norte-americanas sofreram à época em nome da modernidade, entre elas muitos parques e praças.

O que Jacobs critica, é que a mera existência de praças pode não trazer vantagens para as cidades. Muitas vezes esses espaços podem estar sofrendo da falta dos “olhos da rua”. Ou da “Grande Praga da Monotonia” em seu entorno. O desempenho da praça ou parque vai depender de como está inserido no tecido urbano, o que a Teoria da Sintaxe Espacial, a ser tratada no item 1.4, pode explicar bem. Jacobs admite que cada caso é um caso, e menciona o *Central Park* e outros, que “recebem influências diversas das diferentes partes da cidade no seu entorno” (IBIDEM, p. 98).

A intensidade de uso do parque depende em parte do próprio traçado do parque. Mas mesmo essa influência parcial do traçado do parque sobre o uso que se faz dele depende, por sua vez, da presença de pessoas para usá-lo e do momento em que o usam, e isto, por sua vez, depende dos usos da cidade à volta do próprio parque (IBIDEM, pg. 482).

### **William H. Whyte**

Outro estudioso da urbanidade foi William H. Whyte<sup>8</sup>, que realizou um trabalho pioneiro no estudo do comportamento dos pedestres e a dinâmica das cidades. Documentando por meio de filmagens e fotografias por intervalos, os espaços urbanos de Nova York e outras cidades norte-americanas, explicitou o que muitas vezes passa despercebido no comportamento das pessoas em espaços públicos.

No livro *The social life of small urban spaces* (2009) e no documentário (1988) de mesmo nome Whyte sintetiza suas observações com uma visão extremamente humana e divertida. Afirma que é extraordinária a diversidade de atividades encontradas nos espaços públicos e destaca entre elas a atividade nº 1: “pessoas observando pessoas”. E segundo ele, não há problema com a superlotação de espaços, que se autorregulam, mas há problemas com espaços esvaziados.

Whyte repara que, tal como numa coreografia, as pessoas se movimentam, manifestando suas preferências, e que apresentam padrões. Entre seus achados, está o que, pessoas não gostam de permanecer no centro de grandes es-

---

<sup>8</sup> William H. Whyte (1917-1999) foi consultor em projetos de planejamento urbano nos EUA, e um dos fundadores do PPS, em 1975.

paços. Elas preferem encontrar lugares, como escadas, muretas e mastros, algo que lhes sirva de referência.

Observa que pessoas tendem a sentar onde há lugar para isso. Não necessariamente em bancos, mas em quaisquer elementos que sirvam a esse propósito, tais como bordas de canteiros ou de espelhos d'água, escadas, balanços, bases de estátuas e outros elementos com dimensões compatíveis. Assim, defende que os lugares sejam "sentáveis". Recomenda que os bancos sejam generosos, e que parte deles tenha encosto, o que prolonga a permanência das pessoas. Os bancos devem estar posicionados de forma que se veja gente passando. Ele demonstra o sucesso que fazem as cadeiras móveis, disputadas e rearranjadas conforme as preferências, ao contrário dos bancos fixos individuais, que não agradam.

Quanto aos componentes naturais, Whyte demonstra que o sol é importante no frio e atrai as pessoas, assim como a sombra o faz no calor. Ele afirma que "de longe os espaços mais apreciados são aqueles em que se pode estar confortavelmente debaixo de uma árvore, olhando o movimento de pessoas" (Whyte, 2009, p. 46). Por isso recomenda uma distribuição mínima de árvores e sugere que estejam mais próximas dos locais para sentar (pois geralmente não estão).

Ele considera importante para a vida pública a possibilidade de brincar, e nesse sentido a presença de água é extremamente atraente. Assim o som da água, o acesso livre a ela, e até mesmo a vista interessa às pessoas. Outro ingrediente valioso é a oferta de comida. Espaços em torno de quiosques, *food-trucks* e ambulantes vendendo lanches são sempre bastante movimentados.

Whyte descreve também um fenômeno que chama de "triangulação": o processo em que um estímulo fornece um laço social entre as pessoas. Ele constata que estranhos são mais propensos a falar uns com os outros na presença desses estímulos. Uma apresentação artística, ou uma manifestação estudantil, servem a esse propósito.

## PPS

A Organização Não Governamental *Project for Public Spaces* - PPS tem atuado em continuidade ao trabalho de William Whyte. Sua contribuição tem sido

no sentido de ajudar a tornar espaços públicos bem-sucedidos por meio de intervenções rápidas, simples e baratas, feitas com a participação comunitária. Para o PPS, as cidades fracassam ou têm sucesso na medida da interação humana. Assim, trabalha com foco na comunidade local, com a premissa de que "a comunidade é a especialista".

O PPS estabelece quatro qualidades fundamentais para o espaço público ser bem-sucedido:

- ser acessível, permitindo que pessoas de todas as idades e condições físicas consigam chegar e se deslocar no lugar;
- ser ativo, oferecendo diferentes atividades;
- ser confortável, oferecendo lugar para as pessoas se sentarem, vista agradável e atributos que o tornem mais convidativos;
- e ser sociável, um lugar em que as pessoas encontrem amigos ou façam novos amigos.

Para avaliar os espaços públicos, o PPS utiliza o diagrama denominado "O que faz um ótimo lugar?" (Fig. 6). No anel mais interno, estão os atributos-chave mencionados. No segundo anel (intangíveis) estão as características necessárias a um ótimo lugar. No terceiro anel (medições), estão os dados e estatísticas que as confirmam. O intuito é analisar cada um dos aspectos do lugar e levantar quais funcionam bem e quais precisam melhorar.



**Fig. 6 Diagrama do PPS “O que faz um lugar ser bem-sucedido?”**

Fonte: adaptado do Placemaking.org.br

O PPS propõe que se tenha um conhecimento profundo do funcionamento do lugar onde se vai intervir, utilizando para isso entrevistas e a observação reflexiva do seu comportamento. Adotam a máxima “você pode ver muito só observando”. Pois ao observar como as pessoas utilizam (ou não) um espaço público, pode-se descobrir o que elas gostam e não gostam, e o que funciona ou não. Por meio das observações, depara-se com que tipo de atividade falta e o que poderia ser adicionado.

Para isso é preciso observar como as pessoas usam o espaço em diversos horários e dias. Ver se elas se sentam, ficam em pé falando ao telefone, se conversam ou comem. Isso pode variar conforme o dia da semana ou o horário. Também se verifica se as pessoas estão sozinhas ou em grupo, a quantidade de homens e mulheres, e a faixa etária. A presença de mulheres em grande proporção é um bom indicativo. Elas costumam ser mais seletivas com os lugares já que são mais frequentemente importunadas. Quanto mais diversidade de pessoas um espaço tiver, melhor.

Com relação ao lugar ser ativo, oferecendo para isso diferentes formas de as pessoas o utilizarem, o PPS adota um conceito chamado *Potência de 10* (*The*

*Power of 10+*<sup>9</sup>, segundo o qual os lugares prosperam quando os usuários têm mais de dez razões para frequentá-los. Elas podem ser: um lugar para sentar, música para ouvir, comida para comer, história para experimentar e pessoas para conhecer. Ainda se sugere que algumas dessas atividades sejam exclusivas do lugar, refletindo a cultura e a história local. Tenorio pondera que o número 10 seja considerado um parâmetro, e não uma regra. (2012, p. 142).

### **Jan Gehl**

Jan Gehl é um arquiteto e urbanista que atua com o princípio de melhorar a qualidade de vida urbana. Defende que as cidades sejam projetadas para, em suas palavras, a escala humana<sup>10</sup>, o que significa dizer, projetadas em favor de pedestres (e ciclistas) e não de motoristas. Para Gehl, o pré-requisito para a vida pública, é ter boas oportunidades de caminhar. “A vida em toda sua diversidade se desdobra diante de nós quando estamos a pé” (2015, p. 19). A partir daí aparecem inúmeras e valiosas oportunidades sociais.

Com isso em mente, Gehl propõe uma classificação para as atividades no espaço público baseada nas escolhas das pessoas, que ele divide em necessárias, opcionais e sociais. As atividades necessárias seriam aquelas que fazem parte da rotina diária na cidade, como ir à aula ou aguardar o ônibus. São atividades realizadas por necessidade, mesmo com condições desfavoráveis, como um caminho inóspito ou inseguro. As atividades opcionais seriam as que as pessoas escolhem fazer e têm um aspecto recreativo. Fotografar uma árvore florida ou sentar-se para tomar sol são atividades que acontecem quando as condições do espaço são favoráveis. As atividades sociais, segundo Gehl, dependem da presença de mais gente no espaço público, e seriam resultado da interação dos dois tipos de atividades. Assim, um espaço público de qualidade seria aquele que favorece todas elas, onde há mais pessoas permanecendo por mais tempo, realizando atividades conjuntamente ou simplesmente observando e ouvindo umas às outras (GEHL, 2006, p. 11-12).

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.pps.org/article/the-power-of-10>

<sup>10</sup> Cabe uma crítica à expressão adotada pelo autor, já que toda arquitetura, mesmo a monumental, como a Esplanada dos Ministérios, é pensada em função da escala humana. Adotamos, portanto, de forma mais adequada, escala do pedestre, designando a velocidade e demais características e limitações do corpo humano, quando a pé.

Se por um lado a classificação de Gehl tem sido de grande valia para a compreensão e intervenção prática dos espaços públicos, ela é passível de críticas por seu caráter empírico. A classificação não leva em conta, por exemplo que as atividades ditas obrigatórias e mesmo as opcionais, não deixam de ser atividades sociais. Outro ponto, é que a classificação não contempla o fato de que as atividades obrigatórias podem variar muito a depender do lugar em que ocorrem, causando efeitos diferentes no espaço público. A exemplo do *campus* universitário, as atividades obrigatórias que nele ocorrem são muito específicas, como ir às aulas, reuniões, buscar livros na biblioteca, estudar etc. Elas se dão em horários específicos, concentradas em dias úteis e no período letivo. E são muito diferentes das atividades obrigatórias que acontecem em um bairro residencial ou centro comercial, por exemplo.

E há ainda, de acordo com Holanda (2002, p. 116) dimensões mais abstratas que cercam as práticas sociais e que não são contempladas por Gehl. A tríade economia, política e ideologia não pode ser descolada da discussão, sobretudo quando se pretende analisar um espaço como um *campus* universitário, território de produção e reprodução de conhecimento. Mas as relações entre sociedade e espaço são mais bem discutidas no item 1.4.

Para Gehl, ao pensar espaços públicos, deve-se ter em mente dois pré-requisitos: conhecer o ser humano e adotar estratégias de contato.

Trabalhar com a escala humana significa basicamente criar bons espaços urbanos para pedestres, levando em consideração as possibilidades e limitações ditadas pelo corpo humano (GEHL, 2015, p. 33).

A pessoa adulta caminha a velocidades máximas de 5 km/h (Ibidem, p. 33). A velocidade do pedestre proporciona uma observação detalhada dos lugares. Com isso em mente, as distâncias devem ser curtas, possibilitando caminhadas confortáveis e os elementos (fachadas, mobiliário etc.) trabalhados detalhadamente.

De acordo com Gehl, somente a uma distância inferior a 100 metros se estabelece o campo social de visão, em que reconhecemos a linguagem corporal em linhas gerais. Essa é então, uma distância chave para a proposição de espaços públicos. Entre 70 e 50 metros torna-se possível identificar o gênero e a idade

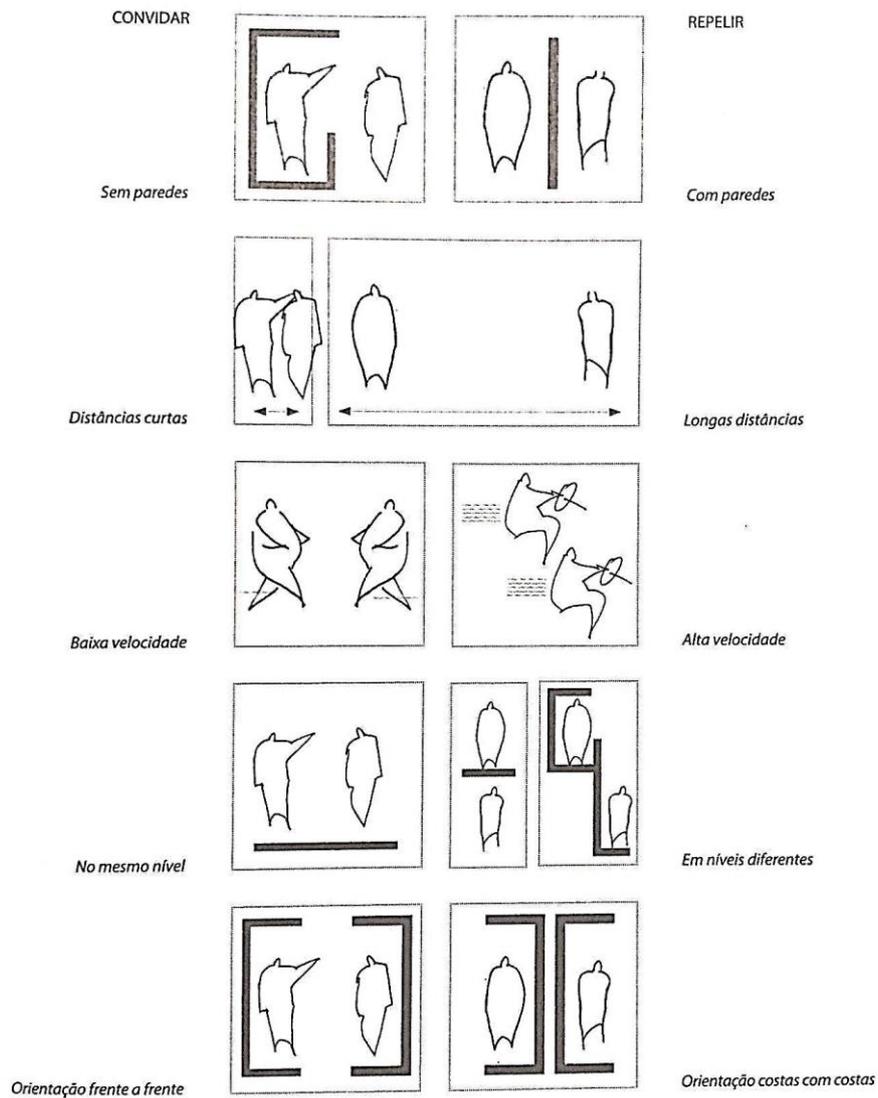
da pessoa. Mas a menos de 25 metros podemos ler corretamente as expressões faciais de alguém. Segundo ele, esse é outro limiar significativo, quando se tem o objetivo de observar pessoas. Gehl propõe que o limite biológico da visão seja aplicado ao dimensionamento dos espaços públicos (GEHL, 2015, p. 34-35).

A limitação visual entre planos de alturas diferentes é ainda mais reduzida, devido ao próprio movimento do pescoço. Assim, é possível reconhecer alguém na calçada a partir de uma altura de até 13,5 metros, equivalente ao quinto andar de uma edificação. Acima disso o contato visual se dissipa (GEHL, 2015, p. 41).

Ele ainda menciona outras distâncias interessantes para as diferentes interações sociais. A distância íntima (0 a 45 cm), se reserva a quem se partilha impressões emocionais fortes, como o amor. Todo o resto deve estar a um braço de distância. A distância pessoal (45 cm a 1,30 m) se presta para conversar com amigos próximos e familiares. A distância social (1,30 a 3,75 m) é a que interagimos com conhecidos, colegas e vizinhos. Por fim, a distância pública (maior que 3,75 m), é a utilizada em situações formais, ao redor de oradores, ou quando alguém quer ouvir e ver um evento (GEHL, 2006, p. 69).

Outro pré-requisito para espaços públicos é criar estratégias de contato, evitando as barreiras visuais. Gehl enumera situações que trabalhem a favor do contato entre as pessoas, que são resumidas no quadro seguinte (Fig. 7).

convidar — ou repelir contatos no ver e no ouvir



**Fig. 7 Estratégias de inibição ou promoção de contato**

Fonte: Gehl, 2010, p. 237

Gehl propõe cidades mais compactas, que possibilitem espaços públicos mais próximos e distâncias mais curtas para pedestres; propõe dispor habitação, serviços, indústrias e comércio próximos entre si e em lotes menores (ambos em sintonia com Jacobs); e fachadas com unidades estreitas e mais aberturas (portas, janelas, vitrines) voltadas para os espaços públicos.

Para ele os espaços públicos devem ser convidativos, como destinos que as pessoas se interessem em ir (em sintonia com o PPS). Para isso devem ter

atividades visíveis, além de zonas de transição bem trabalhadas entre áreas públicas e privadas, a que chama de fronteiras suaves.

Em síntese, a discussão buscou levantar a importância da vida pública para a sociedade como um todo e para o cidadão em particular. Buscou mostrar também como a vitalidade urbana está diretamente relacionada com as características físicas dos espaços públicos, bem como à variedade de usos que neles ocorrem.

O método de avaliação da vida pública de Tenorio (2012), a ser apresentado no capítulo 2, contempla esses e outros estudos, e com este conjunto buscou-se alcançar um referencial para a análise da Praça Maior da Universidade de Brasília, com foco em sua potencial urbanidade.

De antemão, podemos constatar que o modelo do *campus* universitário, espaço dedicado ao desenvolvimento da função educacional, vai funcionar exatamente como um bairro monofuncional, tão criticado por Jacobs. Ela alertou para a importância dos usos diversificados e combinados, sem os quais não se consegue garantir vitalidade em tempo integral. Portanto, não pode ser surpresa encontrarmos no *campus* espaços esvaziados em períodos noturnos, de férias e finais de semana. A dispersão característica do urbanismo moderno de Brasília e do *Campus* Darcy Ribeiro também nos dá pistas de que não haja muitos olhos para a rua, com os edifícios afastados entre si, e que as longas distancias inibam percursos a pé, esvaziando os espaços do *campus*. Muitas outras observações levantadas por Jacobs, Whyte, PPS e Gehl são confrontadas ao ilustrarmos o espaço físico da Praça Maior, na análise crítica feita no capítulo 3.

A análise mais detalhada busca exatamente não permanecer na superficialidade de condenar os espaços públicos erguidos pelo urbanismo moderno. O *campus* universitário reúne outras dimensões a serem destrinchadas, entre elas o caráter singular de sua comunidade. Há ainda outros elementos em jogo na configuração e desempenho social da Praça Maior. Eles estão presentes na localização, na implantação, nos edifícios que a conformam, e sobretudo no projeto paisagismo implantado e todos os elementos que ele determina.

## 1.2. Arquitetura paisagística

Este eixo aborda a arquitetura paisagística com ênfase em sua relação com o uso e apropriação do espaço. Para isso, trata das diferentes concepções paisagísticas formalista e naturalista, e faz um breve apanhado da origem dos espaços públicos no Brasil, concentrando no paisagismo moderno, em que se insere o projeto da Praça Maior. São apresentadas em linhas gerais as obras de Roberto Burle Marx, maior referência do paisagismo moderno brasileiro e de Fernando Chacel, seu discípulo, e autor do projeto da Praça Maior.

Antes de tudo, cabe esclarecer o uso dos termos: arquitetura paisagística ou paisagismo?

É interessante notar que o uso de cada um dos termos está relacionado às formas com que o projeto da paisagem foi introduzido e desenvolvido no Brasil. O termo paisagismo, tem sido muitas vezes utilizado de maneira genérica, podendo se referir a formas e escalas diversas de intervenção e de estudo sobre a paisagem. Ele pode ser aplicado desde a simples jardins, até praças, parques e grandes espaços inteiramente projetados. O termo também é utilizado com referência à pintura, sendo o gênero que representa cenas da natureza.

A vertente dos paisagistas cariocas se utiliza mais do termo paisagismo, por ter origem na Escola Nacional de Belas Artes<sup>11</sup>, de influência europeia, e ter por isso, um forte vínculo com o aspecto artístico. Esta expressão seria marcante na obra de Roberto Burle Marx, e na linhagem dos paisagistas que o sucederam, como Fernando Chacel.

Já o termo arquitetura paisagística é anglicizado (no original, *landscape architecture*) e tem um sentido mais específico. De acordo com Vicente Barcellos (1999), o termo foi forjado pelo paisagista Frederick Law Olmsted<sup>12</sup> e

---

<sup>11</sup> O ensino do paisagismo no Brasil foi institucionalizado na década de 1930 na Escola Nacional de Belas Artes, sob influência da Missão Artística Francesa (FERREIRA; ONO; NÓBREGA, 2017).

<sup>12</sup> Frederick Law Olmsted (1822–1903), considerado o pai do paisagismo norte-americano, foi um arquiteto paisagista e botânico. Foi autor dos mais significativos projetos, como o primeiro sistema de parques públicos dos EUA, em Buffalo; a Reserva das Cataratas do Niágara, no estado de Nova Iorque; o Central Park, na cidade de Nova Iorque; e os jardins do Capitólio, em Washington, entre muitos outros (FEIN, 1972).

consiste em um campo de atividade que trabalha a paisagem por meio de análise, diagnóstico e proposição, tal como a arquitetura em seu sentido mais restrito.

Na vertente paulista, Roberto Coelho Cardozo<sup>13</sup> é considerado precursor e figura de destaque no âmbito paisagístico. Sua obra tinha forte influência norte-americana, com influxo determinante nas gerações seguintes de paisagistas paulistas. Por essa razão, a vertente paulista se utiliza com mais frequência do termo arquitetura paisagística.

É preciso lembrar que a atividade paisagística não está consolidada no país, e que não é ainda um campo profissional com formação específica. Entretanto, academicamente, os dois termos - paisagismo e arquitetura paisagística - têm sido utilizados, mantendo-se entre eles certa equivalência. Portanto, neste trabalho ambos são adotados indistintamente.

### **1.2.1. A humanidade e a natureza**

Desde os primórdios, a história da civilização humana está ligada ao processo de domínio da natureza. O conhecimento e a organização do ambiente natural são atividades decisivas para a sobrevivência humana. Os primeiros assentamentos humanos, ainda no período Neolítico, foram possíveis a partir do advento da agricultura e ocorreram nos vales férteis de rios em que esta cultura pôde se propagar.

De acordo com Maria Elena Vieira (2007), em cerca de 2000 a.C., os primeiros jardins egípcios e mesopotâmicos, assim como os chineses, surgiram a partir do desejo humano de dominar a paisagem e teriam dado origem ao que caracterizamos como a arte dos jardins. Os dois primeiros ocorreram em regiões áridas e demandavam obras de irrigação. Já os chineses se desenvolveram em áreas de bosques férteis com farta vegetação. As formas ocidental e oriental, praticamente definidas por razões ambientais, deram origem a dois modelos distintos de jardinaria: “Uma arte que poderia ser descrita como: rígida, regular

---

<sup>13</sup> Roberto Coelho Cardozo, americano de origem portuguesa, formou-se na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e assumiu a cadeira de Arquitetura Paisagística na FAUUSP em 1954.

e simétrica (originada na cultura ocidental), ou livre, orgânica e natural (originada na cultura oriental)” (VIEIRA, 2007, p. 59).

Cintia Maria Afonso (2017) descreve os princípios de regularidade e simetria, identificados nas culturas da Pérsia e Egito antigos, e parte da Europa, em contraposição aos princípios baseados na compartimentação de espaços, assimetria e complementaridade de formas, encontrados nos antigos jardins chineses e japoneses, e retrabalhados nos jardins ingleses. Esses dois modelos inspiram ainda hoje duas formas de abordagem nas intervenções paisagísticas ao redor do mundo: a naturalista e a formalista.

### 1.2.2. Paisagismo naturalista e formalista

De acordo com Luiz Pedro de Melo Cesar (2003), a prática paisagística reflete, além de influências teóricas e analíticas, aspectos ideológicos que partem de diferentes visões de mundo. A humanidade cria ao seu redor ambientes que são projeções de ideias e que espelham sua relação com a natureza: ora de maior, ora de menor dominação. As denominações para essas diferentes abordagens variam muito de um autor para outro, e neste trabalho, é adotada a chave naturalista x formalista. Esta denominação, que toma por base a tese de Cesar (2003)<sup>14</sup>, demonstra ser menos ambígua, na medida em que não se confunde com estilismos ou se utiliza de termos pouco precisos. Muito embora as duas abordagens sejam fruto da criação humana e imponham à natureza seus desejos de representação e ordenação, elas o fazem de modos muito distintos.

O paisagismo formalista se baseia na ideia de domínio sobre a natureza. É uma expressão de poder, que consagra a lógica humana, numa visão antropocêntrica. Não por acaso, uma de suas principais expressões se deu durante o Renascimento, período de grandes transformações sociais, culturais e científicas e da laicização do conhecimento. É preciso lembrar, que por um longo período da história, a natureza foi vista com grande temor, fosse pelo real desconhecimento ou por crenças supersticiosas. Ocorria então uma mudança de ordem filosófica, em que a paisagem se tornava mais intelectual do que emocio-

---

<sup>14</sup> Outras denominações são também utilizadas, a exemplo de Garrett Eckbo, que menciona as tradições formal x informal em *Landscape for Living* (1950/ 2009), e Silvio Soares Macedo, que utiliza clássico x romântico em *Quadro do paisagismo no Brasil* (1999/ 2015).

nal. Essa mudança “expressava a consciência de que o homem era livre para questionar o funcionamento da natureza” (LEITE, 1992, p. 50).

Alguns exemplos da abordagem formalista foram identificados nas culturas da Pérsia e do Egito antigos, no paisagismo renascentista, barroco, neoclássico, e na vertente formalista do paisagismo moderno, entre outros. No barroco francês, o formalismo atingiu sua máxima rigidez. Os jardins seguiam uma disposição extremamente disciplinada, com simetria absoluta e proporções matemáticas. O relevo era planejado e o culto da forma fazia a vegetação ser rigorosamente aparada e interpretada como escultura (topiaria). O jardim barroco refletia o poder, a rígida estrutura social, e o conceito da ascendência do homem sobre a natureza.

Indo na direção contrária, o paisagismo naturalista se inspira na ideia de harmonia entre o homem e a natureza, de forma a reconhecer a beleza não apenas na ordem de uma paisagem domesticada, mas também nas paisagens ditas selvagens. A ideia do retorno à natureza se apoia no sonho do “paraíso terrestre” e na filosofia de Jean-Jacques Rousseau, de forma a idealizar o homem em seu estado selvagem e a própria natureza (LEITE, 1992).

O paisagismo naturalista se materializa numa abordagem mais flexível, em que a orientação é assimétrica, e os espaços são elaborados em função do relevo, clima e vegetação existentes. O traçado é sinuoso, com formas orgânicas, integrando os diversos elementos, como caminhos, vegetação e corpos d’água. A vegetação é mantida em sua forma natural e utilizada em grande diversidade, numa aparente informalidade na disposição das espécies. Os grupos de árvores e espaços abertos passam a salientar as linhas naturais da paisagem (LEITE, 1992).

Entre os exemplos que trilharam a corrente naturalista do paisagismo temos os antigos jardins chineses e japoneses, a tradição inglesa a partir do século XVIII, o paisagismo com enfoque ambiental, desde o proposto por Olmsted até o mais atual, a referência para a cidade-jardim de Ebenezer Howard, e, na escala bucólica de Brasília, as áreas remanescentes ao redor do Plano Piloto, principalmente no entorno do lago (Fig. 8).



**Fig. 8 Paisagismo naturalista x formalista.**

Esquerda, Jardins da Stowe House, projetado por Capability Brown (paisagismo inglês / naturalista) Fonte: <https://www.telegraph.co.uk>. Direita, Jardins do Palácio de Versalhes, projetado por André Le Nôtre (barroco francês / formalista). Fonte: <https://flynet.travel>

### 1.2.3. Os espaços públicos brasileiros pré-modernos

A cidade colonial brasileira foi a primeira expressão urbana em nosso território. A forma da cidade era definida por padrões estabelecidos pela coroa portuguesa, que iam desde a escolha dos sítios, até os elementos morfológicos, como praças, ruas e lotes. O núcleo urbano se caracterizava por ruas estreitas e pelo casario contínuo alinhado à testada dos lotes. Os espaços públicos eram desguarnecidos de pavimentação, mobiliário urbano e qualquer tipo de vegetação (Fig. 9). Neste núcleo, a praça tinha um papel de destaque e reunia todas as funções e usos sociais: atividades de cunho religioso, profano, civil e militar.

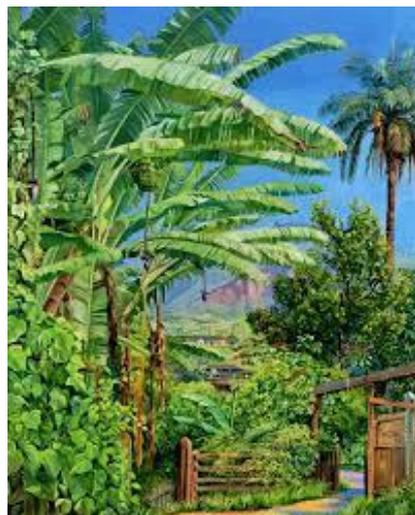
A praça – até esse momento chamada de largo, terreiro e rossio – era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abrangendo os vários estratos sociais. Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação dos diversos estratos da sociedade colonial. (MACEDO; ROBBA, 2003, p. 22).

Outra coisa eram os espaços ajardinados. Na cidade colonial eles eram raros e tinham caráter estritamente privado. Restringiam-se aos quintais das propriedades civis e religiosas e cumpriam função utilitária, onde se plantavam frutíferas, hortaliças e plantas medicinais (Fig. 10). Dessa forma, os espaços públicos e privados não recebiam um tratamento paisagístico propriamente dito, e não se pode falar em arquitetura paisagística colonial.



**Fig. 9 Paço Imperial. A autoria Johann Moritz**

Fonte: Tuca Vieira. Folhapress



**Fig. 10 Jardim colonial brasileiro em Morro Velho (1872). Espaço privado. A autoria Marianne North**

Fonte: Jardinhistoricosbrasileros.blogspot

Foi com o advento do Passeio Público do Rio de Janeiro (1783) que o Brasil teve pela primeira vez, um espaço projetado para o uso público (MACEDO, 2015). A partir dele, as concepções de espaço público e tratamento paisagístico puderam-se reunir no contexto brasileiro.

Os Passeios Públicos surgiram concomitantemente na Europa e na América católica. Eram concebidos para a contemplação, passeio e fruição de prazeres ao ar livre, porém voltados para uma parcela bem restrita da população (Fig. 11 e Fig. 12). Segundo Barcellos (1999), da mesma forma que a nobreza europeia se exibia nos jardins palacianos, a burguesia passou a fazê-lo nos Passeios Públicos. Funcionavam como um salão ao ar livre, um espaço para ver e para ser visto. Por isso, apesar de públicos, possuíam rígidas normas de conduta e vestimentas.



**Fig. 11 Passeio Público RJ (1847). Autoria Alfred Martinet**

Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira



**Fig. 12 Terraço do Passeio Público RJ (1854). Autoria Louis-Julien Jacottet**

Fonte: Pinterest.com

No Brasil, o advento teve uma tonalidade própria. Hugo Segawa (1996) afirma que a construção do Passeio Público do Rio de Janeiro foi algo surpreendente. Em uma sociedade escravocrata, ele se diferenciava dos espaços coloniais, por não representar um símbolo da autoridade portuguesa. O campo era marcado pelo pelourinho; o paço, pela câmara e cadeia ou quartel; e o largo, pela igreja matriz. Em termos de vida pública, Segawa ressalta que o Passeio Público possibilitou um lazer e convívio laico antes desconhecido pela população. Naquela época, principalmente para as mulheres, sair de casa se limitava a ir à igreja e visitar familiares.

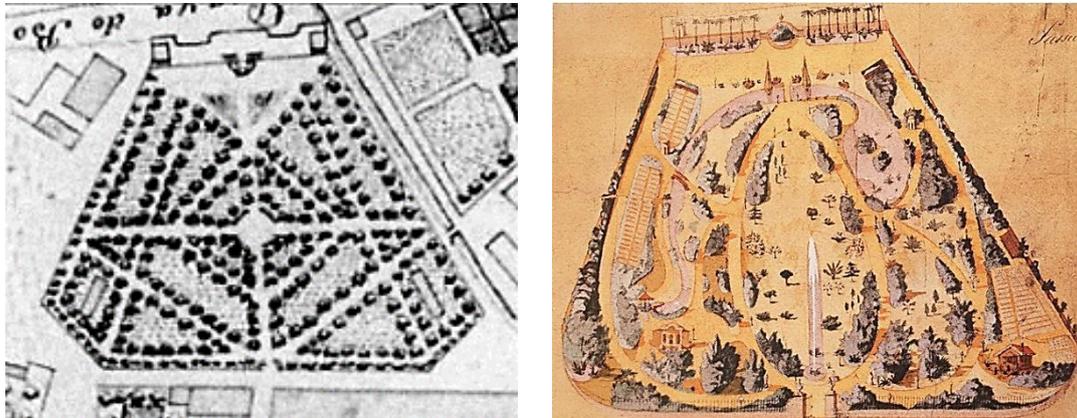
O Passeio Público do Rio de Janeiro ilustra bem, em suas duas versões, os paisagismos formalista e naturalista. O projeto original, de autoria do Mestre Valentim<sup>15</sup>, tinha um traçado formalista, com forte influência francesa. E o projeto de restauro do paisagista francês Auguste Glaziou<sup>16</sup>, após longo período de decadência e abandono do Passeio, trouxe uma concepção naturalista, com influência inglesa (Fig. 13).

<sup>15</sup> Valentim da Fonseca e Silva foi importante escultor, entalhador, arquiteto e urbanista brasileiro. Destacou-se como um dos artistas mais originais de sua época, tendo realizado obras em igrejas, e também na arte civil. Foi o principal responsável pelas obras de urbanização da Capital da Colônia.

<sup>16</sup> Auguste François Marie Glaziou esteve ligado à maior parte dos projetos paisagísticos acontecidos na Corte do Segundo Império, o que lhe rendeu o apelido de paisagista do Imperador. Pode-se dizer que ele institucionalizou a atividade paisagística no país. Foi autor dos projetos da Quinta da Boa Vista (1855), Campo de Santana (1873), Largo de São Francisco (1873), o Largo do Machado (1873) e a Praça XV de Novembro (1877). Em 1893 integrou a Missão Cruels, Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, que demarcaria a área do futuro Distrito Federal, fazendo levantamentos de flora, e tendo sugerido a implantação de um lago para amenizar a secura do lugar (Lago Paranoá).

No projeto do Mestre Valentim, destacava-se a geometria de linhas retas. A planta tinha formato de um hexágono irregular, fechada por muro com grades. Os elementos mais característicos eram o traçado em cruz com estar central, o passeio perimetral, canteiros geométricos de tamanhos variados, simetria, eixos, e a presença de elementos pitorescos como chafariz, fontes e bustos. A vegetação arbustiva e forrageira era utilizada como bordadura de canteiros, e a vegetação arbórea era alinhada de forma a sombrear os caminhos. Foram utilizadas espécies vegetais diversas, sendo muitas delas exóticas.

Na intervenção de Glaziou, as linhas retas foram desprezadas e as alamedas ganharam formas curvas, com grandes gramados. Destacavam-se agora os estares e recantos contemplativos e caminhos e lagos sinuosos. Entre os elementos pitorescos, uma ilha artificial, ponte, estátuas, *rocaille*<sup>17</sup>, caramanchão, cascata, além de animais povoando os lagos. Também foram construídos um café, coreto e um chalé para moradia dos funcionários. A vegetação era utilizada de forma a imitar o ambiente natural, com árvores exóticas de grande porte, e maior utilização de nativas.



**Fig. 13 Passeio Público do Rio de Janeiro.**

Esquerda, Projeto do Mestre Valentim (1791). Direita, Projeto de Glaziou (1862)

Fonte: <http://www.passeiopublico.com>

Segundo Mônica Schlee (2006), o uso recreativo do Passeio Público do Rio de Janeiro se intensificou no final do século XIX e as mudanças propostas por Glaziou colaboraram para isso. A instalação de cafés, bares e sessões de cinema ao ar livre funcionavam como atrativos e aumentavam a frequência ao local.

<sup>17</sup> Elemento construído em argamassa imitando pedra natural.

A partir da metade do século XIX ocorreram profundas mudanças urbanísticas nas cidades brasileiras e foi crescente o processo de arborização e ajardinamento nos espaços públicos e privados. Sob influência das grandes intervenções do Barão Haussmann em Paris<sup>18</sup>, as mudanças traziam a ideia de transformação da cidade colonial em republicana. De acordo com Barcellos (1999), a remodelação tinha como objetivo real a expulsão da população mais carente do centro das cidades e, ironicamente, a introdução de um sistema de jardins públicos para desfrute da população privilegiada (Fig. 14).



**Fig. 14** Exposição internacional, Rio de Janeiro (1922)

Fonte: AGCRJ

O século XX trouxe grandes transformações para a sociedade brasileira. A maior parte da população, antes rural, passou a ser urbana. A medida em que as cidades foram crescendo, foram também perdendo seus terrenos livres, que eram uma importante opção de lazer principalmente para a população mais pobre. Nas cidades antes menores, a natureza estava mais próxima. E até mesmo a rua, onde se costumava brincar, passou a ser dominada pelo automóvel. A necessidade de espaços públicos tornou-se evidente, sobretudo nas grandes cidades.

A configuração atual de grande parte das cidades brasileiras é resultado dessas transformações. As exceções são as cidades planejadas do séc. XIX e XX, com parâmetros urbanísticos que já incluíam ruas arborizadas, parques e áreas

---

<sup>18</sup> Georges-Eugène Haussmann foi prefeito de Paris e responsável por grandes obras de remodelação de Paris com o discurso de modernização, embelezamento e salubridade.

verdes em sua concepção, tais como Belo Horizonte (1897), Goiânia (1933), e a maior referência para o urbanismo moderno – Brasília (1960).

#### 1.2.4. O paisagismo moderno nos espaços públicos brasileiros

O paisagismo moderno brasileiro representou um rompimento estético com o que se produzia no país até então, e que tanto reverenciava as influências estrangeiras. Integrou um movimento de vanguarda cultural, que se afastava do folclorismo, e que buscava uma versão cosmopolita de brasilidade (CAVALCANTI, 2009). Foi com a linguagem moderna que o paisagismo brasileiro assumiu sua identidade própria. A transição para o moderno, que se deu de forma gradual, está bem representada nos primeiros trabalhos de Burle Marx para praças de Recife, na década de 1930, em que se verifica uma sobreposição de linguagens (Fig. 15). Com a intenção de utilizar plantas nativas brasileiras, em uma delas, realizou um jardim com plantas aquáticas da floresta amazônica, e em outra, um jardim de rochas e cactos do sertão. Portanto nenhum dos dois representava a flora costeira local. Além disso, as formas propostas ainda se prendiam ao conceito formalista com eixos e caminhos definidos.



**Fig. 15 Nanquins de Burle Marx. Esquerda, Praça Euclides da Cunha. Direita, Largo da Casa Forte Recife**

Fonte: CAVALCANTI; DAHDAH, 2009, p. 95

De acordo com Macedo e Robba (2003), uma das inovações do paisagismo moderno, no uso social dos espaços, foi a introdução de áreas voltadas para a recreação ativa, para atividades físicas e culturais ao ar livre. A recreação nos espaços públicos vinha atender diretamente a uma das chaves do urbanismo moderno: habitar, trabalhar, circular e recrear. Espaços como, quadras esportivas, piscinas, parques infantis, teatros de arena, museus, planetários etc. foram projetados nas praças, orlas e principalmente nos parques urbanos das gran-

des cidades. O paisagismo moderno, entretanto, não deixou de produzir espaços com caráter essencialmente contemplativo.

Entre as características do paisagismo moderno nos espaços públicos, podemos citar a setorização de atividades, criando áreas distintas para a prática esportiva, o lazer infantil, cultural, contemplativo etc., seguindo a ideia de separação de funções do urbanismo moderno (Fig. 16). Outra é a liberdade formal, manifestada na utilização de formas de acordo com novos padrões estéticos, podendo ir da vertente mais formalista à mais naturalista, aplicada nos pisos, canteiros e espelhos d'água. Outras características são as grandes áreas pavimentadas e as circulações estruturadas como sequências de estares e recantos. A vegetação é utilizada como elemento tridimensional na configuração de espaços, com maciços arbóreos e arbustivos, forrações formando tapetes e grande utilização da vegetação nativa e tropical. Também são abandonados os elementos pitorescos, topiarias e excessos decorativos, que então se reduzem a painéis artísticos e esculturas “casualmente” instalados. O mobiliário existente limita-se a bancos e mesas.



**Fig. 16 Aterro do Flamengo. RJ (1966). Parque estruturado com áreas de piquenique, parquinho, ciclovias e setores esportivos, Museu de Arte Moderna etc.**

**Fotografia Marcel Gautherot**

Fonte: CAVALCANTI; DAHDAH, 2009, p. 188

Houve uma crescente valorização dos espaços arborizados nas cidades e com isso a implantação de parques urbanos. A principal referência de parque de porte com características modernas, tanto formais quanto programáticas, foi o Parque do Flamengo (1965) no Rio de Janeiro, realizado com a colaboração de Roberto Burle Marx.

### **Burle Marx**

Roberto Burle Marx (1909-1994) é o principal expoente do paisagismo brasileiro. De acordo com Cavalcanti (2009), sua obra tornou-se tão popular e foi tão amplamente universalizada, que constitui hoje um dos raros exemplos em que ideias e práticas inovadoras partiram da América do Sul para o mundo. A formação como artista plástico<sup>19</sup> o permitiu conceituar o paisagismo como obra de arte. A criação de jardins não foi apenas influenciada pelo desenho e pintura, mas tratava de sua sedimentação, da aplicação dos fundamentos da composição plástica sobre a própria natureza (BURLE MARX, 2009, p. 77).

Seu trabalho, entretanto, não se reduzia ao efeito pictórico de paisagens. Burle Marx foi um grande pesquisador da flora brasileira e suas excursões e pesquisas possibilitaram uma ampliação definitiva do conhecimento sobre vegetação. Ele não apenas identificou espécies nativas de diversos biomas, como principalmente as valorizou, fazendo uso delas em seus projetos. Seus depoimentos demonstram como eram desconhecidas e depreciadas as plantas nativas no Brasil:

Em 1928, quando fiz minha primeira viagem à Europa, não sabia ainda se ia estudar música, arquitetura ou paisagismo. (...) Foi na visita ao Jardim Botânico de Dahlen, em Berlim, que comecei a descobrir as plantas brasileiras que não via nos jardins daqui (CALS, 1995, p. 57)

Parece que tudo que a gente encontra em nossa natureza tem a designação de mato, e por ser mato não serve. Tenho me batido muito pela utilização de plantas brasileiras, sobretudo sabendo que nossa flora é tão rica. Tenho à minha disposição mais de cinco mil espécies de árvores e mais de 50 mil espécies de plantas. É absurdo muitas vezes a gente não pensar em introduzi-las nos jardins (CALS, 1995, p. 87).

---

<sup>19</sup> A formação acadêmica de Roberto Burle Marx foi na Escola Nacional de Belas Artes. Trabalhou com desenho, pintura, escultura, xilogravura, litografia, tapeçaria, cerâmica, entre outros. Curiosamente não concluiu sua formação em arquitetura, tendo mudado de curso por conselho de Lucio Costa (CAVALCANTI, 2009).



**Fig. 17 Jardim suspenso do Ministério da Educação. RJ (1946). Fotografia Nelson Kon**  
 Fonte: CAVALCANTI; DAHDAH, 2009, p. 205



**Fig. 18 Praça dos Cristais em Brasília. Fotografia Joana França**  
 Fonte: Archdaily.com

A contribuição e originalidade de Burle Marx são inestimáveis, e sua colaboração na tríade arquitetura, paisagismo e artes plásticas ajudou a dar corpo ao repertório moderno brasileiro. Muitos de seus trabalhos tornaram-se referência, como o paisagismo do Conjunto Moderno da Pampulha<sup>20</sup> (1943), o Calçadão de Copacabana (1970), e os jardins do Ministério da Educação e Saúde Pública do Rio de Janeiro<sup>21</sup> (1936), considerado um marco do paisagismo moderno no Brasil (Fig. 17).

<sup>20</sup> O Conjunto Moderno da Pampulha foi reconhecido em 2016 como "Patrimônio da Humanidade" pela UNESCO, que considerou para o tombamento, o caráter precursor e inovador, o trabalho de arquitetura de Niemeyer, o paisagismo de Burle Marx e as obras de artes integradas de Portinari e Paulo Werneck.

<sup>21</sup> O MESP, projetado por Lucio Costa, Le Corbusier e equipe, é um marco da modernidade arquitetônica, urbanística e paisagística no país.

Em Brasília, os principais projetos elaborados foram para o Parque da Cidade, o Palácio do Itamaraty e da Justiça, a Praça dos Cristais (Fig. 18) e a superquadra 308 sul. Segundo Cals (1995), por motivos de ordem política, Burle Marx demorou a iniciar sua atuação em Brasília, que poderia ter sido maior, sobretudo nos espaços públicos.

Para Barcellos (1999), na obra de Burle Marx a vegetação é trabalhada como principal elemento de composição. Por outro lado, questões pragmáticas como programa de atividades ficam de fora do seu trabalho. Talvez devido a sua formação, ele não se envolvia nas questões de uso e costumava ajustar as composições às definições dos projetistas. A visão de Burle Marx direcionou uma das correntes do paisagismo moderno brasileiro<sup>22</sup>, que influenciou dezenas de jovens profissionais, entre eles, o paisagista Fernando Chacel.

### **Fernando Chacel**

Fernando Magalhães Chacel (1931-2011), autor do projeto paisagístico da Praça Maior da UnB, é considerado um dos mais conceituados arquitetos paisagistas da geração posterior a Burle Marx. Formou-se em arquitetura, em 1953 pela Universidade do Brasil, tendo cursado anteriormente um ano de Belas Artes, com o intuito de ser pintor (CHACEL, 2017). Por mais de cinco décadas, Chacel atuou como paisagista, tendo realizado uma vasta e diversificada produção, com projetos em todo o país, em variadas escalas, nas esferas pública e privada. Trabalhou desde residências a parques e áreas de proteção ambiental. Entre 1963 e 1969 foi diretor de Parques e Jardins do Estado da Guanabara. Também colaborou para a consolidação da arquitetura paisagística no país, tendo sido um dos fundadores da Associação Brasileira dos Arquitetos Paisagistas, ABAP, em 1976, ao lado de Rosa Grena Kliass (BARRA, 2006). Contribuiu ainda na formação profissional de paisagistas no Brasil e no Canadá, tendo sido professor titular de Paisagismo na Escola de Arquitetura da Universidade Santa Úrsula, professor titular e coordenador do curso de graduação em

---

<sup>22</sup> Uma corrente, conhecida por paisagismo carioca, da qual faz parte Fernando Chacel, é encabeçada por Roberto Burle Marx e caracterizada por sua raiz artística, feição tropical e origem europeia. Outra corrente, a do paisagismo paulista, é representada por Roberto Coelho Cardoso, sob influência dos paisagistas da costa oeste norte-americana, como Garret Eckbo e Lawrence Halprin, mesclando a corrente "Californiana" com sua adaptação ao meio brasileiro, sendo caracterizada pelo caráter mais funcional.

Paisagismo na Universidade Veiga de Almeida, professor da *École d'Architecture du Paysage* da Universidade de Montreal, além de ter coordenado e ministrado cursos profissionalizantes dentro e fora da ABAP (CHACEL, 2017). Entre suas contribuições no campo acadêmico, chegou a propor um Modelo de Curso de Planejamento Paisagístico no IX Congresso Brasileiro de Arquitetos, em 1976. Fundou em 1991 a CAP - Consultoria Ambiental Paisagística, em 1991, com o também arquiteto Sidney Linhares, com quem trabalhou até seu falecimento, em 2009.

Seu primeiro contato com o paisagismo foi como estagiário de Burle Marx, a quem considerava um mestre e atribuía seu interesse pela área. Assim como em Burle Marx, observamos em seu trabalho o destaque da vegetação como elemento de projeto. Chacel relembra como sua obra o impactou, e permaneceu presente na concepção e desenvolvimento de seus projetos:

[...] Lembro-me bem da profunda impressão que me causaram aqueles projetos, não só por representarem uma linguagem completamente nova para mim, mas, sobretudo, pelo fascínio que seus elementos gráficos e suas cores vibrantes exerciam sobre o meu olhar admirado.

Assim foi a minha descoberta e o meu encontro com o paisagismo de uma forma ampla. Mas com a obra do paisagista e seu extraordinário alcance, esse encontro veio um pouco mais tarde, quando pude compreender que a arte dos traçados e cromatismos dos jardins de Burle Marx se ampliava e se multiplicava com o uso judicioso e sábio do material de base de suas composições: a vegetação em todos os seus estratos. (BARBOSA, 2004).

Chacel trabalhava de forma interdisciplinar como meio de intervir na paisagem de maneira integrada. E mostrava-se grato aos mestres que contribuíram em sua formação autodidata. Além de Burle Marx, cita o professor Luiz Emygdio de Mello Filho com quem aprendeu botânica, e o geógrafo Aziz Ab'Saber.

Será através da interdisciplinaridade do trabalho em equipe, multidisciplinar, e do fortalecimento técnico-científico da sua formação no campo da ecologia e da etologia que o arquiteto paisagista poderá, certamente, agir na complexa e delicada tarefa da leitura e compreensão da paisagem e seus componentes – físicos, bióticos e antrópicos (CHACEL, 2017, p. 49).

A obra de Chacel é marcada pelo engajamento nas causas ambientais, tendo ele sido um pioneiro em projeto e planejamento ecológico da paisagem no Brasil. De acordo com Sidney Linhares, ele pensava globalmente e procurava agir localmente, em busca de uma “estética ambiental” (CHACEL, 2017, p. 17).

Chacel desenvolveu e adotou ao longo de seu trabalho o conceito da ecogênese (2004), que seria a criação de ecossistemas em substituição àqueles degradados.

A ecogênese, então, deve ser entendida como uma ação antrópica e parte integrante de uma paisagem cultural que utiliza, para recuperação dos seus componentes bióticos, associações e indivíduos próprios que compunham os ecossistemas originais (CHACEL, 2004, p. 23).

Esse conceito está presente principalmente nos trabalhos que realizou nos parques implantados no sistema lagunar da baixada de Jacarepaguá, como o Parque da Gleba E (Fig. 19), o Parque Mello Barreto e a Fazenda da Restinga, onde se realizaram importantes processos de recuperação da vegetação nativa em áreas de manguezais e restinga (CHACEL, 2004).



**Fig. 19 Parque da Gleba E, Rio de Janeiro e Fernando Chacel. Fotografias Eduardo Barra**  
Fonte: [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br)

Outro destaque em sua obra foi o tratamento paisagístico das Usinas, Subestações e Vilas Operadoras do Sistema Furnas – Centrais Elétricas, entre as décadas de 1960 e 1970. Segundo Maria Eliza Guerra (2008), a preocupação de tratar paisagisticamente as grandes obras do setor energético no Brasil era pouco usual e representou uma atitude inovadora, num trabalho que deu reconhecimento a Chacel.

Outros trabalhos realizados foram o planejamento e projeto paisagístico do Parque Metropolitano de Itapuã, em Salvador (1976-1977); o Plano Diretor da Praia da Baleia, em São Sebastião, SP (1978-1979); a documentação para a designação da Reserva Binacional da Biosfera do Iguazu (1986), o Parque Penhasco Dois Irmãos, no Rio de Janeiro (1994), em áreas de preservação ambiental; a Praça Antero de Quental, pelo Programa Rio-Cidade, com o arquiteto

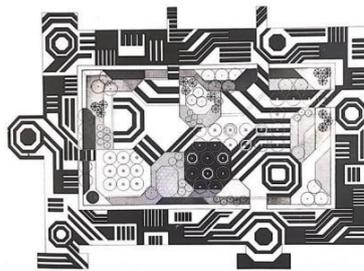
Luiz Eduardo Indio da Costa (1993-1994); o Plano Diretor do *campus* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999); e a Cidade da Música (2002), com arquitetura de Christian de Portzamparc também no Rio de Janeiro, entre muitos outros.

O que observamos na obra de Chacel é um paisagismo cada vez mais voltado para a questão ambiental, com ênfase na reconstrução de ecossistemas degradados em áreas ambientalmente sensíveis. Nota-se uma abordagem profundamente naturalista do paisagismo, que envolve o próprio conceito da ecogênese, no resgate e preservação das linhas do relevo, dos tipos de solo, corpos d'água e dos sistemas vegetais (Fig. 20).



**Fig. 20** Trecho de desenho de Chacel (sem identificação)

Fonte: CHACEL, 2017, p.41



**Fig. 21** Praça Central do Rio Center, RIOTUR (1978). Autores Vera Aranha e Chacel

Fonte: WISSENBACH; TSUKUMO, 1978, p. 91



**Fig. 22** Trecho de estudo para pavimentação do Centro de Convenções da Amazônia. Fonte:

CHACEL, 2017, p.39

Por outro lado, do ponto de vista do uso social do espaço, a ênfase dada nos parques de Jacarepaguá, por exemplo, parece ser secundária, pela mínima presença de equipamentos de apoio e mobiliário, pela ausência de qualquer sombreamento nos caminhos e pela reduzida acessibilidade aos locais. Nesse parque, predomina o uso extensivo, sendo sua principal função dar espaço para a regeneração da natureza. Não é por acaso que as imagens presentes nos livros que retratam sua obra, *Paisagismo e Ecogênese* (2004), e *Fernando Chacel: tributo* (2017), não mostrem pessoas presentes nos espaços projetados.

Já em uma parte menor de seus projetos, tais como a praça do Rio Center (Fig. 21), e o estudo para o Centro de Convenções da Amazônia ((Fig. 22), observa-se a tendência ao formalismo. A memória gráfica destes projetos apresenta um excesso geométrico com linhas que indicam uma criação que se sobrepõe às características do lugar.

Apesar de ser marcante a abordagem naturalista nas obras de Fernando Chacel e Burle Marx, são diversas as manifestações do formalismo no paisagismo moderno. Essa característica será observada no paisagismo proposto para Brasília e fortemente presente na Praça Maior da Universidade de Brasília, sendo um trabalho atípico no conjunto da obra de Chacel.

### 1.3. *Campus*, território universitário e universidade

Este eixo busca discutir os espaços universitários, recorrendo a um breve histórico da instituição universitária, até as universidades brasileiras. A revisão se direciona principalmente às concepções espaciais das universidades, com o foco no modelo do *campus*. Também discute a relação do *campus* como território - com atributos específicos de configuração e atividade, e sua relação com a cidade.

Com relação ao processo histórico dos espaços universitários e suas variadas concepções institucionais e espaciais, Christine Mahler (2015) apresenta um panorama complexo da universidade na história:

O percurso do desenvolvimento das universidades desde suas origens é pautado por uma série de momentos definidos à medida em que a instituição teve que se adaptar a reconfigurações geopolíticas e responder a mudanças no ensino e na pesquisa, a modismos e à mobilidade. Este processo histórico é infiltrado por conflitos de ideologias, gerados pelo exercício da cidadania e constituindo o laboratório das aplicações de suas próprias aquisições científicas, artísticas e tecnológicas, que produziram ações e reações em seu ambiente específico e nas cidades. A observação de suas configurações mais recentes, desde fins do século XX, revela resignificações do ambiente do ensino superior com um rico acervo de paisagens e soluções (MAHLER, 2015, p. 21).

Segundo Mahler (2015, p.35), a definição da origem da instituição universitária não é unânime entre os estudiosos do tema, devido às diversas significações que o termo universidade foi adquirindo até seu sentido atual. Assim, tomaremos como marco inicial a Europa do século XII, quando fatores como o renascimento urbano, o contato com a cultura do Oriente Médio, e a associação de mestres e estudantes em corporações propiciaram seu surgimento.

#### 1.3.1. Breve histórico

De acordo com Gelson Pinto (2009), a universidade surgiu como uma instituição urbana, propiciada pelo desenvolvimento urbano e cultural europeu, bem como pela expansão do uso da escrita. Nas cidades, com a possibilidade da divisão do trabalho, surgiam os ofícios. O termo universidade vem de *universitas*, palavra latina que significava, simplesmente, corporação. Era utilizado para denominar as corporações de ofício de comerciantes ou artesãos, que exerciam o mesmo tipo de trabalho, organizados por um estatuto. Entre elas havia a

*universitas* de mestres e estudantes, que se associavam para obter alguma autonomia em relação aos poderes religioso e civil. Apenas posteriormente o termo universidade passou a ter o significado atual de universalidade do saber, que não tinha inicialmente.

Desde a Universidade de Bolonha (1088), considerada a mais antiga, as universidades passaram por muitas transformações e assumiram diferentes configurações espaciais. Ocuparam por vezes espaços em instituições religiosas e palácios, e assumiram a forma de bairros universitários, *colleges* integrados ao tecido urbano, *campi* afastados dos centros urbanos, e cidades universitárias já no século XX, resultantes da fusão dos *campi* americanos com a tradição europeia.

Esses espaços de ensino superior passaram por um longo período de transformações, de simples classes em salas alugadas a edifícios com localização e propósitos definidos. Começaram a fazer parte das cidades e inauguravam uma nova categoria de prédios urbanos (PINTO, 2009, p. 33).

Nos primórdios da universidade, os professores ministravam cursos em sua própria casa ou em salas alugadas, em troca de salários ou taxas pagas pelos estudantes. As salas de aula eram rudimentares, geralmente mal ventiladas e iluminadas, em edificações de barro ou madeira (Fig. 23). Na ocasião de assembleias e cerimônias, utilizavam-se conventos ou igrejas. A procura pelas *universitas* aumentou, e como forma de organizar o número crescente de estudantes que vinham para as cidades, as administrações locais criaram hospedarias para os alunos.

Segundo Pinto (2009), em contraste com a origem modesta das universidades, a partir do século XV, houve um processo de aristocratização, em que os estudantes mais pobres foram direcionados a cursos mais curtos. As universidades passaram a aspirar prédios próprios e requintados ou construíam instalações para isso (Fig. 24). Nas novas universidades eram previstas dotações de prédios que agora incluíam bibliotecas. Nessa ocasião a Faculdade de Medicina de Paris adquiriu um palácio para se instalar.



**Fig. 23 Classe rudimentar na Universidade de Bolonha (1350s). Laurentius de Voltolina**

Fonte: Wikipédia.com



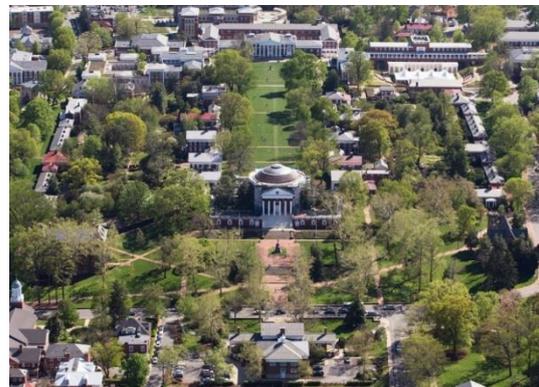
**Fig. 24 Gravura antiga da Universidade de Sorbonne**

Fonte: <http://sopesci.com.br>



**Fig. 25 Vista aérea de colleges da Universidade de Oxford**

Fonte: <https://www.oxfordna.org/colleges>



**Fig. 26 Vista aérea do Campus da Universidade de Virginia**

Fonte: <http://ipma.org/virginia-road-show-agenda/>

Na Inglaterra, em Oxford e Cambridge surgiram os *colleges*, estabelecimentos destinados muitas vezes a estudantes pobres, em regime de internato. O período foi marcado por um número inédito de estudantes que ingressou nos estudos. Os *colleges* eram inspirados nos claustros medievais e muitos deles foram implantados em edifícios religiosos. Consistiam em espaços simples, com um claustro central gramado, em forma quadrangular, que articulava os ambientes e servia para reuniões e circulação, cercado por edifícios de dois andares. A igreja tinha posição de destaque neste conjunto edificado. As construções eram em geral feitas de pedra e remetiam ao estilo gótico, como em Oxford (Fig. 25); ou às cottages, casas de campo inglesas (PINTO, 2009). Os *colleges* costumavam ficar próximos entre si e se localizavam nos limites das cidades, sem esta-

belecer um território a parte. Compunham com seus edifícios uma mescla com a cidade. “As escolas se integravam à malha urbana e constituíam elementos de seu crescimento” (PINTO, 2009, p. 34).

Os Estados Unidos herdaram a linha dos *colleges* ingleses, com algumas distinções e inovações. Uma delas foi a criação de *colleges* individuais, separados entre si e com mais autonomia. Pinto (2009) afirma que mesmo sendo herdeiras das universidades de Oxford e Cambridge principalmente, a característica mais marcante das universidades americanas é sua instalação no campo e não na cidade.

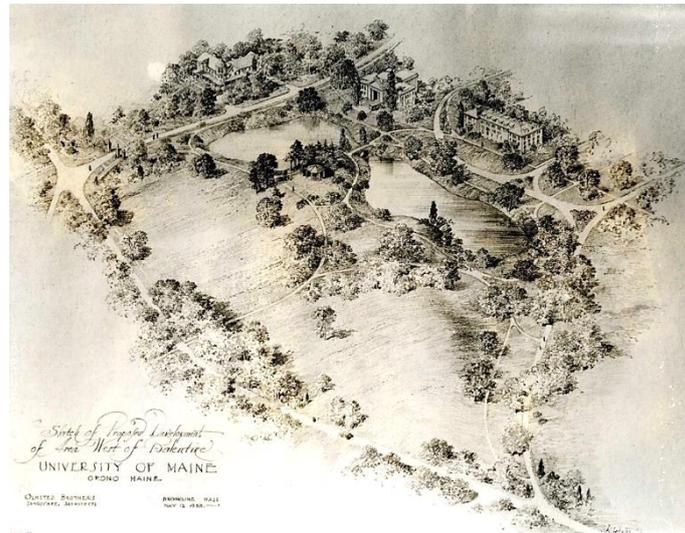
A romântica noção de uma escola na natureza, separada das forças corruptoras da cidade, tornou-se um ideal norte-americano. [...] Esse ideal é tão forte nos EUA que mesmo as escolas localizadas nas cidades, onde a terra é mais escassa, procuram áreas que simulem de alguma forma, com muito verde, um rio ou um lago, uma espacialidade rural (PINTO, 2009, p.36-37).

Segundo Mahler (2015) a concepção dos *campi*, surgidos na América do Norte, tinha como objetivo a ocupação das extensas áreas colonizadas, o estabelecimento de vilarejos e o desenvolvimento regional. Eram, portanto espaços localizados em áreas rurais, com edificações concebidas em conjunto. Pinto (2009) afirma que a própria denominação *campus*, campo em latim, remete a uma visão agrarista. Assim, a semelhança entre os modelos do *college* e do *campus* se restringe ao fechamento e especialização dos dois, características que seriam supostamente indispensáveis à preservação do conhecimento.

Dentre os *campi*, o da Universidade de Virginia (Fig. 26), concebida por Thomas Jefferson em 1819, é emblemático, tendo sido o primeiro projeto completo de um *campus* universitário (MAHLER, 2015). Essa universidade nasceu da necessidade de integração entre os diversos e novos campos de conhecimento. Foi a primeira instituição pública sem ligação com a igreja, de modo que a biblioteca, e não mais a capela, marcava o centro do conjunto edificado. A universidade, implantada em uma fazenda, tinha características antiurbanas, com terreno extenso, limites definidos, edifícios individualizados, distribuídos em uma ocupação rarefeita que evocava o bucolismo. Tinha também todos os serviços necessários para que o estudante se dedicasse exclusivamente aos estudos, modificando definitivamente a espacialidade da universidade.

O território para o ensino e aprendizado ampliava-se do prédio para o câmpus, uma grande área projetada, fechada e com regras, costumes e leis próprias (PINTO, 2009, p. 38).

A experiência do *campus* de Virginia repercutiu em outros projetos e acabou consolidando-se como modelo de *campus* norte-americano. Cabe aqui um parêntese para a figura de Frederick Law Olmsted que, de acordo com Coulson (2011 p. 13, apud MAHLER, 2015 p. 94), destacou-se no processo de consolidação, ao estabelecer a paisagem como componente do projeto. De acordo com Mahler (2015), a natureza, revalorizada no período pós-industrial, passou a ser uma das determinantes no planejamento de *campus*, e buscava-se a proximidade de lagos e montanhas para sua localização. Foram projetos de Olmsted as universidades de Berkeley, Amherst, Gallaudet College, Stanford University e Maine (Fig. 27), entre outros (FEIN, 1972, p. 37).



**Fig. 27 Ilustração de Olmsted para a *University of Maine* (1867)**

Fonte: <https://www.nps.gov>

Os conceitos adotados para o *campus* de Virginia foram disseminados não apenas nos EUA, mas ao redor do mundo industrializado, devido à expansão do ensino superior e do avanço científico e tecnológico. O modelo se consagrou especialmente em países da América do Sul, como o Brasil, no séc. XX. "A ideia de *campus* estava estabelecida e passava a representar o local, por excelência, do trabalho acadêmico universitário" (PINTO, 2009, p.41).

No século XX surgem as cidades universitárias, mesclando características do *campus* americano com a tradição europeia urbana. Pinto (2009) chama atenção ao fato de que, muitas vezes, educadores, urbanistas e estudiosos utilizam as expressões *campus* e cidade universitária como sinônimas. E esclarece as distinções entre um e outro:

Para nós [brasileiros], cidade universitária é uma região delimitada, autônoma, regida pelas regras acadêmicas. Inicialmente situada nos arredores de grandes cidades, com o tempo acabava sendo envolvida por elas. Por sua vez, o *câmpus* universitário, apesar de se situar numa área delimitada, depende diretamente da infraestrutura da cidade que o cerca (PINTO, 2009, p. 17).

Pinto afirma que diante dessas características, a cidade universitária não chegou a se concretizar de fato no Brasil, pois nunca atingiu a necessária autossuficiência em serviços, moradia etc. Apesar disso, alguns *campi* são assim chamados, como a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira da Universidade de São Paulo.

### **1.3.2. A universidade brasileira**

No Brasil o advento da universidade é tardio, e data do início do século XX. Antes disso, o ensino superior se estruturava por estabelecimentos isolados. A Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro curso universitário do país, foi criada em 1808 com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, ocupando o antigo prédio do Colégio dos Jesuítas em Salvador. Foram criados também nessa ocasião cursos de formação profissional para o Estado, além das Academias de Direito de Olinda e São Paulo, instaladas no Mosteiro de São Bento e no Convento de São Francisco, respectivamente.

Somente em 1911, foi criada a primeira universidade do país, a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, a partir da reunião da Escola Politécnica e das Faculdades de Direito e Medicina (MAHLER, 2015). Origens semelhantes tiveram outras universidades brasileiras, como a de Minas Gerais (1927) e da Bahia (1946), formadas pela reunião de faculdades preexistentes (Fig. 28).



**Fig. 28 Universidade Federal da Bahia.**  
**Esquerda, antiga Faculdade de Medicina, instalada no centro da cidade.**

Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br>  
 Direita, *Campus Ondina* da UFBA. Fonte: Google Earth

De acordo com Gelson Pinto (2009), com a Reforma Universitária de 1968, toda a estrutura universitária brasileira foi revista, e o modelo do *campus* passou a ser preferencial, devido aos consultores e às fontes de financiamento internacional, sobretudo norte-americanos, que apoiavam esse modelo. A Universidade de Brasília (1962) teve um papel de vanguarda nesse cenário, pois foi inteiramente concebida conforme a nova filosofia educacional brasileira, da qual Anísio Teixeira<sup>23</sup> e Darcy Ribeiro<sup>24</sup> eram protagonistas, e o planejamento físico de seu *campus* repercutiu essas ideias. Diferentemente das universidades anteriores, a UnB não nascia da justaposição de faculdades existentes, mas era inteiramente planejada desde o início. Sua concepção, estrutura, gestão e organização acadêmica foram definidas por princípios distintos dos que até então prevaleciam nas universidades brasileiras.

### 1.3.3. *Campus*, sociabilidade e a relação com a cidade

De acordo com Mahler (2015, p. 63), a questão da localização sempre foi um aspecto determinante na história das universidades. Segundo ela, a separação e o ambiente distanciado da comunidade eram vistas como fundamentais, já

<sup>23</sup> Anísio Teixeira foi um educador e personagem central na história da educação brasileira. Foi nomeado por Juscelino Kubistchek para organizar toda a estrutura de educação de Brasília. Inspirou o processo de criação da UnB e sua influência é amplamente ligada à história da Universidade.

<sup>24</sup> Darcy Ribeiro foi um antropólogo, escritor e político brasileiro, que se notabilizou pelos trabalhos nas áreas de educação, sociologia e antropologia. Junto ao amigo Anísio Teixeira, foi um dos responsáveis pela criação da Universidade de Brasília, da qual foi seu primeiro reitor. O principal *campus* da UnB recebeu seu nome.

que assim supostamente favoreciam o recolhimento, a concentração e a autonomia necessária. Essa ideia de segregação se consolidou de tal forma que, conforme Maria Elaine Kohlsdorf (2006, p. 11), a grande maioria dos *campi* em todo o mundo se caracteriza pelo isolamento do tecido urbano. Além disso, eles são definidos internamente pela segregação de atividades, pela grande proporção de área voltada para o sistema viário, pelos edifícios isolados e pelas extensas áreas ajardinadas (em geral sem utilização), formando uma paisagem uniforme e mesmo monótona.

No Brasil, grande parte das universidades têm hoje seus edifícios mais antigos inseridos no tecido urbano, enquanto seus *campi* foram construídos posteriormente em regiões menos centrais das cidades. Kohlsdorf (2006) considera algumas justificativas para a implantação periférica. Uma seria a ideia do *campus* como um microcosmo independente, projetado a partir das necessidades da universidade, em que as condições ideais de ensino só podem ser garantidas com o isolamento. Outro argumento seria o menor preço dos terrenos com grandes dimensões, embora estivesse aí desconsiderado o custo de infraestrutura. Kohlsdorf também menciona a questão do controle social sobre a comunidade acadêmica, uma vez que a universidade representa um fator de mudança social a partir da produção de conhecimento. Por fim, ela questiona que a pretensa reclusão contraria a visão de uma universidade democrática, disseminada no decorrer do século XX.

Assim, o modelo do *campus* brasileiro se consolidou como um território segregado, com administração independente, setorizado por áreas de atividade, e convencionalmente tendo seus limites cercados e acessos controlados. A arquitetura e o urbanismo propostos são frutos da concepção modernista, dado o período em que foram implantados. Convencionou-se adotar uma arquitetura modular, com estrutura em concreto, edifícios com poucos pavimentos, distribuídos de forma dispersa, e cujos espaços livres, apesar de muitos, não recebem o tratamento paisagístico devido.

Portanto, de forma geral, o modelo de *campus* parece dificultar o processo de apropriação social dos seus espaços. Com terrenos grandes, distantes dos centros urbanos, implantação dispersa de edifícios, que são entremeados por

espaços pouco elaborados e equipados, findam por desestimular a circulação de pedestres e conseqüentemente outras formas de uso e apropriação dos espaços livres.

Com relação à cidade, o *campus* assume uma posição contraditória. Por um lado, ele traz profundas transformações para a cidade em que está inserido, bem como precisa dela em muitos aspectos, pois não é um território autônomo. Por outro lado, ele se territorializa de forma a negar a cidade, ao ser concebido como território segregado.

Mahler (2015) afirma que o território universitário é complexo e permeado por polaridades e contradições. Por um lado, deve oferecer condições favoráveis à produção acadêmica, com o nível de introspecção e autonomia necessário; por outro lado, busca estar aberto à sociedade e à atualidade, com suas inúmeras demandas e manifestações de ordem cultural, artística e política. Essa complexidade se manifesta em diversos aspectos: no porte do seu território, na ausência de permeabilidade com a cidade, na articulação entre seus espaços, na integração de atividades cotidianas e simbólicas, e na construção de relações sociais em espaços mais propícios à dispersão.

#### **1.3.4. A vida pública universitária**

As questões anteriormente levantadas acerca da vida pública ganham uma tonalidade específica quando abordamos o ambiente universitário. Isso se deve às características próprias do território universitário. Não se trata mais de espaços públicos quaisquer da cidade, mas de um território – o *campus* - que incorpora funções próprias, habitado por uma comunidade com características também específicas.

A vida universitária é algo que normalmente traz associações positivas. Logo nos vem à mente gente jovem entusiasmada, discutindo intensamente uma infinidade de temas, descobrindo suas vocações como verdadeiras paixões pelas quais irão se dedicar (Fig. 29). A vida na universidade remete à imagem de um ambiente com grande abertura intelectual, cultural, liberdade e tolerância entre as pessoas - o que é fundamental para a urbanidade. Em certos períodos, mas não apenas em fins de semestre, o brilho é especial, pois as ativida-

des se intensificam: exposições, aulas públicas, congressos, apresentações e mostras de produção ganham espaço, espalhando arte e conhecimento. A universidade é generosa.

É muitas vezes nesse ambiente que pessoas estabelecem vínculos para toda a vida, sejam acadêmicos, profissionais ou pessoais. É ainda o lugar em que se tem acesso aos mestres, e às grandes inspirações. Um universo de pessoas que transmitem, trocam e produzem conhecimento, e por isso mesmo, estão, de uma forma geral, muito interessadas umas nas outras.

O que de início pode parecer uma comunidade excessivamente homogênea, devido à faixa etária, à formação escolar etc., contém um interessante gradiente social. Ainda que seja notória a presença de jovens, que predominam no segmento dos estudantes, ou de pessoas com alto grau de formação, como os professores e pesquisadores, considerado o porte de uma universidade haverá sempre alguma variedade de pessoas.

A maior parte dessa população terá vínculo direto com a universidade, como estudantes, professores, funcionários e prestadores de serviço. Mas haverá também uma parcela de visitantes, convidados, assistidos pela extensão universitária, entre outros. Entre os estudantes haverá diferentes perfis: os de graduação e pós-graduação; os de áreas tão diversas entre si quanto Ciências Biológicas, Sociais, Engenharias ou Letras, e cada um dos cursos que as integram. Sem falar dos professores e pesquisadores, cujo leque de atuação é igualmente amplo. Há ainda os dirigentes da instituição, os funcionários técnicos e administrativos, além daqueles que exercem funções básicas de cuidados e manutenção, fundamentais ao funcionamento da instituição. Esses grupos representativos ajudam a ilustrar como é vasta a gama de sujeitos, e como podem ser interessantes suas interações sociais.

Pensando nessa comunidade, espera-se que os espaços universitários possam contribuir de forma a favorecer as trocas interpessoais. E que os espaços do *campus* sejam efetivamente projetados para serem propícios à permanência, aos encontros, e à diversidade de atividades próprias do lugar.



**Fig. 29 Alunos no gramado do *Campus Darcy Ribeiro*. Maio de 2018**  
Fotografia Secom UnB

Para efetivar-se como espaço adequado às dinâmicas da universidade, o *campus* deve proporcionar áreas de sociabilidade, que articulem os espaços de estudo e trabalho, e que também ofereçam locais abertos às atividades espontâneas. Para Mahler (2015, p. 23), a urbanidade deve ser um ingrediente essencial ao espaço universitário. Nele, a construção das relações interpessoais deve ser promovida, tanto no que diz respeito ao espaço físico, quanto na sua finalidade de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para as transformações individuais e coletivas.

Assim os espaços do *campus* guardam um grande potencial para a integração universitária e são resultado da evolução e expansão do território universitário. Têm ainda o benefício de serem espaços abertos à experimentação, refletindo a dinâmica e a criatividade da instituição. São espaços oportunos que aparentemente não têm recebido a devida atenção.

A gestão das universidades públicas vem esbarrando em entraves de várias ordens: burocráticos, financeiros e políticos. Diante desses problemas, as questões diretamente ligadas à atividade fim, o ensino, são priorizadas, ainda que minimamente. Por outro lado, questões como manutenção predial e urbanização tornam-se secundárias. Temos observado que, mesmo em períodos em que há mais recursos para o planejamento físico e boa vontade política, são realizadas obras de modernização e construção predial, enquanto aquelas

voltadas para os espaços públicos são postergadas, comprometendo o uso e apropriação desses espaços por parte das comunidades universitárias<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> A exemplo dos recursos do REUNI, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (2007 - 2013), que no caso da UnB viabilizou novos *campi* e edifícios, que foram construídos sem urbanização adequada. Edifícios foram entregues à comunidade universitária sem calçadas, acessibilidade, iluminação pública, mobiliário, estacionamento, paisagismo etc.

## 1.4. Configuração e uso: relacionando lugar e gente

Tendo discutido anteriormente questões relativas ao lugar - território e *campus* universitário - e relativas às pessoas - a vida pública - este item propõe relacionar os dois, discutindo em conjunto a configuração física e o uso do espaço. Frederico de Holanda (2010) propõe que a arquitetura, entendida como qualquer espaço que seja utilizado por pessoas, causa efeitos sobre elas e sobre a natureza. No que tange aos efeitos sobre as pessoas, a arquitetura pode ser analisada sob diversos enfoques.

Frederico de Holanda (2015, p. 71) propõe oito aspectos da arquitetura, como sendo as diferentes dimensões pelas quais a arquitetura afeta a todos nós. São eles: o funcional, o bioclimático, o econômico e o sociológico, de caráter mais prático e instrumental, e o topoceptivo, o afetivo, o estético e o simbólico, de caráter mais expressivo. Cada uma dessas dimensões contém seus próprios códigos e trabalha com determinados atributos da configuração. Assim, um mesmo espaço pode ter um bom desempenho em relação a um aspecto e in-sucesso com outro.

### 1.4.1. O aspecto sociológico dos lugares

É sobre o aspecto sociológico que iremos nos dedicar, pois ele investiga, com uma abordagem objetiva, as relações entre a configuração e os padrões sociais de utilização do espaço. Holanda define o aspecto sociológico com as seguintes questões:

A configuração arquitetônica (vazios, cheios e suas relações) implica maneiras desejáveis de indivíduos e grupos (classes sociais, gênero, gerações etc.) localizarem-se nos lugares, de se moverem por eles e conseqüentemente condições desejadas para encontros e esquivanças interpessoais e para visibilidade do outro? O tipo, a quantidade e a localização relativa das atividades implicam desejáveis padrões de utilização dos lugares no espaço e no tempo? (HOLANDA, 2010, p. 27)

Na dimensão sociológica da arquitetura, o lugar é definido como um sistema de barreiras e permeabilidades ao movimento, e de transparências e opacidades à visão. Já a sociedade é definida como um sistema de encontros e esquivanças,

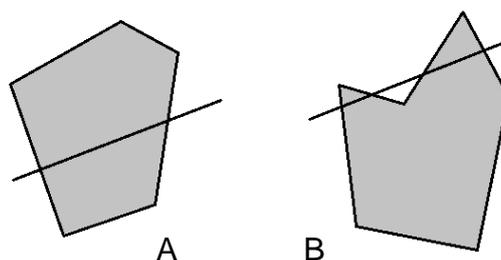
e de concentração e dispersão de pessoas, que se realizam no espaço e no tempo.

As barreiras correspondem aos cheios, elementos construídos e espaços ocupados, tais como prédios, muros, monumentos e diversos elementos paisagísticos, que impõem restrições à circulação de pessoas. Entre estes, podemos citar: árvores, arbustos, maciços vegetais, cercas vivas, canteiros, fontes, espelhos d'água, lagos, taludes, arrimos, mobiliários, equipamentos etc., que compõem o rol dos cheios. Já as permeabilidades são os vazios, os espaços não ocupados, tais como ruas, largos, praças e parques, entre outros, que possibilitam ser livremente explorados. Holanda (2015, p. 46) considera ser fácil perceber os cheios, mas “é preciso certo esforço intelectual para notar os vazios”. Os cheios são volumes, facilmente identificáveis pelos olhos. Já os vazios se formam pelos espaços entre os cheios.

É exatamente nos vazios (internos e externos) que acontecem as interações sociais. As diversas composições possíveis entre os cheios e vazios definem padrões espaciais que encontram correspondência na lógica social. Como vimos anteriormente, quadras curtas são capazes de promover melhor distribuição de pedestres, integrando mais a área e evitando que umas ruas sejam preferidas a outras. Espaços públicos para os quais poucas portas se abrem tornam-se menos interessantes, menos movimentados e mais propensos a práticas ilícitas. Espaços públicos grandes demais acabam afastando e dispersando as pessoas. Grandes lotes geram maior custo de manutenção, restringindo-se a determinados usos e a classes sociais mais favorecidas. Assim como lotes muito pequenos e ruas muito estreitas acabam por dirigir a apropriação às classes menos favorecidas. Espaços públicos para os quais poucas ruas dão acesso, tornam-se vazios, pois há menos gente passando. E muitos são os exemplos que podem ilustrar implicações de padrões espaciais na lógica social. Portanto, os cheios e vazios estão impregnados de práticas sociais (HOLLANDA, 2010).

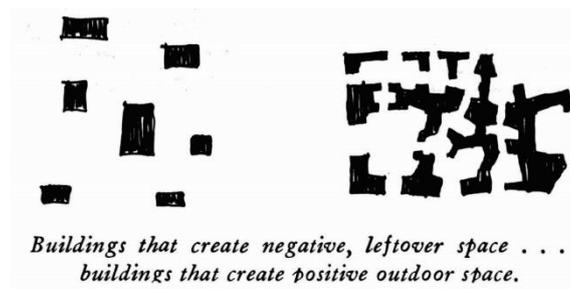
Os vazios tornam-se mais legíveis e melhor apropriados socialmente quanto mais bem definidos forem seus limites, tal como os espaços convexos descritos por Holanda (2001, p. 90), aqueles que entendemos por um “lugar” distinto,

como uma praça ou um trecho de uma rua. Percebemos intuitivamente o espaço convexo quando nos deslocamos entre dois lugares, ao adentrar uma praça ou dobrar uma esquina. É a convexidade do espaço que nos dá a escala local. Por definição os espaços convexos são aqueles em que “nenhuma linha pode ser traçada entre quaisquer dois pontos do espaço que passe por fora dele” (HILLIER; HANSON, 1984, p. 98). Quando a forma do espaço não atende à definição, perde-se o domínio visual do espaço como um todo, e tem-se a percepção de serem dois ou mais lugares (Fig. 30).



**Fig. 30** A figura A atende à condição de convexidade e a B não atende

Os espaços convexos encontram correspondência nos espaços positivos indicados por Alexander et al. (1977, p. 518), que seriam aqueles com formato bem definido, simples e íntegros. Do contrário temos os espaços negativos, residuais e de difícil legibilidade (Fig. 31).



**Fig. 31** Espaços negativos (à esquerda) e positivos (à direita) e relações figura-fundo

Fonte: Alexander et al. 1977, p. 518

Obviamente a arquitetura não é definidora absoluta dos padrões de uso e das práticas sociais. Essa seria uma visão reducionista que desconsidera inúmeras outras variáveis de caráter semântico, tais como aspectos culturais e o livre arbítrio. Mas vista pelo aspecto sintático, de sua configuração, a arquitetura exerce interferência nos padrões de ocupação social. De acordo com Holanda, é preciso reconhecer que a arquitetura oferece um “campo de possibilidades e

de restrições, possibilidades que podem (ou não) ser exploradas, restrições que podem (ou não) ser superadas” (HOLANDA, 2010, p. 32).

### 1.4.2. Teoria da Sintaxe Espacial

Na esfera da dimensão sociológica, encontra-se a Teoria da Sintaxe Espacial (SE), cujas bases foram estabelecidas por Bill Hillier e Julienne Hanson, no livro *The Social Logic of Space* (Hillier e Hanson, 1984). A teoria descreve objetivamente que “a organização espacial é função da forma de solidariedade social”. Em outras palavras, ela afirma que há uma lógica social no espaço, assim como, uma lógica espacial na sociedade.

A SE opera uma mudança paradigmática nos estudos sobre relações espaço x comportamento. Antes, eram entendidos como relações entre fenômenos distintos: o espaço era considerado a-social, e a sociedade, a-espacial, o que implicava paradoxos insuperáveis. Para a SE, a arquitetura já nasce cheia de significados e implicações sociais, e a sociedade não existe no éter, mas é, ela própria, um fenômeno espacial (HOLANDA, 2010, p. 34).

Segundo a SE, ao moverem-se no espaço, as pessoas subjetivamente escolhem caminhos. Essas escolhas recaem, na maior parte, em percursos mais cômodos, claros, curtos e acessíveis, gerando um padrão que está diretamente ligado à configuração espacial. Esses padrões de fluxos têm sido observados quantitativamente e confirmam a teoria.

Uma das principais ferramentas da SE é o mapa axial, que indica o maior ou menor nível de integração de cada parte da cidade com relação a todo o sistema (HOLANDA, 2002, p. 102). O mapa, processado em *software* específico<sup>26</sup>, pode ser visualizado em cores, onde os trechos de maior integração são representados por cores mais quentes, e os mais segregados por cores frias.

A SE tem respondido bem à compreensão dos lugares de forma global, pois a sua abordagem sistêmica relaciona cada lugar à cidade como um todo. Para a SE, “a cidade faz os lugares” (HOLANDA, 2010, p. 37), com isso o desempenho sociológico de um lugar tem forte influência de sua relação com a cidade. Por outro lado, é inegável que atributos locais do lugar são também responsáveis por seu desempenho frente a outros lugares da cidade. Ao focar nos as-

<sup>26</sup> Por exemplo, o *Depthmap*, desenvolvido pela University College London, e disponível em <http://www.spacesyntax.org/>.

pectos sintáticos, a SE deixa de fora uma gama de informações, que no âmbito local, ganham maior importância. Diante disso, Holanda sugere que se lance mão de outros recursos de pesquisa em complementação ao que a SE revela. A utilização de entrevistas, a observação dos tipos de sujeitos e atividades e a caracterização física detalhada do lugar são recursos muito úteis à pesquisa em andamento. No caso de o objeto de estudo ser um lugar em um *campus* universitário, não bastaria entender as relações entre esse lugar e o *campus*, e entre o *campus* e a metrópole em que está inserido. É indispensável a necessidade de caracterizar, da forma mais detalhada possível, o lugar em si.

### 1.4.3. Formalidade e Urbanidade

Partindo da organização espacial como função da forma de solidariedade social, há tendências nestas diferentes maneiras com que as pessoas se encontram, interagem e se integram. Elas tendem a ser orgânicas, acontecendo de forma aleatória e entre grupos variados; ou tendem a ser mecânicas, ocorrendo de forma programada e entre grupos homogêneos.

Diferentemente do esquema evolutivo proposto por Durkheim<sup>27</sup>, para quem as sociedades mais primitivas, com divisão do trabalho e integração social pouco desenvolvidas, teriam um tipo de “solidariedade mecânica”, e as sociedades mais integradas pela elaborada divisão de trabalho e interação mútua, teriam um tipo de “solidariedade orgânica”, Holanda contrapõe com exemplos das civilizações maia e hopi (2002, p. 142-143). Segundo Holanda, os maias, que foram uma civilização altamente desenvolvida, estabeleceram assentamentos humanos que, apesar de muito populosos, eram rarefeitos (solidariedade mecânica). Por outro lado, os hopis, com uma sociedade igualitária e organização de nível tribal, estabeleceram assentamentos pequenos, porém muito densos (solidariedade orgânica). Para Holanda então, os tipos de solidariedade não se referem a uma questão evolutiva ou ao número de pessoas envolvidas, mas sim a “uma dimensão estrutural de ordem social que atravessa diversos níveis de integração societal (...)” (2002, p. 143).

---

<sup>27</sup> Emile Durkheim, no livro *The Division of Labour in Society* (1964).

Assim, Frederico de Holanda (2002) sugere dois paradigmas socioespaciais, que sintetizam tendências na forma dos assentamentos humanos: os paradigmas da urbanidade e da formalidade, em que um e outro se relacionam aos tipos de solidariedade orgânica e mecânica respectivamente. Os paradigmas não se excluem um ao outro, mas posicionam os espaços em um intervalo entre as duas tendências.

As palavras 'formalidade' e 'urbanidade' são interessantes para nossos fins porque comunicam simultaneamente ideias relativas ao espaço físico – e, portanto, a padrões espaciais -, e ideias relativas a comportamentos humanos – e, portanto, à vida espacial e à vida social. (HOLANDA, 2002, p. 125).

O paradigma da formalidade se caracteriza espacialmente pela maior ocorrência de vazios do que cheios (baixa densidade), pela predominância de vazios com grandes dimensões, limites mal definidos e pouco legíveis. Caracteriza-se também pelo forte isolamento entre o interior e o exterior, pela ocorrência de espaços “cegos”, para os quais não se abrem portas, e pela ocorrência de espaços residuais, entre outras características. Formam o que o autor chama de “paisagem de objetos”.

Socialmente o paradigma da formalidade corresponde à segmentação social, à especialização, à separação entre os segmentos sociais, favorecendo a desigualdade.

Os espaços caracterizados pela formalidade ocorrem historicamente em locais cerimoniais onde há conotação de poder e autoridade fortes. Notadamente, muitos espaços produzidos pelo urbanismo moderno são exemplares genuínos da formalidade. A Esplanada dos Ministérios em Brasília é um exemplo, onde poucos edifícios pontuam isoladamente uma vasta área.

Por outro lado, o paradigma da urbanidade se manifesta pela maior ocorrência de cheios em relação aos vazios (alta densidade), pela contiguidade dos edifícios, predominância de espaços menores, com limites bem configurados, que os tornam mais legíveis enquanto espaços convexos, pela permeabilidade entre o interior e o exterior, com maior número de portas abrindo para esses espaços, e pelo menor percentual de espaços cegos, entre outras características. Temos nesse caso a “paisagem de lugares”.

Socialmente o paradigma da urbanidade se caracteriza por uma forma de solidariedade orgânica, em que há grupos grandes e heterogêneos, maior mobilidade social, favorecendo a democracia.

Como exemplo do paradigma da urbanidade, temos as cidades coloniais brasileiras e os centros históricos de muitas cidades, tais como Ouro Preto e Salvador, com seu casario contínuo, sem recuos frontais ou laterais, ruas estreitas, e praças bem delimitadas.

De acordo com Holanda (2002, p. 100), os espaços convexos menores têm sido historicamente identificados com a utilização prática, enquanto os maiores são identificados com o uso simbólico. Dessa forma, Gabriela Tenorio (2012, p. 168) conclui como desejável que as cidades disponham de mais espaços convexos menores, que atendam assim às atividades cotidianas. A mesma consideração poderia ser feita a respeito do *campus* universitário.

É interessante perceber que nos espaços produzidos pelo urbanismo moderno, com tendência à formalidade, os espaços abertos (vazios) ganham dimensões por vezes tão avantajadas, que os espaços construídos (cheios) perdem força enquanto barreiras. No âmbito do pedestre, os edifícios espaçados entre si dispersam o fluxo de pessoas, que passam a escolher seus percursos de forma mais livre, motivadas por diversas razões.

Por outro lado, nessa situação os elementos do desenho urbano se potencializam e passam a exercer uma importância ainda maior diante das inúmeras opções de caminhos e estares. As árvores, sombras, calçamento, mesas e bancos, iluminação, água, quiosques, entre outros, passam a funcionar como os principais elementos de atração, quando bem projetados. Caso contrário, vão tornar esses espaços ociosos, inseguros, e mais onerosos para o poder público.

#### **1.4.4. Relação entre *campus* e vida pública**

Na realidade do *campus* universitário, em que a integração social é desejável, seriam esperados mais espaços convexos e de menores dimensões, favorecendo assim as práticas sociais e as funções cotidianas, típicas da urbanidade.

Contrariamente, o que se observa é que os *campi*, concebidos majoritariamente segundo preceitos do urbanismo moderno, assumiram um modelo com tendência à formalidade.

É comum encontrarmos nos *campi* brasileiros, espaços livres excessivamente grandes, edifícios isolados e afastados entre si, distâncias aumentadas que induzem uso de automóvel em vez do deslocamento a pé, edifícios grandes, e com poucas portas, característicos da atividade institucional, isolando o interior do exterior e todas as características espaciais da formalidade. Além disso, há o agravante de constituírem, na maioria das vezes, territórios segregados da cidade, e assim pouco acessíveis e distantes dos centros. A apropriação social desses espaços se torna dificultada. Quanto ao aspecto social, a predominância da atividade de ensino provoca a especialização e cria uma comunidade relativamente homogênea.

Como veremos no terceiro capítulo, os casos do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro e especificamente da sua Praça Maior se encaixam na descrição do paradigma da formalidade, consideradas algumas particularidades.



## Capítulo 2 - Procedimentos metodológicos

Tendo consolidado uma base teórica acerca dos temas que perpassam a análise da Praça Maior da Universidade de Brasília, neste capítulo é apresentado o método que orienta a pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados em campo, cujos resultados são mostrados no capítulo seguinte. A pesquisa empírica se baseia no método de investigação de espaços públicos com ênfase na vida pública elaborado por Gabriela Tenorio (2012). Tendo considerado o enfoque paisagístico pretendido, verificou-se a necessidade de uma pequena adaptação em sua aplicação e neste sentido, aspectos relacionados aos elementos paisagísticos foram aprofundados.

Tenorio (2012) estruturou o método a partir do repertório existente a respeito do desenho de espaços públicos e da urbanidade, para se conhecer, avaliar e saber manipular “os principais atributos de um espaço público incidentes no seu desempenho sociológico, com vistas à obtenção da vida pública” (TENORIO, 2012, p. 180). Para isso ela organizou, compilou e encaixou de acordo com as dimensões da arquitetura, as ideias provenientes dos estudos de Jane Jacobs, Jan Gehl, Christopher Alexander, William Whyte e PPS, Allan Jacobs e Donald Appleyard, Frederico de Holanda, e o Congresso para o Novo Urbanismo, fazendo uma releitura crítica de todo esse material.

O método de Tenorio encontra apoio na Teoria da Sintaxe Espacial, que oferece uma visão de mundo que relaciona espaço e sociedade, entendendo que um exerce interferência sobre o outro. Por sua vez, o método, que tem como objeto o espaço público, busca analisar como se dão essas relações e se elas favorecem a presença e a permanência de pessoas neste ambiente.

Para obter essas respostas o método descreve etapas metodológicas e fornece o ferramental sobretudo para a pesquisa de campo. O método está estruturado em: conhecimento do objeto de estudo, levantamento da vida pública, avaliação da vida pública, avaliação do espaço público, e recomendações. No presente trabalho, a etapa de recomendações será substituída pela discussão so-

bre os achados, pois o método, desenvolvido com o objetivo prático de subsidiar intervenções em espaços públicos, assume aqui uma abordagem teórica.

Embora o método se baseie na SE, ele não se restringe à dimensão sociológica da arquitetura. De acordo com Tenorio, a existência da vida pública é influenciada pelas oito dimensões da arquitetura que, portanto, devem ser analisadas. Assim, há maior aprofundamento nas dimensões sociológica e funcional, mas as dimensões bioclimática, econômica, topoceptiva, simbólica, afetiva e estética são também mencionadas (TENORIO, 2012, p. 175).

## **2.1. Conhecimento do objeto**

### **2.1.1. Em campo**

A primeira etapa metodológica é o conhecimento do objeto de estudo, em que se deve lançar mão dos mais variados recursos, a fim de criar familiaridade ao máximo possível com o objeto. Nesse sentido, a Praça Maior foi explorada por meio de caminhadas, visitas em variados horários e períodos do ano, fotografias, participação em eventos locais, conversas com usuários, além dos relatos de professores, estudantes e funcionários conhecidos. Também foram atualizados e confeccionados mapas, reunidos artigos e publicações, além de conferidas a legislação referente ao lugar e a cidade e os dados estatísticos disponíveis.

Foram feitas ainda duas entrevistas, sendo uma presencial com o arquiteto Paulo de Melo Zimbres, ex-coordenador do CEPLAN e autor do projeto da Reitoria da UnB, e outra, por meio de *e-mail*, com o arquiteto e paisagista Sidney Schwindt Linhares, sócio de Fernando Chacel na Consultoria Ambiental Paisagística, CAP, até seu falecimento.

Ao todo foram dois anos de contato objetivo com a Praça Maior, entre 2017 e 2018, com foco nesta pesquisa. Mas o interesse pelo lugar e a experiência pessoal datam de 2009, quando passei a trabalhar no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro.

### 2.1.2. Pesquisa documental

Conforme o método, o conhecimento do objeto deve compreender também a reunião da documentação disponível. Assim, a coleta incluiu o levantamento do projeto paisagístico e dos documentos sobre a Praça Maior, como plantas, diretrizes, relatórios e contratos, levantados junto ao Centro de Planejamento Oscar Niemeyer - CEPLAN e ao Arquivo Central da Universidade de Brasília - ACE.

Incluiu também o levantamento dos diversos planos diretores do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro<sup>28</sup>, os estudos técnicos sobre o *campus* e os projetos dos edifícios situados na praça<sup>29</sup> junto ao CEPLAN e à Prefeitura da UnB. Além de outras informações e legislações relacionando o *campus* ao Plano Piloto e ao Distrito Federal<sup>30</sup>.

Foi feito o levantamento de imagens, documentos e fotografias históricas junto ao ACE; ao Arquivo Público do Distrito Federal - ArPDF; à Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília - Secom/UnB; e a jornais locais.

No conjunto da pesquisa de campo foram produzidos um levantamento fotográfico, mapas atualizados de urbanização, mapa de fluxos, mapas e planilhas comportamentais, quantificação de usuários, questionários e análises do espaço físico e dos tipos de uso da Praça Maior.

## 2.2. Levantamento da vida pública

Nessa etapa, é feito o levantamento da vida pública, adotando a observação sistemática dos sujeitos e suas atividades. Assim, foram levantados os sujeitos em termos de quantidade e diversidade, se realizavam suas atividades com

---

<sup>28</sup> Entre as fontes destacam-se o *Plano Orientador da UnB* (1962), o *Plano Diretor Físico* (1972), o documento *Ideia de Desenvolvimento Físico* (1988), o *Plano Diretor* (1989), o *Plano de trabalho do Plano Diretor Físico do Campus da UnB* (1996), o *Plano Diretor Físico* (1998), e *Campus Darcy Ribeiro: elementos do projeto urbano* (2010).

<sup>29</sup> O *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília* (2014), coletânea das edificações mais emblemáticas da UnB; *Análise Morfológica do Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília* (2006), e a *Revista Darcy*.

<sup>30</sup> *Relatório do Plano Piloto* (1957), *Brasília Revisitada* (1987) e Portarias 314 de 1992 e 166 de 2016 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, *Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília*, PPCub; no *Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade do Distrito Federal e Entorno*, PDTU/DF; e nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

facilidade ou dificuldade, e que atividades foram encontradas considerando os diferentes períodos do dia e os dias de semana. Tenorio oferece uma tabela resumo com as técnicas de levantamento da vida pública, coletadas a partir dos autores que a referenciam. Dentre essas técnicas, todas foram adotadas com exceção da filmagem e do rastreamento (Tabela 1).

**Tabela 1 Resumo de técnicas de levantamento da vida pública**

Fonte: TENORIO, 2012, p.181

Autores	Técnicas de levantamento da vida pública
<b>Jane Jacobs</b>	"observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns, tentar entender o que significam e ver se surgem explicações entre eles" (2007, p. 12-14)
<b>Jan Gehl et al.</b>	Contagem de pedestres Levantamento de atividades estacionárias Questionários
<b>Alexander et al.</b>	-
<b>William Whyte e Project for Public Spaces</b>	Filmagem em <i>time-lapse</i> Mapeamento comportamental Contagem de pedestres Rastreamento Medidas de rastros Entrevistas e questionários
<b>Allan Jacobs e Donald Appleyard</b>	-
<b>Frederico de Holanda / Sintaxe espacial</b>	Mapas de copresença
<b>Congresso para o Novo Urbanismo</b>	-

De acordo como Tenorio “qualquer uma das técnicas [...] permite focalizar o essencial, mas aquelas que se valem de contagem e registro são mais precisas” (2012, p. 181). Quanto mais sistemático o levantamento for, mais informações confiáveis ele trará.

De forma complementar, foram aplicados questionários como forma de conhecer quem são os sujeitos que vivenciam a Praça Maior, como a experimentam, o que pensam sobre o lugar, do que gostam e não gostam, e como o denominam (já que, como confirmado na pesquisa, boa parte da comunidade desconhece o nome Praça Maior). Também foram incluídas questões de imagem e abairramento, a fim de verificar regiões de menor extensão na Praça Maior, com características próprias, que possibilitassem relacionar valores peculiares para cada uma delas, a partir do posicionamento dos usuários que as vivenciam.

[...] entenda-se por abairramento a divisão da cidade em conjuntos urbanos reunidos a partir de identidade entre seus elementos formadores, a partir das relações de interdependência e similaridade entre os mesmos (BARBOSA; VIANNA, 1984, p. 141).

Mas é o trabalho de Kevin Lynch que melhor referencia o conceito de bairro. Segundo ele, a forma com que nós percebemos a cidade e suas partes pode ser agrupada em cinco elementos<sup>31</sup>, dos quais uma é o bairro. Sua abordagem é feita a partir de conceitos que enfatizam características visuais da cidade. A *legibilidade* é “a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente” (LYNCH, 1997, p. 3). É um conceito importante, pois a clareza com que as pessoas apreendem mentalmente as partes da cidade colabora para que fiquem mais à vontade ao utilizá-la, afinal, ninguém se sente bem, estando desorientado. Outro conceito é o da *imaginabilidade*, definido como: a característica de um objeto físico altamente capaz de evocar uma imagem forte no observador, qualquer que seja. Características como forma, cor ou disposição, que criam imagens mentais nitidamente identificadas e estruturadas e extremamente úteis do ambiente (LYNCH, 1997, p. 11). Este conceito é igualmente importante, já que possibilita haver referências marcantes nos lugares. Os dois conceitos nas respostas dos questionários.

Para Lynch (1997, p. 74), “os bairros são áreas relativamente grandes da cidade, nas quais o observador pode penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum”. Essas características físicas são continuidades temáticas que se apresentam como uma homogeneidade percebida em certa parte da cidade, que permite diferenciá-la de outra qualquer. Podemos listar entre essas características, uma infinita variedade de componentes como: textura, espaço, forma, detalhe, topografia, linha do horizonte, tipo de construção, estado de conservação, usos, atividades, sujeitos etc. Note-se que o conceito de bairro para Lynch utiliza um critério visual, bastante diferente do critério administrativo tradicional de bairro utilizado no Brasil. O conceito de bairro, segundo Lynch, possibilitou investigar a imagem que os sujeitos têm da Praça Maior, se a diferenciam dos demais espaços do *campus*, e se percebem suas partes distintamente.

---

<sup>31</sup> Os cinco elementos que compõem a imagem da cidade, segundo Lynch são: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

O modelo do questionário utilizado consta no Anexo 1.

### **2.3. Avaliação da vida pública**

Na terceira etapa é feita a avaliação da vida pública, partindo do princípio que um espaço bem-sucedido é aquele que tem gente variada, realizando atividades sem dificuldade e permanecendo mais tempo no local. São definidos para isso itens de verificação, referentes às pessoas e às atividades.

Tenorio explica que a avaliação é feita por meio de variáveis relacionadas aos sujeitos e às atividades, reunidas em itens de verificação. Para facilitar a verificação, o método oferece tabelas relacionando as variáveis aos seus atributos, apresentados em uma gradação de cinco níveis, indo dos indesejáveis/inaceitáveis (em vermelho) aos desejáveis/ideais (em verde), de forma a simplificar o processo de coleta e a visualização do resultado. Alguns itens não têm gradação, e são estruturados como listas de verificação. As tabelas são apresentadas tais como formuladas por Tenorio, mas em sua aplicação, no capítulo 4, foram acrescentadas observações com a finalidade de não excluir particularidades e não simplificar excessivamente a discussão, bem como foram acrescentados itens de avaliação, como colaboração ao método.

### 2.3.1. Sujeitos

1	número de pessoas		não há ninguém				o lugar está cheio de gente				
2	variedade de pessoas	2.1	equilíbrio de gênero	muito desequilibrado				muito equilibrado			
		2.2	variedade de faixas etárias	não há variedade				há grande variedade			
		2.3	variedade de classes sociais	não há variedade				há grande variedade			
		2.4	predominância de grupos	há predominância de grupos				não há predominância de grupos			
				grupos:							
3	distribuição das pessoas no tempo		péssima distribuição das pessoas no tempo				ótima distribuição das pessoas no tempo				

### 2.3.2. Atividades

4	passagem		não há gente passando				há muita gente passando				
5	permanência	5.1	número	não há gente permanecendo				há muita gente permanecendo			
		5.2	duração	as pessoas permanecem por muito pouco tempo				as pessoas permanecem por um longo tempo			
6	encontros	6.1	ocorrência	não há gente se encontrando				há muita gente se encontrando			
		6.2	tipo	[ ] os encontros são casuais				[ ] os encontros são programados			
7	manutenção e vigilância	7.1	ocorrência	não há gente mantendo/vigiando o lugar				há muita gente mantendo/vigiando o lugar			
		7.2	tipo	[ ] o local é mantido/vigiado por pessoas contratadas para isso				[ ] há indício de manutenção voluntária/vigilância informal			
8	demais atividades	8.1	número	não há atividades ocorrendo				há muitas atividades ocorrendo			
		8.2	origem	[ ] há atividades ocorrendo no próprio lugar				[ ] há atividades ocorrendo nas fronteiras do lugar			
		8.3	tipo	[ ] há presença de atividades passivas				[ ] há pessoas observando outras			
				[ ] há pessoas aproveitando os efeitos positivos do clima, descansando, dormindo				listar/descrever as atividades passivas:			
				[ ] há presença de atividades ativas				[ ] há pessoas interagindo			
				[ ] há pessoas demonstrando afeto e alegria				listar/descrever as atividades ativas:			

## 2.4. Avaliação do espaço público

De acordo com Tenorio, após a avaliação da vida pública já é possível saber se o espaço é ou não bem-sucedido. Sendo qual for o resultado, deve ser feita a avaliação do espaço público, para entender por que razões o lugar é ou não bem-sucedido.

Os elementos de configuração do espaço são avaliados em seus atributos globais, relacionando o lugar à cidade, e em seus atributos locais, relacionando as características do próprio lugar, incidentes em seu desempenho sociológico.

Os atributos globais possibilitam investigar o lugar com uma “visão mais abrangente para perceber que a estrutura da cidade e de suas partes afeta a urbanidade no nível local” (TENORIO, 2012, p. 189). Já os atributos locais possibilitam analisar o lugar em si.

O método enfatiza as dimensões sociológica e funcional, entretanto, conforme sugestão de Gabriela Tenorio:

Caberia, no entanto, trabalhar suas categorias de análise de acordo com seu corpo teórico próprio para alcançar plenamente os objetivos propostos (TENORIO, 2012, p. 192).

Portanto, neste trabalho, em que é dada ênfase aos aspectos paisagísticos do lugar, além dos aspectos contemplados nas tabelas de Tenorio, são feitas observações direcionadas aos aspectos paisagísticos. Além disso, são acrescentadas contribuições aos atributos locais de configuração. Aqui, as tabelas são apresentadas em seu formato original, e no capítulo 4 são mostradas as adições.

## 2.4.1. Atributos globais

9	espaço livre público	9.1	quantidade	o percentual de espaço livre público sobre a área total é muito grande	o percentual de espaço livre público sobre a área total é muito pequeno
		9.2	dimensões	o tamanho médio dos espaços convexos não é consoante com o papel da área no contexto da cidade	o tamanho médio dos espaços convexos é consoante com o papel da área no contexto da cidade
10	integração global			o lugar é mal irrigado por linhas integradas	o lugar é bem irrigado por linhas integradas
11	Atividades	11.1	variedade	não há variedade de atividades	há muita variedade de atividades
		11.2	distribuição	atividades estão mal distribuídas	atividades estão bem distribuídas
		11.3	complementaridade	as atividades não se complementam	as atividades se complementam muito bem
		11.4	distribuição temporal	há péssima distribuição das atividades no tempo	há ótima distribuição das atividades no tempo
12	Habitação	12.1	variedade	há muito pouca variedade de tipos edifícios	há grande variedade de tipos edifícios
		12.2	distribuição	os tipos edifícios estão muito mal distribuídas	os tipos edifícios estão muito bem distribuídas
		12.3	densidade	não há densidade suficiente para assegurar concentração de pessoas	há densidade suficiente para assegurar uma ótima concentração de pessoas
13	Mobilidade	13.1	pedestres	a área não está estruturada para atender aos pedestres	a área está muito bem estruturada para atender aos pedestres
		13.2	ciclistas	a área não está estruturada para atender aos ciclistas	a área está muito bem estruturada para atender aos ciclistas
		13.3	transporte público	a área não está estruturada para o uso do transporte público	a área está muito bem estruturada para o uso do transporte público
		13.4	transporte particular	a estrutura da área prioriza o transporte particular	a estrutura da área não prioriza o transporte particular

## 2.4.2. Atributos locais

14	localização	14.1	com relação à integração global	o lugar está distante de uma linha integrada	o lugar está próximo de uma linha integrada
		14.2	com relação à integração local	o lugar está distante de uma linha integrada	o lugar está próximo de uma linha integrada
15	limites e dimensões	15.1	clareza dos limites	os limites do lugar não estão claros	os limites do lugar estão muito claros
		15.2	contiguidade dos limites	os limites do lugar têm baixa contiguidade	os limites do lugar têm alta contiguidade
		15.3	separação público/privado	a separação público/privado não é clara	a separação público/privado é clara
		15.4	dimensões	o tamanho do lugar não é condizente com suas características	o tamanho do lugar é condizente com suas características
16	tipos edifícios		não há variedade de tipos edifícios	há grande variedade de tipos edifícios	
17	portas e janelas	17.1	espaços convexos cegos	a proporção de espaços convexos cegos é muito alta	não há espaços convexos cegos
		17.2	número de portas	não há portas abrindo para o lugar	há muitas portas abrindo para o lugar
		17.3	relação público/privado	todas as relações público/privado são indiretas	todas as relações público/privado são diretas
		17.4	fronteiras suaves	não há presença de fronteiras suaves	há grande presença de fronteiras suaves
		17.5	janelas	não há janelas voltadas para o lugar	há muitas janelas voltadas para o lugar
18	piso		o lugar não está no nível do solo	o lugar está no nível do solo	
19	acesso e circulação	19.1	acesso por transporte público	o lugar não é acessível por transporte público	o lugar é facilmente acessível por transporte público
		19.2	acesso por pedestres e ciclistas	o lugar não é acessível por pedestres e ciclistas	o lugar é facilmente acessível por pedestres e ciclistas
		19.3	conexões	o lugar não se conecta adequadamente com seus limites	o lugar se conecta adequadamente com seus limites
		19.4	circulação	o lugar tem obstáculos ou barreiras e não atende aos requisitos de acessibilidade	o lugar não tem obstáculos ou barreiras e atende aos requisitos de acessibilidade
20	atividades nos limites e arredores do	20.1	variedade	não há variedade de atividades	há grande variedade de atividades
[ ] há presença de moradias					

	<b>lugar</b>			[ ] há <b>pouca</b> presença de estabelecimentos que comercializem comida listar/descrever as atividades existentes:
		<b>20.2</b>	<b>distribuição espacial</b>	as atividades estão mal distribuídas <span style="float: right;">as atividades estão bem distribuídas</span>
		<b>20.3</b>	<b>complementaridade</b>	as atividades não se complementam <span style="float: right;">as atividades se complementam muito bem</span>
		<b>20.4</b>	<b>distribuição temporal</b>	há péssima distribuição das atividades no tempo <span style="float: right;">há ótima distribuição das atividades no tempo</span>
<b>21</b>	<b>atividades no lugar</b>	<b>21.1</b>	<b>variedade</b>	não há variada oferta de atividades <span style="float: right;">há variada oferta de atividades</span>
				[ ] há locais para sentar [ ] os locais para sentar são <b>poucos</b> [ ] os locais para sentar são <b>pouco</b> variados
				[ ] há bancas e quiosques que comercializem comida [ ] há presença de elementos com água (fontes, espelhos) [ ] os elementos com água são <b>pouco</b> acessíveis [ ] há espaço para atividades improvisadas ou programadas [ ] o espaço oferece apoio às atividades identificadas no levantamento listar/descrever as demais atividades existentes:
		<b>21.2</b>	<b>distribuição espacial</b>	as atividades estão mal distribuídas <span style="float: right;">as atividades estão bem distribuídas</span>
		<b>21.3</b>	<b>complementaridade</b>	as atividades não se complementam <span style="float: right;">as atividades se complementam muito bem</span>
		<b>21.4</b>	<b>distribuição temporal</b>	há péssima distribuição das atividades no tempo <span style="float: right;">há ótima distribuição das atividades no tempo</span>
<b>22</b>	<b>conforto</b>	<b>21.1</b>	<b>higrotérmico</b>	o lugar tem péssimo desempenho <span style="float: right;">o lugar tem ótimo desempenho</span>
		<b>21.2</b>	<b>luminoso</b>	o lugar tem péssimo desempenho <span style="float: right;">o lugar tem ótimo desempenho</span>
				[ ] o lugar é <b>mal</b> iluminado à noite
		<b>21.3</b>	<b>sonoro</b>	o lugar tem péssimo desempenho <span style="float: right;">o lugar tem ótimo desempenho</span>
<b>21.4</b>	<b>qualidade do ar</b>	o lugar tem péssimo desempenho <span style="float: right;">o lugar tem ótimo desempenho</span>		
<b>23</b>	<b>custos</b>	<b>23.1</b>	<b>implantação</b>	os custos de implantação do lugar são muito altos <span style="float: right;">os custos de implantação do lugar são muito baixos</span>
		<b>23.2</b>	<b>manutenção</b>	os custos de manutenção do lugar são muito altos <span style="float: right;">os custos de manutenção do lugar são muito baixos</span>
<b>24</b>	<b>Orientabilidade e identificabilidade</b>	<b>24.1</b>	<b>orientabilidade</b>	é difícil orientarmo-nos nele <span style="float: right;">é fácil orientarmo-nos nele</span>
		<b>24.2</b>	<b>identificabilidade</b>	o lugar tem fraca identidade <span style="float: right;">o lugar tem forte identidade</span>
<b>25</b>	<b>significado e simbolização</b>	<b>25.1</b>	<b>significado</b>	o lugar não contém elementos que remetem a valores, ideias, história etc. caros à sua população <span style="float: right;">o lugar contém elementos que remetem a valores, ideias, história etc. caros à sua população</span>
		<b>25.2</b>	<b>simbolização</b>	o lugar não contém elementos que o façam <i>memorável</i> . <span style="float: right;">o lugar contém elementos que o façam <i>memorável</i>.</span>

26	Afetos		o lugar evoca afetos negativos		o lugar evoca afetos positivos		
			[ ] o lugar traz sensação de segurança				
			[ ] o lugar traz sensação de que alguém zela por ele				
			[ ] o lugar traz sensação de pertencimento				
27	beleza e conservação/manutenção	27.1	beleza do lugar	o lugar como um todo é feio		o lugar como um todo é belo	
		27.2	beleza dos seus elementos constituintes	os elementos constituintes do lugar são feios/mal desenhados		os elementos constituintes do lugar são belos/bem desenhados	
		27.3	conservação/manutenção	o lugar e seus elementos se encontram em péssimo estado de conservação/manutenção		o lugar e seus elementos se encontram em ótimo estado de conservação/manutenção	

## Capítulo 3 – O contexto físico da Praça Maior

### 3.1. Brasília, cidade parque

Brasília é uma cidade singular e sua originalidade lhe confere o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Lucio Costa, embebido pelas ideias modernistas então em voga, desenvolveu um plano urbanístico para a capital que em muito supera seu próprio arcabouço teórico, delineado na *Carta de Atenas*<sup>32</sup>, e que a torna o mais significativo expoente do urbanismo moderno.

Brasília pode ser definida por meio das quatro escalas urbanas propostas por Lucio Costa (Fig. 32). A escala monumental qualifica Brasília como capital nacional e está representada no eixo reto do plano, ao longo do qual se localizam os edifícios do governo nacional e local. A escala residencial define uma nova forma de habitar e está presente ao longo do eixo curvo que cruza o primeiro, no qual ficam simetricamente dispostas as superquadras. A escala gregária reúne os setores centrais da cidade e fica representada pela interseção dos dois eixos e por suas imediações. São as escalas e suas interações que conferem fisionomias próprias às partes do Plano Piloto, em consonância com o conceito de bairro de Lynch (1997). Por sua vez, a escala bucólica ganha destaque: além de garantir a predominância dos elementos naturais na paisagem urbana, é ela que promove a integração entre as demais escalas. Lucio Costa (1995) acreditava que “urbanizar consiste em levar um pouco da cidade para o campo e trazer um pouco do campo para dentro da cidade”. Dessa forma, fez de Brasília uma cidade parque.

---

<sup>32</sup> O documento foi resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em Atenas em 1933, com redação final de Le Corbusier.



**Fig. 32 Mapa das escalas predominantes**  
 (azul/ monumental, amarelo/ residencial, vermelho/ gregária, verde/ bucólica)  
 Fonte: SUPLAN/ SEDUMA

Alguns antecedentes marcaram a concepção de Brasília nesse sentido. De acordo com Sylvia Ficher e Pedro Paulo Palazzo (2005, p. 49), a urbanística proposta pela *Carta de Atenas* contém paradigmas que em meados do séc. XX serviram como repertório teórico, que foi legítima e largamente empregado ao redor do mundo, inclusive no desenho urbano de Brasília.

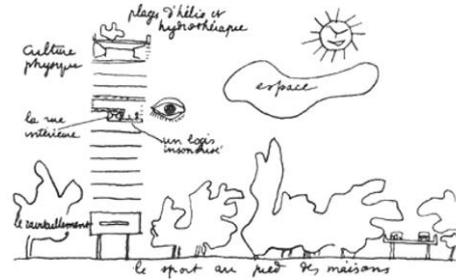
Um deles é o da cidade-jardim, proposta por Ebenezer Howard em 1898, que constituía um esquema teórico de cidade, com dimensão limitada por um cinturão agrícola, e com um grande percentual de áreas verdes, características incomuns à época (Fig. 33). A teoria foi sistematizada no livro *Cidades-jardins de Amanhã* como uma alternativa aos problemas das cidades e à falta de atrativos do campo, condensando as vantagens de um e de outro (CHOAY, 1997, p. 221).

Já a *Carta de Atenas* (1933) foi o manifesto definidor dos princípios urbanísticos modernos, que traçava diretrizes para o planejamento de cidades mais salubres e funcionais. Segundo ela, a qualidade de vida urbana está relacionada à proximidade do homem com a natureza, em que o sol, a vegetação e o espaço livre são “as três matérias-primas do urbanismo” (CIAM, 1933, p. 07) (Fig. 34). Segundo o documento, as superfícies verdes devem ser abundantes e têm um papel útil como espaço coletivo, não servindo meramente para fins de embelezamento.



**Fig. 33 Letchworth, a primeira Cidade-Jardim construída**

Fonte: hertfordshire-genealogy



**Fig. 34 Croqui de Le Corbusier para moradia exposta ao verde e ao céu**

Fonte: Pinterest

Assim, Brasília, a cidade parque, foi concebida com um extraordinário caráter público dos espaços no nível do solo, destacando o paisagismo (Fig. 35). O bucólico seria “O *facies* diferenciador da capital em relação às demais cidades brasileiras [...]” (COSTA, 1995). De acordo com Botelho (2009), a escala bucólica é a que melhor traduz o espírito da concepção urbanística de Brasília. Para ela, a abordagem paisagística constitui um instrumento de projeto, pois determina a constituição dos espaços livres e das massas construídas, proporcionando ritmo e harmonia ao projeto urbano (BOTELHO, 2009, p. 94).



**Fig. 35 Brasília, cidade parque. Esquerda, Eixo Monumental. Direita, Eixo Residencial.**  
Fotografia Joana França

Fonte: Archdaily.com

A escala bucólica é observada na predominância dos espaços livres sobre os construídos, na horizontalidade da paisagem, nas baixas densidades e na amplitude visual. São elementos característicos dessa escala, as áreas livres gramadas, ajardinadas e arborizadas, as áreas remanescentes da vegetação nati-

va, a margem oeste do Lago Paranoá, e o conjunto de parques e áreas públicas de preservação ambiental. Daí podem se observar duas abordagens para o tratamento das áreas livres de Brasília. O naturalismo está presente nas áreas remanescentes, principalmente nas bordas do Lago Paranoá, parques e as áreas de preservação. Mas é o formalismo que caracteriza as áreas tratadas. Ainda que os principais documentos sobre o Conjunto Urbanístico de Brasília - CUB<sup>33</sup> mencionem a “forma de bosque” como modelo de arborização, todo o processo de implantação da cidade, incluindo suas áreas livres, foi feito a partir da ideia da tabula rasa, ao gosto da modernidade. Nesse processo, o relevo natural era inteiramente remodelado e retirada toda a vegetação nativa por meio de grandes movimentações de terra, para então ser feita nova arborização.

Dada a importância da escala bucólica para o caráter de cidade parque, todas as áreas livres abrangidas pelo CUB são protegidas por lei (IPHAN, 1992). Dessa forma, as áreas cobertas pelo cerrado natural devem ser mantidas, e as urbanizadas devem receber tratamento paisagístico.

Ainda que a escala bucólica se manifeste em todo o Plano Piloto (em todos os espaços livres), é na orla do lago e no conjunto de parques que ela está mais fortemente assinalada. O lago se destaca como elemento de composição urbana, paisagística e de proteção ambiental. O Relatório do Plano Piloto previa para a orla um tipo de ocupação que preservasse uma feição naturalista e rústica, com bosques e campos para os “passeios e amenidades bucólicas” de toda população (COSTA, 1957)<sup>34</sup>.

É justamente na área próxima ao lago, entre ele e a Asa Norte, que se localiza o *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, que fica, portanto, inserido na escala bucólica. Por esta razão, o *campus* deve atender às determinações desta escala, para a qual fundamentalmente deve ser mantida a predominância dos espaços livres sobre os espaços construídos (IPHAN, 2016, p. 04). Além disso, a altura das edificações fica limitada a quinze metros e são vedados grades, cer-

---

<sup>33</sup> Tanto no Relatório do Plano Piloto, quanto nas Portarias de preservação do IPHAN.

<sup>34</sup> Infelizmente o caráter público pretendido para a orla não se efetivou. O acesso ao lago é em grande parte privatizado. O que seria exceção, como a instalação de clubes, acabou tornando-se regra (HOLANDA, 2010). Apenas recentemente o governo local demonstrou interesse em reverter a situação e retomar as áreas invadidas, abrindo em 2017 um Concurso Internacional para o Plano Urbanístico de Ocupação da Orla do Lago Paranoá.

cas, aterros, construções privadas no lago e margens, além de redes aéreas de infraestrutura, para fazer prevalecer o caráter bucólico de toda a área (IPHAN, 2016, p. 15)<sup>35</sup>.

Inserida neste contexto, e localizada no centro do *campus*, está a Praça Maior da Universidade de Brasília.

### 3.2. A Universidade de Brasília

As histórias da Universidade de Brasília e da nova capital estão intimamente ligadas. No Plano Piloto de Brasília já estava prevista a localização de uma universidade<sup>36</sup> (Fig. 36). De acordo com Maria Elaine Kohlsdorf (2006, p. 15), “Lucio Costa acreditava que Brasília deveria apresentar-se como um polo de irradiação cultural por meio de uma universidade”. Ainda na fundação da capital, em 21 de abril de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek enviou a proposta de criação da universidade ao Congresso Nacional, e no ano seguinte o então presidente João Goulart autorizou sua criação. A universidade iniciaria seus trabalhos exatamente dois anos depois da fundação da cidade, enquanto seu *campus* estava sendo construído<sup>37</sup>.

O momento se mostrava propício à instituição da universidade, pois a sociedade brasileira discutia os problemas do ensino superior e a criação de um novo modelo.

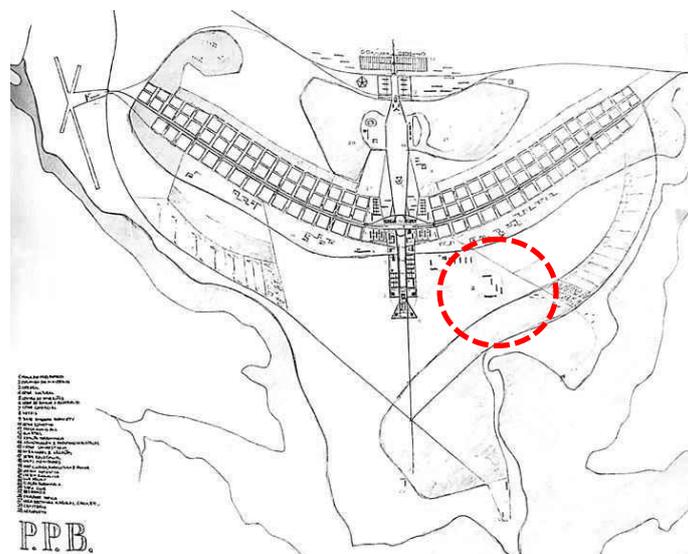
Para Darcy Ribeiro, a criação de uma universidade na nova capital configurava-se em uma oportunidade extraordinária para reavaliar a estrutura obsoleta das universidades brasileiras, criando uma instituição de ensino superior capaz de abarcar todo o saber humano e que estivesse a serviço do desenvolvimento nacional (SCHLEE *et al.*, 2014, p.17).

---

<sup>35</sup> De acordo com a Portaria 166 de 2016, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, a Área de Preservação 3 da ZP2A corresponde ao *Campus* Universitário Darcy Ribeiro e ao Centro Olímpico da UnB.

<sup>36</sup> A Cidade Universitária foi mencionada ainda no Relatório do Plano Piloto (item 9). Sua localização, inicialmente muito próxima do Eixo Monumental (ao lado do Setor Cultural Norte), encontrou resistência por parte de grupos civis, religiosos e políticos, que “temiam a presença inquietada e politizada dos estudantes muito próxima às instituições públicas” (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 19). A doação da gleba na Vargem Bonita (Fazenda Água Limpa da UnB) pela NOVACAP teria sido feita com intenção de que lá se construísse o *campus*. Apesar da resistência, a localização final ficou próxima da prevista no Plano Piloto.

<sup>37</sup> Inicialmente as aulas foram ministradas em um dos edifícios da Esplanada dos Ministérios (KOHLSDORF, 2006, p. 18).



**Fig. 36 Adaptado do Plano Piloto de Brasília com destaque para a localização da Cidade Universitária**

Fonte: Vitruvius.com

Na luta pela criação da UnB destaca-se o trabalho de seus idealizadores, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Um planejou o modelo pedagógico e, o outro definiu as bases da instituição. Pretendia-se, entre outras coisas, que a universidade assegurasse a Brasília a categoria intelectual necessária a uma capital, que garantisse a capacidade de interação com os principais centros culturais do país, e que desse à população uma perspectiva cultural libertando-a do risco de tornar-se provinciana em meio ao cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo (KOHLSDORF, 2006). A capacidade investida na UnB para renovar o ensino superior brasileiro se confirmou quando a reforma universitária de 1968 foi inspirada em seu modelo.

O projeto definia que a universidade fosse estruturada por três tipos de órgãos: os institutos centrais, desdobrados em faculdades, e os órgãos complementares. O sistema de cursos-tronco<sup>38</sup> evitava a multiplicação de instalações e proporcionava a integração desejada. Assim, surgia no país uma universidade inteiramente nova, tanto do ponto de vista conceitual, quanto em relação à estrutura espacial.

<sup>38</sup> Os anos iniciais com as disciplinas comuns a vários cursos eram realizados nos institutos centrais, e os anos finais, com disciplinas específicas seriam cursados nas faculdades.

A UnB se expandiu bastante desde sua criação, sobretudo a partir da década de 2000, com o advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI<sup>39</sup>. Com ele a UnB dobrou o número de alunos e ampliou a oferta de cursos. Além disso, tornou-se *multi-campi* em 2006, quando foi inaugurada a Faculdade UnB Planaltina, e as Faculdades de Ceilândia (2008) e do Gama (2011), todas fora do Plano Piloto, num gesto de incentivo a novos polos científicos comprometidos com a região (SCHLEE *et al.*, 2014).

Cada um dos novos *campi* tem sua vocação: o *Campus* Planaltina atua nas áreas de ciências naturais e agrárias, Gama é especializado em engenharias, e Ceilândia em cursos de saúde. A universidade conta ainda com unidades dispersas, entre as quais se destacam a Fazenda Água Limpa e o Hospital da Universidade de Brasília - HUB.

Marcada desde o início pelo ideal de renovação em contraposição ao modelo tradicional da universidade brasileira, a UnB continua investindo em seu papel transformador e sendo uma das principais referências acadêmicas nacionais. Segue sendo também a maior instituição de ensino superior do Distrito Federal e a única pública.

### **3.3. O *Campus* Universitário Darcy Ribeiro**

#### **3.3.1. Evolução da estrutura física**

Lucio Costa propôs o primeiro plano de ocupação da universidade, segundo moldes muito semelhantes aos da concepção de Brasília, adotando o que entendemos por paradigma da formalidade. A proposta urbanística para a universidade deixava livre a maior parte da gleba como um “vasto parque aberto à população” (Fig. 37). E mesmo tendo se consolidado de forma diferente da proposta original, o *campus* preservou muitas das características desse plano, em que se destacam a dispersão e o caráter bucólico, tendo se tornado uma cidade parque dentro da cidade parque.

---

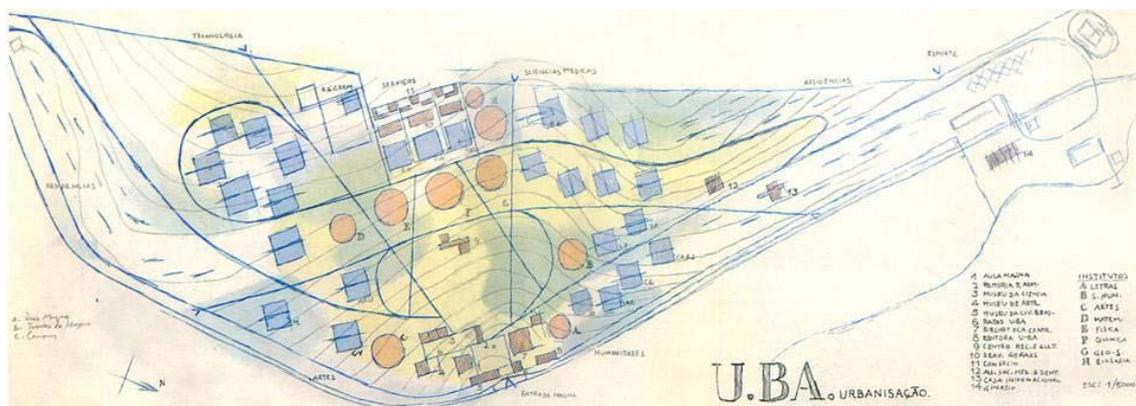
<sup>39</sup> O programa REUNI foi iniciado em 2003 pelo governo federal, e tinha como objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

Um dos característicos mais nobres do plano de Lucio Costa para a Universidade de Brasília é o de deixar livre todo o conjunto dos terrenos como um vasto parque aberto à população e que será tratado, paisagisticamente, com o cuidado de preservar a beleza da vegetação original, enriquecendo-a através do destaque de cada gênero florístico, mediante sua concentração em uma área especial.

Para obter esse efeito, cada conjunto de Faculdades, Institutos ou Serviços Complementares será confinado numa quadra bem definida e perfeitamente urbanizada, à qual se tem acesso a partir das vias principais. Dentro das quadras assim conformadas, serão compostos os diversos edifícios alternadamente com jardins, de modo que cada unidade adquira expressão própria e autônoma, dando aos que nela trabalham o sentimento de que vivem numa comunidade ordenada, mas permitindo que ao sair reencontrem no parque geral a paisagem agreste do cerrado (UnB, 1962, p. 23).

A configuração proposta para o *campus*, além de seguir o conceito de cidade parque, revela também a influência da pedagogia de Thomas Jefferson, estabelecida na Universidade de Virginia, cujo modelo evocava “o bucolismo do meio rural, marcado pelo predomínio de extensas áreas verdes livres e grandes distâncias entre os edifícios” (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 24).

A concepção urbanística se estruturava em torno de uma vasta área gramada no centro do *campus*, ao redor da qual se distribuiriam os institutos centrais, as faculdades e os serviços complementares. A *Via da Universidade* circundava toda a área, e próxima a ela (no extremo leste) se localizava a Praça Maior, aonde iriam se concentrar os edifícios de interesse comum à Universidade e à cidade (UnB, 1962, p. 22).



**Fig. 37 Plano de Urbanização da Universidade de Brasília de Lucio Costa. Os institutos centrais (círculos vermelhos), e as faculdades (quadrados azuis)**

Fonte: UNB, 1962

O Plano Orientador da UnB evidenciava uma ideia de setorização, por meio dos conjuntos de faculdades, institutos ou serviços complementares propostos. Além disso, o plano primava pela funcionalidade ao evitar a repetição de instalações, características típicas da arquitetura moderna.

É interessante notar que, de acordo com essa proposta, o acesso principal do *campus* estaria voltado para o Lago Paranoá, “dando as costas” para a cidade. Apesar de o plano não ter sido implantado integralmente, essa questão se manteve, com alguns dos edifícios mais simbólicos construídos próximos à Via L4 Norte<sup>40</sup>, em torno da Praça Maior, e os edifícios de Serviços Gerais implantados “nos fundos” do *campus*, mais próximos à Asa Norte.

Seguiu-se uma sucessão de planos físico-espaciais e o Plano Orientador de Lucio Costa foi modificado pelo seguinte, o Plano Urbanístico de Niemeyer, que havia assumido a primeira coordenação do CEPLAN<sup>41</sup>, em 1962. Ele introduziu modificações substanciais no plano anterior, que passou a ser respeitado como um macrozoneamento (SCHLEE, 2011, p. 8), sobretudo pela implantação do Instituto Central de Ciências - ICC aglutinando cinco dos institutos previstos originalmente (Fig. 38). Antes do ICC, haviam sido construídos apenas os Serviços Gerais, a Colina Velha<sup>42</sup>, a Faculdade de Educação, e os pavilhões OCA 1 e OCA 2<sup>43</sup>. A inserção do ICC possibilitou uma verdadeira integração para o *campus*, e passou a orientar sua expansão.

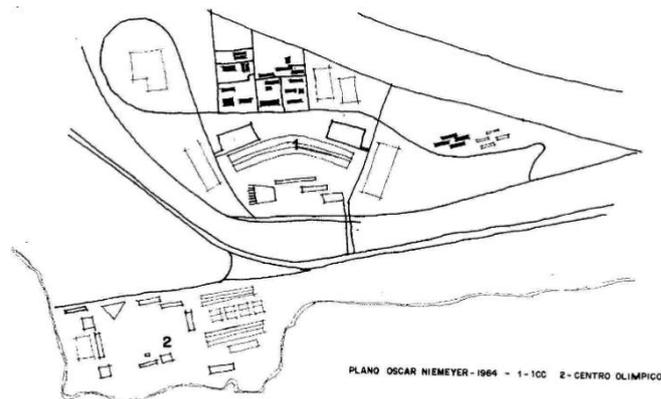
---

<sup>40</sup> Via que margeia o Lago Paranoá e tem parte do traçado semelhante ao que seria a *Via da Universidade*.

<sup>41</sup> O CEPLAN, hoje Centro de Planejamento Oscar Niemeyer, continua sendo o órgão da UnB que trata de todo o planejamento físico da Universidade de Brasília.

<sup>42</sup> Parte mais antiga do conjunto de edifícios residenciais para professores.

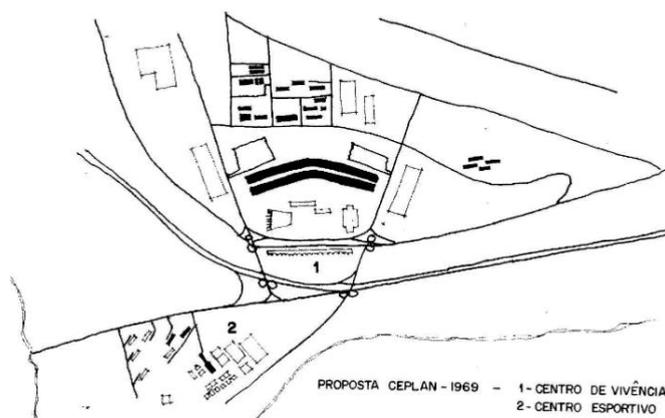
<sup>43</sup> Edificações pioneiras no *campus* que abrigaram diversas atividades, como alojamento de professores, funcionários e estudantes, além de serviços comunitários e administrativos. O OCA 1 foi destruído em um incêndio (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 26).



**Fig. 38 Plano de Oscar Niemeyer de 1962-1964 (1 – ICC e 2 – Centro Olímpico)**

Fonte: UnB, 1972

Com a alteração do plano anterior, Niemeyer propôs uma nova versão para a Praça Maior, a ser apresentada no item 3.4.1. Outra importante modificação foi a incorporação da gleba do Centro Olímpico, às margens do Lago Paranoá (UnB, 1972, p. 7).



**Fig. 39 Plano de Oscar Niemeyer de 1969 (1 – Centro de Vivência e 2 - Centro Olímpico)**

UnB, 1972

Em 1969 foi elaborado o projeto da Biblioteca Central, que seria o primeiro edifício construído na Praça Maior. Também foi proposta a implantação de um Centro de Vivência da Universidade como complementação da praça (Fig. 39), abrigando os serviços comunitários que, entretanto, não foi levado adiante (UnB, 1972).

Em 1971 a Administração decidiu construir o Restaurante Universitário, o que provocou um debate ocasionando a revisão da localização do Centro de Vivên-

cia (que incluía o Restaurante) na Praça Maior. Esta passou a ser chamada de Praça Central, e deveria tornar-se:

O centro gravitacional da vida no *campus* [...] promovendo, naquele sítio, um verdadeiro “coração” da vida universitária, polo principal do *Campus*, capaz de promover os diversos níveis de encontro, quer para uso cotidiano, como para os acontecimentos mais expressivos e raros, atingindo toda a comunidade do DF (UnB, 1972, p. 8).

Entretanto, por decisão arbitrária da administração da UnB, o Restaurante Universitário, considerado um equipamento incompatível, foi deslocado para a área a oeste do ICC (UnB, 1988). A administração, sob intervenção do governo militar à época, identificava nitidamente a praça como um espaço simbólico e de poder, do qual resolveu manter afastados os espaços de vivência comunitária (UnB, 1998).

À época, criticou-se a criação dessa dicotomia entre um eixo de ensino e pesquisa (ao longo da Praça Maior) e um “eixo de vivência” – inesperado, ante os estudos anteriores, entre o ICC e os Serviços Gerais – SGs (UnB, 1998, p. 16).

Assim, deu-se início a um processo dicotômico, em que acabou se configurando um espaço mais gregário de vivência universitária a oeste do ICC, e um espaço, denominado então de Praça Maior, a leste do ICC, destinado aos acontecimentos mais importantes da Universidade. Nesse contexto foi iniciado o projeto paisagístico de Fernando Chacel, que englobou toda a poligonal em torno do ICC, mais adjacências, com o ICC funcionando parcialmente, a Biblioteca Central quase concluída e a Reitoria e o Restaurante iniciando construção (UnB, 1972, p. 18).

Outros planos urbanísticos foram elaborados, sempre revendo a estruturação do *campus*, ao passo em que ele foi gradualmente sendo ocupado. O plano em vigor é ainda o Plano Diretor Físico de 1998. As sucessivas modificações impostas à ideia original de Lucio Costa resultaram em um *campus* bastante diferente, sobretudo pela inserção do ICC, integrando as atividades, mas ao mesmo tempo seccionando definitivamente a área central, em duas porções muito distintas, apesar do tratamento paisagístico conjunto. Assim, a Praça Maior ficou estabelecida como a área livre à frente (a leste) do ICC.

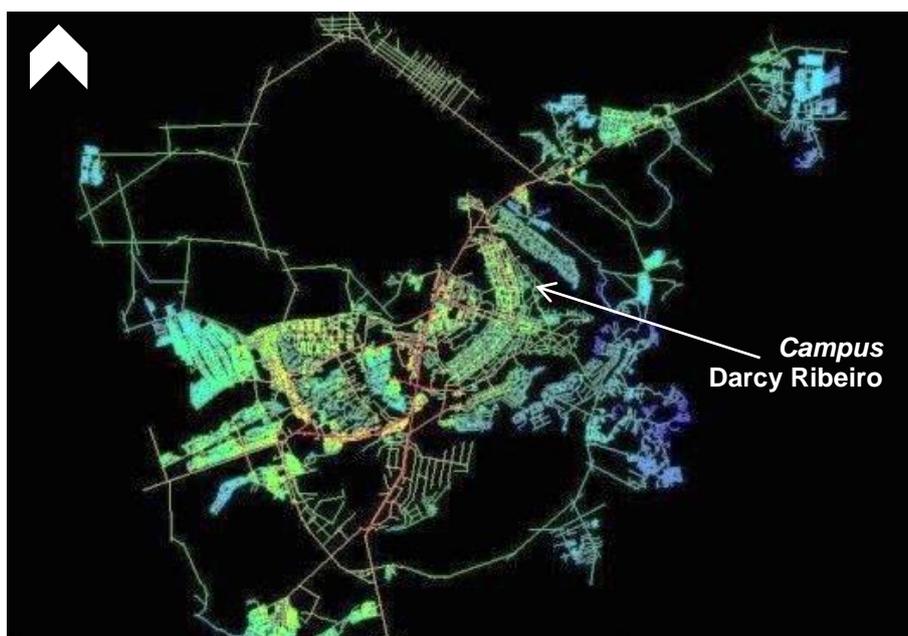
### 3.3.2. Contextualização: o *campus* e a metrópole

O mais antigo *campus* da UnB permanece sendo o principal. Além da parte basilar, onde fica a Praça Maior (Gleba A), ele conta com o Centro Olímpico (Gleba B) e a Estação Experimental de Biologia (Gleba C), totalizando cerca de 400 hectares de área, e mais de 500 mil m<sup>2</sup> de área construída (Fig. 40). Seu nome faz homenagem a seu fundador e primeiro reitor. Sua localização e dimensão são bastante privilegiadas no contexto urbano. Do ponto de vista da integração global, observada no mapa axial do DF, o *campus* representa um espaço relativamente integrado (Fig. 41). Ele está inserido no Plano Piloto, entre a Asa Norte e o Lago Paranoá, e próximo ao centro governamental da capital. Essa característica o distingue de outros *campi* universitários, que costumam ser afastados e pouco integrados aos centros urbanos. Nesse sentido, o *Campus* Universitário Darcy Ribeiro se apresenta relativamente acessível, estando próximo a vias importantes e não tendo ao seu redor cercas ou acessos controlados.

Por outro lado, quando observado no nível local, o *campus* apresenta certa segregação, principalmente com relação ao acesso do pedestre e do usuário de transporte público. As avenidas L3 Norte e L4 Norte, que separam o *campus* (Gleba A) da Asa Norte e do Setor de Clubes na orla do lago, respectivamente, são avenidas largas, com três pistas e canteiro central, sem calçadas ou servidas de calçadas descontínuas. Essas vias não são dotadas de paradas de ônibus, havendo algumas linhas que apenas passam por elas. Fora as linhas que atendem ao *campus*, uma parte dos usuários precisa se deslocar até a via L2 Norte para acessar o transporte público (Fig. 42).



**Fig. 40 Campus Universitário Darcy Ribeiro, glebas A, B e C**  
 Fonte: adaptado do Google Earth



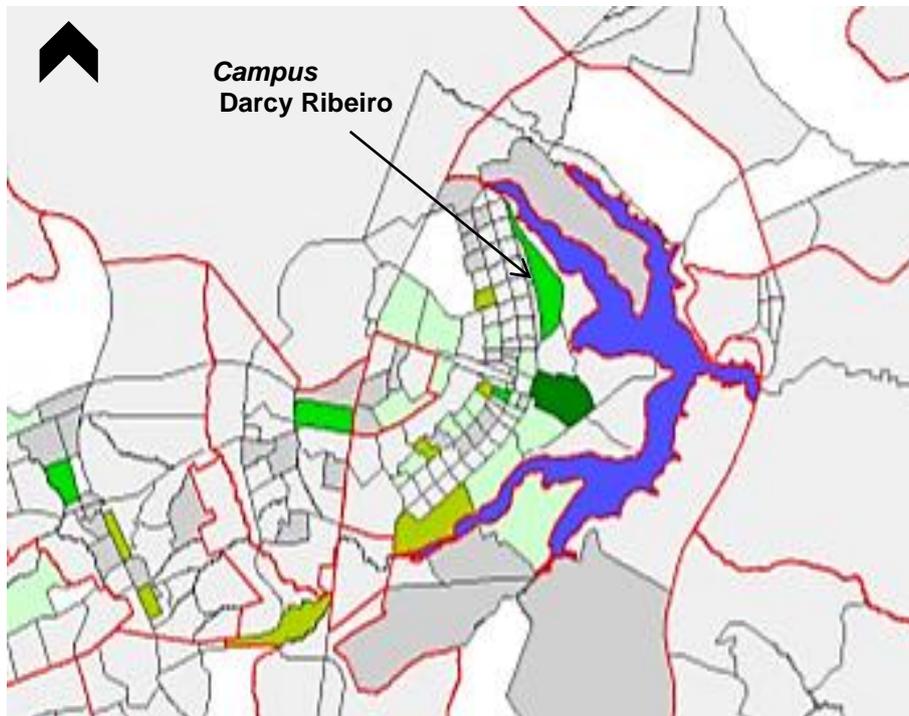
**Fig. 41 Mapa axial do Distrito Federal (integração global)**  
 Fonte: DIMPU/UnB

Entre as vias L3 e L2, há o Setor de Grandes Áreas Norte - SGAN, composto por lotes grandes, dos quais muitos são desocupados. Ele é caracterizado pelo uso institucional, e seus lotes têm frentes para as duas vias. Assim, as poucas edificações existentes “elegem” uma das vias como acesso. Como a L2 é mais consolidada, próxima ao comércio e servida de transporte público, ela é priorizada, causando o esvaziamento da L3, mais próxima do *campus*.

Do lado oposto, a Via L4 é de alta velocidade (80 km/h), e os clubes têm atividade predominante nos finais de semana, o que diminui ainda mais o movimento cotidiano de pedestres no local.



**Fig. 42** *Campus Universitário Darcy Ribeiro e vizinhança*  
Fonte: adaptado do Google Earth



**Fig. 43** *Total de viagens atraídas nas zonas de tráfego do DF. Ano base 2009*  
Fonte: PDTU-DF

Ao norte e ao sul existem grandes extensões desocupadas do *campus*. A partir da imagem aérea, verifica-se uma descontinuidade da malha urbana entre a área edificada do *campus* e as áreas edificadas do Plano Piloto. A própria extensão do *campus* contribui para a isso. Um pedestre precisa caminhar cerca de 1,15 km entre o ICC e o comércio mais próximo, nas quadras 400.

O *campus* oferece uma grande variedade de cursos e centraliza os principais órgãos da instituição. Por isso, entre seus usuários, encontram-se pessoas advindas de todas as Regiões Administrativas<sup>44</sup> e Região do Entorno<sup>45</sup>. Com uma população estimada em mais de mais de 50 mil pessoas, o *campus* provoca uma grande afluência populacional. Segundo dados do PDTU-DF<sup>46</sup>, ele é o segundo principal polo de atração de viagens da metrópole<sup>47</sup>, perdendo apenas para a região central da cidade (Fig. 43). O dado nos dá uma noção da sua importância com relação à metrópole e da dinâmica urbana que o envolve.

Mesmo havendo dois núcleos habitacionais no território do *campus*, a maior parte da comunidade acadêmica reside em outros locais da metrópole. Estima-se que 360 alunos de graduação residam na Casa do Estudante Universitário, na Gleba B, um número pouco significativo considerando os 31873 estudantes<sup>48</sup>. Além disso, cerca de 1500 professores e servidores, com suas famílias, além de alunos de pós-graduação residam na Colina na Gleba A<sup>49</sup>, somando menos de 4% da população do *campus*. Com isso, na realidade de uma das cidades mais dispersas do mundo (HOLANDA, 2010), boa parte dos usuários do *campus* realiza viagens diárias frequentemente de longas distâncias.

---

<sup>44</sup> A metrópole Brasília é subdividida em Regiões Administrativas, que atualmente somam 31. O Plano Piloto é uma delas. Os limites geográficos da metrópole coincidem com os do Distrito Federal.

<sup>45</sup> Brasília exerce influência sobre uma área que vai além de seus limites geográficos. Sua área de abrangência é denominada RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno, e é constituída pelo Distrito Federal, por 19 municípios do Estado de Goiás e três de Minas Gerais.

<sup>46</sup> Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade do Distrito Federal e Entorno.

<sup>47</sup> Empatado com outras três localidades: Setor Comercial Sul, Setor de Indústria e Abastecimento e Taguatinga.

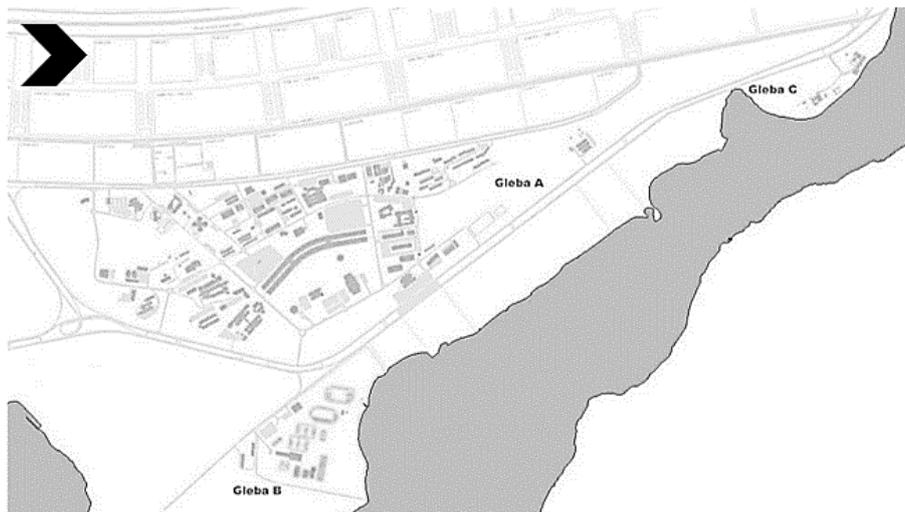
<sup>48</sup> <sup>48</sup> Informações extraídas do Sistema de Graduação – SIGRA e fornecidas pela Coordenadoria de Informações Gerenciais do Decanato de Planejamento e Orçamento da UnB em 05/10/2017.

<sup>49</sup> Casa do Estudante Universitário e Colina são núcleos habitacionais localizados nas glebas B e A do *campus*, respectivamente. O número de moradores foi estimado a partir da tipologia dos apartamentos.

### 3.3.3. O *Campus* hoje

Atualmente o *campus* é composto por um importante conjunto arquitetônico com grande variedade de estilos e sistemas construtivos<sup>50</sup>. Muitos deles refletem o caráter experimental-científico característico da universidade. A exemplo disso estão os edifícios de Serviços Gerais - SGs projetados por Oscar Niemeyer, com concepção técnica de João Filgueiras Lima, Lélé. Os SGs compõem um dos mais significativos conjuntos da UnB, em virtude do sistema construtivo pré-moldado<sup>51</sup>, adotado pela primeira vez no país (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 36).

Analisando as relações espaciais do *campus*, podemos verificar um conjunto de características muito próprias do urbanismo moderno: a predominância de áreas livres mal definidas e com grandes dimensões; edificações implantadas de forma isolada, desalinhadas com a rua e excessivamente afastadas umas das outras; distâncias que inibem a apropriação do espaço pelo pedestre, entre outras. Configuram claramente o paradigma da formalidade proposto por Holanda (2002, p. 125), e não são espaços favoráveis às atividades cotidianas, desejáveis a um *campus* universitário (Fig. 44).



**Fig. 44** Mapa do **Campus Universitário Darcy Ribeiro. Glebas A, B e C. Edificações isoladas**

Fonte: Acervo do CEPLAN

<sup>50</sup> Destacam-se obras de arquitetos renomados como Alcides da Rocha Miranda, Sérgio Rodrigues, Oscar Niemeyer, João Filgueiras Lima, José Galbinski, Adilson Costa Macedo, Paulo de Melo Zimbres, Matheus Gorovitz, José Zanine Caldas, entre outros.

<sup>51</sup> De acordo com o documentário *Universidade de Brasília: primeira experiência em pré-moldado* (1962-1970), o sistema possibilitou em 1962 a construção de quatro prédios de um pavimento em 45 dias, que foi essencial para viabilizar as atividades da universidade.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nQbsUNDx0H4>

Outras características marcantes são as grandes dimensões das edificações e a pequena quantidade de portas que elas abrem para os espaços públicos. O fato tem relação com a atividade institucional, com programas extensos e ambientes internos amplos, e também com a questão prática dos custos com o controle de acesso. Os edifícios, não raramente, têm uma única porta e demais fachadas cegas. Configuram invólucros impermeáveis, o que implica na falta dos “olhos da rua”, fundamental para alimentar a vida pública. O ICC com toda sua extensão tem oficialmente apenas seis acessos. Em poucos trechos, como na “Pracinha da FAU”, na Galeria Christina Jucá e no Centro Acadêmico das Ciências Ambientais, foram abertas portas para o exterior. Com isso cria-se uma dicotomia entre o *campus* como um amontoado de edifícios fechados e isolados, e o *campus* desejado, com espaços permeáveis que favoreçam a urbanidade.

Foram diagnosticados, no documento *Ideia de Desenvolvimento Físico Espacial do Campus da UnB*, problemas relacionados a uma falta de estrutura físico-espacial de integração, de continuidade, e a falta de princípios organizadores de configuração (UnB, 1988, p. 9). O diagnóstico observa o acesso principal pela Via L4 Norte dando as costas para a cidade; bem como a promoção de uma integração dependente do automóvel, assim como foi proposto para Brasília.

Também foi observada a rigidez do modelo funcional, que acaba por segregar atividades, muitas vezes correlatas e complementares, e estabelecer áreas excessivamente específicas para as atividades. É interessante notar o exemplo do Centro Olímpico - CO que reúne toda a estrutura esportiva do *campus*. A existência do CO não deveria implicar na ausência de equipamentos e mobiliário de apoio a atividades físicas nos demais espaços do *campus*. Por mais que o CO seja bem equipado e disponha de espaço à vontade, o fato de estar localizado a quase 1500 m de distância do ICC, o torna pouco acessível. Se um grupo de alunos dispuser de meia hora livre não irá até o CO, pois gastaria 20 minutos apenas para se deslocar a pé. Por outro lado, se houvesse oferta de elementos de apoio à realização dessas atividades distribuída pelo *campus* e mais próxima dos edifícios, certamente a opção seria considerada. Infelizmente

não é o que ocorre, e fora os jogos em espaços improvisados, as exceções ficam por conta da Quadra de Esportes José Maurício Honório Filho, consolidada desde o núcleo original de ocupação do *campus*, e da área de lazer que atende à Colina, com academia ao ar livre, parque infantil e campo de futebol.

Os caminhos para pedestres estão, quase sempre, dissociados dos alinhamentos das edificações, e se tornam inóspitos, extensos e pouco amenos (ROMERO *et al*, 2010). Neles, muitas vezes falta sombreamento e eventuais abrigos contra intempéries. Em algumas situações faltam calçadas ou sua conservação está comprometida.

Em 2012 o Governo do Distrito Federal implantou um sistema de ciclovias que, entre outros locais, passa pelo *campus*, ampliando as opções de mobilidade até ele e através dele. O projeto da ciclovia, entretanto, sofre críticas relacionadas principalmente à falta de compatibilização com o sistema de vias e calçadas<sup>52</sup>. São diversos os pontos de conflito, como sobreposição com calçadas, descontinuidade de trajetos e falta de sinalização, entre outros.

O paisagismo segue, de forma geral, uma linha muito próxima do que foi realizado no Plano Piloto. O relevo, que desce em direção ao lago, foi terraplanado na parte mais urbanizada do *campus*, bem como a vegetação nativa foi suprimida. Nas áreas periféricas, há ainda grandes áreas não ocupadas, com trechos de cerrado preservado e degradado. O tratamento paisagístico predominante assume uma forma extensiva, com áreas gramadas com ou sem árvores. As espécies presentes no *campus* são basicamente as mesmas do restante da cidade. A arborização implantada tem feição de bosque, com árvores livremente dispostas e mais ou menos agrupadas, conforme a diretriz bucólica. Dentro da concepção moderna, os espaços livres funcionam como moldura para o objeto em destaque, que é a edificação isolada.

Mas existem níveis diferentes de tratamento paisagístico, e os mais elaborados e diversificados, que incluem árvores, arbustos e forrações, costumam estar inseridos ou contíguos aos blocos de edifícios. É importante notar que, apesar

---

<sup>52</sup> A ONG Rodas da Paz elaborou relatórios de análise das ciclovias em diversos trechos do DF. Os relatórios estão disponíveis em: <http://www.rodasdapaz.org.br/controlesocial/analise-da-contrucao-das-ciclovias-do-distrito-federal/>

do caráter moderno, a maior parte das áreas livres do *campus* não foi efetivamente projetada. Em contraste com isso, observam-se inserções curiosas ao longo do tempo, sobretudo nas forrações e arbustos, feitas conforme critérios casuais e mergulhadas no imaginário popular de tradição formalista, de canteiros, bordaduras, topiarias etc. (Fig. 45).



**Fig. 45** Diferentes níveis de tratamento paisagístico no *Campus Darcy Ribeiro*: jardins internos, áreas descampadas, arborizadas e as populares bordaduras

Quanto aos espaços urbanizados, o que se percebe é que além de mal configurados, eles recebem um tratamento bastante austero. Além das calçadas, a urbanização se concentra nas áreas de acesso aos edifícios, entre as portas e bolsões de estacionamento. O piso é pavimentado em concreto em placas ou moldado *in loco*, há poucos postes de iluminação, placas com o nome do edifício, lixeiras, e às vezes bancos, orelhão, bicicletário e totem de localização. Praticamente não há marquises ou qualquer tipo de cobertura, e tampouco mesas, tornando os espaços em geral muito pouco convidativos. O estado de conservação também não colabora, já que é comum haver pisos rachados e desnivelados, grelhas de drenagem soltas, bancos e lixeiras quebrados, postes

que não funcionam etc. Há, ocasionalmente, equipamentos distribuídos pelo *campus*, como a Concha Acústica no Núcleo de Artes, a Praça Chico Mendes do SINTFUB<sup>53</sup>, um redário junto à Faculdade de Medicina e Ciências da Saúde, além de obras de arte diversas.

Por fim, constata-se que os espaços livres são mal conformados e não contam com uma estrutura que dê suporte adequado a seu uso. Assim, temos como resultado espaços livres que, mesmo generosos em área, tornam-se residuais no sentido da importância secundária no conjunto urbanístico do *campus*. Conforme apontado desde o documento *Ideia de Desenvolvimento Físico* (UnB, 1988, p. 12), o modelo morfológico implantado fortalece a segregação e dificulta as relações interpessoais.

#### **3.3.4. A comunidade universitária.**

Do ponto de vista social, poderíamos dizer que há certo padrão na população do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, como seria também em outras instituições universitárias. Mas diante do tamanho dessa comunidade e da diversidade de atribuições pessoais, não há como ela ser totalmente homogênea. Além disso, observa-se que o perfil da comunidade vem mudando, e novas demandas sociais vêm surgindo principalmente entre os estudantes, que configuram a maior parcela da população do *campus*. Nos anos recentes, devido à ampliação do número de vagas e cursos ofertados, bem como pelas políticas afirmativas, a UnB vem-se tornando mais acessível a camadas da população historicamente desfavorecidas. As políticas de cotas para negros e cotas sociais, o vestibular indígena, os convênios internacionais e o acolhimento a estudantes refugiados, são algumas das ações da Universidade de Brasília que colaboraram para um aumento da diversidade sócio-étnico-cultural.

Segundo dados de setembro de 2017 do SIGRA - UnB<sup>54</sup>, dentre os 32.496 alunos da graduação do *campus*, a maior parte é de mulheres (50,73%); um terço se declara branco (33,55%), sendo que 28,94% não declarou essa informação; 44,34% vêm da rede pública de ensino e menos de 1% (306 estudantes) é de

---

<sup>53</sup> SINTFUB - Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília.

<sup>54</sup> Informações extraídas do Sistema de Graduação – SIGRA e fornecidas pela Coordenadoria de Informações Gerenciais do Decanato de Planejamento e Orçamento da UnB em 05/10/2017.

estrangeiros. Os dados indicam tanto um processo de democratização do acesso à universidade, quanto um crescente processo de heterogeneização entre os estudantes. Nacionalmente essa realidade também vem-se transformando, segundo uma pesquisa realizada pela Andifes<sup>55</sup>. O total de estudantes das classes D e<sup>56</sup> em universidades federais brasileiras aumentou entre 2010 e 2014, de 44% para 66,19%. A pesquisa também identificou um aumento de alunos autodeclarados pretos e pardos, que passou de 4% para 47,57% dos entrevistados.

A crescente heterogeneidade social vem gerando novas dinâmicas no *campus*. Ao passo que a população se diversifica, pluralizam-se discussões que até recentemente não estavam tão visíveis na universidade. Movimentos sociais, políticos e culturais se multiplicam e muitas vezes extrapolam os limites do *campus*. É o caso de uma série de núcleos e coletivos ligados às causas artística, negra, feminista, LGBTQI+<sup>57</sup>, periférica, entre outras, que passam a agregar públicos em parte externos à universidade.

São as tribos urbanas, conceituadas por Maffesoli (2006). Um novo tipo de organização social, em que o individualismo é substituído pela necessidade de identificação com um grupo. As tribos urbanas são grupos que se deslocam dentro do processo de massificação da sociedade moderna, buscando conexões de afetividade e interesse comum, uma vez que os seres humanos procuram proximidade com aqueles que pensam e sentem de forma semelhante. Dessa forma podem se organizar e defender esses interesses. As tribos rompem os modelos sociais convencionais e tornam possíveis outros arranjos sociais com uma solidariedade mais orgânica. Dessa forma, não apenas os estudantes, professores e funcionários, mas também o público externo encontra, no contexto do *campus*, terreno aberto para novos tipos de interação além dos programados. Assim, o território universitário tem se tornado mais complexo na medida em que sua população se diversifica e toma para si discussões cada vez mais relevantes e atuais, presentes na sociedade.

---

<sup>55</sup> Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.

<sup>56</sup> Oriundos de famílias cuja renda não ultrapassava 1,5 salários mínimos per capita.

<sup>57</sup> A sigla refere à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros, *Queers*, Interssexuais, e qualquer outra pessoa que não seja heterossexual ou cisgênero.

Um exemplo dessa interação é o evento independente *Batalha da Escada* que ocorre no Teatro de Arena da Praça Maior, e que une cultura hip-hop e crítica social (Fig. 46). O evento surgiu a partir da iniciativa de um grupo de estudantes e tem reunido semanalmente cerca de 400 pessoas<sup>58</sup>, num público que extrapola as fronteiras da universidade.

O ambiente universitário é naturalmente um palco de acontecimentos. No cotidiano do *campus* há muita interação e inúmeras atividades que extrapolam a todo o tempo o mero funcionamento da instituição. Muito além das atividades fim, o que se vê são reuniões, eventos, apresentações, manifestações políticas, culturais e artísticas, ensaios, feiras, exposições, aulas independentes, jogos, iniciativas filantrópicas, comércio alternativo de alimentos, artesanato, brechó, livros, roupas, produtos orgânicos, entre muitas outras. Como exemplos de atividades que já se tornaram parte do dia-a-dia no *Campus Darcy Ribeiro*, temos o projeto *Salsa UnB*, que oferece aulas de danças latinas para a comunidade e para o público em geral, em espaços cedidos pela universidade. Há também as aulas de Zé do Pife, que transmite a arte tradicional do pífano, em oficinas abertas à comunidade. E a feira semanal de alimentos orgânicos, fornecidos pelo Assentamento Colônia I, de Goiás, entre outros.

Ocorre que grande parte dessas atividades sociais se concentra no interior (ou junto às entradas) das edificações, e não nos espaços externos do *campus* (Fig. 47 e Fig. 48). O movimento dentro do ICC, assim como nos pátios das faculdades e institutos é extremamente dinâmico. As pessoas vivenciam esses espaços e neles vê-se a presença dos três setores da comunidade: estudantes, professores e funcionários. Por todas as considerações feitas a respeito da configuração dos espaços externos, não surpreende que a vida pública do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro se dê preferencialmente no interior das edificações.

---

<sup>58</sup> Informação obtida em <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/batalha-da-escada-movimenta-noite-na-unb-com-hip-hop-e-critica-social>



**Fig. 46 Batalha da Escada no Teatro de Arena. Abril de 2019**



**Fig. 47 Cotidiano no *Campus* Darcy Ribeiro. Esquerda, ICC. Fotografia Mariana Costa. Centro, ICC. Fotografia Murilo Abreu. Direita, CO. Fotografia Beatriz Ferraz.**  
 Fonte: Secom UnB



**Fig. 48 Cotidiano no *Campus* Darcy Ribeiro. Esquerda, Salsa UnB. Fotografia: Corazón Salsero. Centro, Cheerleader. Direita, serviços de cópia e papelaria.**

### 3.4. A Praça Maior da UnB

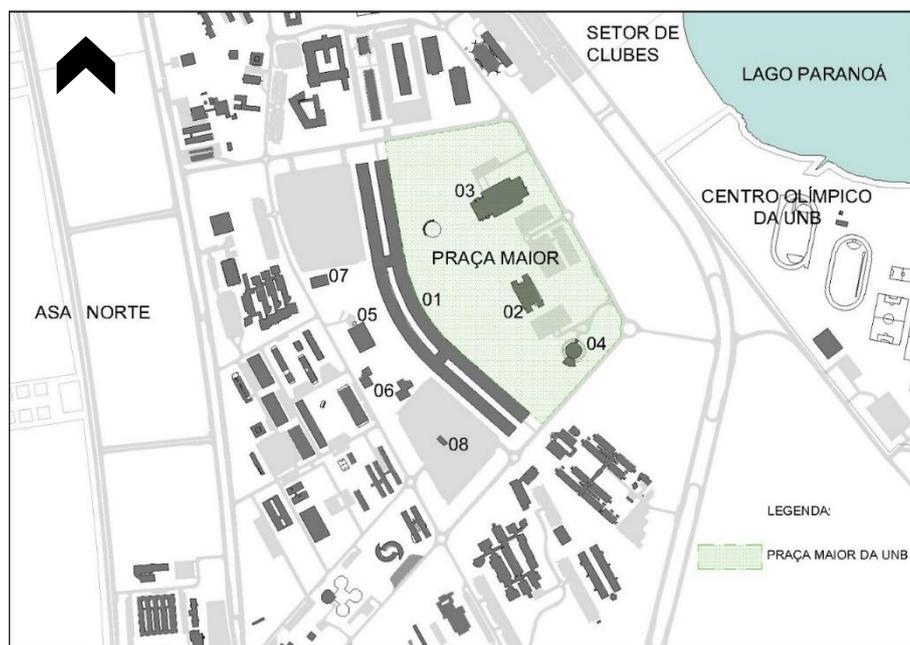


Fig. 49 Praça Maior da UnB: ICC (01), Reitoria (02), BCE (03) e Memorial (04). Do outro lado do ICC: RU (05), Vivências (06), MASC (07) e Protótipo (08).

#### 3.4.1. Outros projetos para a Praça Maior

Entre os espaços livres do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, destaca-se a Praça Maior da Universidade de Brasília (Fig. 49). Antes de tratarmos de sua configuração e características, é preciso falar um pouco do histórico deste espaço, considerando que o projeto de Chacel implantado, não foi o único a ser proposto. Outros projetos foram realizados sem terem sido, contudo, executados. Alguns deles fazem parte do processo evolutivo do *campus*, e por sua relevância são aqui apresentados. Outros foram engavetados e não chegaram ao conhecimento do público. O espaço inclusive tem sido alvo de exercícios de projeto pela FAU-UnB em várias ocasiões, o que demonstra o interesse pela área. Retomar este breve histórico nos ajuda a compreender a importância deste espaço para a Universidade de Brasília e como ele foi pensado desde o início.

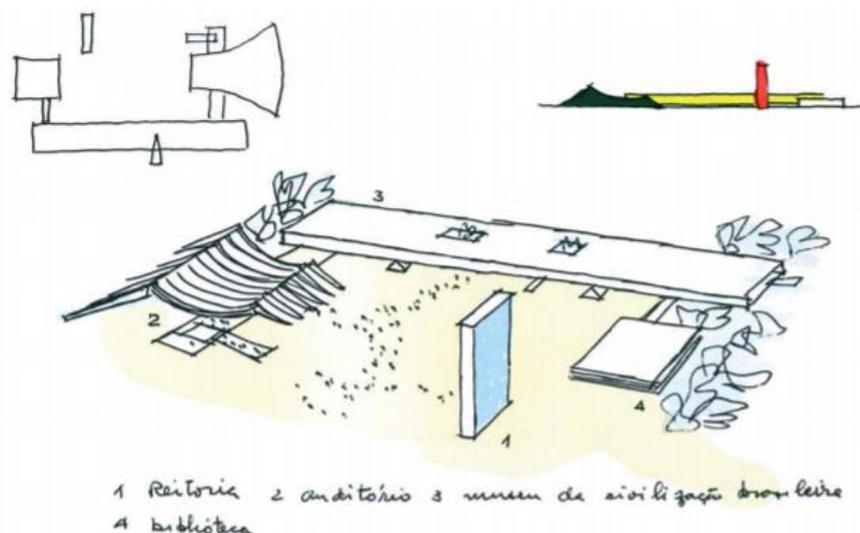
Ainda em 1962, ano de fundação da universidade, a primeira proposta foi elaborada por Lucio Costa, como parte integrante do Plano Orientador da UnB. O

nome Praça Maior tem origem a partir daí. A Praça Maior de Lucio Costa seria localizada no acesso principal previsto para o *campus* e abrigaria os edifícios mais simbólicos da instituição (Fig. 50). De formato quadrangular, seria formada pela Aula Magna (1), Reitoria (2), Biblioteca (7), Museu da Civilização Brasileira (5), e Rádio (6). Também fariam parte desse núcleo cultural e administrativo o Museu da Ciência (3), o Museu da Arte (4), e a Editora da UnB (8). Havia ainda a sugestão de um pórtico de acesso, localizado entre os volumes do Museu da Civilização Brasileira e da Rádio. O programa proposto era, portanto, amplo, e destinado a um público maior que a comunidade universitária. Mas a proposta, com caráter de estudo preliminar, nunca foi executada.



**Fig. 50 Trecho do Plano de Lucio Costa com destaque para a Praça Maior**  
Fonte: UnB, 1962

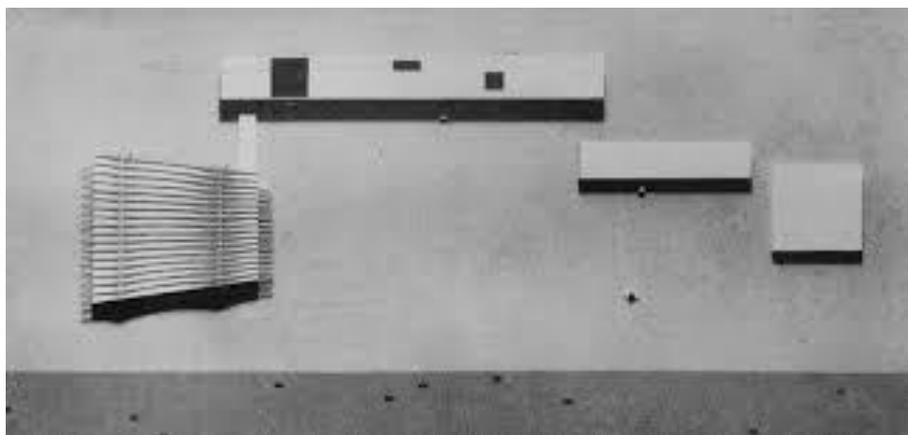
Com a implantação do icônico Instituto Central de Ciências, e consequente alteração do plano anterior, Oscar Niemeyer concebeu uma segunda proposta para a praça (Fig. 51). Esta proposta, diferente da de Lucio Costa, se voltava inteiramente para o lago e trazia menos edifícios (antes oito e agora quatro). Ela tinha o formato retangular e era formada por: Reitoria (1), Aula Magna (2), Museu da Civilização Brasileira (3), e Biblioteca (4). O museu elevado funcionaria como um pórtico de acesso para a universidade. O programa, com alguma similaridade ao de Lucio Costa, mantinha um caráter de abertura, no sentido que parte dos edifícios atenderia não apenas às funções restritas à universidade.



**Fig. 51 Variação 1 da Praça Maior de Oscar Niemeyer**

Fonte: UnB, 1962

Na primeira variação, a Reitoria teria cerca de 15 andares e seria um marco vertical no conjunto. Essa ideia foi revista por Niemeyer, que apresentou outra variação, em que se reduziam alturas, volumes e espaços livres, entendendo que a monumentalidade não se adequava ao “caráter singelo” que deveria ter a universidade (SCHLEE, 2011). Nessa variação a Reitoria assume novo volume e se posiciona entre a Biblioteca e o Museu (Fig. 52).



**Fig. 52 Variação 2 da Praça Maior de Oscar Niemeyer**

Fonte: MÓDULO, 1962, p.8

Ainda de acordo com Schlee (2011), a maior mudança em relação ao projeto de Lucio Costa tem a ver com o caráter da praça. Ele a associa à escultura *Projeto de uma praça*, de Alberto Giacometti, que seria “a chave para o enten-

dimento do conceito de espaço público da arquitetura moderna<sup>59</sup>, com diversos objetos postos sobre uma base. Tal disposição ilustra bem a “paisagem de objetos” descrita por Holanda (2002, p. 126), que forma grandes espaços abertos residuais, pouco legíveis enquanto espaços públicos.

É interessante notar que para uma parte da comunidade universitária, sobretudo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, a proposta de Niemeyer (as duas versões) ficou registrada como sendo *A Praça Maior*, mesmo não construída. Esse fato curioso talvez se deva à quantidade de estudos produzidos e à publicidade que tiveram<sup>60</sup>. Com a interrupção dos trabalhos na universidade e o afastamento de Niemeyer durante o golpe militar, o projeto não foi levado adiante.



**Fig. 53 Maquete da Praça Central proposta pelo CEPLAN em 1969, com o Centro de Vivência.** Fonte: Acervo do CEPLAN

Em 1969 foi proposto pela equipe do CEPLAN um projeto em que o Centro de Vivência instalado na praça reuniria diversos serviços comunitários incluindo o Restaurante Universitário (Fig. 53). Segundo essa concepção ela foi denominada de Praça Central e seria o lugar do “grande encontro - Universidade e comunidade”, um polo de integração entre as funções cultural, comunitária e administrativa (CEPLAN, 1971, p. 14). A proposta mesclava o projeto de Niemeyer, com a nova Biblioteca e acrescentava o grande edifício do Centro de

<sup>59</sup> De acordo com Josep Maria Montaner.

<sup>60</sup> Os desenhos foram publicados pela UnB e também pela Revista Módulo (1962, p. 7-15).

Vivência semienterrado a leste do conjunto, do outro lado da pista. Mas foi também descartada, conforme descrito no item 3.3.1.

Somente em 1971, após a retomada do processo de planejamento do *campus*, o paisagista convidado Fernando Chacel elaborou o Zoneamento Paisagístico do *Campus* e o Projeto Paisagístico da Praça Maior, sendo este o projeto executado e escopo da presente pesquisa. As edificações da Biblioteca e Reitoria foram construídas segundo novos projetos e a Aula Magna e o Museu nunca foram executados. Desde essa época até os dias de hoje a única grande intervenção no espaço da Praça Maior foi a construção do Memorial Darcy Ribeiro, em 2010.

Em 2010, foi realizado um concurso interno para projeto do Centro de Convenções e a Aula Magna da UnB, e proposta vencedora teve a autoria dos arquitetos Matheus Gorovitz e Claudia Garcia (Fig. 54). O projeto tem interferência direta sobre o espaço da Praça Maior, com a proposição da Aula Magna em posição central e o Centro de Convenções a leste do conjunto, entre a Praça Maior e a Via L4 Norte.

A concepção do projeto visava aproximar as edificações entre si e reestabelecer a configuração de uma praça, delimitando-a. Essa proposta, entretanto, não foi viabilizada até o momento e não há previsão para tal.



**Fig. 54 Maquete eletrônica com o Centro de Convenções em primeiro plano e a Aula Magna ao fundo**

Fonte: Apresentação pública cedida pela equipe do projeto

### 3.4.2. A Praça Maior de Fernando Chacel



**Fig. 55 A Praça Maior da UnB com o Lago Paranoá ao fundo (2012).**  
**Fotografia Joana França**  
 Fonte: Archdaily.com

A Praça Maior da UnB hoje destaca-se por ser um espaço central e significativo do *campus*, onde estão localizados os edifícios de maior representatividade da instituição: o Instituto Central de Ciências - ICC, a Reitoria, a Biblioteca Central - BCE, além do Memorial Darcy Ribeiro. Estes edifícios, em conjunto com o RU, o Protótipo<sup>61</sup>, e outros menos expressivos, localizados do outro lado do ICC, são utilizados por toda a comunidade universitária, e configuram um dos espaços com maior confluência de pessoas (Fig. 55).

O projeto paisagístico de Fernando Chacel abrange toda a área a que corresponde este conjunto edificado e mais as imediações<sup>62</sup>. Entretanto, é preciso compreender que, apesar do projeto paisagístico único, o volume do ICC define

<sup>61</sup> O Protótipo é uma célula habitacional pré-fabricada em concreto, proposta experimentalmente por Niemeyer (1962), para abrigar estudantes. Fica instalado no estacionamento sul do ICC, e funciona como comércio e serviço.

<sup>62</sup> O projeto proposto por Fernando Chacel abrange a poligonal delimitada pelas vias VC-1, VC-12, VC-6 e VC-13; o trecho existente entre a VC-13 e a Via L4 Norte; além do jardim interno do edifício da Biblioteca Central. Em toda a área da Praça Maior, exclui-se de sua autoria apenas o paisagismo interno do ICC e estacionamentos, creditado a Miguel Pereira, Nelson Saraiva e Paulo Zimbres; e o paisagismo do Memorial Darcy Ribeiro, de Alda Rabello Cunha.

claramente dois espaços, que se apresentam bastante distintos, não apenas fisicamente, como também quanto ao uso e ocupação.

A oeste, voltado para a cidade, e tendo o RU como ponto central, o espaço assume um caráter mais dinâmico, movimentado e ligado às atividades mais corriqueiras da comunidade. Ali se localizam, além do restaurante, as lanchonetes, os serviços de copiadora, papelaria, banco etc. Também estão os grandes estacionamento do ICC e boa parte das paradas de ônibus, além do transporte *intercampi*. No projeto de Chacel esta área aparece nomeada como *Praça Maior - Tratamento paisagístico do Restaurante Central*.

A leste, voltada para o Lago Paranoá e abraçada pela concavidade do ICC, abrangendo a Reitoria, a BCE e o Memorial Darcy Ribeiro, a área maior assume o caráter bucólico de um parque, com um extenso gramado arborizado em declive. Mesmo sendo um espaço simbólico para a UnB, ela oferece espaço para atividades em geral mais passivas e contemplativas da comunidade, como pausa e descanso. No projeto paisagístico de Chacel, a área é denominada como *Praça Maior - Tratamento paisagístico*. É sobre esta área, de grande valor paisagístico e simbólico para a UnB, que se detém esta pesquisa.

A forma da praça se assemelha a uma espécie de trapézio com base curva, no qual a base maior mede 760 m, a base menor mede 560 m e a altura média, 340 m<sup>63</sup>, totalizando uma área aproximada de 228.600 m<sup>2</sup>. Suas dimensões, portanto, são muito superiores às de uma praça. Comparativamente, a Praça dos Três Poderes tem 26.400 m<sup>2</sup>, considerando a “praça em si” (superfície retangular), e o Parque Olhos D’água<sup>64</sup> tem 210.000 m<sup>2</sup>. Assim, a Praça Maior tem dimensões mais próximas às de um parque, sendo um pouco maior que o exemplo dado. Seu terreno, mais alto no ICC, tem uma suave inclinação de 2.8% em direção ao Lago Paranoá<sup>65</sup>.

---

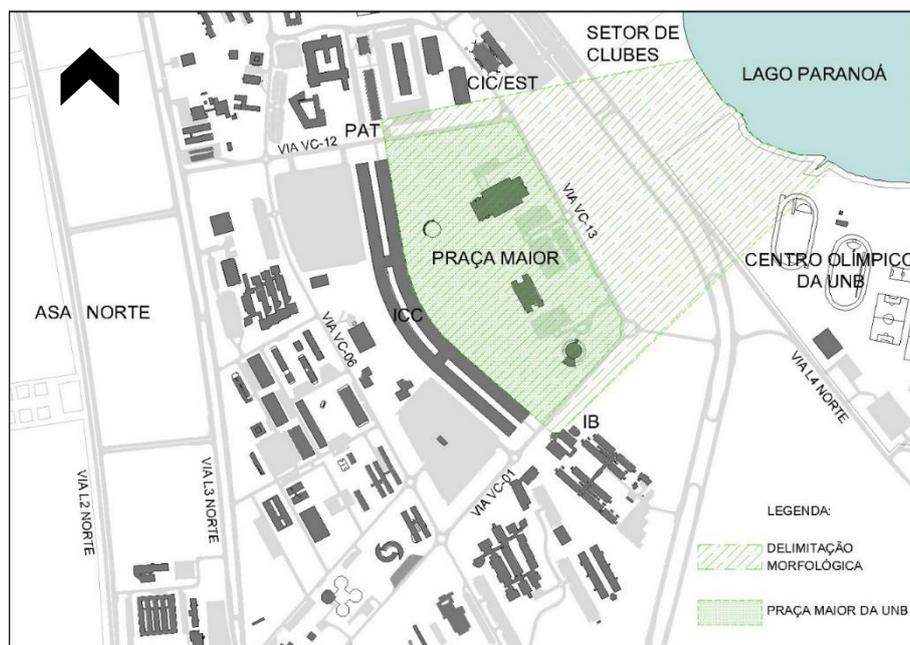
<sup>63</sup> 290m medido a partir das extremidades do ICC, e 390m, a partir do centro do ICC.

<sup>64</sup> O Parque Olhos D’água é o parque público mais próximo ao *campus*, localizado na Asa Norte, em local originalmente destinado a duas superquadras do Plano Piloto (SQN 413 e SQN 414).

<sup>65</sup> O desnível do terreno entre o ICC e a via VC-13 mede 11m.

Algumas considerações devem ser feitas quanto à delimitação da área de estudo. Oficialmente a área da Praça Maior é definida pelo ICC e pelas vias VC-1, VC-12 e VC-13.

Entretanto, de acordo com a dimensão sociológica da arquitetura, um lugar é definido por um sistema de barreiras e permeabilidades, sendo, portanto, os cheios que definem o vazio da praça. Dessa forma, a praça se estenderia além das vias, indo até as fachadas dos edifícios que a cercam: a oeste o ICC, a sul o Instituto de Biologia – IB, e a norte o Pavilhão Anísio Teixeira – PAT e o edifício da Ciência da Computação e Estatística - CIC/EST. A leste não haveria limite, pois não há elementos tridimensionais até a borda do lago. A configuração seria de uma praça aberta (Fig. 56).



**Fig. 56 Delimitação oficial x delimitação morfológica da Praça Maior**

Ocorre que os edifícios que a conformam, com exceção do ICC, estão tão distantes, que seus volumes aparentes ficam reduzidos, tornando-se pouco significativos na percepção de quem está na praça (Fig. 57). Neste caso, as vias largas, mais próximas e contrastantes com a paisagem em volta, falam mais alto do que o volume dos edifícios. Some-se a isso o fato de que dentro do território amplo e inteiramente destinado aos pedestres, que é o da Praça Maior, as vias (e a velocidade dos automóveis) terminam impondo limites e causando

efeito de segregação. Assim, os espaços de um e de outro lado das vias não são percebidos como contínuos. Este fenômeno lembra outros locais de Brasília, como os Setores Comercial e Hoteleiro que se mostram ilhados e distantes entre si (apesar de vizinhos), devido à prevalência do sistema viário.



**Fig. 57 Bordas da Praça Maior. No sentido horário: face oeste (ICC); face norte; face leste; e face sul**

Além disso, as áreas adiante das vias são praticamente desprovidas de urbanização, que se reduz a bolsões de estacionamento, paradas de ônibus, trechos descontínuos de calçada e ciclovia. Há inclusive uma vala de erosão perigosa para os pedestres entre o CIC/EST e o balão viário. Ademais, do ponto de vista da apropriação social do espaço, a área praticamente não tem uso. Nem mesmo as duas paradas de ônibus conseguem atrair o movimento de pessoas, de tão isoladas que são. Portanto considerando a vida pública, a área se torna absolutamente desinteressante.

Dessa forma, pelas razões descritas, o sistema de barreiras e permeabilidades não é adotado para a delimitação das faces sul, norte e leste da área de estudo, ainda que a dimensão sociológica seja fundamental e que muitos dos seus

conceitos sejam utilizados na pesquisa. A ênfase no projeto de paisagismo e na vida pública prevalece e, portanto, exclui a área além das vias. Assim, o recorte da pesquisa fica limitado à área oficial da Praça Maior, inserida no sistema de espaços livres projetado por Fernando Chacel, e palco de atividades sociais da comunidade universitária.

### **3.5. Praça Maior em quatro momentos**

O estudo foi dividido em quatro momentos, de forma a melhor compreender os processos que resultaram no espaço hoje configurado. Num primeiro momento é feita a análise da situação em 1971, à época em que o projeto foi elaborado. São observadas as condições existentes, as necessidades da universidade, o conjunto arquitetônico já edificado, em construção e previsto, de forma a contextualizar a realidade em que o projeto foi concebido.

Num segundo momento é analisado o projeto paisagístico elaborado por Fernando Chacel, com base na documentação gráfica e escrita do projeto. São observadas as características do discurso, do projeto, as composições e elementos da configuração paisagística.

Em seguida, é examinada a implantação do projeto, observando as adaptações, alterações, acréscimos e supressões ocorridas entre o projeto e a execução, feitas com base em um estudo comparativo entre as plantas do projeto e fotografias antigas e atuais.

Finalmente, no quarto momento é explorado o espaço da Praça Maior em sua atual configuração. Observam-se as relações da praça com os edifícios, os espaços circundantes e com o *campus*, sua estrutura morfológica e principalmente paisagística.

#### **3.5.1. Situação à época em que o projeto foi elaborado**

Em 1971 a universidade retomava o processo de planejamento do *campus*, que havia sido severamente prejudicado em todas as suas atividades, sobretudo a partir de 1965, quando sofreu a segunda invasão militar, que culminou com uma demissão coletiva de docentes<sup>66</sup> em protesto à ditadura. Paulo de

---

<sup>66</sup> No ato de demissão coletiva 223 dos 305 docentes pediram demissão da UnB.

Melo Zimbres (informação verbal<sup>67</sup>), relembra o esforço feito para reunir uma equipe e reestruturar o curso de arquitetura e dar continuidade ao planejamento físico da universidade. Ele conta que se firmou um compromisso com os professores do ICA-FAU<sup>68</sup>, para que trabalhassem também no CEPLAN, contribuindo com os projetos para o *campus*, numa proposta que integrava a docência, a pesquisa e a extensão.



**Fig. 58** Vista aérea do *Campus* em construção. A Praça Maior “crua” (década de 1960).  
Assessoria de Comunicação Social. Fonte: Arquivo Central UnB

De acordo com Zimbres, a área da Praça Maior se encontrava “crua” (Fig. 58). Havia para o espaço somente os estudos de Niemeyer e nenhuma obra tinha sido iniciada. Nessa ocasião foram designados arquitetos para elaborar os projetos da Biblioteca e da Reitoria. Foi quando o próprio Zimbres fez o convite a Fernando Chacel para elaborar o paisagismo do *campus*.

[...] Eu convidei o Chacel pra vir [...]. Eu disse Chacel, nós precisamos começar a preparar a Praça Maior para receber o seu futuro. Ela está meio perdida, um cerradão abandonado, e tal. E ele veio e fez alguns estudos e distribuição, ao redor de alguns caminhos, de um arvoredo [...] (informação verbal<sup>69</sup>).

<sup>67</sup> Obtida em entrevista concedida por Paulo de Melo Zimbres em seu escritório em Brasília, em 16/03/2018.

<sup>68</sup> O Instituto Central de Artes fazia parte do curso-tronco de Arquitetura e Urbanismo, ICA-FAU, que reunia também os cursos de Música, Artes Visuais e Cinema. Foi desmembrado a partir de 1971. Disponível em: <http://www.ida.unb.br/o-instituto-de-artes>

<sup>69</sup> Obtida em entrevista concedida por Paulo de Melo Zimbres em seu escritório em Brasília, em 16/03/2018.



**Fig. 59** Vista aérea do *Campus* em construção. O ICC, os SGs, a FE3 (antiga Reitoria), OCA1 e os barracões de obras junto ao ICC. Ao fundo o Lago Paranoá (década de 1960). Assessoria de Comunicação Social. Fonte: Arquivo Central UnB

Na época da concepção do projeto paisagístico, em 1971, a configuração do *campus* era bem distinta da atual (Fig. 59). Do conjunto edificado, estava consolidado o núcleo histórico, composto pelos três blocos da Faculdade de Educação<sup>70</sup> (FE 1, 3 e 5), quatro dos blocos térreos dos Serviços Gerais<sup>71</sup> (SG 2, 4, 8 e 10), três galpões de Serviços Gerais<sup>72</sup> (SG 9, 11 e 12) e os pavilhões OCA 1 e 2<sup>73</sup>. Havia também quatro blocos residenciais da Colina<sup>74</sup> (blocos A, B, C e D) e o Centro Olímpico<sup>75</sup>. Da área contemplada pelo projeto de Chacel, existiam o Protótipo e o ICC estava praticamente pronto; a Biblioteca Central, se encontrava em construção; a Reitoria e o Restaurante Universitário estavam em projeto<sup>76</sup> com obras a serem logo iniciadas.

<sup>70</sup> Projeto de Alcides da Rocha Miranda, José Manoel Kluff Lopes e Luís Humberto Martins Pereira.

<sup>71</sup> Projeto de Oscar Niemeyer com colaboração de João Filgueiras Lima.

<sup>72</sup> Projeto de João Filgueiras Lima.

<sup>73</sup> Projeto de Sérgio Rodrigues.

<sup>74</sup> Projeto de João Filgueiras Lima.

<sup>75</sup> Projeto de Márcio Vilas Boas e Ricardo Farret, com colaboração de Paulo Zimbres.

<sup>76</sup> Zimbres conta que tendo sido designado para o projeto da Reitoria, somente aceitou fazê-lo depois que recebeu autorização de Niemeyer, que não pretendia mais retornar à UnB após a demissão coletiva (informação verbal, obtida em entrevista concedida por Paulo de Melo Zimbres em seu escritório em Brasília, em 16/03/2018).

O edifício previsto para a Aula Magna, cuja implantação teria lugar de destaque na praça, nunca foi construído. Essa é uma observação importante, já que a expectativa da inserção do edifício acabou sendo determinante no projeto paisagístico, com impactos no modelado do terreno e no traçado dos caminhos de pedestres.

Em 1971 a extensa área da Praça Maior já não apresentava a paisagem natural de cerrado. A área havia sido bastante alterada em virtude principalmente das obras do ICC, em que se terraplanou toda a área em volta, como demonstra uma grande quantidade de fotografias da época. Zimbres compara a obra do “minhocão” à de uma barragem, tamanho foi o impacto produzido (informação verbal<sup>77</sup>). A retirada de toda a cobertura vegetal e a execução de uma série de movimentos de terra não chega a ser novidade, pois se tratava de uma prática comum nas obras realizadas durante toda a implantação de Brasília (GUSMÃO, 2009, p. 172).

A área já se mostra bastante modificada e suas características naturais pela implantação das massas arquitetônicas e vias de circulação. Como inicialmente não foi tomada uma diretriz de proteção e preservação dos elementos naturais deu-se uma devastação não só nas atividades de terraplenagem como pela retirada indiscriminada de árvores e material lenhoso para usos diversos (combustíveis, escoras, etc.). Em consequência a paisagem natural já se faz visualmente menos importante que a paisagem construída [CHACEL, 1971?].

A comunidade universitária era também muito diferente e menor do que a atual. De acordo com o Plano Diretor Físico (1972), a população do *campus* em 1970 contava com 4404 estudantes, 515 professores, e 1550 técnicos administrativos. Além disso, até a década de 1990 não existiam cursos noturnos no *campus*<sup>78</sup>. O projeto da Praça Maior tinha, portanto, o compromisso de atender a um *campus* e a uma comunidade em franco crescimento, nem de longe comparada ao porte que têm atualmente.

---

<sup>77</sup> Obtida em entrevista concedida por Paulo de Melo Zimbres em seu escritório em Brasília, em 16/03/2018.

<sup>78</sup> Somente em 1994 a Faculdade de Educação ofereceu o primeiro curso noturno de graduação na UnB. Disponível em: <http://www.fe.unb.br>.

### 3.5.2. O projeto paisagístico de Fernando Chacel

Fernando Magalhães Chacel foi autor do projeto paisagístico da Praça Maior e também do planejamento paisagístico do *campus*. Na documentação escrita<sup>79</sup>, ele registrou a preocupação em garantir unidade na composição e integração para a extensa área. De acordo com o zoneamento, a área da Praça Maior exigia soluções mais elaboradas, principalmente na interface entre os espaços livres e as edificações. O zoneamento estabelecia para a Praça Maior as seguintes diretrizes:

O plantio como elemento definidor e conversor entre a escala dos elementos construídos e a escala humana.  
 O plantio como limite visual e de circulação.  
 Os jardins arbustivos como compartimentadores de áreas de uso lúdico.  
 O respeito, a beleza e a força dos edifícios monumentais impedindo, porém, que eles se tornem isolados.  
 Criação de acessos, estacionamentos, locais de estar e parar (CHACEL, 1972).



**Fig. 60** *Campus* da UnB. Biblioteca, ICC e Reitoria em construção na área da Praça Maior. Ao fundo o Lago Paranoá e a Esplanada dos Ministérios (sem data). Assessoria de Comunicação Social. Fonte: Arquivo Central UnB

De acordo com a documentação, o partido levava em conta a área extensa marcada pela arquitetura monumental (Fig. 60) e as comunicações necessárias à circulação dos pedestres, além dos estacionamentos. Considerava que o espaço demandava uma definição de plantios que o tornasse “visualmente agr-

<sup>79</sup> A documentação do Plano e Projeto Paisagístico de Chacel para a UnB envolve cerca de 30 documentos escritos, muitos deles sem título e data, agrupados em dois arquivos digitalizados denominados *Tratamento Paisagístico do Campus Darcy Ribeiro* parte 1 e parte 2, mantidos pelo Arquivo Central da Universidade de Brasília - ACE/UnB.

dável”. E mencionava a preocupação com a topografia, considerando os cuidados no ajuste do terreno. “Assim um novo modelado do terreno deverá ser previsto em função das implantações propostas, coerente, todavia, com a estrutura plástica do relevo regional” [1971?]. Também foi citada a importância do “elemento sombra” e seu caráter amenizador, propiciado pela arborização com espécies adequadas, que seriam selecionadas pelo valor ornamental, prestigiando a flora regional. Quanto à questão do uso do espaço, destacamos três trechos da documentação:

Será considerado o uso social e a intensa convivência universitária, sendo definidas de acordo com o Plano Geral da Praça Maior, áreas destinadas a servirem como praças de encontro, de espera e de pausa entre as atividades [1971?].

Do ponto de vista funcional e social busca-se que esta praça seja, no mais alto grau, um local de encontro, de convívio e de transmissão mútua de várias experiências cuja soma constitui exatamente a Universidade de nossos dias [1971?, p. 11].

A componente paisagística do *Campus* trará a todos os que nele exercerem algum tipo de atividade, ou mesmo aos simples visitantes, estímulos adaptativos e condições de conforto favorecendo a passagem, a permanência e o uso [1971?, p. 21].

Por meio dos documentos, podemos observar uma intenção de tornar o espaço da Praça Maior propício à vida pública universitária. Entretanto, não é o que se verifica no projeto proposto, como vemos em sua análise.

O projeto foi desenvolvido entre 1971 e 1974, e suas peças gráficas constam de duas sequências, mantidas nos arquivos do CEPLAN, totalizando 84 pranchas das quais 62 são referentes à Praça Maior<sup>80</sup>. Em seu conteúdo constam o modelado do terreno (com áreas pavimentadas, níveis, definição de escadas, rampas e platôs, e curvas de nível), locação e plantio de arborização e jardins arbustivos, locação de vias e caminhos, esquema de irrigação, pontos de luz, e detalhes construtivos.

Podemos destacar algumas mudanças ocorridas no processo do projeto (Fig. 61 e Fig. 62). Uma delas foi sobre a localização e acesso dos estacionamentos da Reitoria, antes pela VC-1 e depois pela VC-13. Outra foi a localização da

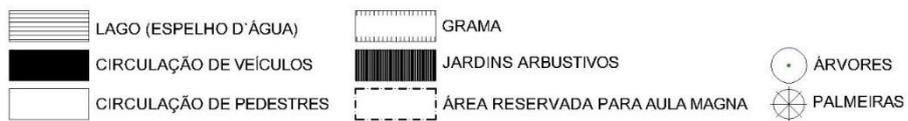
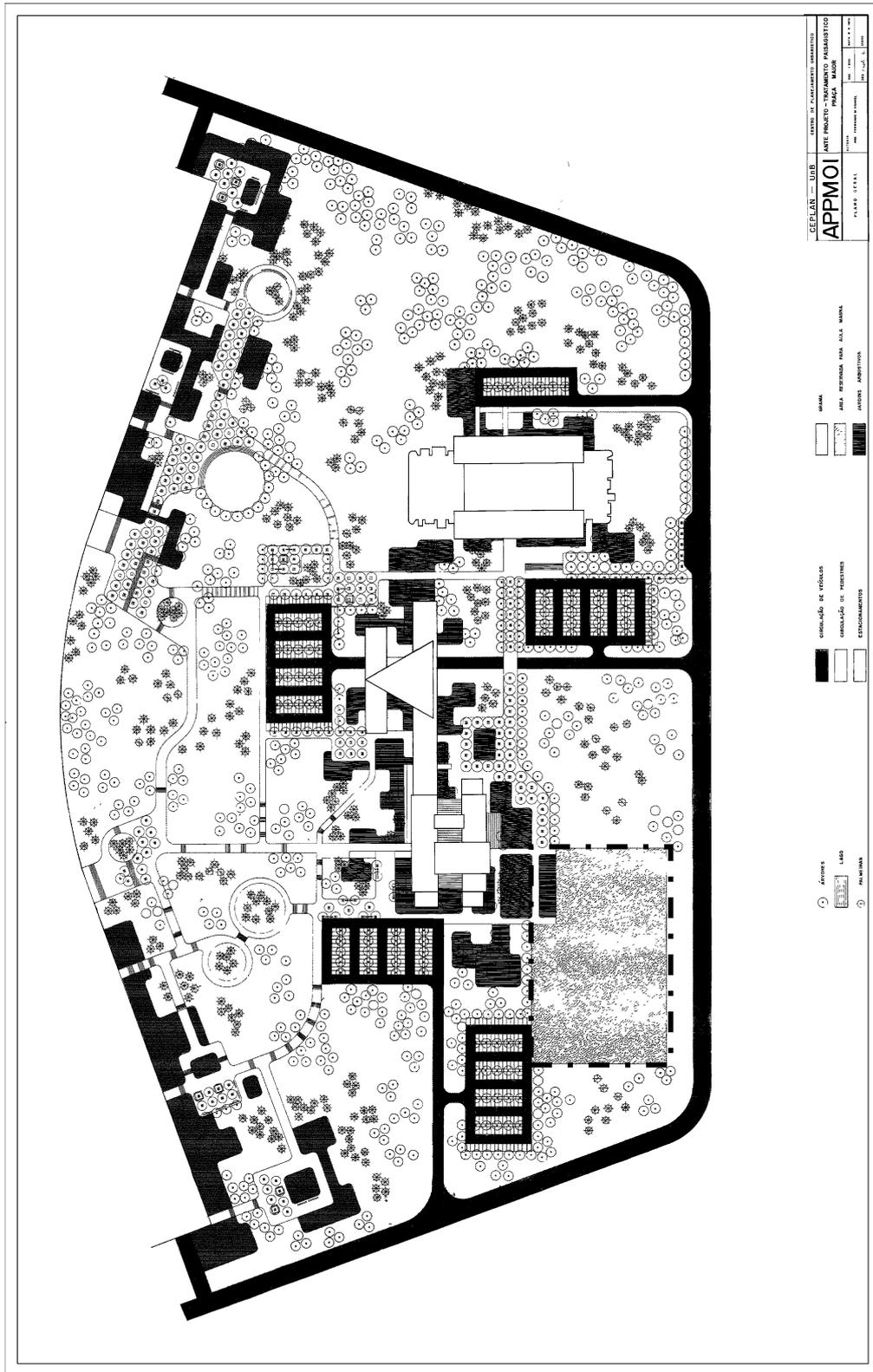
---

<sup>80</sup> 22 pranchas são relativas às áreas adjacentes, sendo: treze referentes à urbanização do entorno do Restaurante Universitário, a oeste do ICC; oito referentes à área entre a Praça Maior e a Via L4 Norte; e uma referente ao jardim interno do edifício da Biblioteca Central.

Aula Magna antes prevista a leste da Reitoria (demarcada com hachura) e alterada para a área central (demarcada com área tracejada). A previsão de uma edificação anexa à Reitoria<sup>81</sup>, que desaparece na versão final, e por fim, o estacionamento central, deslocado para perto do estacionamento de funcionários da Biblioteca. A versão final do projeto de Chacel contém ainda discrepâncias, se comparada àquilo que foi construído, como veremos no próximo item. Para a área do entorno do Restaurante, que integra o projeto paisagístico, mas não é escopo desta pesquisa, houve apenas uma versão (Fig. 63).

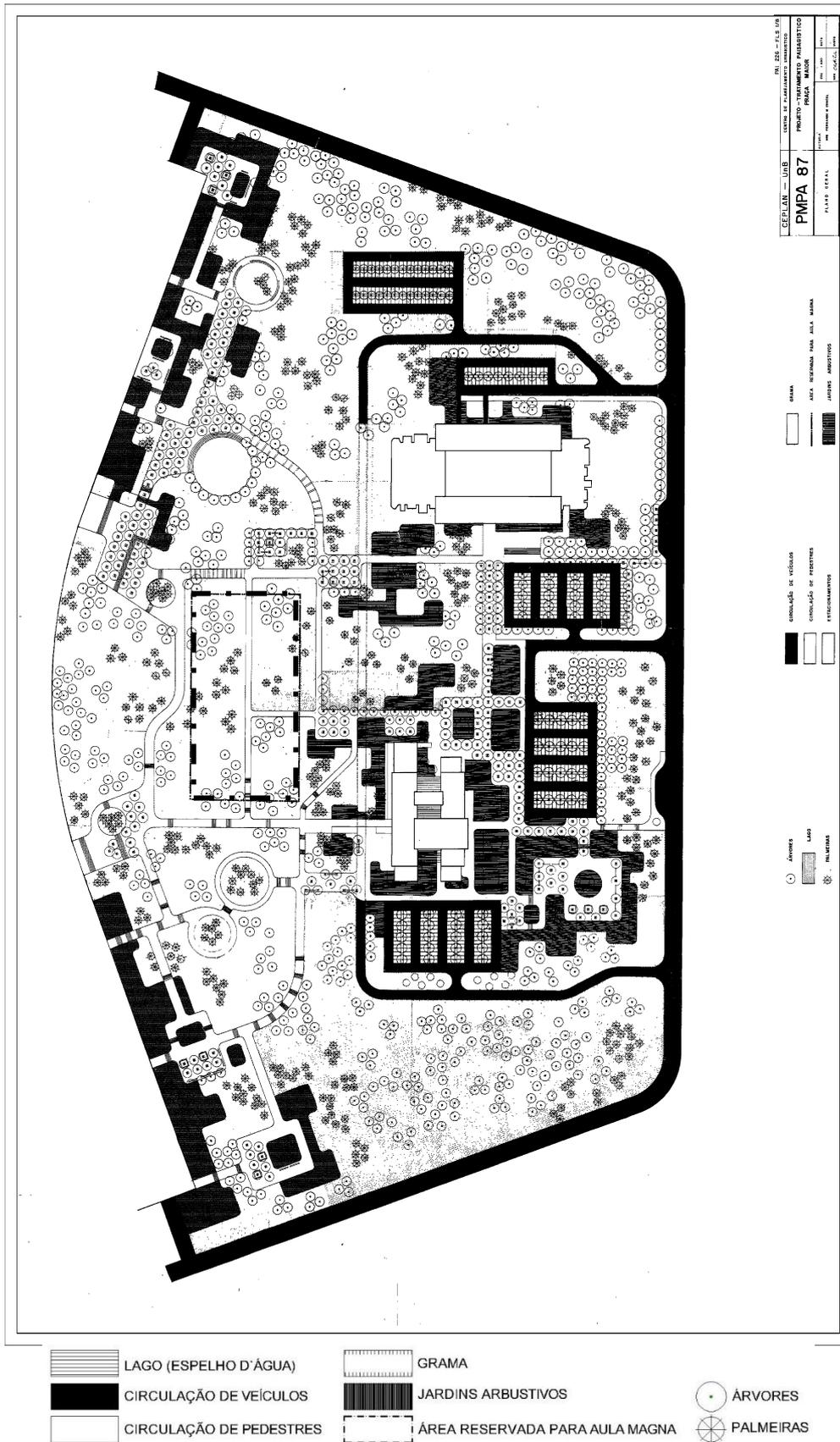
---

<sup>81</sup> Não constam no projeto informações sobre o nome ou o programa da edificação.



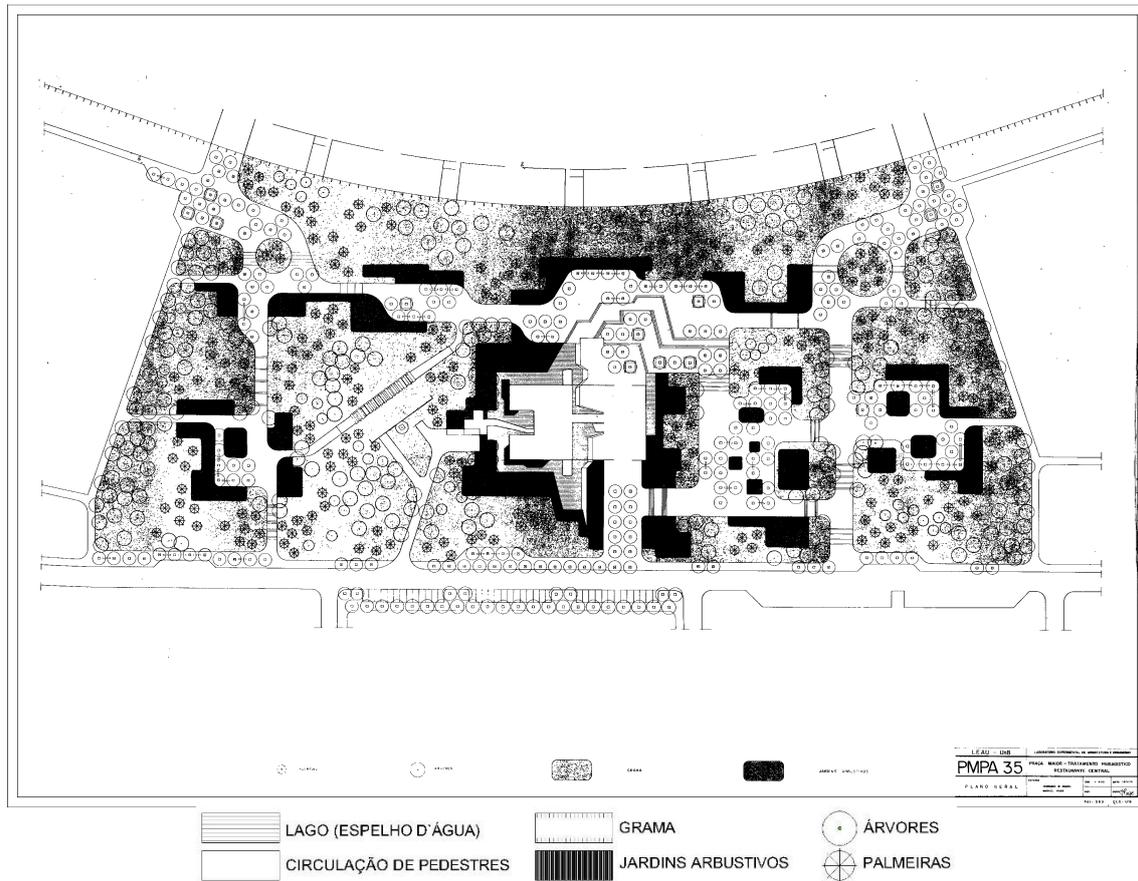
**Fig. 61 Adaptado da prancha APPM 01 – Tratamento Paisagístico da Praça Maior - Plano Geral (versão superada)**

Fonte: Acervo do CEPLAN



**Fig. 62 Adaptado da prancha PMPA 87 - Tratamento Paisagístico da Praça Maior - Plano Geral (versão final)**

Fonte: Acervo do CEPLAN



**Fig. 63 Adaptado da prancha PMPA 35 - Praça Maior - Tratamento Paisagístico Restaurante Central - Plano Geral**  
 Fonte: Acervo do CEPLAN

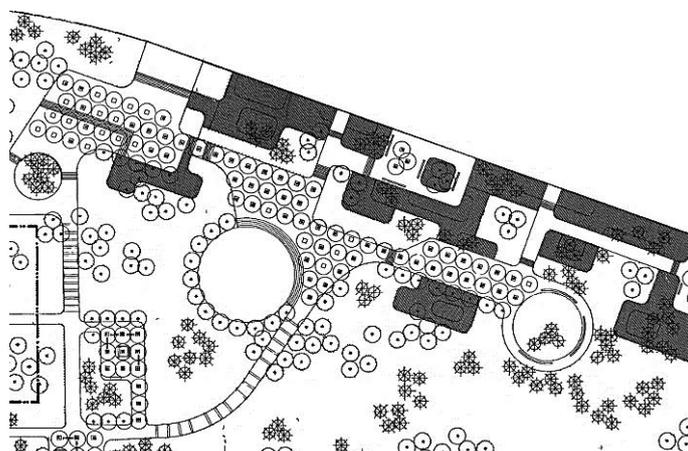
A proposta se desenvolve como um parque, com inúmeros caminhos que interligam os edifícios e vão ao encontro do ICC. Ao longo dos caminhos se estrutura uma sequência de estares e recantos pavimentados, típicos de praças modernas, conforme descrevem Robba e Macedo (2003, p. 99). A concepção do projeto segue a vertente formalista do paisagismo moderno, em que se destaca o padrão geométrico dos pisos, mesclando linhas retas, círculos e curvas. Ligeiramente assimétrico, o padrão apresenta similaridades e repetições a partir do eixo que divide o ICC e a Praça Maior em duas partes, norte e sul.

Apesar do leve caimento do terreno, os estares foram definidos em platôs diversos, e implantou-se uma grande quantidade de escadas. Contrariamente à própria proposta escrita, e à visão preservacionista tão característica da obra de Chacel, seu partido para a Praça Maior investiu brutalmente em recortes no terreno. Na tentativa de planificar estares com grandes dimensões e formas pouco conexas com a topografia, criou-se um grave problema de acessibilidade.

de. É importante enfatizar que não foram propostas rampas no projeto, acarretando percursos e estares inacessíveis. Tal postura remete à pretensão da tabula rasa, idealizada como uma suposta liberdade de intervenção sobre o espaço, e recorrente no urbanismo moderno.

Os estares foram propostos com uma distribuição de árvores alinhadas, evidenciada na Fig. 64, e mobiliados com bancos sem encosto, cujos detalhes construtivos constam no projeto<sup>82</sup> (Fig. 65). A posição dos bancos, em algumas situações privilegia a sombra, principalmente no modelo quadrado em volta de árvores, mas outros estão localizados sob o sol (Fig. 66). Os bancos indicados no projeto se concentram em áreas mais periféricas da Praça Maior: nas extremidades do ICC, junto à Reitoria, e poucos entre o Teatro de Arena e a Biblioteca. A distribuição proposta contraria o que se observa hoje nas preferências de ocupação, conforme a pesquisa de campo.

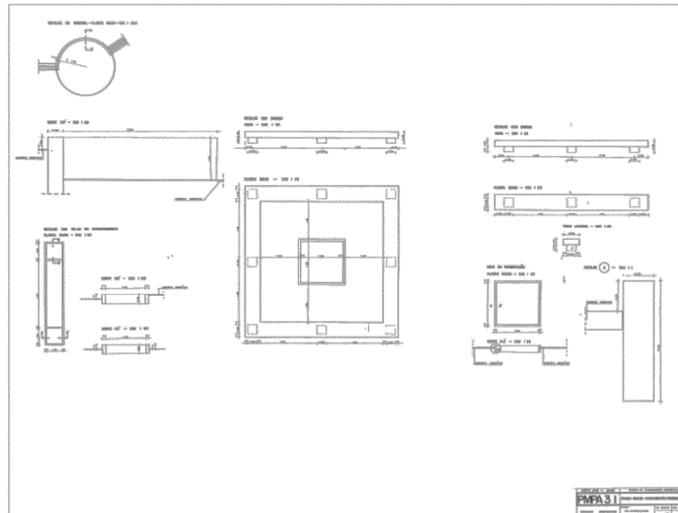
É importante observar que ao longo dos caminhos não foi proposta uma arborização, a fim de torná-los sombreados. Ao contrário, os grupos de árvores estão sempre afastados, em plena área gramada.



**Fig. 64 Adaptado do Tratamento Paisagístico da Praça Maior. Detalhe da arborização.**

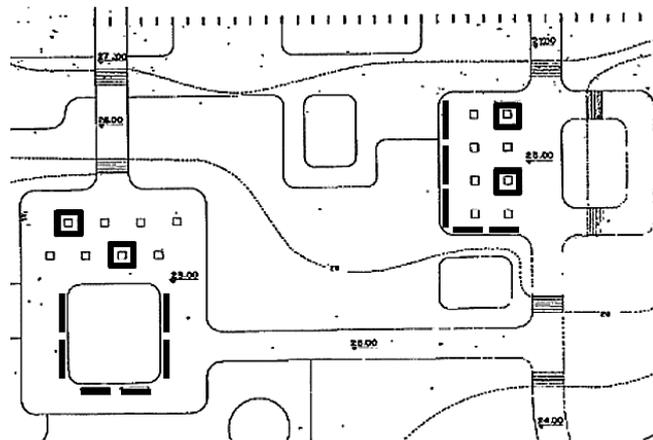
Fonte: Acervo do CEPLAN

<sup>82</sup> Constam detalhes dos bancos de concreto reto (3m, 4m, 5m e 7m), curvo, quadrado (gola de árvore), além do bundoril (borda de canteiro com assento), na prancha PMPA 31 do projeto. Obs. Há detalhes de bancos do entorno do Restaurante em outra prancha.



**Fig. 65 Prancha PMPA 31 - Detalhes dos bancos propostos**

Fonte: Acervo do CEPLAN



**Fig. 66 Adaptado do Tratamento Paisagístico da Praça Maior. Detalhe da distribuição de bancos retos e quadrados (gola de árvore) nos estares do ICC Sul**

Fonte: Acervo do CEPLAN

Um dos aspectos mais interessantes do projeto é que tenham sido propostos diversos acessos e estares junto ao ICC, além dos dois principais. O projeto buscava assim criar maior permeabilidade entre o grande edifício e a praça. O ICC, tendo sido concebido como uma obra aberta, permitia moldar-se a diversas situações. Esse seria um ponto chave na implantação da Praça Maior, pois haveria mais portas e olhos alimentando a vida pública da praça.

Ainda com relação às áreas construídas, destaca-se o Teatro de Arena<sup>83</sup>, concebido para ser “o mais importante espaço de apresentações e reuniões ao ar livre da UnB” (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 64). De acordo com Neusa Cavalcante (2015, p. 184), a criação de um teatro na universidade (que seria a Aula Magna) foi expressamente proibida por parte da presidência de república no período militar. Alegava-se que não interessava um teatro na universidade, por serem notórios os conflitos entre teatros e o poder constituído. Apesar disso, o Teatro de Arena foi introduzido no projeto paisagístico, driblando as ordens superiores e tornando-se um espaço de resistência democrática.

As áreas permeáveis são grande parte do terreno e conferem à proposta um aspecto de parque. Nessas áreas, a distribuição das árvores assume um caráter de bosque, com um arranjo menos rígido que nas áreas pavimentadas, mas ainda assim formalista. A arborização foi proposta com grupos de mesma espécie, ora de árvores, ora de palmeiras, regularmente distanciados. Diante da grande movimentação de terra feita no terreno na ocasião de construção do ICC, não restaram vestígios da vegetação autóctone e toda a arborização foi introduzida.

Na arborização dos estares foram indicadas espécies como a quaresmeira (*Tibouchina granulosa*) e a pata-de-vaca (*Bauhinia monandra* e *Bauhinia variegata*)<sup>84</sup>, típicas de mata atlântica, mas também o ipê-roxo (*Tabebuia avellanae*), o ipê rosa (*Tabebuia heptaphylla*) e o pau-ferro (*Caesalpinia leiostachya*), melhor adaptadas ao cerrado. Além da sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) nos estacionamentos.

Nas áreas gramadas, dispostas em grupos, destacam-se as árvores: guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), ipê branco (*Tabebuia odontodiscus*), eritrina-candelabro (*Erythrina speciosa*), paineira (*Ceiba speciosa*), mulungú (*Erythrina verna*), cássia (*Cassia grandis*), ipê-amarelo-casca-lisa (*Tabebuia longiflora*), ingazeiro (*Inga sp.*), entre outras.

---

83 Em 1997 o Teatro de Arena recebeu o nome de Honestino Guimarães em homenagem ao líder estudantil e ex-aluno da UnB desaparecido durante a ditadura militar.

84 A nomenclatura científica está escrita conforme consta no projeto paisagístico, sendo que parte dela foi atualizada de lá para cá.

Também nas áreas gramadas foram indicadas as palmeiras: coqueiro-jerivá (*Arecastrum romanzoffianum*), guariroba (*Syagrus oleracea*), indaiá (*Attalea geraensis*), macaúba (*Acrocomia sclerocarpa*), buritirana (*Mauritia aculeata*), o coqueiro-amargoso (*Syagrus comosa*), entre outras.

A maior parte da área permeável é coberta pela grama batatais (*Paspalum notatum*), bem adaptada e largamente empregada em Brasília. Os arbustos foram utilizados de forma isolada, como a primavera (*Bougainvillea spectabilis*), o imbê (*Philodendron Selloum*) e o manacá do cerrado (*Brunfelsia sp. regional*). Ou formando maciços vegetais, como o jasmim azul (*Plumbago capensis*), o margaridão (*Wedelia paludosa*), trapueraba (*Zebrina pendula*), lírio amarelo (*Hemerocallis flava*), bambuzinho do cerrado (*Bambusa sp. regional*), e o bambu verde-amarelo (*Bambusa vulgaris*), entre muitos outros.

### 3.5.3. A implantação



**Fig. 67 Praça Maior na década de 1970. CEDOC UnB**

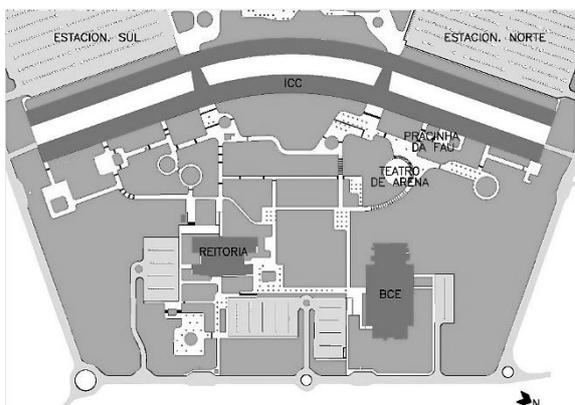
Fonte: KIM; WESELY, 2010, p. 299

Além de promover a urbanização de um espaço importante do *campus* (Fig. 67), a implantação do paisagismo na Praça Maior era necessária para melhorar as condições de conforto climático no local e amenizar a poeira, conforme relata a documentação. O arquiteto Nelson Saraiva da Silva foi designado pelo CEPLAN em 1972, para acompanhar e fiscalizar a execução das obras conforme o projeto de Chacel. A documentação demonstra que a implantação foi realizada em etapas, provavelmente entre 1972 e 1974.<sup>85</sup>

<sup>85</sup> Data estimada conforme documentos do projeto e do ano de construção do Teatro de Arena (SCHLEE *et al.*, 2014, p.64).

Algumas observações podem ser feitas a partir da implantação do projeto. Uma delas é com relação à parte civil, como caminhos, estares, escadas, e o próprio Teatro de Arena, que foram realizados de forma bastante fidedigna (Fig. 68 e Fig. 69). Entretanto, um dos aspectos mais interessantes do projeto ficou comprometido. As ligações diretas entre os ambientes internos do ICC e a área externa não foram concretizadas. Não por conta da implantação paisagística que manteve os acessos e estares junto a ele, mas porque no edifício não foram abertas as portas.

Esse é um fato lamentável, não apenas porque comprometeu a permeabilidade entre o edifício mais populoso do *campus* e o espaço externo, como ainda criou situações absurdas de caminhos que não levam a lugar nenhum e estares que ficam longe de tudo. Como já comentado, em poucos trechos isso foi efetivado, sendo que nem todas as aberturas coincidem com os estares externos. Restou um exemplo bem-sucedido, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em que foi criada a “Pracinha da FAU” pelos estudantes.



**Fig. 68 Projeto executado da Praça Maior**

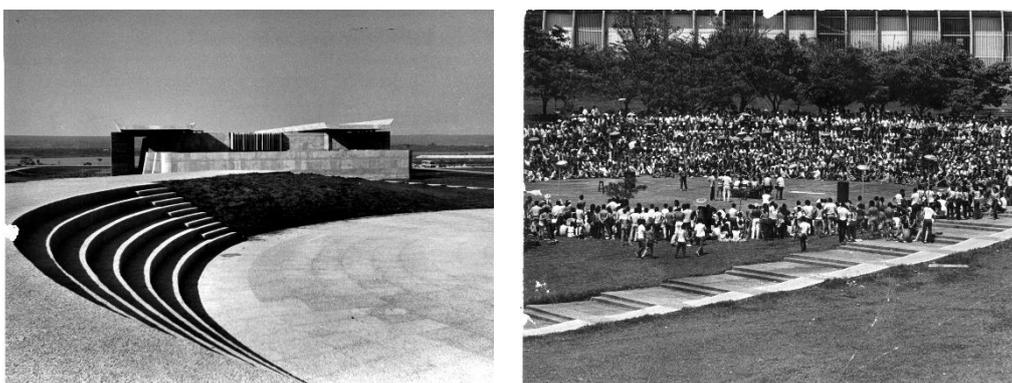


**Fig. 69 Praça Maior sendo implantada**  
Assessoria de Comunicação Social. Fonte:  
Arquivo Central UnB

Quanto à infraestrutura prevista, não foram implantados os esquemas de irrigação nem de iluminação paisagística, mas apenas a iluminação geral de postes. Outro aspecto que deixou a implantação incompleta foi o fato de que nenhum dos bancos previstos foi instalado, ainda que fossem de modelos simples em concreto. O fato chama muita atenção porque até hoje não foi feito o devido agenciamento de mobiliário nos espaços da praça.

De acordo com Sidney Linhares<sup>86</sup>, antigo sócio de Fernando Chacel, a proposta de um *campus* onde os estudantes tivessem muitas possibilidades de reunirem-se, não era vista com bons olhos diante da conjuntura política da época (ditadura militar). Linhares lembra que a reunião de três ou quatro pessoas, já era considerada um *ato de subversão* pelos governantes da época.

Segundo a matéria *Teatro de Arena vai renascer na inquietação*, da UnB Agência<sup>87</sup>, o temor do governo militar em favorecer os espaços de discussão no *campus* foi o motivo para que os bancos não saíssem do papel. A sua presença, como vimos, propicia oportunidades de permanência e convívio entre pessoas no espaço público, e os militares sabiam disso. Assim, o único lugar para se “parar, ver e estar” que se tornou realidade na praça foi o Teatro de Arena (Fig. 70).



**Fig. 70 Teatro de Arena.**  
**Esquerda, teatro recém construído. Direita, assembleia de estudantes em 1982**  
 Assessoria de Comunicação Social. Fonte: Arquivo Central UnB

De acordo com Linhares, apesar da conjuntura política, prevaleceu a ideia de um espaço que atendesse aos anseios de discussão e liberdade dos estudantes. E segundo ele, Chacel teria ficado satisfeito por conseguir executar um local onde os estudantes poderiam se reunir. A matéria da UnB Agência ressalta que o paisagista teria apreço pela obra, principalmente por ter visto uma fotografia da arena cheia de pessoas.

<sup>86</sup> Em entrevista concedida por e-mail entre 28/02 e 02/03 de 2018.

<sup>87</sup> A página com a matéria *Teatro de Arena vai renascer na inquietação* de autoria de Fabiana Vasconcelos, de 27 de março de 2009, foi retirada do ar. A matéria pode ser acessada por meio de solicitação à Secretaria de Comunicação da UnB – SECOM.

Com relação às vias de veículos e estacionamento projetados, muitas adaptações foram feitas, e o esquema viário definitivo foi realizado pela Diretoria de Engenharia da UnB, e não por Chacel. Foi elaborado provavelmente com a implantação em andamento, já que a DEN tratava de obras e serviços da universidade. Entre as adaptações houve a eliminação do estacionamento a norte e da pista contornando a Biblioteca e a Reitoria, o que contribuiu imensamente para a apropriação do espaço pelo pedestre. No local previsto para a Aula Magna seguiu-se o projeto adaptado, conforme a prancha PMPA 87.

Quanto à implantação do plantio, observou-se, que muitas foram as alterações decorridas. Sobre os arbustos e forrações não podemos afirmar se foram implantados conforme o projeto, mas observamos que a atual composição tem pouca semelhança com o que foi proposto em termos de espécies e arranjos. Quanto ao plantio de árvores e palmeiras, nota-se que seguiu parcialmente o projeto, tendo havido grandes modificações em certos trechos. Pode-se observar que, sobretudo na parte norte da praça, foram plantadas muito menos árvores do que era previsto, sendo ainda hoje um trecho excessivamente ensolarado, em que têm destaque as palmeiras. Na parte sul, o plantio foi mais aproximado do previsto.

Conforme o projeto estão os grupos de guapuruvus, as alamedas de pau-ferro, os bambuzais, grupos de palmeiras diversas, os ipês-brancos do Teatro de Arena, os grupos de jerivás junto ao ICC, os canteiros circulares com macaúbas e as praças com ipês-roxos. Entretanto pode-se dizer que a maior parte dos plantios está em desacordo com o projeto. Destacam-se, por exemplo, a existência de muitas frutíferas como mangueiras, jaqueiras, amoreiras e goiabas, sendo que no projeto não há nenhuma especificação para árvores com frutos.

Conclui-se que o plantio não seguiu fielmente o projeto. Há relatos de que o próprio Chacel teria lamentado as muitas alterações ocorridas e Paulo Zimbres (informação verbal<sup>88</sup>) confirma a forma desordenada com que o plantio foi executado. A questão é tão séria que o Plano Diretor de 1998 chega a afirmar que

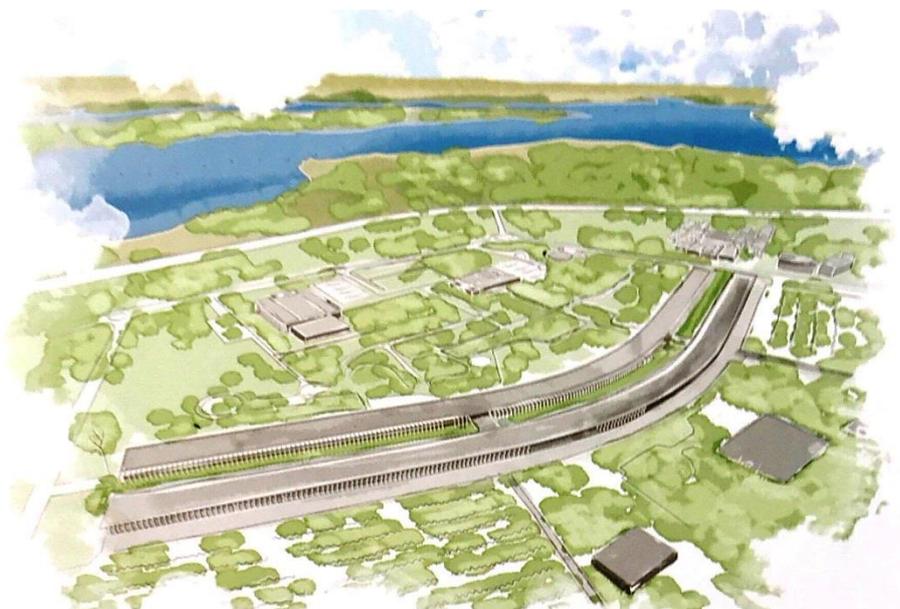
---

<sup>88</sup> Obtida em entrevista concedida por Paulo de Melo Zimbres em seu escritório em Brasília, em 16/03/2018.

o espaço não recebeu um projeto paisagístico definitivo, mas sim um tratamento prudente e sem pretensões (UnB, 1998, p. 244).

Por fim, é importante salientar que, com exceção da matéria citada<sup>89</sup>, a Praça Maior da UnB não tem sido mencionada em artigos, teses e dissertações sobre Fernando Chacel, ou mesmo nas entrevistas por ele concedidas. E não é pouco o material disponível. Nem mesmo na listagem de suas obras recentemente publicada, em *Fernando Chacel: tributo* (2017), consta qualquer menção ao paisagismo da UnB. Ainda que não se possa especular sobre as razões para isso, o fato sugere que a Praça Maior enquanto projeto, ou o resultado da obra, não seja um de seus trabalhos memoráveis.

#### 3.5.4. A Praça Maior hoje



**Fig. 71** Capa do calendário comemorativo de 55 anos da UnB (2017)

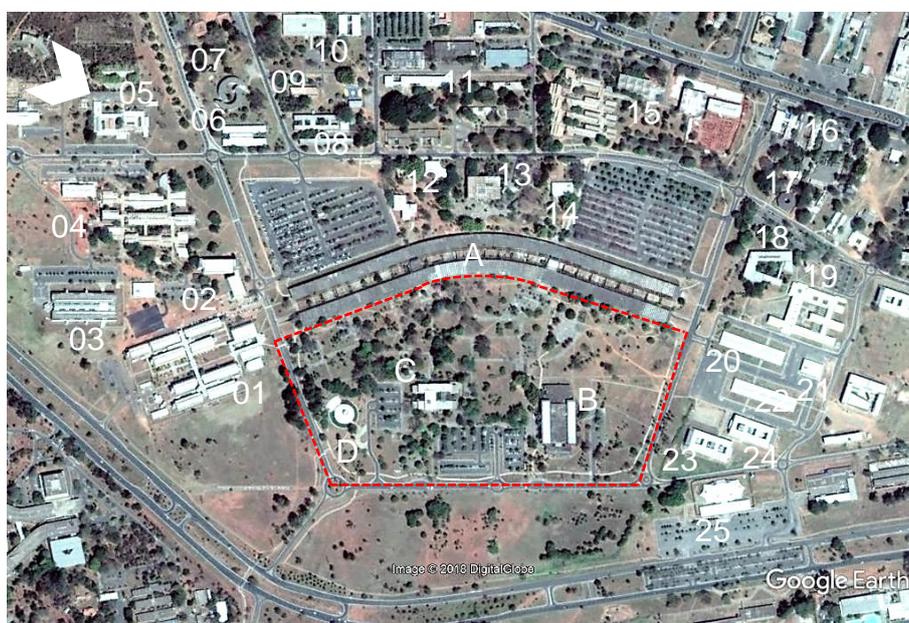
Fonte: Secom UnB

Desde sua implantação até os dias atuais, a configuração da Praça Maior vem se modificando. Hoje a praça se caracteriza por um grande parque arborizado no centro do *campus*. A vegetação desenvolvida, apesar das incongruências entre o projetado e o realizado, conseguiu efetivar o caráter bucólico pretendido desde a concepção de Lucio Costa, e tornou-se uma “imagem familiar para a comunidade universitária” (UnB, 1998, p. 244) (Fig. 71). Outro aspecto fundamental em sua configuração foi o processo de consolidação do *campus*. O

<sup>89</sup> *Teatro de Arena vai renascer na inquietação*, da UnB Agência.

adensamento (em termos relativos) ocorrido principalmente na área central, trouxe para a vizinhança da Praça Maior novas edificações, que não apenas reforçaram sua centralidade, mas também agregaram novos fluxos, evidenciados pelas “linhas do desejo” que a cruzam (Fig. 72).

Quanto aos elementos internos à praça, algumas intervenções foram observadas desde a implantação. Entre elas podemos citar as mais significativas: o estacionamento geral da Reitoria foi expandido, os postes de iluminação foram substituídos, uma grande quantidade de “linhas do desejo” e rampas (não previstas em projeto) foram incorporadas à pavimentação dos caminhos, uma ciclovia foi implantada, além de uma série de instalações sem critérios, realizadas de forma a comprometer o uso e a estética do lugar.



**Fig. 72 Edifícios da Praça Maior e arredores**

Praça Maior: A-Instituto Central de Ciências, B-Biblioteca Central, C-Reitoria, e D-Memorial Darcy Ribeiro. Nos arredores: 01-Instituto de Ciências Biológicas, 02-Bloco de Salas de Aula Sul, 03-Instituto de Química, 04-Faculdade de Medicina e Saúde, 05-Núcleo de Medicina Tropical, 06-Pavilhão Multiuso 2, 07-Centro de Desenvolvimento Sustentável, 08-Pavilhão Multiuso 1, 09-OCA 2, 10-Faculdade de Educação, 11- Núcleo de Artes / CEPLAN (SGs), 12-Centro de Vivência, 13-Restaurante Universitário, 14-MASC Centro, 15-Faculdade de Tecnologia, 16-Prefeitura da UnB, 17-Maloca, 18-Faculdade de Direito, 19-Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, 20-Pavilhão Anísio Teixeira, 21-MASC Norte, 22-Pavilhão João Calmon, 23- Ciência da Computação e Estatística, 24- Instituto de Ciência Política e Instituto de Relações Internacionais, e 25-Centro Comunitário Athos Bulcão. Fonte: adaptado do Google Earth

## Configuração da Praça Maior

O primeiro aspecto a se observar na Praça Maior é a arquitetura dos edifícios que a compõem. Além de darem significado à praça, vistas as suas funções e as origens do local, eles possuem características notáveis, graças ao empenho criativo investido em todo o processo de implantação da Universidade de Brasília. São edifícios fundamentais e integrantes de um relevante patrimônio edificado, digno da publicação comemorativa dos 50 anos da UnB - *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília* (2014). Pode-se dizer que estes edifícios, além de parte do testemunho da evolução da UnB, são também significativos em relação a Brasília. Arquitetos como Lucio Costa, Oscar Niemeyer, João Filgueiras Lima, José Zanine Caldas, Paulo Zimbres, José Galbinski, Alcides Rocha Miranda, entre outros autores de projetos do *campus*, são nomes importantes para a arquitetura nacionalmente.

### A arquitetura

O Instituto Central de Ciências, conhecido como “minhocão”, começou a ser construído em 1963, e teve papel definidor na estrutura do *campus* e da Praça Maior (Fig. 73). Projetado por Oscar Niemeyer como edifício acadêmico, ele é a maior edificação da UnB<sup>90</sup>. O ICC reúne os cinco Institutos de Ciências previstos por Darcy Ribeiro no projeto para a universidade e por Lucio Costa no planejamento do *campus*. De caráter monumental, o edifício possui cerca de 700m de extensão e altura de dois pavimentos (mais um subsolo). Tem dois trechos retos e um curvo central, e na junção dos trechos se localizam os principais acessos. É composto por dois blocos paralelos, entremeados por uma faixa ajardinada de 15m, e um terceiro bloco ocupa a faixa central no subsolo (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 50). Sua construção, em sistema de pórticos de concreto pré-moldado foi inovadora, e seu projeto permitiu tipos variados de ambientes, em uma ocupação flexível, capaz de atender a disciplinas e programas diversos. A ocupação do edifício foi feita gradativamente, a partir da extremidade sul, à medida em que cada trecho ficava pronto (UnB, 1972, p. 10). Ainda hoje o ICC é o centro da vida acadêmica na UnB, já que grande parte dos cursos tem estrutura parcial ou integralmente localizada nele. Entretanto, apesar

---

<sup>90</sup> O ICC tem 126.611m<sup>2</sup> de área construída (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 50).

de seu caráter integrador e de sua planta flexível, o edifício se mostra pouco permeável ao exterior e são raras as portas voltadas para a Praça Maior.



**Fig. 73 Instituto Central de Ciências - ICC**

A Biblioteca Central foi o primeiro dos edifícios previstos na Praça Maior a ser construído, em 1969 (Fig. 74). Foi projetada por José Galbinski, de acordo com o novo conceito da estrutura universitária, que reuniria em um só lugar o material de apoio para todos os cursos. Além dos acervos e salas de estudos, possui espaços de exposição e abriga a Faculdade de Ciências da Informação – FCI. O edifício tem o pavimento térreo elevado em relação ao terreno, um subsolo semienterrado, e o primeiro andar de uso público, além do segundo subsolo técnico. O volume da edificação consiste em um grande bloco de concreto aparente, com a parte central mais alta que as laterais (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 68). Suas fachadas principais são compostas por grandes brises fixos e a cobertura forma cascas com bordas curvadas. A edificação tem apenas três entradas, sendo uma da FCI, uma do público e outra de funcionários, localizada na fachada posterior. Apesar dos brises, seu invólucro se apresenta fechado para o espaço externo. Caracterizado pela arquitetura brutalista, sua linguagem busca resguardar das condições adversas, os seus ambientes internos, mantidos calmos e climaticamente confortáveis.



**Fig. 74 Biblioteca Central - BCE**

A Reitoria foi o segundo edifício construído na Praça Maior, a partir de 1972 (Fig. 75). Projetada por Paulo Zimbres, a construção tem base quadrada em que predomina o concreto aparente. Divide-se em dois blocos retangulares, com alturas intercaladas, cada um com três andares, além do subsolo (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 76). Entre os blocos, se insere um jardim que incluía um espelho d'água, infelizmente desativado. Um sistema de rampas interliga todos os pavimentos e atravessa o jardim. A edificação é aberta para o exterior, com janelas em fita em todas as fachadas, inclusive nas voltadas para o jardim. O edifício distribui suas funções hierarquicamente de baixo para cima, e o Salão de Atos e o auditório, no último pavimento, se destacam na volumetria. O térreo em pilotis faz da edificação a que melhor dialoga com o espaço externo, dentre os edifícios da praça, oferecendo uma zona de transição entre a área pública e a privada (fronteira suave).



**Fig. 75 Reitoria da UnB**

Por fim, construído muitos anos depois da implantação da Praça Maior, em 2010, o Memorial Darcy Ribeiro completa o conjunto edificado (Fig. 76). Com autoria de João Filgueiras Lima (Lelé), a edificação foi elaborada a partir da antiga solicitação do próprio Darcy ao amigo arquiteto, com o objetivo de guar-

dar e tornar acessível seu acervo pessoal. Em seu interior funciona também um restaurante, e ocorrem palestras e eventos. A edificação de dois pavimentos tem forma circular, com um jardim interno e iluminação zenital no centro (SCHLEE *et al.*, 2014, p. 136). Diametralmente oposto à marquise de entrada, estende-se o auditório apelidado de “Beijódromo”. O Memorial é inteiramente construído em estrutura, chapas e telhas metálicas. Concebido para ser um espaço aberto, possui janelas em todo seu perímetro e um espelho d’água o circunda. O paisagismo do jardim interno, espelho d’água e entorno tem autoria de Alda Rabello Cunha.



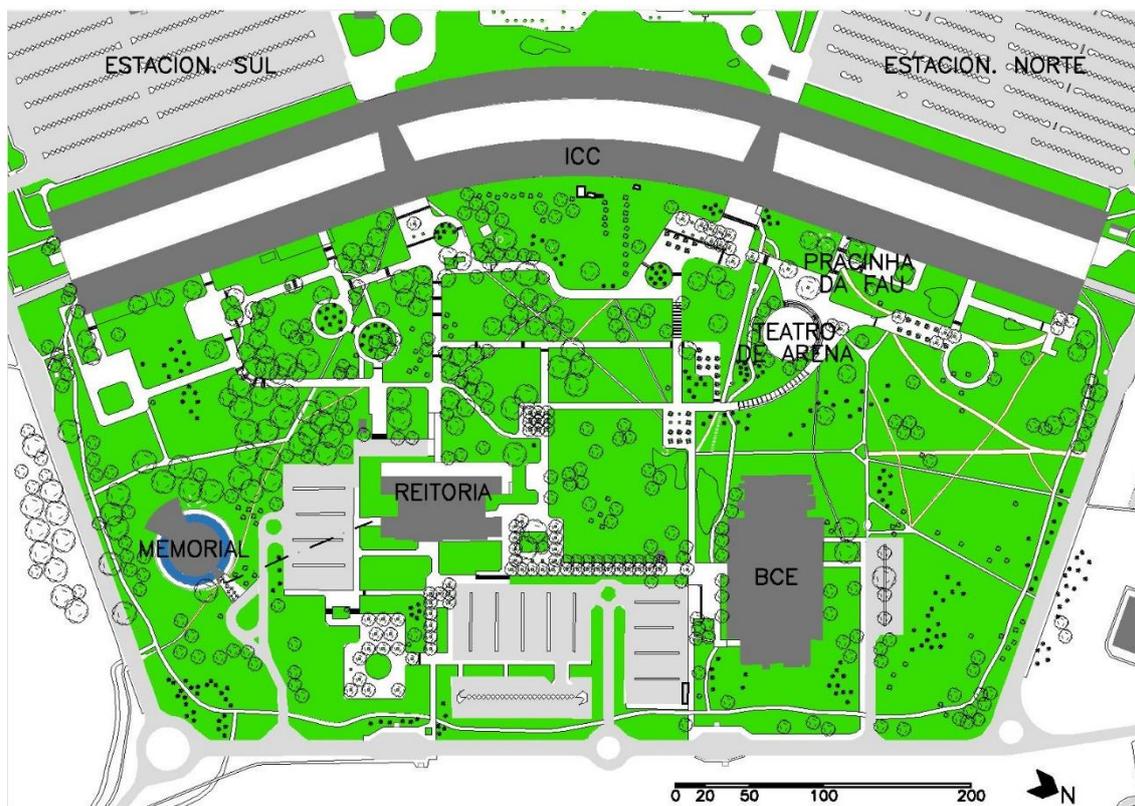
**Fig. 76 Memorial Darcy Ribeiro**

Além do conjunto de edifícios, o Teatro de Arena Honestino Guimarães compõe também a arquitetura da praça, sendo parte integrante do projeto paisagístico. Sua composição toda em concreto se encaixa no desnível de três metros entre platôs. O palco circular, com 37 m de diâmetro, é implantado no nível mais baixo, e a plateia se desenvolve em seis fileiras, em volta de um terço da circunferência. O teatro está localizado estrategicamente ao lado do caminho entre o ICC e a BCE e configura o espaço de maior reunião de pessoas ao ar livre em todo o *campus* (Fig. 77)



**Fig. 77 Teatro de Arena Honestino Guimarães**

Este é o conjunto arquitetônico que compõe a Praça Maior: O ICC a delimita inteiramente do lado oeste, e a Biblioteca, Reitoria e Memorial se distribuem em sua área, assim como o Teatro de Arena, importante equipamento. A possibilidade de implantação de novos edifícios no futuro, como a Aula Magna, Centro de Convenções, expansão da Reitoria etc., é uma perspectiva incerta e distante. A Praça Maior da UnB, tal como é hoje configurada, não é apenas um espaço à espera de edifícios faltantes. Ela é um espaço público importante para a vida comunitária no *campus*. Assim, merece ser devidamente conhecida e analisada enquanto espaço de integração social (Fig. 78).



**Fig. 78 Configuração atual da Praça Maior**

## A relação com o lago

A concepção original do *campus* tem a entrada principal pela via L4 Norte, dando as costas para a cidade. Na prática, o que se pensava como os fundos, onde estão os edifícios de Serviços Gerais, tornou-se naturalmente o acesso principal, mais próximo da Asa Norte. Dessa forma, a localização da Praça Maior, concebida como porta de entrada do *campus* e com os edifícios mais importantes, tornou-se, do ponto de vista da sintaxe espacial, um lugar segregado.

Embora o *Campus Darcy Ribeiro* seja um dos pontos em que o lago está mais próximo à cidade, a Praça Maior não se consolidou como uma passagem entre os dois. Isso porque as distâncias a pé não são pequenas. Do centro da praça até as superquadras são 1000 m, e até a orla do lago são 650 m, tomados em linha reta.

A relação do Plano Piloto de Brasília com o Lago Paranoá rende discussão desde o concurso para a construção da capital, quando a proposta de Lucio Costa, ainda que tenha se destacado amplamente sobre as outras, recebeu como crítica a “demasiada quantidade indiscriminada de terra entre o centro governamental e o lago” (BRAGA, 2010, p. 63). E mesmo tendo sido realizado um deslocamento do conjunto da cidade na sua construção<sup>91</sup>, o Plano Piloto ficou ainda situado em cotas altas, dada a importância de ter os edifícios monumentais do governo em destaque na paisagem. Com isso a localização final manteve um afastamento entre cidade e lago, grande para a escala do pedestre, e configurado por áreas livres arborizadas e vias de velocidade. Além disso, a forma de ocupação ocorrida na maior parte da orla do lago não conseguiu efetivar seu caráter público e acessível para a população. Dessa forma, ainda que o *campus* e a Praça Maior tenham potencial, na integração entre a cidade e o lago, na prática isso não se verifica.

---

91 Por sugestão de Sir William Holford, membro do júri do concurso, foi feito o deslocamento do conjunto da cidade para leste, a fim de reduzir a área vazia entre a cidade e o lago, vulnerável à pressão de futuras ocupações indevidas (COSTA; LIMA, 2009, p. 50).

No eixo oeste-leste, da cidade em direção ao lago, o ICC se localiza antes da Praça Maior. Como edifício concentrador de atividades, ele absorve a maior parte do fluxo de pessoas, e com isso, muitas delas não chegam a atravessá-lo para o outro lado, a menos que tenham um objetivo específico como ir à Biblioteca ou à Reitoria. No dia a dia, para a realização das atividades complementares mais triviais da vida universitária, como transporte, alimentação e serviços de apoio, quase tudo pode ser resolvido até a altura do ICC. Se por um lado o edifício funciona como um elemento integrador do *campus*, por outro ele é um ímã tão forte, que torna secundária a exploração das áreas posteriores a ele, como a Praça Maior, o Centro Olímpico e a orla do lago.

Independentemente da discussão que envolve o uso e apropriação do Lago Paranoá, há toda uma paisagem lacustre voltada para a Praça Maior. A paisagem do lago seria o quarto lado da praça. Acontece que por questões de implantação e sobretudo do posicionamento dos maciços vegetais, o lago não pode ser avistado da maioria dos pontos da Praça Maior. Os lugares em que se tem sua melhor vista são das vias laterais VC-1 e VC-12 (Fig. 79) e à frente da praça (via VC-13).



**Fig. 79 Vista do Lago Paranoá. Esquerda, da via VC-12. Direita, da via VC-1**  
Observar a maior densidade vegetal na parte sul da Praça Maior

A questão da obstrução da vista do lago está relacionada sobretudo à vegetação, já que o relevo por si a favorece. A disposição de árvores e maciços de bambu na forma de bosque, considerando porte e quantidade, forma uma paisagem que encobre em grande parte a vista lacustre. O conjunto de vegetação cria um tipo leve de opacidade, diferente da que os elementos construídos impõem, mas que limitam a paisagem do lago. Com maior densidade de vegeta-

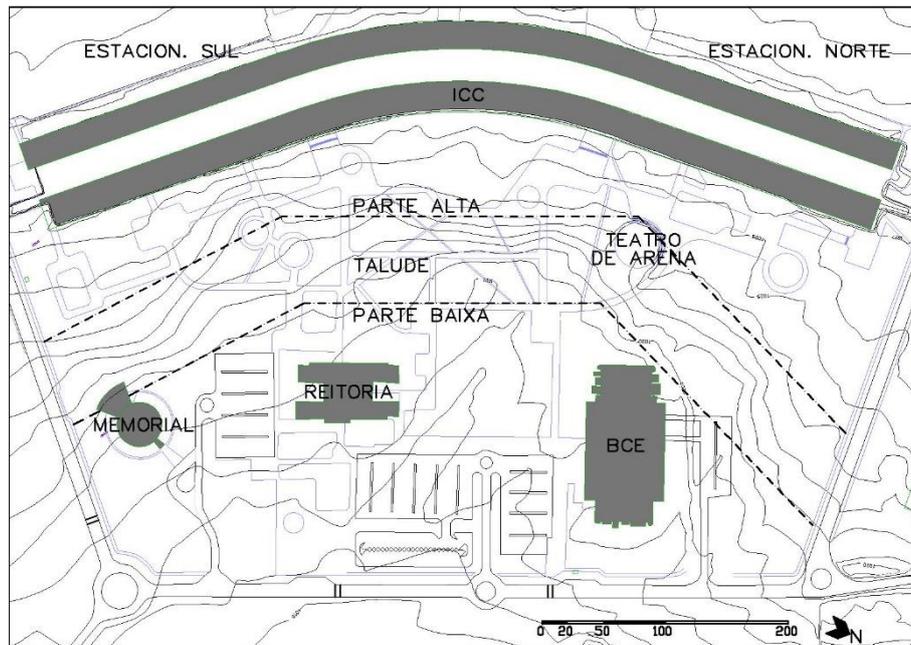
ção na parte sul da praça, é no centro e norte onde há mais possibilidades de visualização.

Todos esses aspectos evidenciam que a vista do lago não foi uma preocupação do projeto paisagístico. Na ocasião da implantação da Praça Maior sua presença fosse talvez tão evidente que não se supôs que com o desenvolvimento das árvores, elas a encobririam. O fato é que se perdeu a oportunidade de contemplar o lago e “aproximá-lo” do *campus*.

### **O tratamento do relevo**

O relevo natural da Praça Maior declina a partir do ICC, na cota mais alta, até a via VC-13, 11 m mais baixa. As curvas de nível, paralelas ao ICC descem em direção ao lago, com uma inclinação de 2.8% ao longo da praça. Este relevo suavemente inclinado é característico não apenas da Praça Maior, mas de todo o Plano Piloto de Brasília, e assim como o Lago Paranoá, ele atua como uma referência espacial para a cidade (orientabilidade). A suave declividade traz a vantagem de possibilitar a vista do lago, sem configurar uma barreira para a urbanização ou acessibilidade.

A proposta paisagística para a Praça Maior, entretanto, apesar de todo o discurso de preservação ambiental característico da obra de Chacel e registrado na documentação escrita do projeto, tomou o rumo contrário. Ela foi realizada de forma a modificar profundamente o terreno, recortando-o em inúmeros platôs e taludes com níveis diferentes. A opção por escalonar as áreas urbanizadas gerou 51 lances de escada, contabilizados na praça. Há também o agravante da ausência de rampas, que foram posteriormente acrescentadas sem qualquer cuidado quanto às normas técnicas, estética ou localização. A implantação de platôs com contenções excessivas funciona como barreira ao deslocamento e compromete a mobilidade de pedestres e ciclistas.



**Fig. 80 Topografia da Praça Maior. Curvas de nível a cada um metro.**

Observando o mapa de topografia sobreposto à urbanização do projeto paisagístico, notamos que seu desenho não se ajusta bem à forma do relevo (Fig. 80). A forma e o tamanho dos estares contraria em muitos pontos o caimento do terreno, impondo-se quase como uma abstração. Mas o principal problema está nos caminhos e conexões entre estares, que poderiam acompanhar o relevo em rampa, sem a necessidade de desníveis ou escadas (Fig. 81).



**Fig. 81 Excesso de escadas. No sentido horário: talude gramado central; estar na saída do ICC Sul; acréscimo de rampas sem critérios; e falta de corrimão, guia, guarda-corpo.**

Vemos também no mapa que no trecho central, o declive é mais acentuado. Isso foi aproveitado com a implantação do Teatro de Arena e com um extenso talude gramado. Assim, a praça fica configurada em partes alta e baixa, onde há mais estares, enquanto na parte central mais íngreme, há mais áreas permeáveis. As partes alta e baixa são bastante perceptíveis do ponto de vista do pedestre. Quem se encontra em uma parte do terreno visualiza pouco a outra área de maneira que o desnível causa certa opacidade à visão. Quanto à inacessibilidade da Praça Maior, além do já mencionado excesso de escadas e

existência de rampas fora de norma<sup>92</sup>, há o fato de o projeto não ter indicado corrimãos, guias de balizamento ou guarda-corpos, comprometendo até hoje a livre circulação no espaço. A pavimentação em granitina rústica, um tipo de piso monolítico feito com grãos de minério e cimento, devido à rugosidade, também não favorece o deslocamento de pessoas com deficiência.

### **A urbanização**

Ao analisarmos a urbanização de um espaço público, o primeiro aspecto a ser considerado deve ser o deslocamento de pedestres, pois, conforme discutido no capítulo 2, é a partir da oportunidade de caminhar que surgem outras atividades. Quando observamos a diagramação dos caminhos da Praça Maior, percebemos que ela desconsidera em grande parte os eixos naturais de deslocamento. Os principais fluxos seriam aqueles entre os acessos dos edifícios da praça, e secundariamente, aqueles que interligam os edifícios do entorno. Ao sobrepor os principais eixos de deslocamento com o desenho dos caminhos, vemos que eles encontram pouca correspondência entre si<sup>93</sup> (Fig. 82).

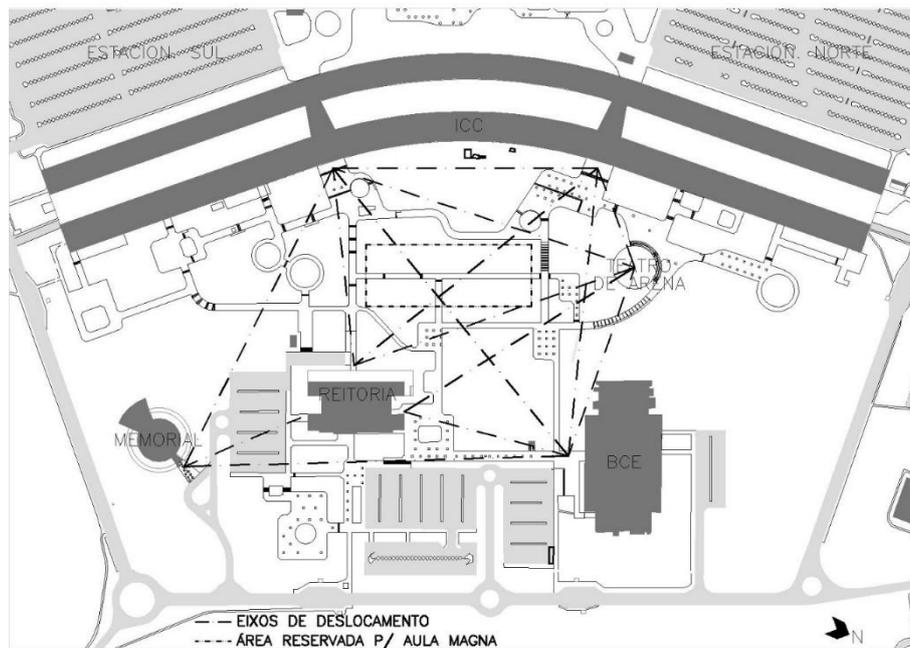
Um dos aspectos que mais chama a atenção é a área central da Praça Maior, onde pela lógica, haveria um cruzamento de eixos. Mas no lugar dele, existem passagens ortogonais formando grandes canteiros. Esse desenho é resultado de uma espécie de tratamento provisório dado ao trecho, causado pela expectativa de implantação do edifício da Aula Magna no local. No lugar do edifício que nunca existiu, o que se tem é um conjunto de caminhos ortogonais e casuais. Sem entrar no mérito de o edifício vir a ser construído um dia, o fato é que, passados mais de 40 anos desde a implantação da Praça Maior, seu espaço mais privilegiado continua tendo caminhos disfuncionais.

O efeito dessa solução provisória impacta os deslocamentos por toda a praça, já que, em vez de caminhos diretos entre edifícios, eles precisam “contornar” o que seria a Aula Magna.

---

<sup>92</sup> A norma NBR 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT dispõe sobre critérios e parâmetros técnicos das condições de acessibilidade para edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

<sup>93</sup> Apenas o Memorial Darcy Ribeiro não estava previsto na ocasião da elaboração do projeto paisagístico.



**Fig. 82 Urbanização de caminhos x eixos principais de deslocamento**

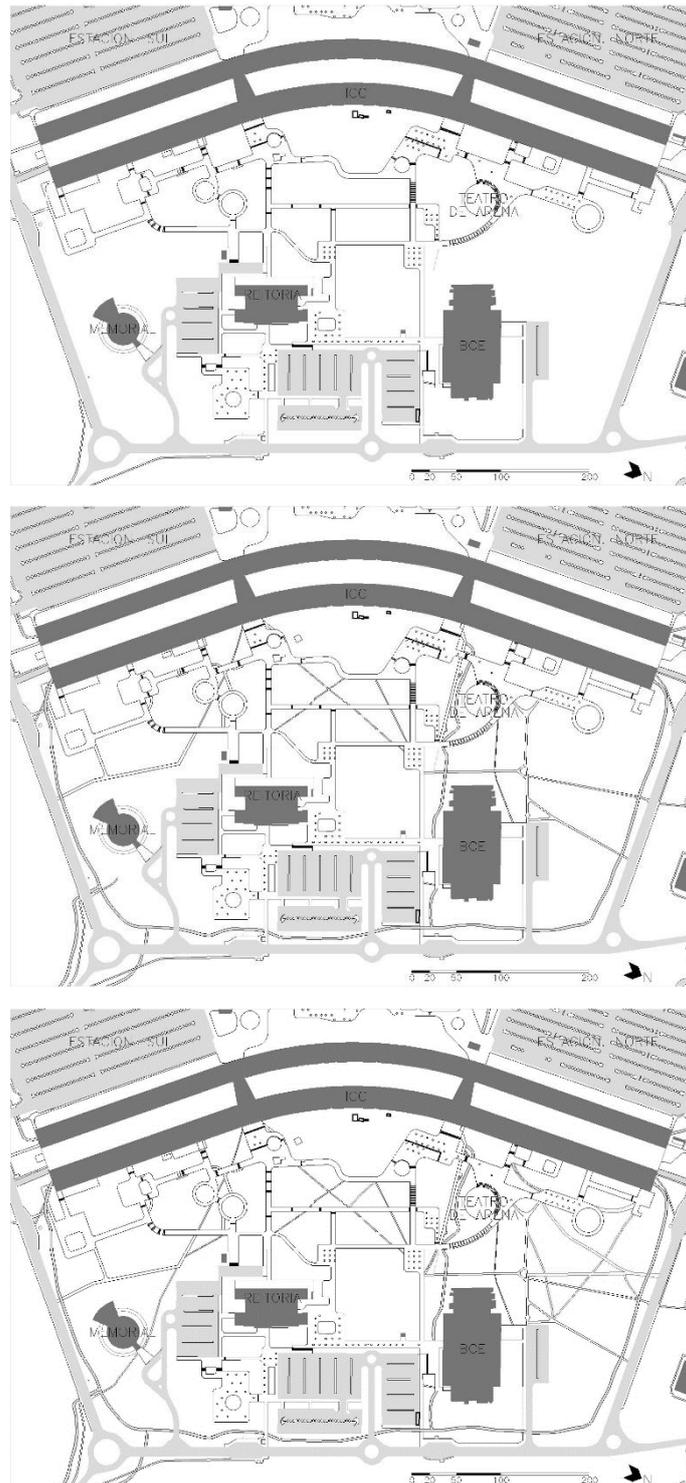
A falta de correspondência entre o desenho urbano e os deslocamentos, entretanto, não se reduz à área central. Se observarmos bem, são poucos os trechos em que há concordância entre as duas coisas. Um deles é o caminho entre a Reitoria e o ICC Sul, com traçado direto entre os acessos, porém com muitas escadas. Outro, é entre o ICC Norte e o Teatro de Arena, que apesar de curto é cheio de adaptações. O caminho entre a Reitoria e a Biblioteca é satisfatório em quase toda extensão, mas contém escadas desnecessárias.

Em todos os outros percursos podemos destacar o excesso de inflexões, bifurcações, desníveis, descontinuidades e trechos fora de rota e subutilizados (Fig. 83). Além disso, os caminhos não correspondem ao trajeto mais curto e cômodo entre os edifícios. Dessa forma, podemos dizer que a implantação geral de caminhos não colabora com os fluxos naturais de pedestres, tornando-se barreiras ao deslocamento.



**Fig. 83 Caminhos. No sentido horário: “linha do desejo”; acréscimo à pavimentação; excesso de escadas; descontinuidade; e inflexão**

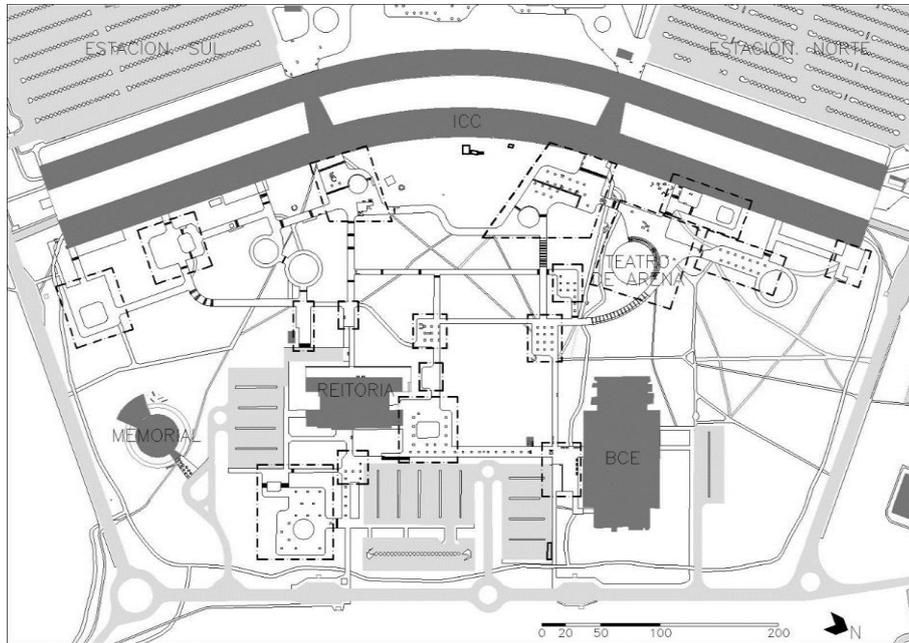
Um importante indicativo da baixa funcionalidade das calçadas é a quantidade de acréscimos à pavimentação e de novas “linhas do desejo”. Como podemos observar, os caminhos acrescidos e “linhas do desejo” tomam direções diagonais, contrastando com o traçado projetado e encurtando passagem (Fig. 84).



**Fig. 84 Urbanização de caminhos na Praça Maior. De cima para baixo: caminhos projetados; caminhos acrescidos pavimentados (incluindo ciclovia); todos os caminhos existentes (incluindo “linhas do desejo”)**

Outro aspecto a ser analisado com relação à urbanização é o tratamento dado aos espaços destinados à permanência de pessoas. Há na praça cerca de 20 estares, além do Teatro de Arena, que consistem em áreas pavimentadas mais amplas e com formas distintas (Fig. 85). Conforme já mencionado, seu padrão

geométrico mescla linhas retas, círculos e curvas, e apresenta similaridades e repetições nas partes norte e sul da praça. Verifica-se uma tendência ao formalismo na disposição sempre alinhada dos canteiros arborizados.



**Fig. 85 Localização dos estares na Praça Maior**

A urbanização se concentra mais na área central da Praça Maior, entre os pontos de acesso aos edifícios. A maior parte dos estares está às vezes deslocada dos caminhos, configurando locais de remanso. Em outros casos estão próximos aos edifícios.

Os estares, como locais de permanência, são os espaços em que mais se percebe a falta de detalhamento e de mobiliário e estrutura de apoio aos usuários. Outra questão importante é o sombreamento insuficiente dessas áreas. Como não foram previstas coberturas, todo o sombreamento é dependente das árvores, e como veremos, a arborização não alcançou o resultado desejado de sombra (Fig. 86).



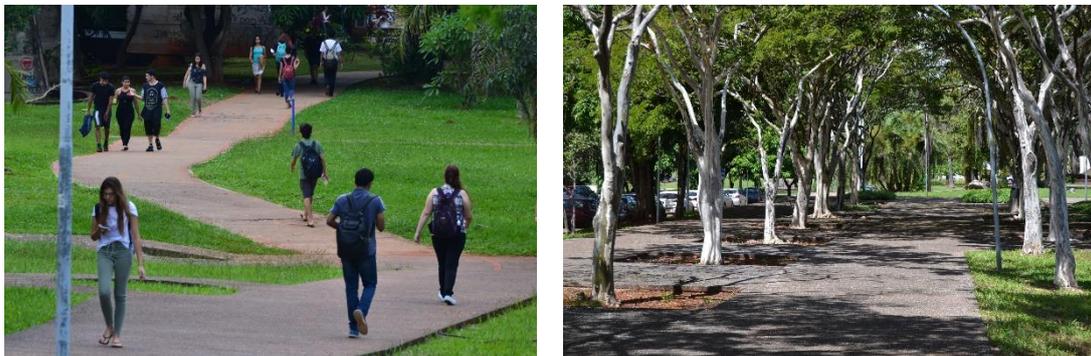
**Fig. 86 Estares.** Espaços pavimentados, amplos, pouco sombreados, com pouco ou nenhum mobiliário, sem detalhamento arquitetônico ou infraestrutura para permanência.

### A vegetação

A proposta de arborização se apresenta de duas formas para cada uma das áreas: pavimentada e gramada. Nos estares, o plantio é feito por meio de canteiros quadrados, alinhados e regularmente espaçados. De acordo com o projeto, as copas das árvores deveriam ter projeções quase tangentes umas às outras, de forma a sombrear a área por inteiro. O resultado, porém, não foi o esperado. Diante do pouco conhecimento sobre a flora do cerrado, foram adotadas muitas árvores de mata atlântica na expectativa de que se adaptassem. Nesse cenário destaca-se a pata-de-vaca, que não se aclimatou bem e não atingiu o porte esperado. Nos estares junto aos acessos ao ICC, onde foi utilizada, nos chama a atenção a altura insuficiente para a passagem de pedestres (que precisam se abaixar), e o diâmetro da copa que não cobre o espaçamento (6m). Além disso, não são poucos os canteiros vazios, devido ao perecimento das plantas, e os que tiveram em substituição espécies também inadequadas, como as amoreiras (*Morus nigra*), de porte ainda menor que a pata-de-vaca. O efeito paisagístico é esteticamente desequilibrado, já que as árvores ficaram menores do que deveriam, e o resultado de sombreamento não é suficiente

para apoiar a permanência de pessoas, deixando a área quente e com luz excessiva. Nos demais estares com outras espécies, em menor proporção, há também pouco sombreamento, e este pode ser considerado um dos maiores problemas encontrados na Praça Maior.

Ao longo dos caminhos, de forma geral, não foi disposta arborização. Pelo contrário, as árvores estão quase sempre distantes das calçadas, livremente dispostas no gramado. Esse tipo de plantio seria benéfico para proporcionar sombra e favorecer os deslocamentos, sobretudo nas grandes distâncias da Praça Maior. Como exemplo, o percurso entre o ICC Norte e a Reitoria tem 320 m e entre o ICC Sul e a Biblioteca, 375 m. Essas distâncias percorridas sob o sol, no clima quente e seco de Brasília, tornam-se no mínimo incômodas (Fig. 87).



**Fig. 87 Sombreamento de caminhos. Esquerda, padrão predominante sem sombra. Direita, alameda de paus-ferro como exceção**

Outra qualidade da arborização ao longo dos caminhos seria assinalar os eixos de deslocamento, auxiliando a orientação dos pedestres menos familiarizados com o espaço. O único trecho bem estruturado forma um “L” entre a Biblioteca e a Reitoria, seguindo por sua lateral. No local, as alamedas de paus-ferro se destacam pelo aspecto ornamental do tronco, garantem sombra ao percurso, e marcam o eixo de deslocamento.

As áreas gramadas somam a maior parte da superfície e têm árvores bem desenvolvidas e adaptadas. Nelas, observa-se a exuberância do jardim adulto que proporciona o aspecto de parque à Praça Maior.

Apesar da proposta de distribuição regular da vegetação, o plantio não seguiu o projeto por completo (Fig. 88). A parte sul da praça hoje contém uma quantidade muito maior de árvores, que se desenvolveram bem (Fig. 89), enquanto

na parte norte, menos arborizada, as palmeiras se destacam (Fig. 90). Essa diferença se deve ao fato de que deixaram de ser plantadas muitas árvores, e como resultado, o sul é mais sombreado e tem mais forte a característica de bosque, enquanto o norte é mais descampado e ensolarado.



**Fig. 88 Arborização mais concentrada na parte sul da Praça Maior.**  
Fonte: Adaptado do Google Earth

A vegetação em alguns locais é tão densa que se vê parcialmente os edifícios por trás dela. Ela define de forma peculiar um sistema de opacidades e transparências à visão. Já nos locais mais abertos, são os desníveis do terreno gramado que estabelecem os planos de visão, como pode se observar nas imagens.

É importante enfatizar a existência de frutíferas na Praça Maior. Não constando do projeto, elas foram adicionadas à praça pela comunidade. As frutíferas não apenas criam áreas de sombra densa, no caso das muitas mangueiras e jacueiras, como também acrescentam outra atividade ao lugar, criando mais vínculos entre o espaço e a comunidade.



**Fig. 89** Arborização na parte sul da Praça Maior. Destaque para grandes árvores e áreas mais sombreadas



**Fig. 90** Arborização na parte norte da Praça Maior. Destaque para palmeiras e bambuzais, e áreas mais ensolaradas

Diferentemente das árvores e palmeiras, os arbustos e forrações são pouco presentes na praça. O projeto os previa em locais diversos, com forrações em manchas junto aos estares e arbustos formando grupos espalhados. Atualmente quase não há forrações e os arbustos estão localizados mais próximos aos edifícios, principalmente na Reitoria e Memorial (Fig. 91). Com exceção dos bambuzais, os arbustos não são marcantes na paisagem.



**Fig. 91** Arbustos e forrações próximos à Reitoria e ao Memorial Darcy Ribeiro

### **A infraestrutura da Praça Maior**

O projeto paisagístico de Chacel não apresentou detalhamento, tendo indicado apenas os esquemas de iluminação e irrigação, além dos bancos em concreto, todos eles não executados com exceção da iluminação geral. Como assentos, foram realizados somente duas bordas de canteiros circulares, denominadas no projeto de “bundoril”. Assim, toda a estrutura existente na praça foi sendo instalada ao longo do tempo, sem um planejamento.

Com relação ao mobiliário, existem bancos em concreto, com desenhos diferentes e em quantidades inferiores ao previsto em projeto (Fig. 92). Ficam em grande parte na vizinhança dos edifícios, havendo muito poucos nos estares e demais espaços. A existência de assentos improvisados com troncos de madeira, *pallets* e carteiras escolares são um indicativo da quantidade insuficiente de bancos. Também chama a atenção a localização dos bancos improvisados, que diferentemente dos formais, se localizam quase sempre nas áreas gramadas e mais sombreadas, e não nos estares (Fig. 93).



**Fig. 92 Modelos de banco: com encosto, sem encosto em vários tamanhos e "bundoril"**



**Fig. 93 Mobiliário improvisado com madeira, *pallets* e carteiras escolares**



**Fig. 94 Mesas produzidas pela comunidade ou para uso comercial. Da esquerda para direita: Pracinha da FAU, banca de lanches e restaurante do Memorial**



**Fig. 95 Espaços produzidos pela comunidade. Da esquerda para direita: Pracinha da FAU, Curral do CAAGRO e redário do Memorial**

Praticamente não há mesas na Praça Maior e as que existem não foram formalmente instaladas pela instituição (Fig. 94). Na Pracinha da FAU <sup>94</sup> há um

<sup>94</sup> A Pracinha da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) é um espaço produzido no acesso da FAU para a Praça Maior. É um espaço peculiar, sendo uma apropriação do espaço pela comunidade de estudantes de arquitetura, que a produziu, utiliza e mantém.

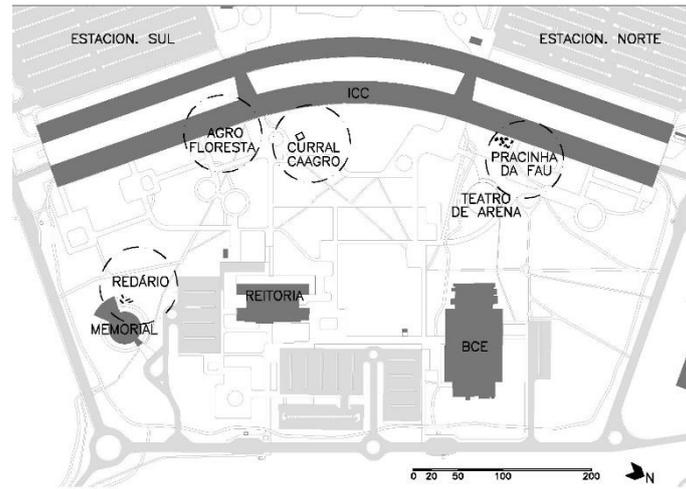
conjunto em alvenaria com mosaico cerâmico construído pelos estudantes de arquitetura, do qual fazem parte duas mesas, um balcão, churrasqueira e outros elementos. Entre a Pracinha da FAU e o Teatro de Arena há uma mesa improvisada com *pallets* pela comunidade. Além dessas, não há mesas distribuídas na praça, com exceção das de uso comercial, destinadas aos clientes do restaurante do Memorial e da banca de lanches. O detalhamento do mobiliário da Praça Maior está na Tabela 2.

**Tabela 2 Quantidade, tipos de bancos e número de pessoas que comportam**

<b>Mobiliário:</b>			
quant.	tipo	descrição	serve a:
73	bancos sem encosto	14 individuais	14
		47 p/ 3 pessoas	141
		12 diversos (maior dimensão)	60
16	bancos com encosto	16 p/ 3 pessoas	48
11	bancos improvisados	3 individuais	3
		8 p/ 3 pessoas	24
100	total		290
4	mesas		20
1	redário		15
Obs. Não foram contabilizados o mobiliário de uso comercial, os assentos do Teatro de Arena, nem os bancos integrantes da arquitetura da Reitoria. A quantidade de pessoas comportadas é estimada.			

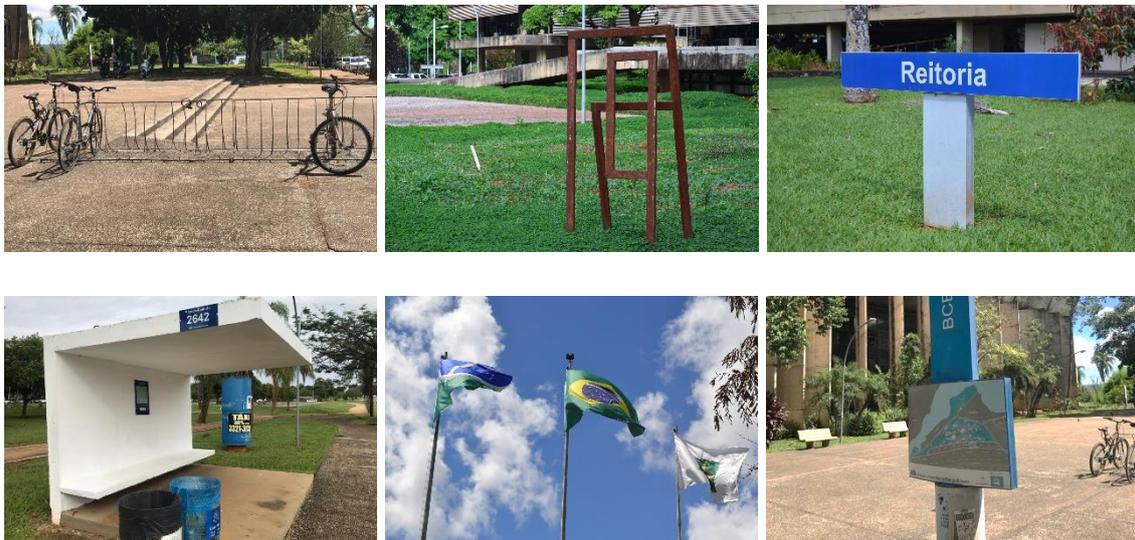
Além da Pracinha da FAU, outros espaços foram produzidos pela comunidade na área da Praça Maior (Fig. 95). São eles o Curral do CAAGRO<sup>95</sup>, que não conta com mobiliário, sendo apenas um espaço cercado, uma agrofloresta mantida rente ao ICC, e o redário do Memorial Darcy Ribeiro, instalado por iniciativa dos funcionários e livremente utilizado. É interessante observar que não são espaços centrais, mas sim todos localizados em recantos da Praça Maior (Fig. 96).

<sup>95</sup> Curral Paulo Cesar Costa, do CAAGRO (Centro Acadêmico da Agronomia) é um espaço próximo ao acesso sul do ICC. É um cercado, eventualmente utilizado, sendo apropriado pela comunidade de estudantes de agronomia.



**Fig. 96 Localização dos espaços produzidos pela comunidade. Praça da FAU, Curral do CAAGRO, agrofloresta e redário do Memorial**

Fora o escasso mobiliário mencionado, a praça dispõe, como elementos de urbanização, de: totens com mapa do *campus*, placas de endereçamento, bicicletários na BCE e no Memorial, mastros na Reitoria, lixeiras, iluminação pública, uma banca de alimentos e paradas de ônibus nas faces norte, sul e leste. Há também esculturas localizadas em diversos pontos e bustos comemorativos junto à BCE (Fig. 97).



**Fig. 97 Outros elementos da urbanização da Praça Maior: bicicletário, escultura, endereçamento, parada de ônibus, mastros e totem com mapa do *campus***

Considerando o que falta na Praça Maior, lembramos de não há nenhum tipo de cobertura fixa em toda a extensão da praça, mas apenas instalações provisórias, montadas principalmente para eventos no Teatro de Arena. Também não há bebedouros ao ar livre, nem o alcance da rede de internet sem fio gratuita da UnB.

Outro aspecto importante da infraestrutura é a falta de elementos de apoio a atividades físicas. Com exceção da ciclovia implantada e de pequenas áreas improvisadas como quadras nos estares, não há qualquer equipamento voltado à prática esportiva, tais como mesas de jogos, tabuleiros, *slacklines*, academias ao ar livre, entre tantas possibilidades. Considerando as dimensões e características do espaço, podemos dizer que há um desperdício desta função na Praça Maior.

De forma geral, no espaço hoje configurado manifestam-se muitas das características observadas no *campus*, tais como as grandes distâncias entre os edifícios, que acarretam percursos extensos e por vezes inóspitos, além de espaços com dimensões que dispersam as pessoas. Além disso, aspectos decorrentes do projeto paisagístico e da implantação agravam algumas questões já desfavorecidas pela morfologia: o tratamento do relevo, o deslocamento de caminhos e estares, a especificação e plantio da arborização, e a persistente escassez e improvisado do mobiliário urbano ao longo dos anos, comprometem o desejável caráter integrador desse espaço.



## Capítulo 4 – A vida pública da Praça Maior

### 4.1. Levantamento da vida pública

Durante os meses de outubro e novembro de 2018 foi realizado o levantamento da vida pública na Praça Maior da Universidade de Brasília. A pesquisa englobou três procedimentos complementares: o levantamento do tráfego de pedestres e ciclistas, mapas comportamentais e a aplicação de breve questionários com os frequentadores *in loco*.

O período de realização da pesquisa de campo foi escolhido em função do calendário acadêmico em um semestre típico. Considerando que no primeiro semestre de 2018 houve paralização de estudantes e funcionários da Universidade de Brasília, o segundo semestre letivo mostrou-se mais adequado ao levantamento. Os dados foram colhidos em dias de terça à quinta-feira (afastados do final de semana), evitando-se os dias com ocorrência de chuva, de forma a captar um retrato mais típico do cotidiano universitário. Não foram feitos levantamentos em finais de semana, feriados, nem no período noturno que, esvaziados, não caracterizam bem este cotidiano. À noite observou-se a baixa iluminação e foram feitas poucas visitas e sem sistematização.

É importante ressaltar duas ocorrências durante o período de pesquisa. A mudança da estação seca para a chuvosa<sup>96</sup>, que permitiu observar o uso do espaço em situações diversas e enriqueceu o estudo. E o início do horário de verão<sup>97</sup>, que possibilitou a realização do levantamento num período ampliado de luz natural, em que o sol se põe após as 19h.

Cada um dos procedimentos teve um objetivo. O levantamento do tráfego de pedestres buscou quantificar o número de pessoas de passagem pela área, dando uma ideia do quanto o espaço é “alimentado” por pessoas. Comparando este tráfego ao total de usuários diários do *campus*, foi possível obter um pa-

---

<sup>96</sup> O clima de Brasília é caracterizado por duas estações, onde a estação seca ocorre de maio a setembro e a estação das chuvas de outubro a abril.

<sup>97</sup> O horário brasileiro de verão em 2018 iniciou no dia 04 de novembro.

râmetro do quanto a Praça Maior é efetivamente acessada e o quanto é dinâmica no contexto do *campus*.

Os mapas comportamentais objetivaram identificar as atividades estacionárias e seus sujeitos, ou seja, entre as pessoas que permanecem no local, o tipo de usuários, as atividades que realizam, os lugares que escolhem ficar, a forma como se agrupam e se comportam. Os mapas possibilitam discutir como e o quanto o espaço é efetivamente utilizado.

Como forma de complementar o estudo, o questionário buscou conhecer mais a respeito do público usuário. Por meio dele apareceram aspectos que a mera observação, por mais sistematizada que seja, por vezes não consegue captar. Também surgiram aspectos que reforçaram o que tinha sido observado. Foi levantado um perfil dos usuários, seus hábitos, preferências, impressões e críticas com relação ao espaço da Praça Maior.

#### **4.1.1. Tráfego de pedestres**

Neste procedimento foi adotado o método de Jan Gehl, adaptado para esta pesquisa. Em doze pontos pré-determinados e distribuídos pela área foram contadas as pessoas que passavam, durante intervalos de 10 minutos, a cada hora, obtendo-se uma estimativa bastante fiel do fluxo diário de pedestres. Esta estimativa é feita, multiplicando os números por seis, para a obtenção do fluxo por hora. Foram levantados os fluxos entre 8h e 19h. Os locais escolhidos para a contagem foram definidos a partir da observação dos trechos mais movimentados.

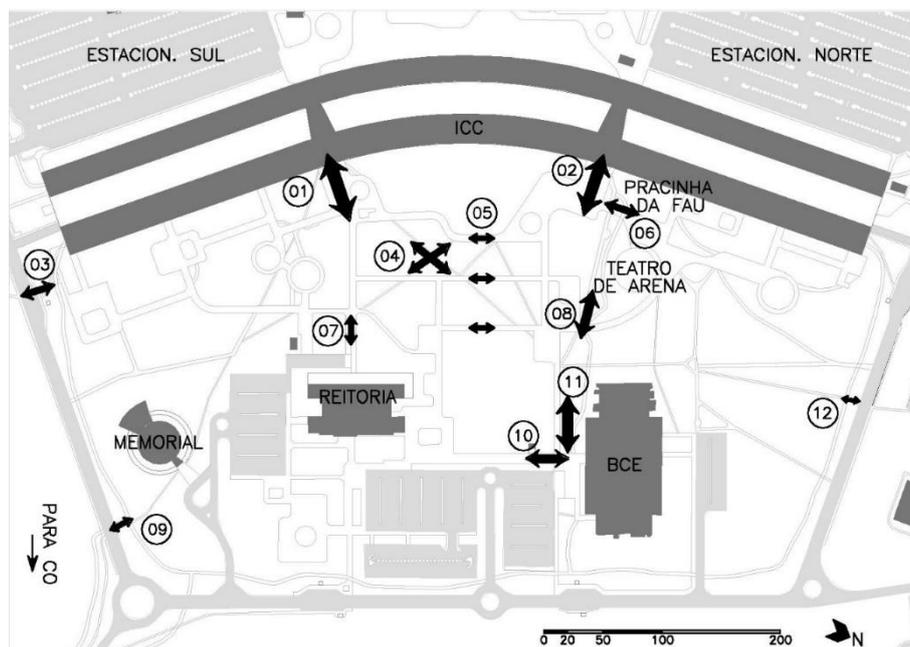
Na contagem não houve distinção de gênero ou outra característica como idade, nem do sentido do fluxo, mas foram contabilizados todos aqueles que passavam, excluindo os que realizavam alguma atividade no local, como varrição, e que compõem nos mapas comportamentais. Foram incluídas também pessoas se deslocando por meio de bicicleta e *skate*.

O levantamento foi realizado em outubro de 2018, nos dias 11, 16 e 24 pela manhã (08-12h), respectivamente quinta, terça e quarta-feira, e nos dias 10, 17 e 23 de pela tarde (13-19h), duas quartas e uma terça-feira, nesta ordem. As interrupções foram devidas à ocorrência de chuvas.

O levantamento das saídas norte e sul do ICC (locais 01 e 02) foi extraído e adaptado da pesquisa coordenada por Gabriela Tenorio<sup>98</sup>, realizada em maio de 2014. Ela utilizou o mesmo método, porém com intervalos de contagem de 6 minutos (multiplicados por 10) e compreendendo o horário das 8 às 21h. A pesquisa sobre o ICC, englobou outros quatro acessos do edifício e distinguiu os sentidos de fluxos. Para esta pesquisa, os dados foram adaptados quanto à extensão do horário e ao sentido de fluxos. Foram extraídos apenas os resultados entre 08 e 19h e foram aglutinados os dois sentidos em cada ponto de coleta.

### Locais de medição de fluxo

A seguir estão identificados os locais de contagem (Fig. 98), a tabela resumo do tráfego de pedestres (Tabela 3) e os gráficos com o tráfego de pedestres por hora, referentes aos 12 locais de contagem.



**Fig. 98 Locais de contagem de tráfego de pedestres**

<sup>98</sup> A pesquisa intitulada “Estudos de Vida Pública no Instituto Central de Ciências (ICC) da Universidade de Brasília”, com autoria de Felipe Souza Lima, foi desenvolvida no âmbito do programa Jovens Talentos da Ciência, entre 2013 e 2014.

**Tabela 3** Resumo de fluxo de pedestres em dias de semana de outubro de 2018, entre 8 e 19h.

Locais	Descrição dos locais	Pedestres/dia
Local 01*	Saída do ICC Sul	4600
Local 02*	Saída do ICC Norte	3140
Local 03	Faixa de travessia de pedestres entre a extremidade do ICC Sul e o IB	1368
Local 04	Dois caminhos que se cruzam em “x” no centro da Praça Maior.	1104
Local 05	Três caminhos no sentido norte – sul, no centro da Praça Maior.	522
Local 06	Passagem entre o ICC Norte e o Teatro de Arena/ Pracinha da FAU.	1152
Local 07	Saída oeste da Reitoria em direção ao ICC Sul	828
Local 08	Meio caminho entre o ICC Norte e BCE, próximo ao Teatro de Arena.	2022
Local 09	Faixa de travessia de pedestres entre o Memorial Darcy Ribeiro e o caminho para o CO.	582
Local 10	Saída da BCE em direção à Reitoria	1488
Local 11	Saída da BCE em direção ao ICC Norte	2898
Local 12	Faixa de travessia de pedestres entre a Praça Maior e o IPOL-IREL e CIC-EST.	282
Total		19.986

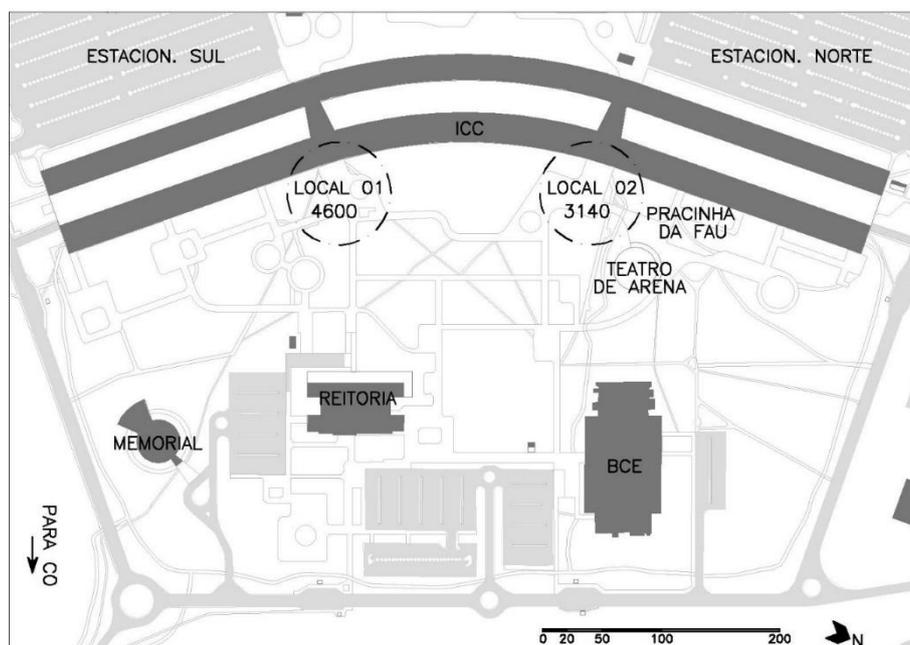
\*Dados adaptados da pesquisa de Tenorio (2014). Com levantamento feito em maio de 2014.

Reunindo os 12 locais de contagem, obtivemos um total de quase 20.000 pessoas em trânsito na área. É preciso considerar que essas 20.000 pessoas não significam 20.000 indivíduos. Podem ocorrer sobreposições, como um trajeto típico atravessar mais de um local de contagem, como no caso do trajeto entre o ICC Norte e a BCE, que passa pelos locais 02, 08 e 11. Além disso, um mesmo indivíduo pode ir e vir, e ir novamente, e assim ser contado mais de uma vez, o que não é incomum acontecer. Ainda assim, é um número expressivo e dá ideia do movimento de pedestres na área. Foram feitas algumas con-

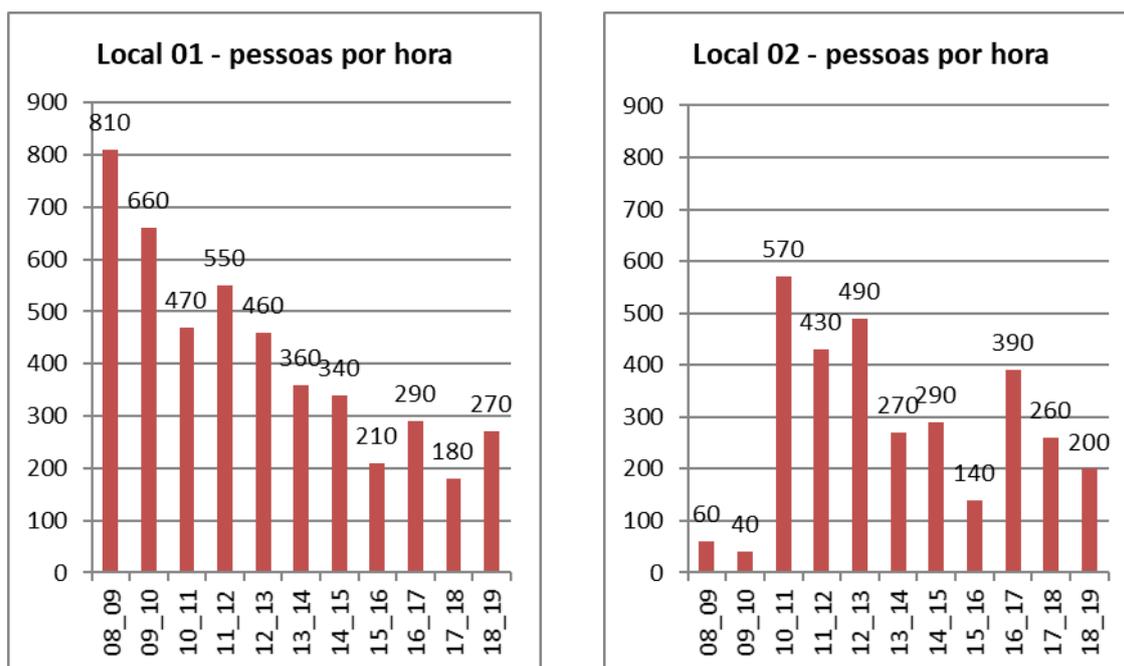
siderações, sempre atentando para casos de sobreposições e buscando compreender possíveis associações entre os locais de contagem.

No local com maior fluxo de pedestres, a saída sul do ICC (local 01), foram contabilizados 4600 pedestres ao longo do dia. Este é um número expressivo, equivalente a 9,2% da população do *campus*. Ele vem seguido pela saída norte do ICC (local 02), com 3140 pessoas, equivalendo a 6,28% da população. Estes dois locais de contagem, que não se sobrepõem, em conjunto somam 7740 pedestres, ou 15,48% do total de frequentadores do *campus*. Assim, observamos que o ICC confere os pontos que mais “alimentam” a Praça Maior. Podemos dizer ainda que a maior parte das pessoas acessa a Praça Maior passando pelo ICC (Fig. 99 e Gráfico 1).

O dado não surpreende, já que o ICC concentra grande parte das atividades da universidade e é seu maior edifício. Por outro lado, a pesquisa de Tenorio (2014) mostra que os acessos do ICC voltados para os estacionamentos (oeste), são pelo menos quatro vezes mais movimentados do que os voltados para a área de estudo (leste) no acesso sul e cinco vezes mais no acesso norte.



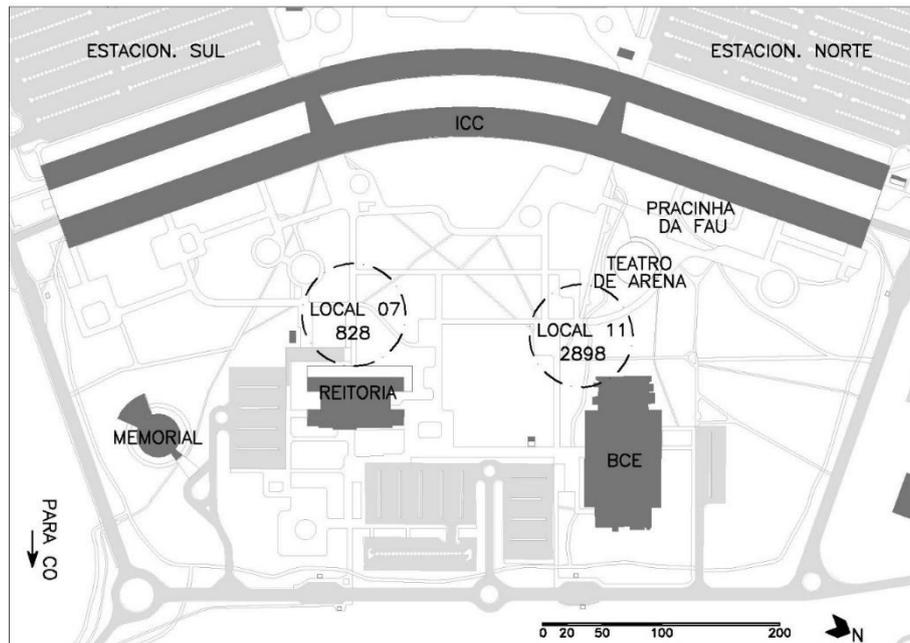
**Fig. 99 Locais 01 e 02 (com número total de pedestres)**



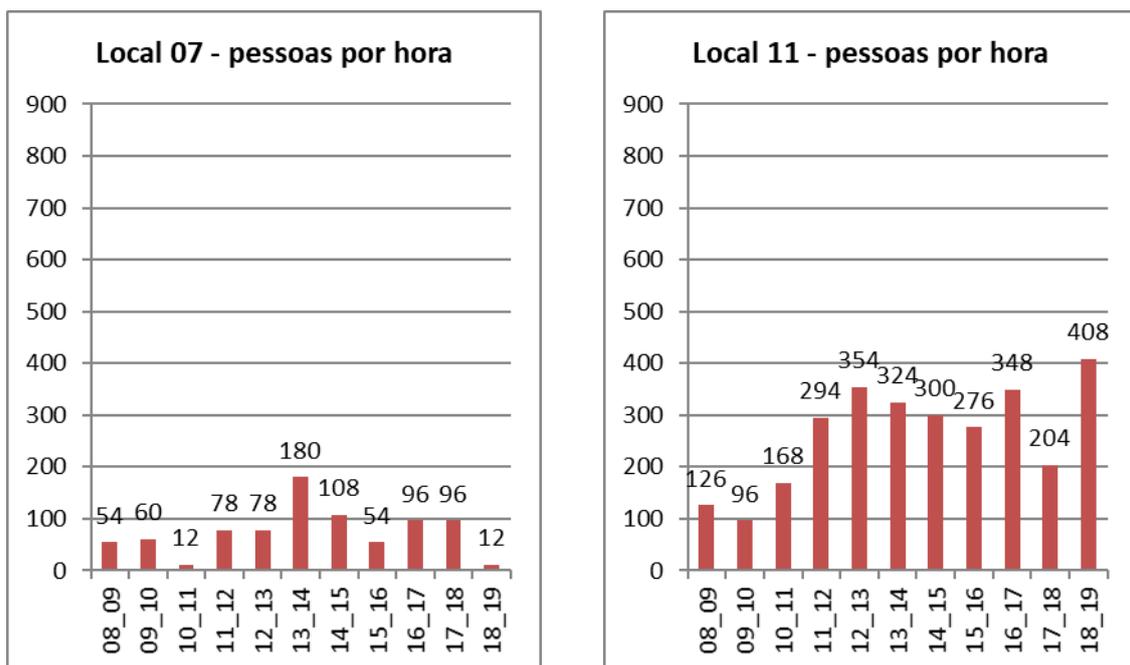
**Gráfico 1 Tráfego de pessoas nos locais 01 e 02, por hora, de 08h a 19h**

A saída da BCE na direção do ICC Norte (local 11) aparece como o terceiro local mais movimentado, com 2898 pessoas, e configura o eixo de deslocamento com maior tráfego. Chama a atenção que, nesse local, quase todos os pedestres preferam caminhar pela ciclovia, ao invés de usar a calçada. O fato é relevante, e aponta para duas questões. Uma é o traçado rígido e ortogonal da calçada projetada, que obriga o pedestre a mudar de direção diversas vezes, em contraste com o traçado sinuoso e orgânico da ciclovia. Outra, é a existência de degraus em trechos da calçada, menos convidativos, e mesmo inacessíveis para o pedestre, do que o caminho suavemente rampado da ciclovia. As duas questões tornam a calçada disfuncional (Fig. 100 e Gráfico 2).

A saída oeste da Reitoria (local 07) aparece apenas em nono lugar no volume de pedestres, com 828 pessoas. Comparado ao local 09, seu paralelo, ele é 3,5 vezes menos utilizado, o que demonstra que a Reitoria contribui bem menos com o tráfego de pedestres do que a BCE. A saída do Memorial Darcy Ribeiro não foi incluída no levantamento por ter se observado um tráfego quase inexpressivo.



**Fig. 100 Locais 07 e 11 (com número total de pedestres)**

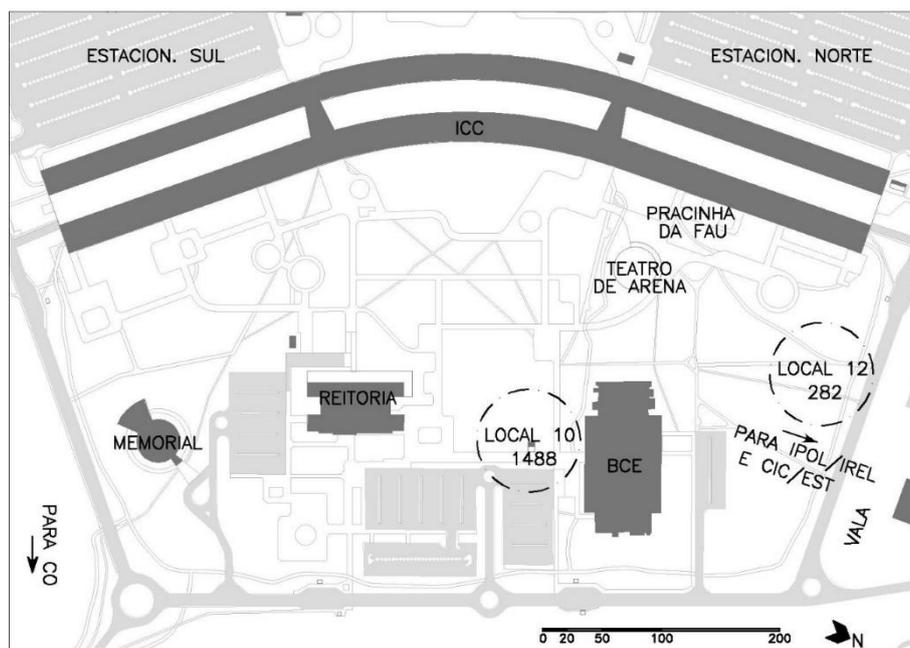


**Gráfico 2 Tráfego de pessoas nos locais 07 e 11, por hora, de 08h a 19h**

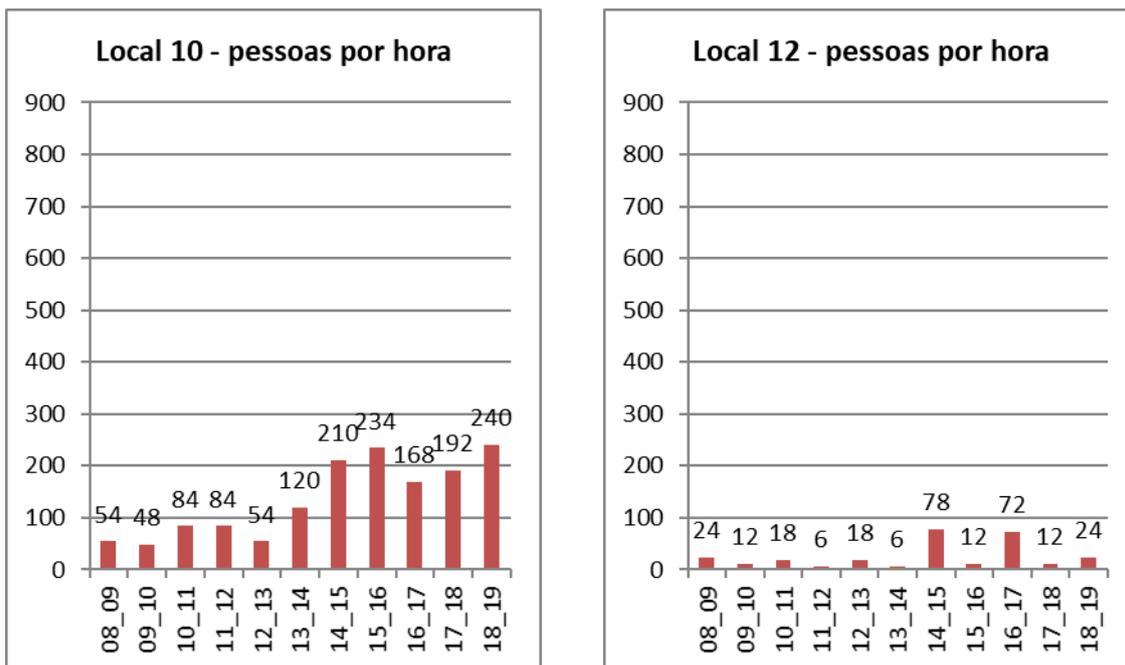
Entre a BCE e a Reitoria (local 10) verificou-se o tráfego de 1488 pessoas. A medição foi feita entre a BCE e a banca de lanches e foi observado que o tráfego é bem menor entre a banca e a Reitoria. A oferta de comida, conforme

visto, exerce forte atração de pessoas no espaço público. Com exceção das lanchonetes e restaurantes internos aos edifícios, essa é o único local de venda na área de estudo.

Com relação aos outros locais que “alimentam” a praça, notamos que o tráfego na faixa de pedestres entre a Praça Maior e os edifícios IPOL-IREL e CIC-EST (local 12) é pouco expressivo, tendo sido o menor aferido, com 282 pessoas. Com isso constata-se que, apesar da ocupação do setor norte do *campus* nos últimos anos, essa fronteira não está integrada, e a integração entre os setores central e norte ocorre a oeste do ICC e na extremidade dele, fora da área de estudo. Para isso colabora a precariedade na urbanização deste trecho do setor norte, em que há inclusive uma vala de drenagem pluvial que se torna um obstáculo ao percurso (Fig. 101 e Gráfico 3).



**Fig. 101 Locais 10 e 12 (com número total de pedestres)**



**Gráfico 3 Tráfego de pessoas nos locais 10 e 12, por hora, de 08h a 19h**

Na faixa de pedestres a caminho do CO (local 09), verificou-se um fluxo de 582 pessoas. Esta faixa integra também a ciclovia, tendo sido registrada neste local a maior frequência de ciclistas, com 150, ou seja, 25,77% do tráfego total registrado. A bicicleta é adotada como meio de transporte por estudantes, principalmente devido à distância da Casa do Estudante e do CO à área central do *campus*.

Na faixa de travessia entre o ICC Sul e o IB (local 03), o tráfego mais volumoso se deve à sobreposição da faixa de pedestres com a parada de ônibus, portanto o fluxo de 1368 pessoas é na realidade o conjunto de pessoas indo ou vindo do IB e dos ônibus que param ali. Da mesma forma como mencionado na fronteira norte, o setor sul, ainda que mais consolidado, está melhor integrado ao setor central no trecho fora da área de estudo (Fig. 102 e Gráfico 4).

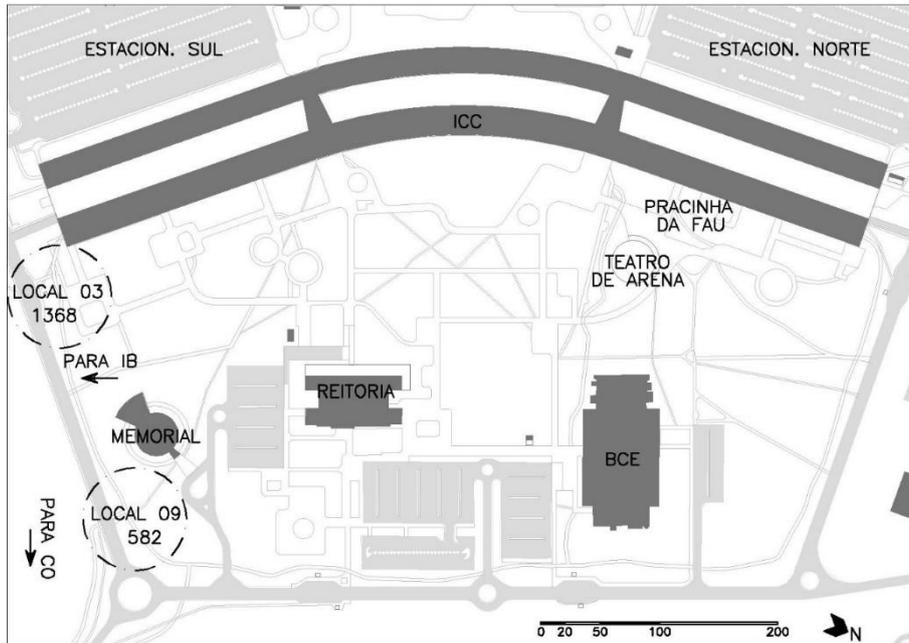


Fig. 102 Locais 03 e 09 (com número total de pedestres)

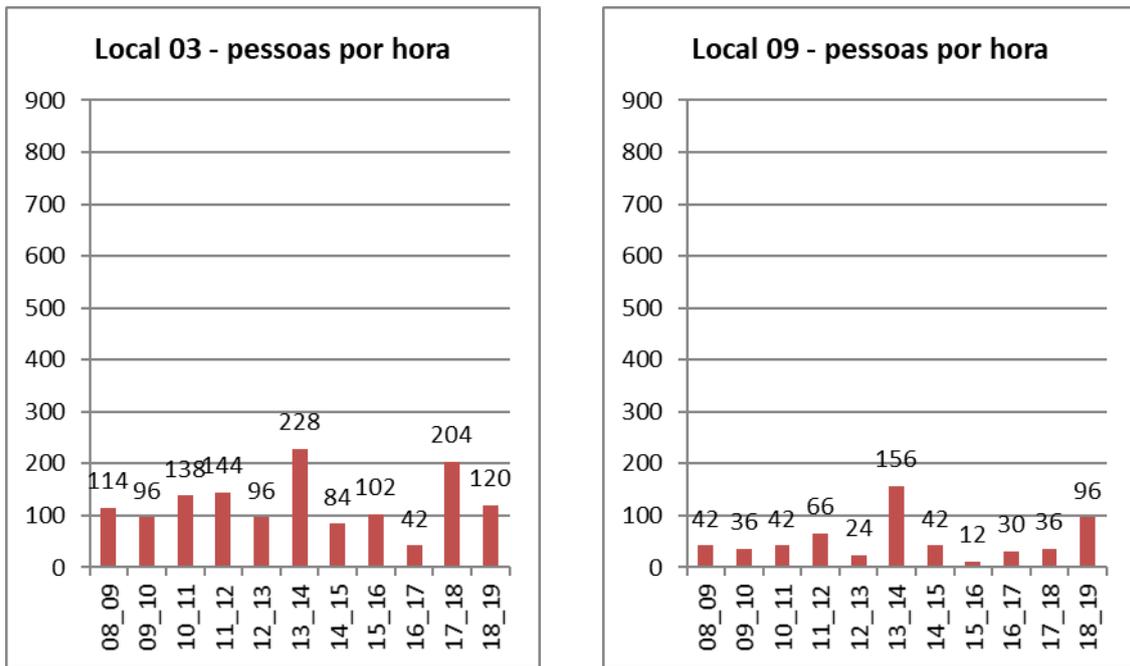


Gráfico 4 Tráfego de pessoas nos locais 03 e 09, por hora, de 08h a 19h

Quanto à área central, observamos um grande fluxo entre o ICC Norte e a BCE (local 08), com 2022 pessoas, que integra, assim como o local 11, o eixo de deslocamento com maior tráfego encontrado ao longo da praça. Esse fluxo irradia para o Teatro de Arena, (local 06), onde se verificaram 1152 pessoas. O teatro e a Pracinha da FAU parecem atrair a circulação de pessoas. O mesmo

fluxo não se verifica na calçada que circunda o teatro pelo outro lado, que ao contrário, é bastante esvaziada. Seu desenho inteiramente escalonado (quando poderia ser em rampa, vencendo suavemente a declividade do terreno) é decisivo para a disparidade de fluxos de um lado e do outro do teatro (Fig. 103 e Gráfico 5).

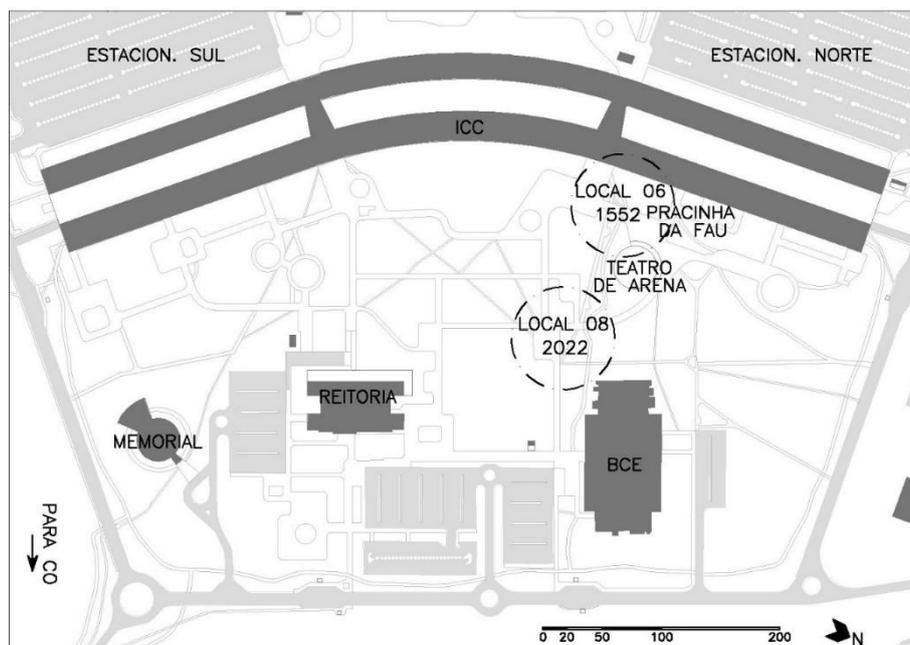


Fig. 103 Locais 06 e 08 (com número total de pedestres)

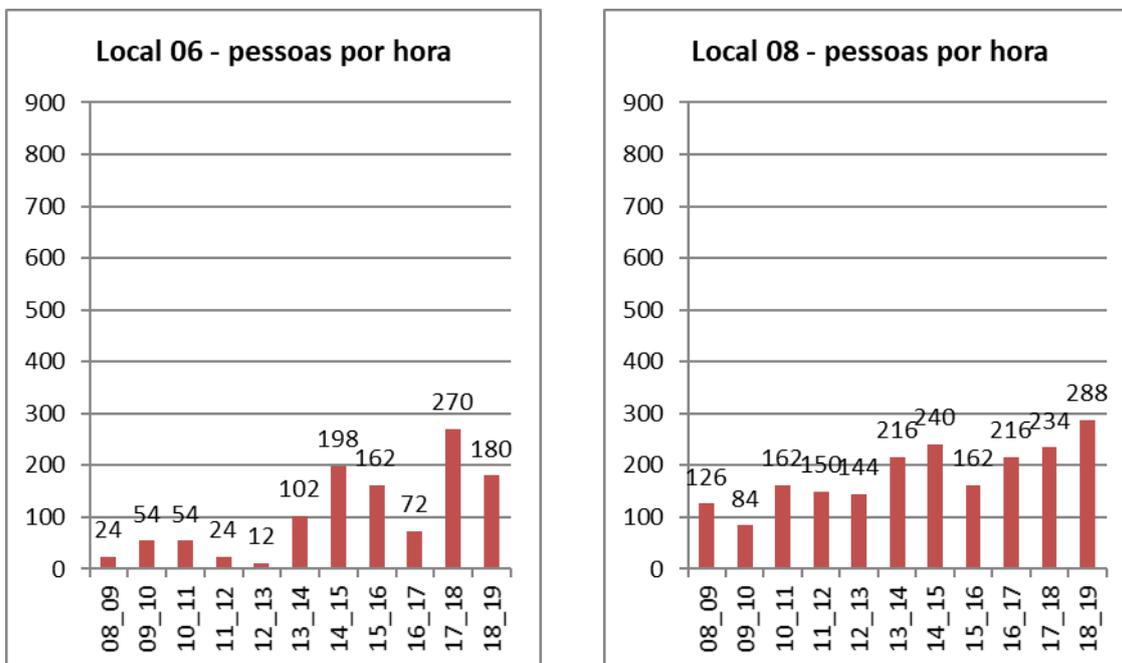
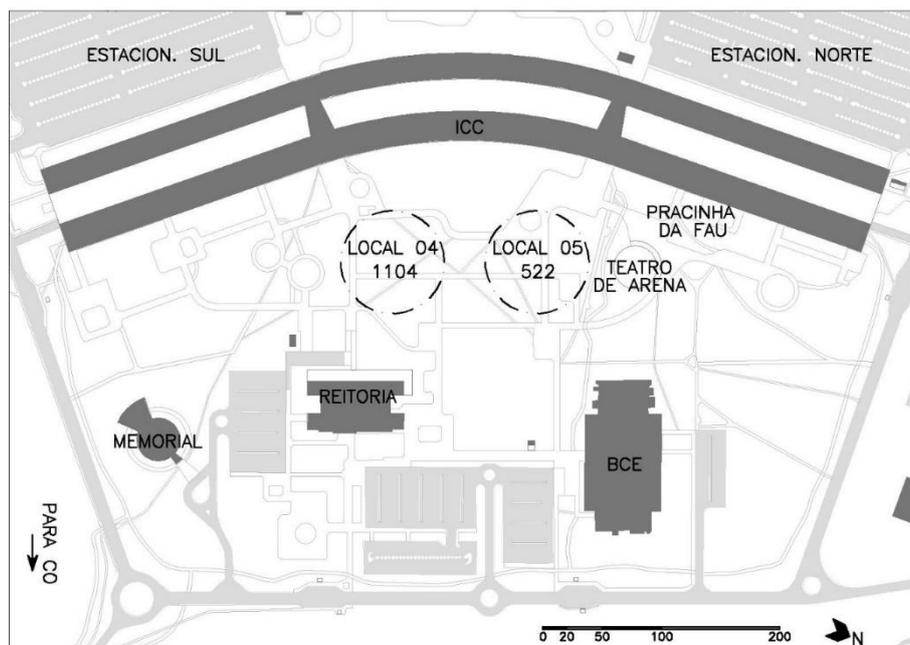
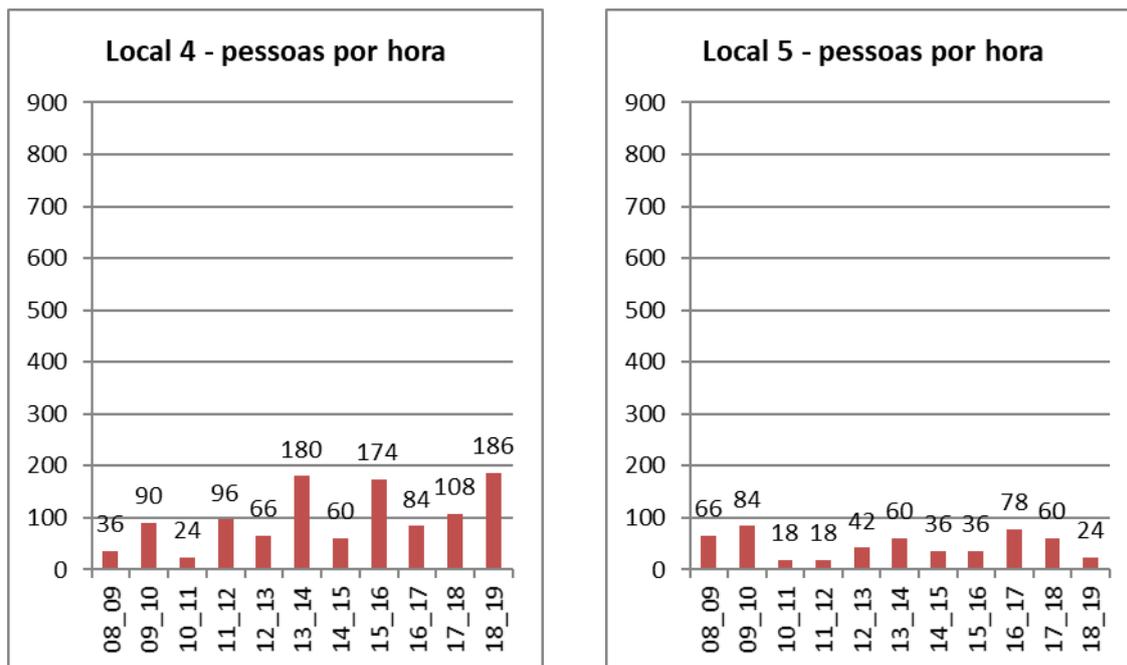


Gráfico 5 Tráfego de pessoas nos locais 06 e 08, por hora, de 08h a 19h

O fluxo de pedestres encontrado no local 04, que corresponde aos dois caminhos em “x” que cruzam o centro da área, é significativamente superior ao fluxo encontrado no local 05, que corresponde aos três caminhos retos na direção norte-sul. É interessante notar que os caminhos em “x” são acréscimos ao projeto paisagístico, enquanto os três caminhos são originais. No primeiro, passam 1104 pessoas por dia, enquanto no outro, passam 522. Trata-se de duas opções distintas para atravessar a praça, não havendo sobreposição neste caso, e a quantidade de pedestres verificados em um local é mais que o dobro do outro. Outro aspecto interessante é que o “x” incorporado à paginação de piso, não está localizado no centro do espaço, mas levemente deslocado para o sul, cruzando uma região mais sombreada por árvores (Fig. 104 e Gráfico 6).



**Fig. 104 Locais 04 e 05 (com número total de pedestres)**



**Gráfico 6 Tráfego de pessoas nos locais 04 e 05, por hora, de 08h a 19h**

Por fim, observamos que o acesso sul do ICC é o mais movimentado apesar do fluxo para a Reitoria não ser tão grande e, para o Memorial Darcy Ribeiro, ser pouco significativo. É possível supor muitas pessoas passam por ali para usufruir e permanecer o próprio espaço da praça.

No detalhamento do tráfego de pedestres, observou-se em todos os locais um padrão na variação, em que um fluxo maior é seguido por um menor, refletindo a dinâmica de horários da universidade, com aulas a cada duas horas. Há picos no movimento, sendo o principal deles no intervalo do almoço, entre 11h e 14h, e há picos também no final da tarde e início da manhã.

### **Características dos pedestres**

Com relação às características dos pedestres, observou-se que a maioria é composta de jovens (Fig. 105). A presença de adultos de meia idade é menor e raramente se observou a presença de idosos ou crianças. Homens e mulheres foram observados em quantidades bastante equilibradas. Os jovens estudantes são a grande maioria dos pedestres. Entre os adultos, funcionários uniformiza-

dos e servidores correspondem a uma parcela menor, e o grupo de professores está praticamente ausente.



**Fig. 105 pedestres, skatistas e ciclistas em trânsito**

Quanto aos tipos de agrupamento, notou-se com frequência pessoas se deslocando em pares, trios e grupos. Chama a atenção em todo o *campus* a quantidade de grupos que se encaminham para o RU no horário de almoço, e isso foi verificado no local 09, nos grupos de alunos saindo da BCE. Por outro lado, a presença de pessoas caminhando sozinhas e à vontade, indica que elas se sentem seguras e tranquilas no local.

### **Ciclistas e skatistas**

A frequência de ciclistas e skatistas foi aferida apenas nos locais 03 a 12<sup>99</sup>. O número estimado de ciclistas foi de 408 por dia e como mencionado anteriormente, a frequência foi mais expressiva no local 09, trajeto para o CO. Já o número de skatistas foi bem menor, apenas 12 registrados nos locais 10 e 12 ao longo do dia em igual proporção.

### **Conclusões**

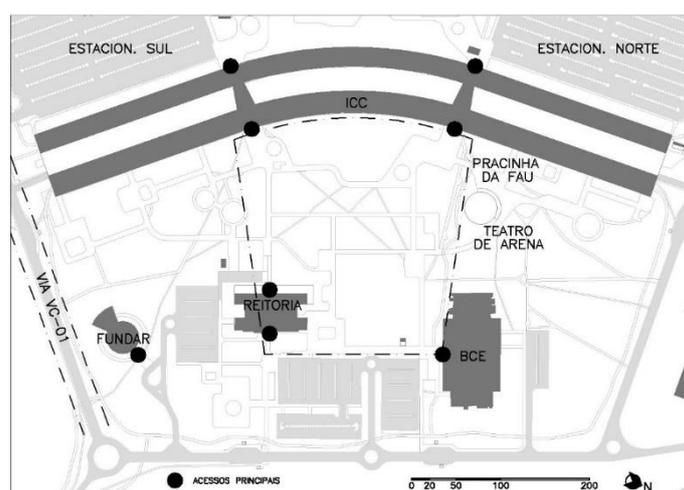
Sobre o tráfego de pedestres na Praça Maior, pode-se concluir que o traçado de caminhos proposto no projeto não atende bem aos trajetos naturalmente escolhidos pelos pedestres. Fica claro como o traçado excessivamente ortogo-

<sup>99</sup> Nos locais 01 e 02, cujos dados foram aproveitados, a distinção entre pedestres, ciclistas e skatistas não tinha sido feita.

nal é preterido aos caminhos diagonais e mais diretos. Da mesma forma a implantação excessiva de escadas em um terreno com declividade tão suave repele a realização de alguns percursos e mesmo impede, no caso de pessoas com mobilidade reduzida. Um dos indicativos é que a ciclovia, sem desníveis ou grandes inflexões, passou a ser mais utilizada do que a calçada em diversos trechos. Outro indicativo é que apesar dos acréscimos pavimentados às calçadas originais, ainda verificamos muitas “linhas do desejo”.

É importante enfatizar que, ao longo de toda a pesquisa de campo, se observou a circulação de apenas duas pessoas com deficiência<sup>100</sup>, o que denuncia a inacessibilidade do local.

A definição dos locais de contagem de pedestres nos pontos de maior movimento, indicou que a circulação se concentra na área inscrita pelos acessos dos edifícios principais (Fig. 106). Externamente aos edifícios, nos locais próximos às vias, ela é praticamente inexistente, com exceção das paradas de ônibus a sul e norte da praça (a leste são desprezíveis) e do fluxo ao longo da VC-01, rumo ao Centro Olímpico. Assim, se formam extensas áreas por onde quase ninguém circula.



**Fig. 106 Área de predominância de fluxo de pedestres**

100 De acordo com dados oficiais do Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais – PPNE da UnB fornecidos em 31 de janeiro de 2019, atualmente são 70 estudantes regulares no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro com deficiência física. Há inclusive um sistema de cotas para o ingresso de estudantes com deficiência na UnB desde 2017.

#### 4.1.2. Mapas comportamentais

O segundo procedimento adotado para o levantamento da vida pública foram os mapas comportamentais. Em toda a área de estudo foram mapeados os sujeitos que permaneciam na Praça Maior e as atividades que realizavam, excluindo aqueles de passagem, contemplados no item anterior. O procedimento funciona como uma espécie de fotografia aérea, em que é registrada a situação em um dado momento. O mapeamento foi realizado a cada duas horas, intervalo no qual toda a área era percorrida. Foram mapeados sujeitos e atividades entre 8h e 20h e adotados os mesmos critérios para escolha dos dias que no item anterior.

Foi registrada, além da localização dos sujeitos, a posição em que se encontravam (em pé, sentado ou deitado), o tipo de agrupamento (grupo, dupla ou desacompanhado) e as atividades que estavam realizando (conversar, estudar, comer etc.). No mapeamento foi feita ainda a distinção de gênero e a faixa etária. Também foi indicada a localização de bancos, mesas, escadas, desníveis, pisos, árvores e arbustos de maior porte, de forma a ensejar associações entre escolha de localização, uso e configuração.

O levantamento foi realizado em novembro de 2018, nos dias 20 (16-20h), 21 (08-12h) e 22 (12-16h), respectivamente terça, quarta e quinta-feira. Os horários foram distribuídos de forma a evitar o levantamento na tarde e noite de quarta-feira, em que ocorre a “Batalha da Escada”, evento que altera a cena cotidiana<sup>101</sup>.

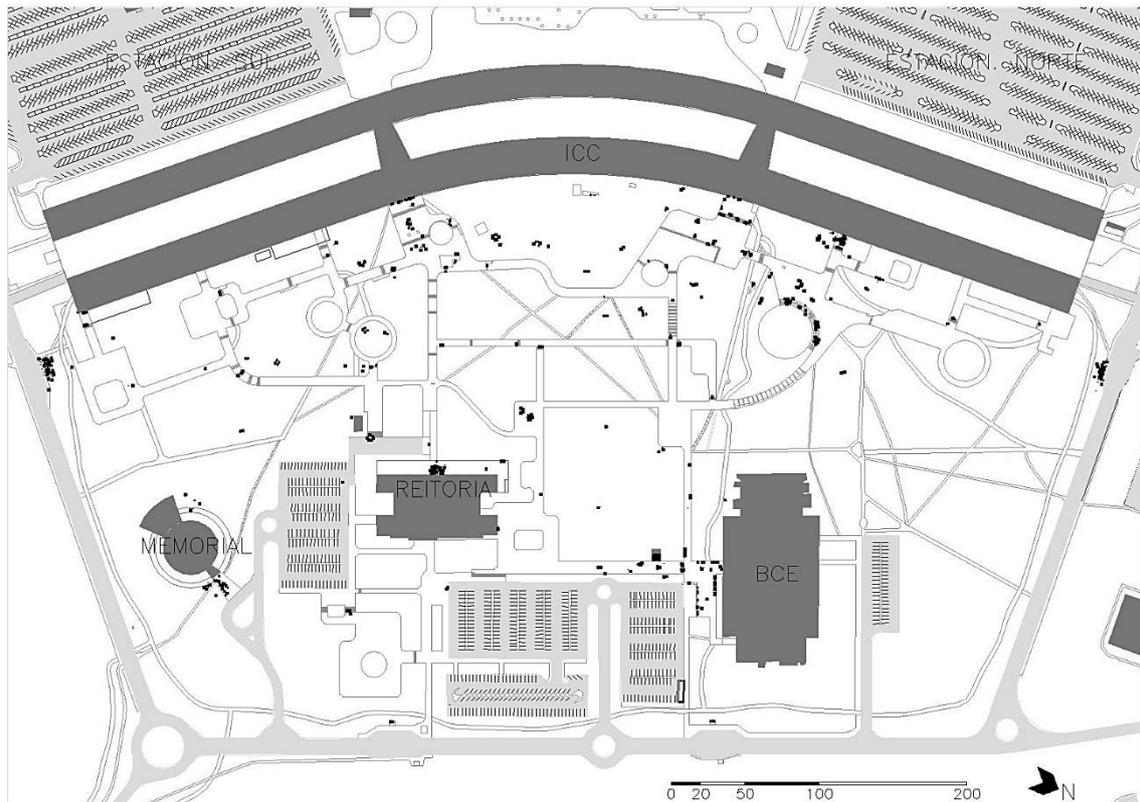
Como resultado, estão apresentados no Anexo 2, 36 mapas comportamentais referentes às seis subdivisões da área, nos seis intervalos de tempo. Eles são acompanhados da listagem com a descrição de todos os sujeitos e atividades encontrados na Praça Maior.

Foram contabilizados ao todo, 757 sujeitos em atividade ao longo do dia (Fig. 107 e Tabela 4). Este número equivale a 1,51% do total de usuários do *campus*. O número revela que uma parcela mínima da comunidade universitária efetivamente utiliza o espaço. Considerando ainda uma ocupação a quantidade

---

<sup>101</sup> A Batalha da Escada chega a reunir 400 pessoas no Teatro de Arena, além da montagem de bancas de comida, bebida, artesanato e veículos de apoio.

de pessoas permanecendo média a cada período de contagem, temos 126,16 pessoas. Se considerarmos a área líquida de 192.000 m<sup>2</sup> <sup>102</sup>, teríamos uma pessoa a cada 1521,87 m<sup>2</sup>. Os números dão conta de quanto é rarefeita a ocupação da praça. Comparando ainda com os 7740 pedestres que transitam somente nos dois locais de maior tráfego registrados (locais 01 e 02), vemos que uma fração pequena de transeuntes, cerca de 10%, estaria permanecendo no espaço público.



**Fig. 107** Mapa comportamental – sobreposição das ocupações ao longo do dia (08h a 20h)

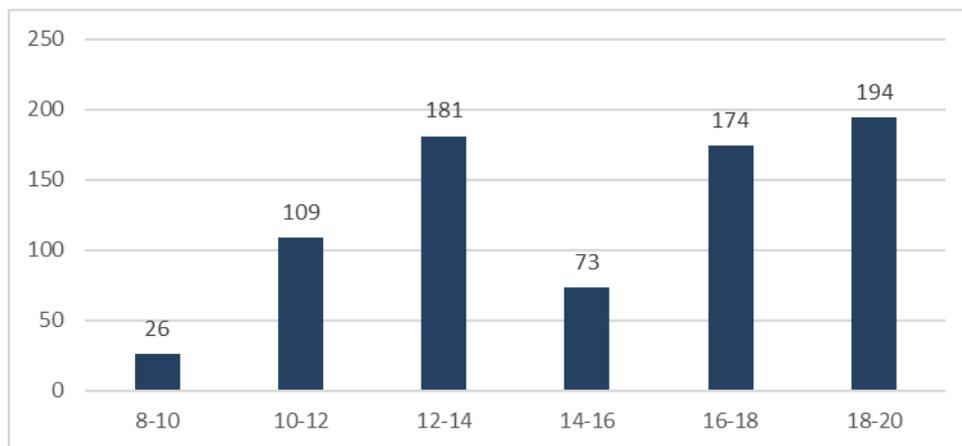
Além disso, a distribuição de pessoas é bastante irregular. Com relação à distribuição temporal, a ocupação é mínima de manhã, cresce até o intervalo do almoço, tem uma grande redução às 14h, e volta a crescer até o final do dia. Entre 08h e 10h da manhã foram registradas apenas 26 pessoas, das quais seis realizavam atividades de manutenção ou vigilância, e a maior ocupação foi

<sup>102</sup> A área líquida exclui as pistas de veículos, bolsões de estacionamento e projeções de edificações.

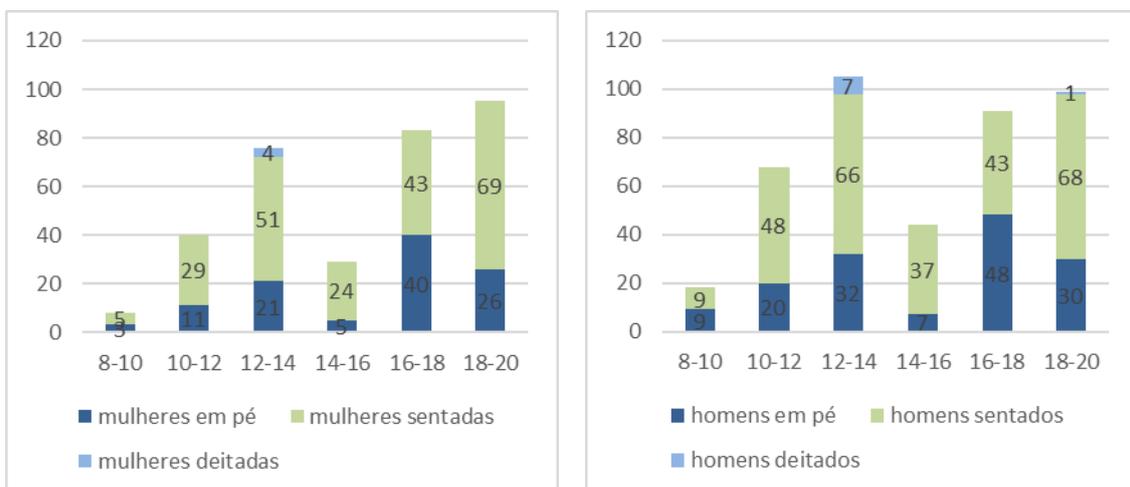
registrada entre 18h e 20h, com 194 pessoas simultaneamente. À tarde a ocupação é maior que pela manhã (Gráfico 7 e Gráfico 8).

**Tabela 4** Quadro resumo da ocupação ao longo do dia

horas	mulheres				homens				outros criança	total pessoas
	em pé	sentadas	deitadas	total	em pé	sentados	deitados	total		
8-10	3	5		8	9	9		18		26
10-12	11	29		40	20	48		68	1	109
12-14	21	51	4	76	32	66	7	105		181
14-16	5	24		29	7	37		44		73
16-18	40	43		83	48	43		91		174
18-20	26	69		95	30	68	1	99		194
<b>TOTAL</b>	<b>106</b>	<b>221</b>	<b>4</b>	<b>331</b>	<b>146</b>	<b>271</b>	<b>8</b>	<b>425</b>	<b>1</b>	<b>757</b>
%				43,72%				56,14	0,14%	100%



**Gráfico 7** Quantidade de pessoas ao longo do dia



**Gráfico 8** Quantidade de homens e mulheres e suas posições

Quanto à distribuição espacial, percebeu-se maior concentração de pessoas na parte mais central da Praça Maior e principalmente na proximidade dos acessos aos edifícios. As exceções ficam por conta dos acessos leste da Reitoria e norte da BCE, localizados de forma periférica à praça. As paradas de ônibus das vias VC-1 e VC-12 também são locais de concentração de pessoas, o que não acontece nas da via VC-13. Outro ponto de concentração é a plateia do Teatro de Arena que, independentemente de haver programação, se mantém ocupada quase todo o dia.

Considerada toda a área em estudo, observamos que alguns espaços muito extensos são totalmente desabitados. Um deles está a norte da BCE, desde a via VC-13, passando atrás do Teatro de Arena, até o ICC. Não por acaso, ela é também a região menos arborizada e sombreada. Composta basicamente por palmeiras, a área funciona como moldura da Praça Maior, compondo o visual até o Lago Paranoá.

Outra área desabitada está ao longo da Via VC-13, que tem atividade basicamente de estacionamento. Curiosamente o trecho junto à Reitoria contém um paisagismo mais elaborado, com pequenas praças, vegetação variada e bem cuidada, incluindo mais arbustos. O local, entretanto, permanece ermo. É importante enfatizar que somadas essas duas áreas, temos cerca de 90.000m<sup>2</sup> subutilizados, mais que um terço da área total da praça.

Se dividirmos a área, há visivelmente mais pessoas localizadas na porção oeste, do que na leste, na proporção de 72,05%. Faz todo sentido já que o ICC exerce grande influência nos padrões de ocupação do *campus*, principalmente com relação aos estudantes de graduação, maiores frequentadores do local, como se evidenciou posteriormente nos questionários.

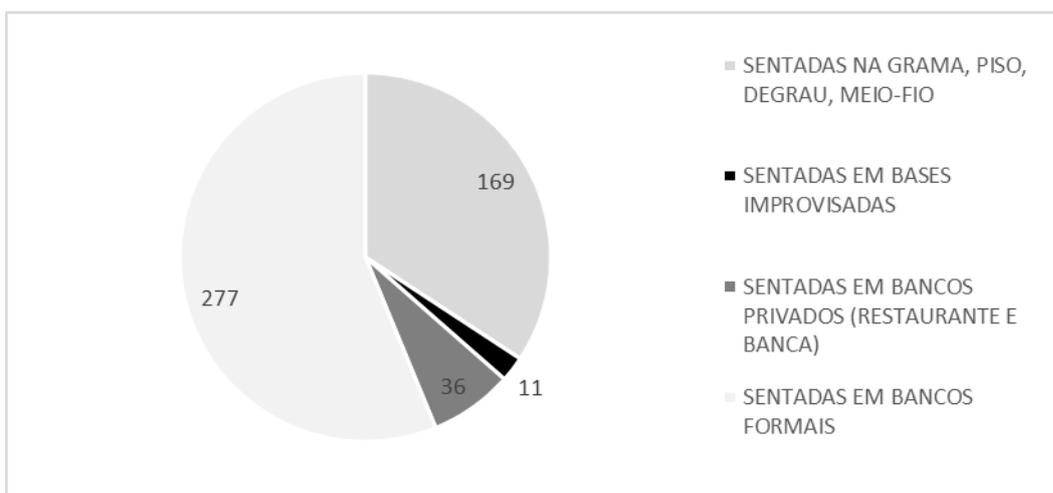
Quanto às metades norte e sul, é interessante notar que aparentemente há mais gente na porção sul, pois as pessoas se espalham e ocupam mais lugares distintos. Elas ocupam todo o desnível entre o ICC e a Reitoria/ Memorial Darcy Ribeiro e não se preocupam em se afastar dos edifícios. Ao longo do dia foram sendo observados sempre novos locais ocupados. Já na porção norte, observou-se certa sucessão na ocupação dos mesmos locais ao longo do dia. Além disso, os locais ocupados são mais próximos aos edifícios. Mas essa

percepção é enganosa, pois numericamente há mais pessoas ocupando a porção norte, na proporção é 59,34%.

Em termos de composição, a presença de homens e mulheres é equilibrada, com uma proporção de 43,72% de mulheres, o que é significativamente positivo no espaço público. A maioria dos sujeitos é de adultos jovens, seguido a distância por adultos de meia idade. Foram registradas apenas uma mulher idosa e uma menina durante o levantamento.

Em todos os registros observou-se um número maior de homens do que de mulheres, mas notou-se que ao longo do dia esta diferença vai diminuindo. No registro das 18 às 20hs houve praticamente um empate, com 95 mulheres e 99 homens.

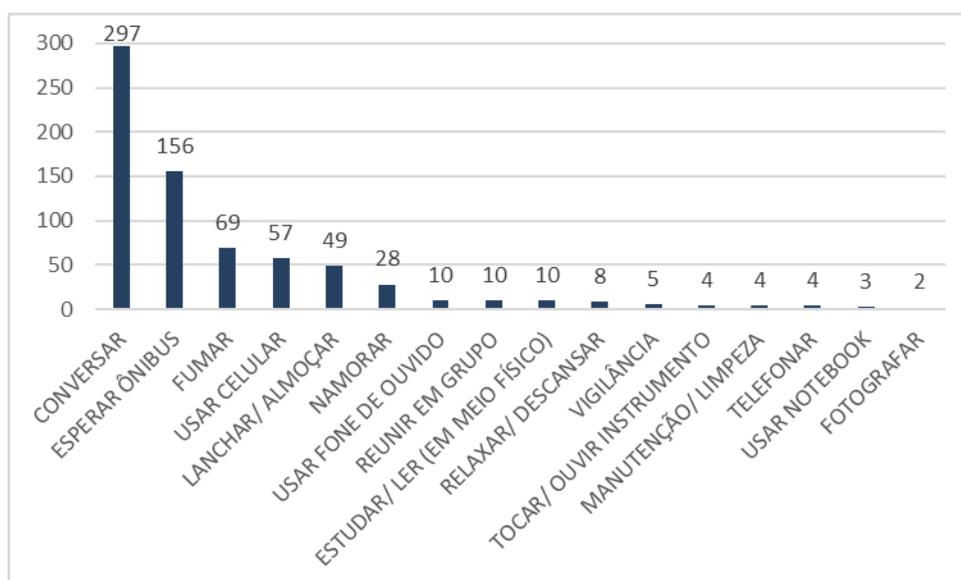
Quanto à posição, observamos mais pessoas sentadas (65,12%) do que de pé. Entre os que estão sentados (Gráfico 9), 56,18% estão em bancos formais; 36,51% se sentam na grama, no piso, degrau, meio-fio ou qualquer outra coisa que não um banco; e 7,3% se sentam em bancos de uso comercial (banca e restaurante). Em um ambiente informal, há quem prefira deliberadamente sentar-se na grama e muitos chegam a levar cangas para isso. Mas não se pode dizer isso de todos, ou de quem senta no chão ou carrega uma carteira para poder se sentar no local. Dessa forma podemos constatar a insuficiência ou indisponibilidade de assentos.



**Gráfico 9 Pessoas sentadas e tipos de apoio**

A presença de pessoas deitadas e cochilando é um excelente indicativo de como se sentem à vontade e seguras no local. Foram registrados 11 sujeitos deitados, sendo seis na grama, três em redes (redário), um em banco e outro em degraus de escada, todos à sombra.

Sobre os tipos de agrupamento, observou-se tanto pessoas reunidas em duplas como em grupos. Foram registrados 120 agrupamentos, desde duplas, mais frequentes, a grupos, cujo maior foi de 17 pessoas. A quantidade de pessoas desacompanhadas também é grande, inclusive de mulheres, um ótimo indicativo.



**Gráfico 10 de atividades quantificadas**

Quanto às atividades observadas, as registradas com maior frequência foram conversar, fumar, usar o celular, fazer lanche ou refeição e namorar, além de esperar ônibus, atividade restrita às paradas. Atividades observadas em menor frequência foram fotografar, usar *notebook*, telefonar e outras relacionadas à manutenção e vigilância (Gráfico 10).

Ao longo de toda a pesquisa de campo, foram observadas outras atividades, além daquelas registradas no mapa comportamental. Elas estão detalhadas e organizadas por afinidade (Tabela 5 e Fig. 108).

**Tabela 5 Listagem com todas as atividades observadas e relatadas no decorrer da pesquisa**

<p>Atividades cotidianas:</p> <p>Conversar</p> <p>Namorar</p> <p>Fazer reunião de trabalho, projeto, estudo etc.</p> <p>Fazer roda de conversa e de brincadeira.</p> <p>Fazer roda de violão</p> <p>Fumar</p> <p>Escutar música</p> <p>Jogar baralho, dominó, jogos eletrônicos etc.</p> <p>Fazer lanche</p> <p>Fazer refeição (marmita, prato feito)</p> <p>Relaxar na grama</p> <p>Tirar soneca</p> <p>Relaxar na rede (redário)</p> <p>Estudar</p> <p>Ler</p> <p>Escrever</p> <p>Desenhar</p> <p>Tocar /praticar instrumentos (violão, violino, flauta etc.)</p> <p>Ensaiai apresentações</p> <p>Usar o celular*</p> <p>Fazer meditação, reflexão, contemplação</p> <p>Fazer piqueniques</p> <p>Colher frutas (amora, manga, jambo, jaca etc.)</p> <p>Colher flores</p> <p>Fotografar</p> <p>Fazer pesquisa de campo (coleta de folhas, insetos etc.)</p> <p>Passear com cachorro</p> <p>Passear com carrinho de bebê / com criança</p> <p>Esperar ônibus ou carona</p> <p>Pedir/ dar informação</p>
<p>*Atividades utilizando o celular<sup>103</sup></p>

<sup>103</sup> Tantas pessoas foram vistas utilizando o celular, sozinhas e em grupo, que quando possível, foi feita a distinção dos usos do aparelho.

<p>Ler/ estudar</p> <p>Escutar música com fone</p> <p>Falar ao telefone</p> <p>Fotografar/ Fazer <i>selfies</i></p> <p>Gravar/ escutar áudios</p> <p>Assistir vídeos</p> <p>Jogar <i>games</i></p>
<p>Atividades esportivas:</p> <p>Praticar ciclismo</p> <p>Jogar futebol (golzinho)</p> <p>Fazer alongamento</p> <p>Andar de skate</p> <p>Praticar atividade circense</p> <p>Praticar tai chi chuan</p> <p>Praticar yoga</p> <p>Praticar caminhada</p> <p>Praticar corrida</p>
<p>Atividades religiosas:</p> <p>Fazer oração</p> <p>Fazer leitura da bíblia /catequese</p> <p>Fazer roda de violão gospel</p>
<p>Atividades de comerciais:</p> <p>Vender/comprar doces e comidinhas</p> <p>Vender/comprar de artesanato</p> <p>Brechó</p> <p>Corte de cabelo</p>
<p>Atividades de manutenção:</p> <p>Jardinagem (corte de grama, poda de árvore, limpeza)</p> <p>Limpeza (varrição, limpeza de lixeiras)</p> <p>Manutenção predial realizada externamente (solda, serra, separação, descarga de material etc.)</p> <p>Vigilância</p>
<p>Atividades específicas ou esporádicas:</p> <p>Aulas ao ar livre - período de greve</p> <p>Batalha da Escada no Teatro de Arena (quartas-feiras à noite), e preparativos (monta-</p>

gem de som, instalação de *food trucks*, banquinhas de tabaco, bebidas, comidas etc.) - semanal

Churrasco no “Curral da Agronomia” - semanal

Grupo de jogos de realidade aumentada (*Pokemon Go*) - eventual

Instalações artísticas - eventual

Manifestações políticas - eventual

Palestras e apresentações no Teatro de Arena, incluindo a aula inaugural do ano letivo

Resultado vestibular e ENEM no Teatro de Arena - semestral

Sarau da Letras - eventual



**Fig. 108 Atividades encontradas na Praça Maior**

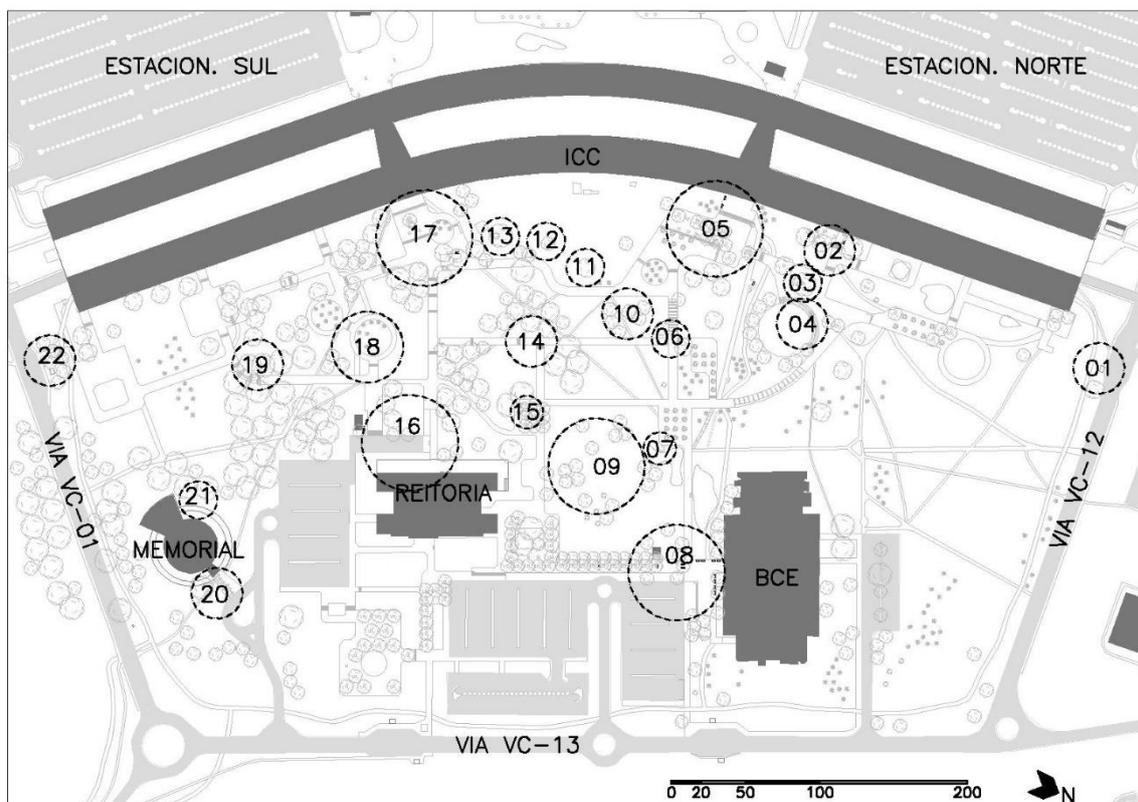


**Fig. 109 Funcionários jogam dominó e, ao terminar, guardam os móveis na Reitoria**

Ainda que tenham sido identificadas tantas atividades, percebe-se que sua realização acontece em circunstâncias muitas vezes improvisadas ou inadequadas. Observou-se pessoas almoçando com a marmita no colo, estudando sem qualquer tipo de apoio, ou mesmo trazendo cadeiras de dentro dos edifícios para usá-las na praça. Em certa ocasião pude observar um grupo de funcionários da Reitoria, que após o almoço, se reunia para jogar, e para isso trazia cadeiras e uma mesinha de tabuleiro. Ao final do intervalo, às 14h, recolhiam tudo e retornavam ao trabalho (Fig. 109).

### Áreas-tipo: padrões de ocupação

Depois de mapeados os sujeitos e atividades, buscou-se relacionar os locais mais frequentados com as características físicas do espaço hoje configurado. Da mesma forma, foram observadas as características dos locais com frequência abaixo do esperado.



**Fig. 110 Mapa comportamental. Áreas-tipo**

As áreas identificadas são as que atraem maior número de pessoas (Fig. 110)<sup>104</sup>. As que têm características parecidas foram agrupadas, de forma a otimizar a avaliação. De forma geral, notou-se a disponibilidade de sombra, proporcionada pela vegetação e algum tipo de superfície para sentar. Outras características foram observadas em áreas específicas. A seguir, áreas caracterizadas por estarem próximas aos acessos dos edifícios, pavimentadas, dotadas de algum mobiliário.

A área 02, a Pracinha da FAU, tem características peculiares de um acesso alternativo ao ICC, produzido pelos estudantes de arquitetura. Seu mobiliário próprio é feito com técnicas de alvenaria, mosaico e reaproveitamento de material. A pracinha ocupa um trecho pavimentado do acesso e avança para a área ajardinada. Mobiliado e bastante sombreado, o espaço é mantido pelos próprios estudantes e intensamente utilizado (Fig. 111).



**Fig. 111 Área 02 - Pracinha da FAU (acesso alternativo ao ICC)**



**Fig. 112 Área 05 - Estar no acesso do ICC Norte**

A área 05, o estar do ICC Norte, é identificada como um dos pontos de maior tráfego de pedestres, mas, entretanto, não atrai tanto a permanência de pessoas. Apesar da arborização, as patas-de-vaca não sombreiam suficientemente o

<sup>104</sup> A numeração das áreas-tipo é própria deste item e não está relacionada à numeração dos locais de contagem de fluxo.

estar, resultando em um lugar quente e ensolarado. A ocupação cresce no final do dia quando o calor se dissipa (Fig. 112).



**Fig. 113 Área 08 - Estar no acesso da BCE**



**Fig. 114 Área 16 - Estar no acesso da Reitoria**

A área 08 (Fig. 113 )corresponde ao estar no acesso principal da BCE junto com a alameda de paus-ferro. É um dos locais de ocupação mais constante. Tem mais sombra à tarde, disponibilidade de bancos com encosto e conta com a banca de alimentos. É um ponto de encontro e local de intervalo para os frequentadores da BCE. Como a biblioteca atende também ao público externo, a área permanece movimentada mesmo em períodos de férias e finais de semana. A função regional do edifício e a venda de alimentos aparecem como características específicas, não disponíveis nas outras áreas.

A área 16 (Fig. 114) é o acesso oeste da Reitoria. É mais sombreada pela manhã. Tem acessos em rampa e o terraço está perfeitamente integrado ao espaço público. O longo banco que compõe a arquitetura da Reitoria atende também à praça. É uma das áreas que menos concentra pessoas, correspondendo ao baixo tráfego de pedestres registrado. O movimento é dos próprios usuários do edifício.

A área 17, estar do ICC Sul, é simétrica ao acesso norte, porém a área pavimentada é menor e ela é proporcionalmente mais sombreada e guarneçada de

bancos. O bundoril está próximo e é sombreado, por isso é mais utilizado do que seu similar do lado norte. Apesar das diferenças com o acesso norte (área 05), a ocupação nos dois locais é equilibrada ao longo do dia (Fig. 115).



**Fig. 115 Área 17 - Estar no acesso do ICC Sul**



**Fig. 116 Área 20 - Acesso do Memorial Darcy Ribeiro**

A área 20 é o acesso do Memorial Darcy Ribeiro (Fig. 116). É bem diferente das outras áreas pela presença do espelho d'água. O movimento se concentra no horário do almoço, devido ao funcionamento do restaurante. Fora isso, como relatado no item anterior, o movimento é pouco expressivo. Além dos bancos fixos, no horário do movimento são dispostas mesas e cadeiras na calçada. A existência do restaurante e a presença do espelho d'água são atrativos por si só, e aparecem como características específicas deste local.

A área 15 é um estar nas imediações da Reitoria. É homogeneamente arborizada por paus-ferro e não pelo ipê-roxo previsto no projeto. Esta área sombreada é uma rara opção com bancos na parte central da praça e é frequentada praticamente o dia todo (Fig. 117).



**Fig. 117 Área 15 - Estar próximo à Reitoria**



**Fig. 118 Área 04 – Teatro de Arena**

A área 04 tem características muito específicas (Fig. 118). O Teatro de Arena, único equipamento da Praça Maior, é ocupado praticamente o dia inteiro. O espaço todo em concreto, não possui cobertura e tampouco sombra. A frequência de pessoas se deve provavelmente à carência de bancos em outros locais e a proximidade ao acesso sul do ICC. A plateia faz a vez de bancos com encosto, tão escassos na praça. O teatro é também um espaço significativo para a comunidade universitária, onde ocorrem eventos acadêmicos e culturais. A opção de sentar recostado, mesmo ao sol, e o simbolismo do equipamento cultural são características específicas deste local.

As áreas 03 e 13 são lugares bastante utilizados devido à sombra intensa das grandes árvores que as formam. As mangueiras e árvores de copa mais densa e ampla funcionam como oásis na Praça Maior. Os lugares são tão atraentes ao público que bancos e mesas foram deslocados e improvisados para eles. As duas áreas estão igualmente próximas aos acessos norte e sul do ICC, sendo que na área 03 há calçamento e na 13 o chão é gramado (Fig. 119). Vale esclarecer que na área 03 a mangueira é fruto de alteração no plantio, que previa ipês-roxos em canteiros espaçados e não executados.

Na área 07 também ocorre o rearranjo dos bancos, curiosamente para fora da área pavimentada. Neste caso, a sombra é proporcionada pelo bambuzal.



**Fig. 119** Área 03 (ICC Norte) à esquerda, Área 13 (ICC Sul) no centro e Área 07 (bambuzal) à direita



**Fig. 120** Área 06 à esquerda, Área 14 no centro e Área 19 à direita

As áreas 06, 14 e 19 são caracterizadas pelas escadas (Fig. 120). São áreas bastante sombreadas, porém não dotadas de mobiliário, o que faz das escadas uma opção para sentar e ficar mais tempo. Na área 06 o sombreamento é intenso, mas a área pequena e nas outras duas a sombra é generosa. São locais ocupados ao longo de todo o dia.



**Fig. 121** Área 10 - Talude central gramado

A área 10 corresponde à parte alta do talude gramado na parte mais central da praça. É outro espaço muito escolhido pelos frequentadores. Neste trecho, há pelo menos quatro árvores mais densas que estão quase sempre ocupadas por pessoas que se sentam na ladeira gramada. A grama é seca, bem aparada, e a brisa é constante. O visual da parte baixa da praça é também um ponto de interesse. A ventilação e o visual são características específicas desta área (Fig. 121).



**Fig. 122** Área 11 à esquerda, Área 12 no centro e Área 18 à direita

As áreas 11, 12 e 18 são formadas por árvores frondosas e chão gramado (Fig. 122). São locais em que a preferência é sentar ou deitar na grama, o que ocorre frequentemente. As áreas 11 e 12 são proporcionadas por uma única árvore, já a 18 é sombreada por árvores mais altas em seu entorno. A área 09 funciona da mesma forma, com a diferença que é localizada na parte baixa da praça e mais próxima ao movimento dos edifícios.



**Fig. 123** Área 09 à esquerda e centro, e Área 21 à direita



**Fig. 124** Áreas 01 e 22. Paradas de ônibus norte e sul respectivamente

A área 21 corresponde ao redário. O espaço é bastante sombreado e silencioso e está na lateral do Memorial Darcy Ribeiro. O movimento se dá principalmente após o horário do almoço, quando as pessoas vão tirar um cochilo ou relaxar, e para isso precisam levar a própria rede. A estrutura do redário cria um atrativo específico para esta área (Fig. 123).

Por fim, as áreas 01 e 22 correspondem às duas paradas de ônibus mais movimentadas, localizadas na periferia da praça e com funções específicas, e que não interessam ao propósito desta pesquisa (Fig. 124).

Em suma, os padrões de ocupação revelam que os locais de sombra mais densa são sempre os primeiros na preferência dos frequentadores. Proporcionados por árvores e bambuzais maiores e mais densos. Uma vez garantida a sombra, escolhe-se sentar nos poucos bancos que atendem a essa condição, sentar nas muitas escadas, ou no gramado, preferencialmente onde há grama seca. Na estação seca mais pessoas escolhem o gramado, enquanto na estação chuvosa, elas preferem as escadas.

## **Conclusões**

Observou-se um clima informal entre os frequentadores, como se estivessem em momento de descontração após a realização de tarefas ou entre turnos de atividades. Muitos fazem isso acompanhados, mas há sempre a presença de pessoas sozinhas. Aparentemente, aqueles que se afastam mais buscam privacidade ou tranquilidade e permanecem por mais tempo. Há os que vêm à praça munidos de tecidos para forrar o chão, redes, caixinhas de som, lanches, material de estudos e outros itens para usufruir o espaço de forma intencional. Por outro lado, os que ficam mais perto dos edifícios aparentam ficar mais brevemente, para um bate-papo, um lanche rápido ou um cigarro de pé mesmo. Estes gostam de ficar onde há mais pessoas. Dessa forma, ainda que rudimentar, a praça proporciona lugares e experiências distintas aos frequentadores.

A ocupação crescente ao longo do dia permite supor que o espaço seja mais utilizado à medida em que as pessoas vão encerrando seus compromissos, utilizando a praça como lugar de pausa e relaxamento.

Entre os que exploram mais o espaço, se observa que escolhem lugares sombreados, e costumam se sentar em bancos, em degraus ou desníveis que sirvam como bancos e no gramado. A exceção fica por conta do Teatro de Arena que, mesmo sem oferecer sombra e no horário mais quente, consegue atrair sempre um número mínimo de frequentadores.

Por alguma razão não relacionada ao projeto, no trecho sul há árvores maiores e em maior quantidade. Com mais áreas sombreadas, observou-se que os sujeitos têm mais liberdade em escolher onde ficar e podem explorar mais o local. Assim, foram sendo registrados a cada horário, novos e variados locais de ocupação. Por outro lado, no trecho norte com menos áreas sombreadas, observou-se certa sucessão na ocupação, como se as pessoas fossem escolhendo os mesmos locais para ficar, em diferentes horários do dia, de forma mais previsível.

Apesar de haver mais sombras no trecho sul, a quantidade de pessoas é maior no trecho norte e isso faz sentido, considerando que neste trecho se localizam a BCE e o Teatro de Arena, que são amplamente utilizados pelos estudantes, ao contrário da Reitoria e do Memorial Darcy Ribeiro, mais frequentados pelos segmentos de professores e funcionários.

Quanto à oferta de assentos na praça, o fato de um terço das pessoas sentadas utilizarem outro apoio que não um banco é um importante indicativo do número insuficiente de bancos.

Por fim, conclui-se a partir dos padrões de ocupação observados, que a preferência dos frequentadores é pelos espaços mais centrais, delimitados por entre os quatro edifícios, e afastados das pistas e dos estacionamentos. Observou-se que o grupo mais próximo a uma via, com exceção de quem estava nas paradas de ônibus, ficava a mais de 40 metros de distância dela. Em suma, os locais com ocupação mais constante são aqueles que dispõem primeiramente de sombras mais densas, combinados com lugares para sentar, mesmo que seja o gramado, nas áreas mais centrais.

#### **4.1.3. Questionários**

Outro procedimento adotado no levantamento da vida pública da Praça Maior foi a aplicação de questionários. De acordo com Antonio Carlos Gil (2008), o questionário é uma técnica de investigação adotada nas Ciências Sociais em que questões são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, interesses, valores, expectativas etc. (GIL, 2008,

p.121). Dessa forma, o questionário aplicado serviu para complementar as observações feitas e elucidar questões mais objetivamente. Além disso, possibilitou investigar Praça Maior do ponto de vista do abairramento, identificando que imagem os usuários têm, como se referem ao lugar, e que aspectos são percebidos como positivos e negativos. Foi levantado o perfil, o comportamento, as preferências, impressões e críticas dos frequentadores a respeito do espaço físico, e foi também uma forma de promover algum contato com os frequentadores.

Optou-se pelo questionário auto aplicado, entregue em mãos e respondido por escrito pelo próprio respondente. O método trouxe as vantagens de atingir um número maior de pessoas, obtendo uma amostragem mais consistente, e foi fundamental para reduzir interferências nas respostas. Para isso, evitou-se fazer comentários durante a aplicação, mas algumas vezes surgiram conversas posteriores, que serviram também como fontes de pesquisa. O questionário auto aplicado possibilitou também a condução da pesquisa sem o auxílio de outros pesquisadores.

Foram realizados dez pré-testes, a fim de evidenciar possíveis e foi verificado que as questões estavam suficientemente claras para a aplicação. Também se conferiu o tempo médio de resposta que girou em torno de cinco minutos, sendo suficientemente breve. Dessa maneira, não houve necessidade de correção no documento. Também se verificou a praticidade em abordar pessoas que estivessem sentadas, de forma a facilitar o preenchimento.

O modelo do questionário trouxe 17 questões, sendo três fechadas, 12 abertas, e duas mistas. A predominância de questões abertas demandou maior trabalho na tabulação, mas garantiu o esclarecimento de pontos importantes junto aos usuários da Praça Maior. O modelo do questionário está no Anexo 1.

Os questionários foram aplicados em novembro de 2018, nos dias 19, 22 e 27, respectivamente segunda, quinta e terça-feira. Não foi necessário seguir um critério para os dias de pesquisa pois importava apenas encontrar pessoas frequentando o espaço. Entretanto, devido ao período chuvoso, e ao curto espaço de tempo para esta etapa, optou-se por aplicá-los no período da tarde, quando

o clima era mais estável e havia mais pessoas presentes, conforme verificado nos mapas comportamentais.

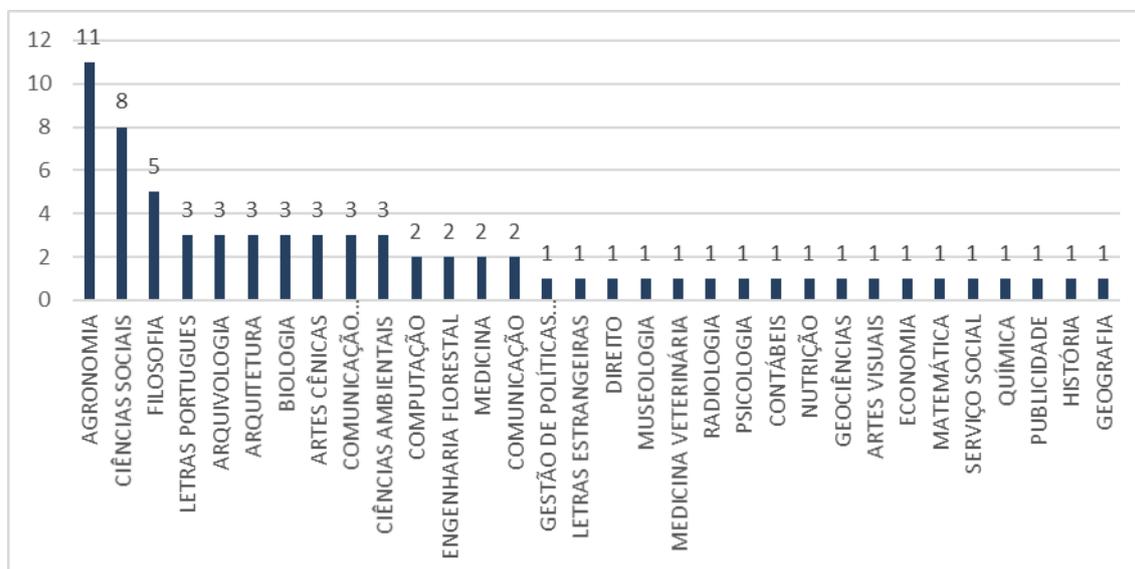
Com o objetivo de ter a amostragem mais diversificada possível, foram buscadas pessoas situadas em locais variados e representativos da Praça Maior. Assim, evitou-se abordar aquelas que estavam em áreas muito periféricas, como estacionamentos e pontos de ônibus, bem como as muito próximas aos acessos dos edifícios, incluindo a Pracinha da FAU. Foram abordadas pessoas desacompanhadas, em duplas e grupos, e o trabalho foi otimizado pela aplicação simultânea dos questionários. Houve poucas recusas, sendo todas de homens: dois rapazes se diziam estressados após uma prova, dois teriam prova naquele instante, e quatro outros não quiseram interromper um jogo eletrônico em grupo.

O aspecto negativo dos questionários auto aplicados foi que, em alguns casos, o preenchimento ficou incompleto ou foi feito de forma desatenta. Em nove questionários houve algum tipo de falha, em até uma resposta, que não chegou a comprometê-los. Dois outros foram descartados por terem sido respondidos em tom de zombaria e má vontade.

Dos 76 questionários aplicados, foram considerados 74 para efeito da pesquisa, o que equivale a aproximadamente 10% do total diário de frequentadores e 58,65% da média de ocupação. Destes, 32 eram homens e 42 mulheres. A idade dos participantes foi de 17 a 32 anos, e a idade média ficou em 21,37 anos. Embora tenha se buscado diversificar a amostragem, não se conseguiu a participação de professores ou funcionários, que não se encontravam presentes durante o período da pesquisa. Dos respondentes, 67 eram estudantes de graduação (90,54%), dois estudantes não especificaram o grau (resposta incompleta), um era estudante de mestrado, um ex-aluno, um estagiário e dois visitantes.

Foi possível confirmar observações feitas anteriormente quanto ao perfil dos usuários: jovem, estudante, mulheres e homens de forma equilibrada (embora mais mulheres tenham concordado em responder o questionário), e a ausência de professores e funcionários, que circulam pouco e não costumam frequentar o espaço efetivamente.

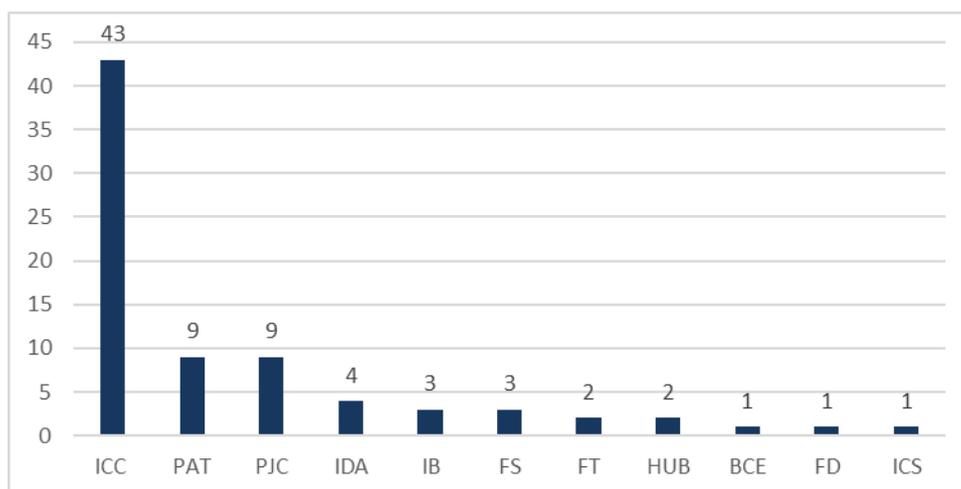
Foram registrados entre os respondentes, pessoas vinculadas a 32 diferentes cursos da UnB, sendo os mais frequentes Agronomia, Ciências Sociais e Filosofia. Dentre os cursos, 18 compareceram com apenas um representante (Gráfico 11).



**Gráfico 11 Diversidade de cursos**

Os respondentes fizeram referência a 15 edifícios onde desempenham sua principal atividade no *campus*. Entre eles os mais citados foram o Instituto Central de Ciências – ICC e os Pavilhões Anísio Teixeira - PAT e João Calmon – PJC. Outros edifícios mencionados foram: o Instituto de Artes – IDA, de Biologia – IB, a Faculdade de Saúde, a Biblioteca Central – BCE, a Faculdade de Tecnologia – FT, a Faculdade de Direito – FD, o Instituto de Ciências Sociais – ICS, e o Hospital da Universidade de Brasília – HUB<sup>105</sup> (Gráfico 12).

<sup>105</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de um edifício.



**Gráfico 12 Edifícios em que exercem atividade**

Foi possível constatar certa diversidade nos usuários, diante da variedade dos cursos, e ver que eles não estão restritos aos que exercem atividade no ICC. Os outros edifícios mencionados estão localizados nas imediações, com exceção da BCE, inserida na Praça Maior, e do HUB, externo aos limites do *campus*. Ninguém mencionou a Reitoria ou o Memorial Darcy Ribeiro.

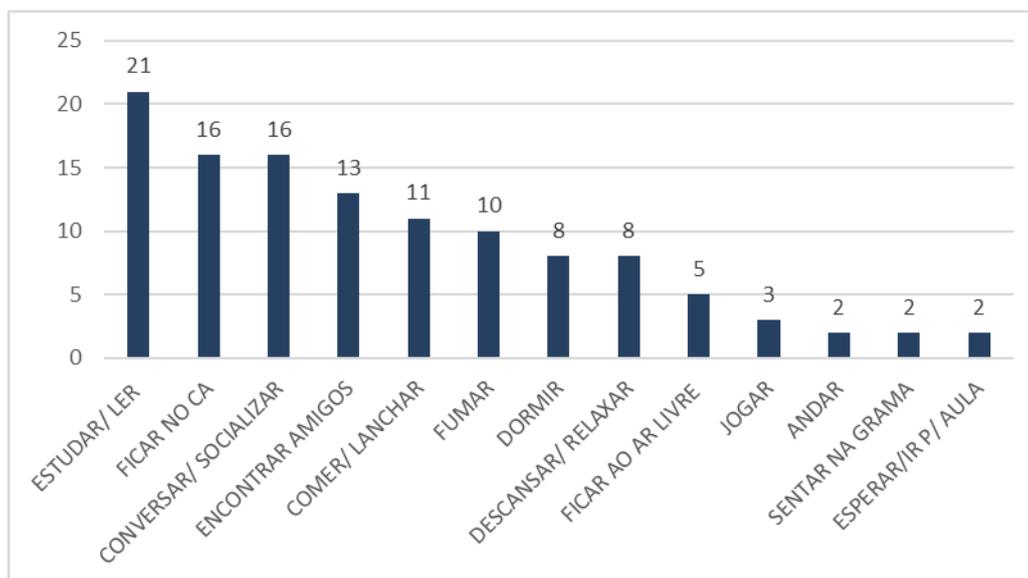
Sobre a frequência com que vem ao *campus*, a média ficou em 4,58 dias por semana. E o tempo que permanecem é em média 7,55 horas por dia. Daqui se observa que quem costuma frequentar a praça é quem vem com muita frequência ao *campus* e permanece por pelo menos dois turnos.

Na questão “o que você gosta de fazer no seu tempo livre/ intervalos no *campus*” as respostas foram agrupadas em 20 tipos<sup>106</sup> e as mais frequentes constam do Gráfico 13.

Ler ou estudar foi a atividade mais repetida. E o “Centro Acadêmico”, junto com conversar/ socializar veio em segundo lugar. A opção dos CAs, localizados dentro dos edifícios, indica que muitas vezes não se utilizam os espaços abertos do *campus* nos horários livres. Da mesma forma, a venda de alimentos está concentrada no interior dos prédios. Assim, para lanchar na praça, o sujeito precisa comprar e trazer o lanche consigo. Por fim, a quantidade de menções à socialização, conversas e encontrar ou ficar com amigos no tempo livre,

<sup>106</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de uma atividade.

demonstra a importância dada às relações interpessoais no ambiente universitário.



**Gráfico 13 Atividades no tempo livre no *campus***

A questão “como você chama este lugar em que estamos” trouxe respostas curiosas e diversas - praticamente exclusivas<sup>107</sup> (Gráfico 14). Lugares como o Teatro de Arena e o Curral, que têm propriamente um nome, são assim chamados. Os outros locais recebem apelidos, que variam imensamente em função do edifício mais próximo ou de alguma característica do lugar. Os apelidos com referência ao Ceubinho<sup>108</sup> foram os mais numerosos, seguida pelas referências ao ICC, ao Udfinho<sup>109</sup>, e em menor número à Reitoria e BCE. Também foram frequentes respostas associadas às escadas, gramados, jardins e praças. Algumas pessoas responderam de forma genérica, “UnB”, “*campus*” ou “área verde”. E surgiram nomes surpreendentes, tais como: “floresta”, “Jardim do Édem”, e “Guapú”, mencionado por pessoas de diferentes cursos<sup>110</sup>. Guapú

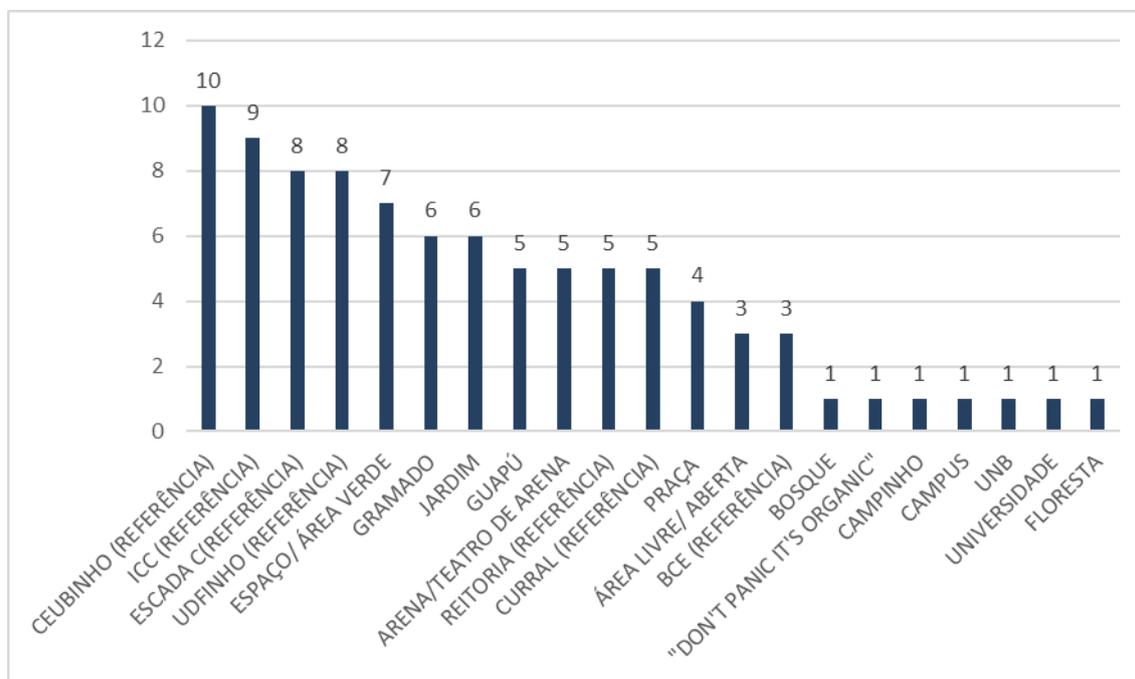
<sup>107</sup> Os nomes respondidos no questionário foram Udfinho, gramado do Udfinho, praça do Udfinho, espaço verde do Udfinho, escada do Udfinho, área livre do Udfinho, Ceubinho, em frente ao Ceubinho, quintal do Ceubinho, parte de trás do Ceubinho, lanchonete do Ceubinho, Ceubinho (praça), área verde do ICC, atrás do ICC, área livre atrás do ICC Norte, escadaria saída ICC Sul, jardim atrás do ICC, gramadão do ICC Sul, escadinha do ICC Norte, Reitoria, gramado perto da Reitoria, área entre ICC e Reitoria, banquinho da Reitoria, campinho da Biblioteca, gramado da Biblioteca, arena, Teatro De Arena, Curral, abaixo lateral do Curral, saída perto do Curral, escada, escadinha, escadaria, gramado, jardim, bosque, UnB, *campus*, área verde, áreas abertas, praça, “*Don't panic, it's organic*”, Jardim do Édem, Guapú e floresta.

<sup>108</sup> Como é apelidado o acesso norte do ICC.

<sup>109</sup> Como é apelidado o acesso sul do ICC.

<sup>110</sup> Não apenas cursos ligados ao meio ambiente, como Engenharia Florestal e Agronomia, mas também outros, como Ciências Sociais e Letras – Português.

é a abreviação de Guapuruvu, árvore predominante entre o ICC Sul e a Reitoria. Outra surpresa foi "Don't panic, it's organic", inscrição nos espelhos de determinada escada que, tal como os números das vigas do ICC, ajuda na localização das pessoas<sup>111</sup>. Duas pessoas não responderam.



**Gráfico 14 Nomes dados aos espaços da Praça Maior**

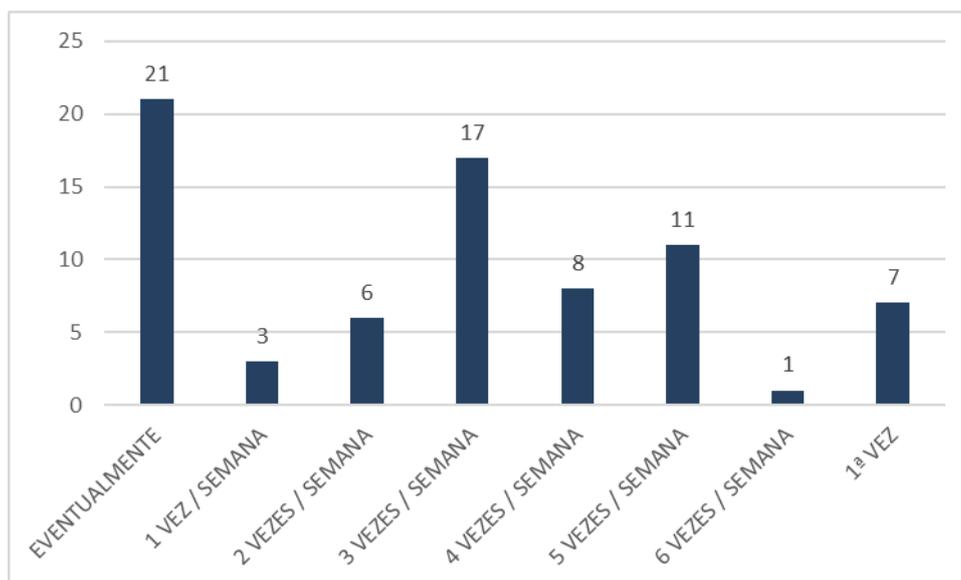
A diversidade de nomes, indica que o espaço da praça é apreendido pelos frequentadores como recantos distintos. Assim a Arena é entendida como um espaço, Guapú é outro e “gramado da biblioteca” outro. Apelidos como “banquinho da Reitoria” mostram a singularidade de determinado local, enquanto outros, como “área entre ICC e Reitoria”, são bastante vagos e exprimem falta de referência. Apelidos aliás, são parte do cotidiano da universidade<sup>112</sup>.

De acordo com Lynch (1997, p. 76) os nomes dos bairros ajudam a conferir-lhes identidade. Assim, o fato de ninguém ter respondido Praça Maior e de muitos terem demonstrado surpresa com a questão, confirma a percepção, não de um espaço único, mas de vários lugares diferentemente caracterizados.

<sup>111</sup> Conforme comentário da respondente.

<sup>112</sup> A matéria “O curioso modo de falar na UnB” de 13 de maio de 2013, do Correio Braziliense apresenta diversos apelidos de locais, grupos, disciplinas etc. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino\\_ensinosuperior/2013/05/13/ensino\\_ensinosuperior\\_interna,365650/o-curioso-modo-de-falar-na-unb.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2013/05/13/ensino_ensinosuperior_interna,365650/o-curioso-modo-de-falar-na-unb.shtml)

Sobre a frequência com que os usuários vêm àquele local, a média ficou em 3,45 vezes por semana (Gráfico 15). A maior parte respondeu que vem eventualmente e outra parte considerável tinha vindo pela 1ª vez. O tempo de permanência relatado foi em média de 1 hora e 26 minutos, sendo o mais curto 2 minutos, e o mais longo 3 horas.



**Gráfico 15** Frequência com que vem à Praça Maior

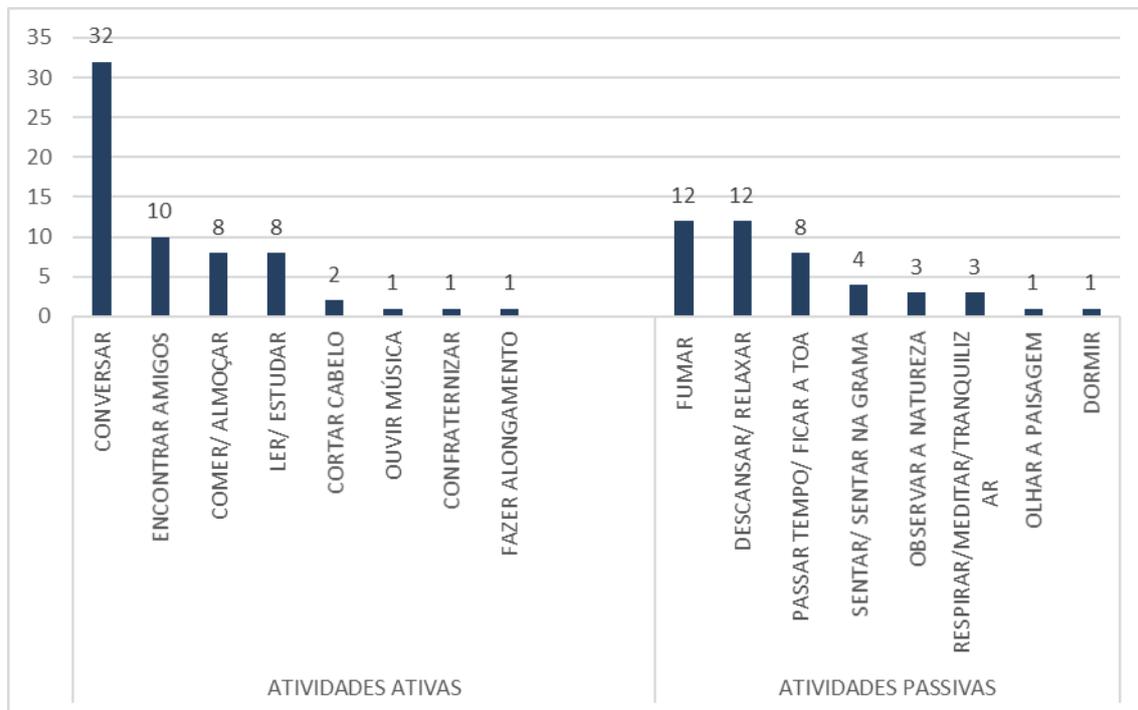
A frequência indica que a maior parte dos usuários vem à praça sem regularidade. Além desses, os maiores resultados foram de três e cinco vezes por semana. A frequência e o tempo médio de permanência, corroboram com a observação de que as pessoas costumam vir quando têm tempo livre suficiente para usufruir do lugar sem pressa e relaxar.

Sobre “o que você gosta de fazer aqui” foram respondidas diversas atividades<sup>113</sup> e agrupadas em 16 tipos (Gráfico 16). Três pessoas não responderam<sup>114</sup>. Conversar é a atividade que dispara em primeiro lugar. Curiosamente não foi respondido namorar, apesar de ter se observado com grande frequência no mapa comportamental. Foi surpreendente a menção ao “corte de cabelo”

<sup>113</sup> As atividades foram: conversar, fumar, encontrar amigos, descansar, comer, passar tempo, ler, sentar, interagir/observar a natureza, estudar, espalhar, relaxar, cortar cabelo, olhar a paisagem, respirar um ar melhor, almoçar, ver ex-namorada, meditar, dormir, ouvir música, tranquilizar, sentar na grama, confraternizar, esperar, ficar à toa, fazer alongamento, e nada.

<sup>114</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de uma atividade.

e descobriu-se que um salão de beleza itinerante acontece na praça com certa frequência.



**Gráfico 16 Atividades preferidas no local (ativas e passivas)**

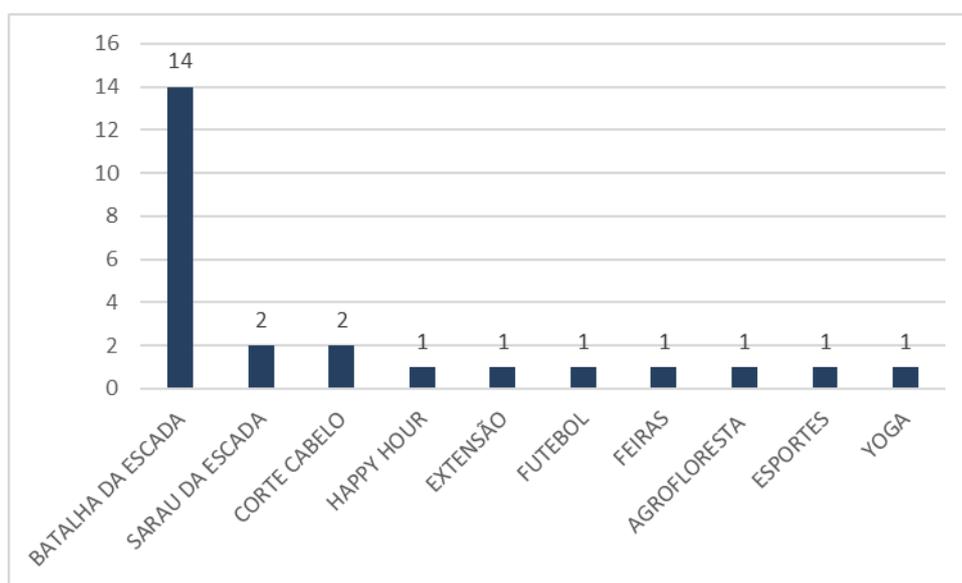
As atividades mencionadas conferem com aquelas observadas no mapa comportamental, com exceção de namorar. A menção a atividades tão diferentes quanto confraternizar e meditar confirmam a observação de que o local permite diferentes tipos de experiência, desde as mais sociáveis às mais introspectivas. Por outro lado, separando as atividades em ativas e passivas, notou-se que apesar de haverem mais menções às ativas, o percentual de passivas é alto. O dado confirma a observação da praça como lugar de descontração, mas também sugere que o local oferece poucas opções de atividades ativas aos frequentadores.

Quando vêm para a praça, 35 responderam que costumam vir acompanhados, 28 responderam sozinhos ou acompanhados, e apenas oito pessoas responderam sozinho. Três pessoas não responderam.

Foi constatado que a maioria costuma ir à praça acompanhada e muito poucos afirmaram ir exclusivamente sozinhos. Disso se depreende que apesar da preferência por companhia, estar sozinho não é um empecilho para frequentar o

local. Corrobora com a observação de pessoas sozinhas permanecendo na praça.

A respeito de “conhece ou participa de alguma atividade que acontece por aqui”, apenas 21 pessoas (28,37%) responderam que sim. Entre estes, a atividade destacadamente mais relatada foi a “Batalha da Escada” e as demais foram respondidas por uma ou duas pessoas<sup>115</sup>. “*Cheerleader*” foi uma atividade mencionada, porém desconsiderada porque ocorre dentro do ICC. Curiosamente o churrasco no Curral da Agronomia não foi mencionado (Gráfico 17).



**Gráfico 17 Atividades relatadas no local**

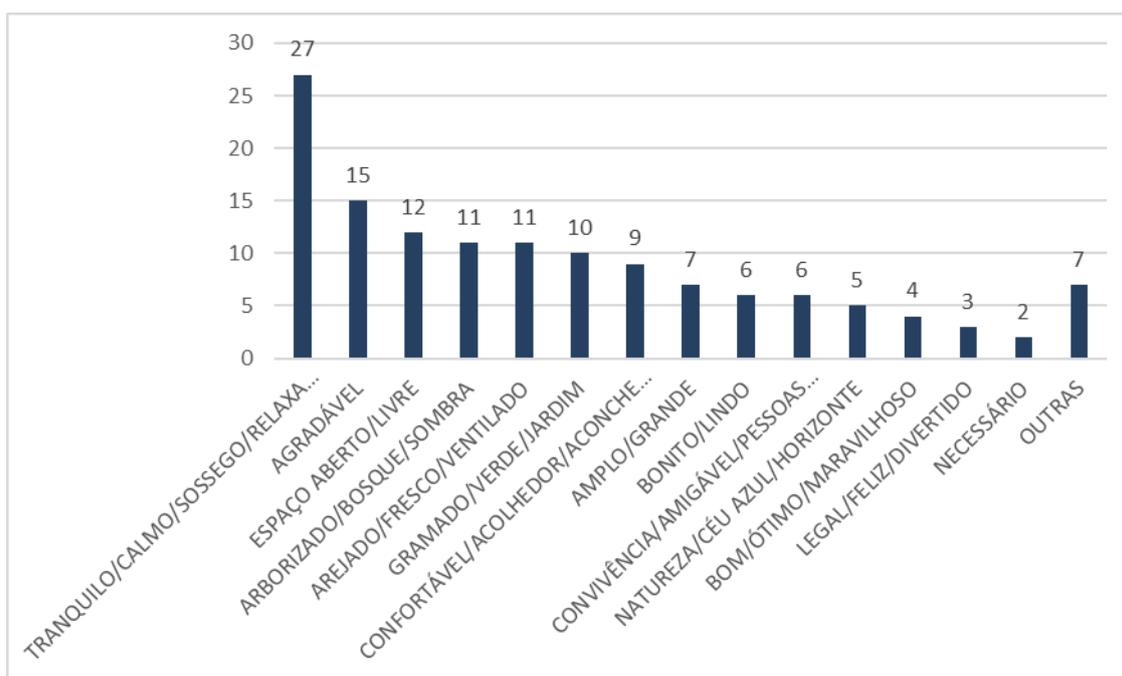
Surpreendeu o fato de tantas pessoas desconhecarem, ou não lembrarem, de atividades na praça. Por outro lado, se constatou que a Batalha da Escada se tornou uma referência na Praça Maior, mencionada por 18,91% dos respondentes.

A partir desta questão as perguntas foram direcionadas ao espaço físico. A primeira delas foi “como você descreveria este espaço”. Para simplificar a tabulação, as respostas foram reduzidas a palavras-chave<sup>116</sup> e agrupadas<sup>117</sup>. As

<sup>115</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de uma atividade.

<sup>116</sup> As palavras-chave associadas à descrição do lugar, em ordem de maior para menor ocorrência foram: agradável, tranquilo, aberto, arborizado, verde, relaxante, calmo, aconchegante, bonito, amplo, arejado, fresco, convivência, espaço livre, natureza, confortável, bom, com vento, gramado, grande necessário, acolhedor, amigável, bosque, céu azul, conhecimento, divertido, elitizado, feliz, interessante, jardim, legal, lindo, maravilhoso, ótimo, pessoas agradáveis, praça, quente, referência, seguro, silencioso, sombras, sossego e vista do horizonte.

mais mencionadas foram: “tranquilo” (...), “agradável”, “espaço aberto” (...), “arborizado” (...) e “arejado” (...). A grande maioria das respostas trouxe aspectos positivos do lugar. Chamou a atenção o espaço ter sido descrito como “necessário”. Entre as menos mencionadas, agrupadas como “outras”, estão: “conhecimento”, “elitizado”, “interessante”, “praça”, “quente”, “referência” e “seguro” (Gráfico 18).



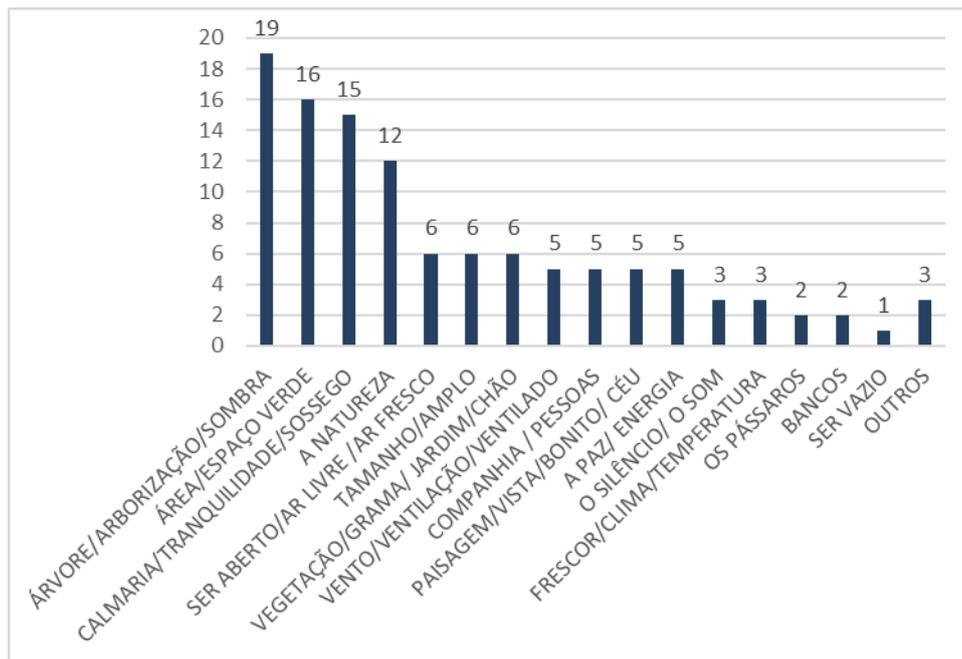
**Gráfico 18** Descrições do espaço

Predominaram aspectos relacionados a emoções, ao caráter bucólico, e ao conforto bioclimático. Outros aspectos foram relacionados à forma, tamanho, beleza do lugar e às pessoas.

Foi constatada uma visão muito positiva do espaço, e dos 74 questionários, apenas dois apresentaram críticas, que foram relacionadas ao calor excessivo e ao espaço ser elitizado. Porém, os autores destas críticas mencionaram também aspectos positivos. O fato de o espaço ser descrito como “necessário” corrobora com a importância dos espaços verdes no ambiente universitário.

<sup>117</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de um item.

Da mesma forma que na questão anterior, a pergunta “o que lhe agrada neste espaço” demandou uma simplificação em palavras-chave<sup>118</sup> (Gráfico 19), que foram agrupadas<sup>119</sup>. Entre elas, as mais frequentes foram as “árvores” (...), a “área verde” (...) e a “calmaria”. Algumas respostas interessantes foram com relação ao tamanho ser “ótimo para estar só ou acompanhado” e outra foi “ser mais vazio e tranquilo”. Curiosamente duas pessoas mencionaram “bancos” e “escadas”.



**Gráfico 19 O que lhe agrada neste espaço**

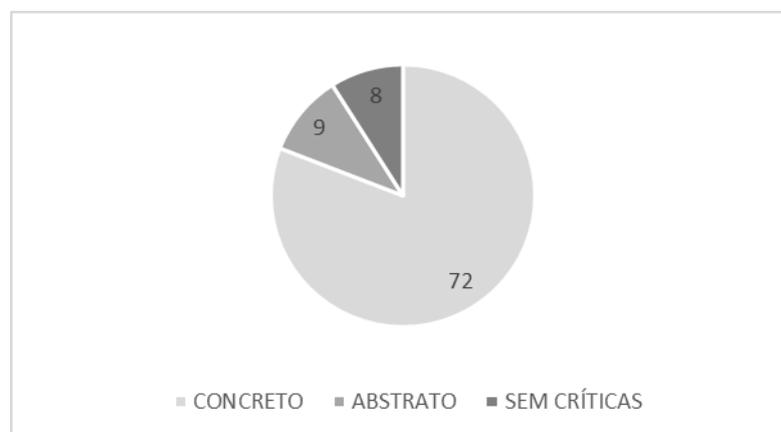
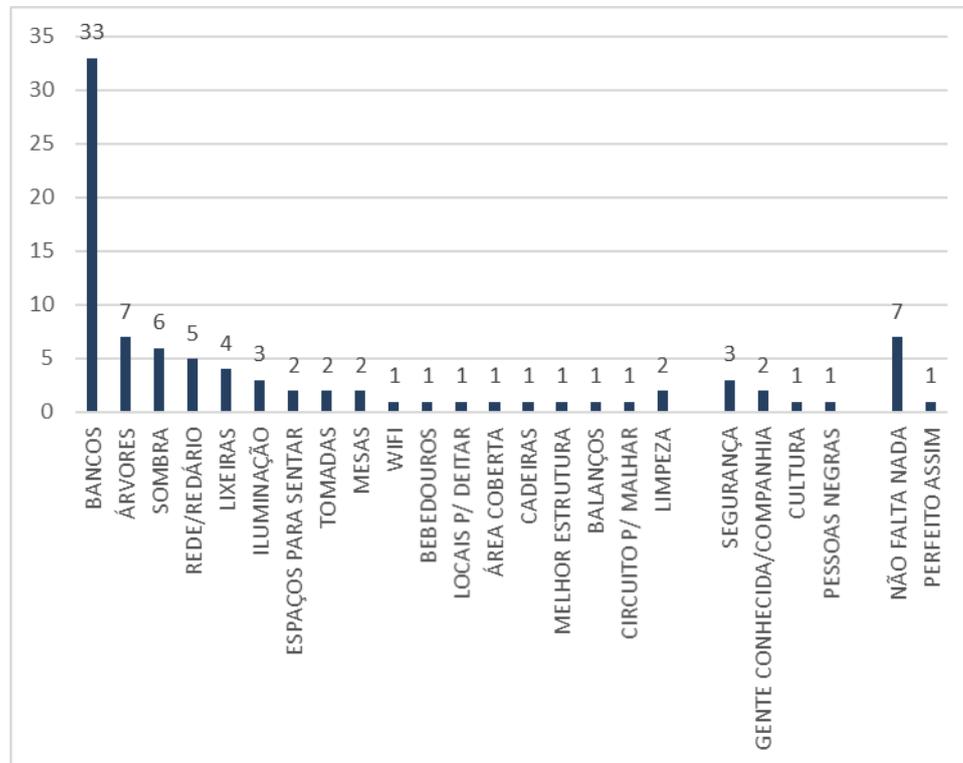
Destacaram-se as respostas relacionadas ao caráter bucólico do lugar, aspectos emocionais que o lugar desperta, a configuração, o conforto bioclimático pessoas e beleza do lugar. A menção a bancos e escada parece indicar uma valorização do que há para sentar.

A questão “o que falta neste espaço para você aproveitá-lo melhor e por mais tempo”, é talvez a mais importante de todo o questionário, pois a partir das críticas dos usuários é possível entender o que não vai bem com o espaço público. A maior parte das críticas foi voltada para itens concretos do espaço físico e

<sup>118</sup> Área verde/ espaço verde, árvore/arborização, natureza, calma/calmaria, tranquilo/ tranquilidade, vento/ ventilação/ ventilado, paisagem/ vista, paz, ser aberto, tamanho, amplo, companhia/ pessoas, vegetação, sossego/sossegado, pássaros, silêncio, ar livre/ fresco, grama, frescor, clima, temperatura, bonito, ser vazio, jardim, o chão e o céu.

<sup>119</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de um item.

uma parte menor para itens abstratos, como a falta de gente conhecida, companhia, pessoas negras, cultura e segurança. Sete pessoas responderam não faltar nada, e uma chegou a responder “está perfeito assim” (Gráfico 20).



**Gráfico 20 O que falta neste espaço (itens relacionados a aspectos físicos, outros aspectos e respostas sem críticas)**

A falta de bancos foi mencionada por nada menos que 33 pessoas (44,59%), sendo que três especificaram bancos confortáveis, e cinco, bancos com encosto. Também foram mencionados mesas, cadeiras, redes e espaços para sentar

e deitar<sup>120</sup>. Foram ainda lembrados a falta de bebedouros, lixeiras, iluminação, *internet* sem fio, tomadas, área coberta, equipamentos de ginástica e “melhor estrutura” (resposta vaga). A falta de sombra foi mencionada com destaque e curiosamente foi respondido “mais árvores”.

Com quase metade dos questionários tendo citado a falta de bancos, fica evidenciado o que se observou nos mapas comportamentais. A menção ao conforto dos bancos também é significativa, já que a maior parte deles não tem encosto ou está posicionada no sol. Mas não é apenas a quantidade e a qualidade dos bancos que marca o espaço. A referência à falta de redes, balanços e locais para deitar indica que há uma demanda para tipos mais diversificados e criativos de mobiliário, em consonância com a descontração deste ambiente universitário.

Outro aspecto importante foi o número de menções à falta de sombra e de mais árvores, apesar de tantas referências à arborização do espaço. Podemos entender que os dois itens estão relacionados. Não é que faltem árvores, mas a localização delas, e em alguns casos o porte, não favorece os estares e caminhos sombreados. Por último, as respostas envolvendo aspectos não relacionados ao espaço, sugerem o desejo de poder usufruir mais o espaço.

A última questão “você sabia que este grande espaço se chama Praça Maior” retoma a discussão sobre o quanto o nome do lugar é desconhecido pela comunidade universitária. Com exceção de uma pessoa, todas responderam não saber. E não apenas isso, elas demonstraram surpresa, evidenciada por exclamações e interjeições marcadas no questionário e pelos comentários feitos após a aplicação.

## **4.2. Avaliação da vida pública**

O conjunto de procedimentos realizados na Praça Maior da Universidade de Brasília permitiu obter um quadro geral da vida cotidiana e da configuração, capaz de aferir o desempenho da praça como espaço público. A etapa seguinte

---

<sup>120</sup> Alguns respondentes mencionaram mais de um item.

ao levantamento é a avaliação da vida pública e do espaço público, que traz como referência do espaço bem-sucedido, aquele que tem gente variada, realizando atividades sem dificuldade e permanecendo mais tempo no local, de acordo com Tenorio (2012).

É certo que não nos faltam exemplos de espaços públicos que, não sendo dotados de elementos naturais em sua configuração, são socialmente muito bem-sucedidos. Cidades como Florença e Siena, na Itália, ou Ouro Preto, para citar o Brasil, cujos espaços predominantes são praças secas, não deixam a desejar no quesito vida pública.

Por outro lado, são inegáveis os efeitos negativos decorrentes do processo de urbanização irrestrita, como bolsões de calor, alagamentos, enxurradas, desmoronamentos, poluição etc., sobretudo em um país de clima quente como o nosso. Dessa forma, torna-se necessário pensar os espaços públicos sem abrir mão dos elementos naturais do paisagismo, que trazem uma gama de contribuições para o clima, segurança, a saúde e bem-estar das populações urbanas.

Por essa razão, com foco em aprofundar a análise sobre os aspectos paisagísticos da Praça Maior, além dos itens de verificação e dos elementos de configuração contemplados nas tabelas de Tenorio, foram acrescentados mais alguns. Eles foram inseridos em função das dimensões morfológicas e buscam avaliar questões conjuntamente significativas para o paisagismo e para a vida pública. Os itens das tabelas são comentados, a fim de não simplificar excessivamente a discussão sobre um espaço tão extenso, singular e heterogêneo quanto a Praça Maior.

#### 4.2.1. Itens de verificação: sujeitos

1	número de pessoas	não há ninguém			o lugar está cheio de gente	

Diante do que se esperaria frente ao principal espaço público da Universidade de Brasília, ao tamanho de sua comunidade, e à dimensão do espaço físico, o número de pessoas verificado, na Praça Maior foi muito pequeno.

2	variedade de pessoas	2.1	equilíbrio de gênero	muito desequilibrado				muito equilibrado	
		2.2	variedade de faixas etárias	não há variedade				há grande variedade	
		2.3	variedade de classes sociais	não há variedade				há grande variedade	
		2.4	predominância de grupos	há predominância de grupos				não há predominância de grupos	
Obs. grupos e pessoas desacompanhadas estão igualmente presentes sem haver conflitos. Há espaço para todos conviverem tranquilamente.									

Quanto à variedade dos sujeitos, há equilíbrio de gêneros, com o número de homens levemente superior ao de mulheres, mas não há variedade na faixa etária, demonstrada pela presença quase absoluta de jovens estudantes e pela ausência de pessoas mais velhas, como professores e servidores. A variedade na classe social não foi visível pela mera observação e uma falha do questionário foi não ter esclarecido a origem social dos participantes. Por outro lado, foi notada a baixa frequência de pessoas negras e indígenas no local<sup>121</sup>. Caberia acrescentar na tabela o item “variedade étnica” em consonância à população regional. Entre os estudantes, há variedade nos cursos a que estão vinculados e nos locais em que exercem atividade.

A predominância de grupos no espaço público pode ser considerada como um problema quando inibe a presença de outras pessoas, criando territórios. Mas isso não ocorre na Praça Maior diante do tamanho de seu espaço físico. É natural que em uma comunidade, pessoas que se conhecem, estudam ou trabalham juntas, também passem o tempo livre juntas e ampliem os vínculos sociais. Neste ambiente, a presença de grupos se equilibra com a de pessoas desacompanhadas. Observa-se também que a presença de casais homoafetivos é vista com naturalidade. Por essa razão, a gradação da tabela não é coerente com a realidade verificada, e em absoluto não corresponde a um aspecto negativo quanto à variedade de pessoas.

3	distribuição das pessoas no tempo	péssima distribuição das pessoas no tempo				ótima distribuição das pessoas no tempo			
---	-----------------------------------	---	--	--	--	---	--	--	--

<sup>121</sup> Especificamente no evento Batalha da Escada se observa maior diversidade entre os jovens frequentadores.

A distribuição de pessoas ao longo do dia não é equilibrada. Pela manhã a praça é bastante vazia e no início da noite atinge o máximo de ocupação. No horário do almoço há um pico intermediário. À tarde há mais movimento que pela manhã. A presença de pessoas à noite, nos finais de semana e nos recessos escolares é bastante reduzida.

#### 4.2.2. Itens de verificação: atividades

4	passagem	não há gente passando				há muita gente passando			

Há um movimento significativo de pedestres passando pela Praça Maior, principalmente. O movimento, porém, se concentra na área formada entre os acessos dos edifícios.

5	permanência	5.1	número	não há gente permanecendo				há muita gente permanecendo			
		5.2	duração	as pessoas permanecem por muito pouco tempo				as pessoas permanecem por um longo tempo			

A quantidade de pessoas permanecendo em atividade no local é muito pequena diante do tamanho da praça e da população do *campus* (1,51%). Os sujeitos se concentram nos acessos dos edifícios, na porção mais central e nas paradas de ônibus próximas ao ICC. Em suma, a distribuição espacial dos sujeitos é altamente heterogênea, havendo grandes áreas ermas. De forma geral, as pessoas que se espalham mais pela praça, ficam por períodos mais longos de tempo, e as que ficam perto aos edifícios são mais breves. Diante da heterogeneidade na duração da permanência, a gradação em amarelo apenas registra uma média.

6	encontros	6.1	ocorrência	não há gente se encontrando				há muita gente se encontrando			
		6.2	tipo	[ x ] os encontros são casuais							
				[ x ] os encontros são programados							

Há pessoas se encontrando, mas há ainda mais pessoas chegando juntas ao local, de onde se infere que há mais encontros programados do que casuais.

7	manutenção e vigilância	7.1	ocorrência	não há gente mantendo/vigiando o lugar				há muita gente mantendo/vigiando o lugar			
		7.2	tipo	[ x ] o local é mantido/vigiado por pessoas contratadas para isso							
				[ x ] há indício de manutenção voluntária/vigilância informal							

A manutenção e vigilância são efetuadas por funcionários da universidade e estão mais concentradas nas proximidades dos edifícios e estacionamentos. Lixeiras quebradas e acúmulo de material de poda demonstram falha na manu-

tenção, mas o corte de grama é feito com regularidade. Há também indícios de manutenção voluntária, por parte dos estudantes, apenas em determinados recantos, como a Pracinha da FAU e a agrofloresta.

8	demais atividades	8.1	número	não há atividades ocorrendo	há muitas atividades ocorrendo	
		8.2	origem	<input checked="" type="checkbox"/> há atividades ocorrendo no próprio lugar <input checked="" type="checkbox"/> há atividades ocorrendo nas fronteiras do lugar <input type="checkbox"/> há atividades ocorrendo motivadas pela presença de pessoas no lugar <input checked="" type="checkbox"/> o lugar costuma abrigar atividades programadas (listadas no texto).		
		8.3	tipo	<input checked="" type="checkbox"/> há presença de atividades passivas <input checked="" type="checkbox"/> há pessoas observando outras <input checked="" type="checkbox"/> há pessoas aproveitando os efeitos positivos do clima, descansando, dormindo (atividades passivas listadas no texto). <input type="checkbox"/> há presença de atividades ativas <input checked="" type="checkbox"/> há pessoas interagindo <input checked="" type="checkbox"/> há pessoas demonstrando afeto e alegria (atividades ativas listadas no texto).		

Quanto às atividades, há diversas ocorrendo no local. Contudo as atividades são dispersas no tempo e no espaço e não acontecem de forma a ocupar efetivamente a praça. Um indício é que a única atividade motivada pela presença de pessoas é a venda de alimentos na banca junto à BCE, e esporadicamente a venda ambulante de doces. Entre as atividades programadas, a mais conhecida é a Batalha da Escada, uma vez por semana, à noite. Além dela, aulas, apresentações, saraus, instalações artísticas, manifestações políticas etc. ocorrem com baixa frequência.

Nas fronteiras da praça, há atividade concentrada nos acessos do ICC. Com exceção das paradas de ônibus nas extremidades do ICC, também não há atividades nas demais fronteiras, representadas pelas vias, nem na vizinhança imediata delas. Os edifícios da Reitoria, BCE e Memorial Darcy Ribeiro não se localizam nas fronteiras da praça, mas na prática eles estabelecem limites para as áreas efetivamente utilizadas pelas pessoas.

Há muita atividade passiva na Praça Maior, e esta pode ser considerada uma das principais características do lugar. Há pessoas observando a paisagem, deitadas na grama, descansando na sombra, meditando, passando o tempo. Há também atividades ativas: gente conversando, comendo, reunindo, tocando violão etc. E há muita demonstração de afeto vista nos casais de namorados, nos encontros festivos, abraços e brincadeiras. O que se percebe é que algu-

mas atividades típicas do ambiente universitário como ler ou estudar, acontecem em menor escala do que se esperava. Muitas atividades acontecem de forma improvisada, como pessoas apoiando o notebook no colo, sentando-se no meio-fio etc. Além disso, esperava-se haver atividades comunitárias, educacionais, culturais, entre outras acontecendo com maior frequência.

Outro ponto importante é a ausência de pessoas mais velhas, na figura de professores e funcionários, utilizando o espaço. Estes segmentos são parte significativa da comunidade universitária e sua ausência pode estar relacionada à falta de suporte às atividades, tais como bancos confortáveis e mesas. Uma coisa é um jovem se dispor a sentar ou se deitar no gramado para estar na praça. Outra coisa é esperar que uma pessoa com mais idade, sem tanta disposição, faça isso. Se a falta de mobiliário foi constatada para a quantidade atual de usuários, quem dirá para um desejável maior número de frequentadores.

### 4.3. Avaliação do espaço público

Apesar dos comentários positivos entre os usuários e da demonstração geral de satisfação com o espaço, é inegável que a quantidade reduzida de pessoas e a ocupação pouco consistente do espaço apontam para um potencial não aproveitado. A partir desta constatação é feita a avaliação do espaço público em que se buscam, nos elementos de configuração globais e locais, as respostas para o seu desempenho.

#### 4.3.1. Elementos de configuração: atributos globais

9	espaço público livre	9.1	quantidade	o percentual de espaço livre público sobre a área total é muito grande	o percentual de espaço livre público sobre a área total é muito pequeno
		9.2	dimensões	o tamanho médio dos espaços convexos não é consoante com o papel da área no contexto da cidade	o tamanho médio dos espaços convexos é consoante com o papel da área no contexto da cidade

Como primeiro elemento de configuração, avaliamos a quantidade e as dimensões do espaço público na região em que se insere a Praça Maior. Em todo o *campus* predominam espaços livres em detrimento dos espaços construídos e há diversos espaços ociosos, sobretudo nas bordas próximo às vias e junto a

fachadas cegas. Assim, o percentual de espaço livre público sobre a área total é muito grande. É preciso refletir sobre o modelo urbanístico do *campus*, sobretudo no contexto do Plano Piloto de Brasília. Uma cidade parque dentro da cidade parque. O *Campus Darcy Ribeiro* assume um modelo de *campus* ainda mais disperso nesse contexto. E por sua vez, para se estabelecer como espaço central, a Praça Maior precisa ser ainda maior.

10	integração global	o lugar é mal irrigado por linhas integradas	o lugar é bem irrigado por linhas integradas

Quanto à integração global, o *campus* é relativamente mal integrado, considerando-se o mapa axial de integração global. Apesar da proximidade com importantes vias da cidade, o *campus* tem um número pequeno de vias e quarteirões muito extensos, o que reduz a quantidade de acessos aos locais.

11	atividades	11.1	variedade	não há variedade de atividades	há muita variedade de atividades
		11.2	distribuição	atividades estão mal distribuídas	atividades estão bem distribuídas
		11.3	complementaridade	as atividades não se complementam	as atividades se complementam muito bem
		11.4	distribuição temporal	há péssima distribuição das atividades no tempo	há ótima distribuição das atividades no tempo

No contexto do *campus* universitário temos um bairro monofuncional. O próprio conceito de *campus* define uma função exclusiva e, portanto, há pouquíssima variedade de atividades, que são mal distribuídas e sem complementariedade. Além disso, as atividades estão concentradas num mesmo horário.

12	habitação	12.1	variedade	há muito pouca variedade de tipos edifícios	há grande variedade de tipos edifícios
		12.2	distribuição	os tipos edifícios estão muito mal distribuídas	os tipos edifícios estão muito bem distribuídas
		12.3	densidade	não há densidade suficiente para assegurar concentração de pessoas	há densidade suficiente para assegurar uma ótima concentração de pessoas
[ ] há excessiva densidade					

As habitações existentes estão concentradas em dois núcleos dentro do *campus*. Entre as habitações não há variedade de tipos edifícios. Todos são edifícios multifamiliares de mesmo padrão, atendendo à comunidade universitária

de professores e funcionários (Colina), e estudantes (Casa do Estudante Universitário). Conforme os padrões urbanísticos já mencionados, não há densidade suficiente para assegurar a concentração de pessoas.

13	mobilidade	13.1	pedestres	a área não está estruturada para atender aos pedestres	a área está muito bem estruturada para atender aos pedestres
		13.2	ciclistas	a área não está estruturada para atender aos ciclistas	a área está muito bem estruturada para atender aos ciclistas
		13.3	transporte público	a área não está estruturada para o uso do transporte público	a área está muito bem estruturada para o uso do transporte público
		13.4	transporte particular	a estrutura da área prioriza o transporte particular	a estrutura da área não prioriza o transporte particular

Quanto à mobilidade, a área está pouco preparada para atender pedestres. As distâncias a pé são extensas, mal sombreadas, com calçadas descontínuas e alguns trechos malconservados. Os edifícios estão afastados da calçada, “dando as costas” para o pedestre. Os caminhos a pé são em grande parte desconfortáveis e às vezes monótonos.

Os ciclistas contam com uma ciclovia que integra o *campus* à Asa Norte, e há também estações de compartilhamento de bicicletas<sup>122</sup>. Entretanto, as ciclovias não estão totalmente sinalizadas e há pontos de conflito com calçadas e travessias. A universidade também não dispõe de vestiários e guarda-volumes nos edifícios para apoiar o uso da bicicleta como meio de transporte.

Quanto ao transporte, a UnB disponibiliza uma linha interna gratuita que circula por quase toda a área do *campus*<sup>123</sup> e um transporte gratuito *intercampi* (Darcy Ribeiro, Planaltina, Gama e Ceilândia<sup>124</sup>). Quanto ao sistema público de transporte, o *campus* é atendido por diversas linhas de ônibus e conta com quase 30 paradas. Em torno da Praça Maior são oito paradas (considerando os dois

122 O Sistema de Bicicletas Compartilhadas +BIKE é composto por estações inteligentes distribuídas pela cidade e funciona por meio de aplicativo de celular. O projeto é do Governo do Distrito Federal.

123 De acordo com o Decanato de Assuntos Comunitários, o transporte está disponível para alunos, professores e funcionários da UnB, de segunda à sexta-feira, a cada 30 minutos, de 7:00h às 23:30h. Disponível em:

<http://dac.unb.br/images/Transporte/Transporte-horario-intracampus2018.pdf>

124 De acordo com o Decanato de Assuntos Comunitários, o transporte está disponível para toda a comunidade universitária, com prioridade para estudantes. Disponível em: [http://dac.unb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=559&Itemid=401](http://dac.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=559&Itemid=401)

lados da pista). Mas o sistema de transporte público em Brasília é, de uma forma geral, pouco eficiente, e as dificuldades são sentidas por quem o utiliza em qualquer parte da metrópole. Assim, a estrutura acaba priorizando o transporte particular, principalmente pela grande disponibilidade de estacionamentos gratuitos no *campus*.

Dessa forma, se avalia que o conjunto dos atributos de configuração global não favorece a vida pública.

### 4.3.2. Elementos de configuração: atributos locais

14	localização	14.1	com relação à integração global	o lugar está distante de uma linha integrada		o lugar está próximo de uma linha integrada	
		14.2	com relação à integração local	o lugar está distante de uma linha integrada		o lugar está próximo de uma linha integrada	

Os atributos locais de configuração, foram organizados conforme as dimensões da arquitetura. Quanto aos aspectos sociológicos, a localização da Praça Maior a torna relativamente integrada ao sistema, em termos globais. Embora esteja a meio caminho entre a Asa Norte e o Lago Paranoá, não está muito próxima de nenhum dos dois na escala do pedestre. A praça é acessada por meio das vias locais VC-1, VC-12 e VC-13, muito utilizadas por quem vai ao *campus*. No âmbito local, a praça está na área mais central do *campus* e, portanto, bem integrada.

15	limites e dimensões	15.1	clareza dos limites	os limites do lugar não estão claros		os limites do lugar estão muito claros	
		15.2	contiguidade dos limites	os limites do lugar têm baixa contiguidade		os limites do lugar têm alta contiguidade	
15.3	separação público/privado	a separação público/privado não é clara		a separação público/privado é clara			
15.4	dimensões	o tamanho do lugar não é condizente com suas características		o tamanho do lugar é condizente com suas características			

Os limites da praça não são claros. Apenas o ICC estabelece uma barreira clara, contígua, tridimensional, e sua forma curva abraça a praça em sua maior extensão. Nos demais limites, as vias, com edificações muito recuadas e dispersas, tornam a praça mal definida<sup>125</sup>. A vegetação de fundo nas três bordas se confunde visualmente com a vegetação da própria praça pela falta de contraste.

Quanto às dimensões, há muitos espaços convexos grandes na Praça Maior. Aqueles formados por entre os edifícios, não à toa, são os mais utilizados pela comunidade e são condizentes com o tamanho da população universitária e do

<sup>125</sup> No limite sul da Praça Maior, a previsão de construção do bloco do Desenho Industrial do Instituto de Artes – IdA DIN no espaço atualmente vazio, irá colaborar na delimitação do espaço.

*campus*. Mas os espaços convexos formados “por fora” dos edifícios extrapolam o limite das pistas, sendo pouco legíveis, e se tornam paisagem de fundo, sem qualquer apropriação social.

16	tipos edifícios	não há variedade de tipos edifícios	há grande variedade de tipos edifícios

Os edifícios da Praça Maior têm função institucional e idades próximas, construídos entre 1963 e 1972, com exceção do Memorial Darcy Ribeiro, de 2010. Mas cada um deles tem um funcionamento específico, atendendo a públicos relativamente distintos. Há neles variedade de forma e função e reconhecida qualidade arquitetônica.

17	portas e janelas	17.1	espaços convexos cegos	a proporção de espaços convexos cegos é muito alta	não há espaços convexos cegos
		17.2	número de portas	não há portas abrindo para o lugar	há muitas portas abrindo para o lugar
		17.3	relação público/privado	todas as relações público/privado são indiretas	todas as relações público/privado são diretas
		17.4	fronteiras suaves	não há presença de fronteiras suaves	há grande presença de fronteiras suaves
		17.5	janelas	não há janelas voltadas para o lugar	há muitas janelas voltadas para o lugar

Um dos aspectos de difícil equação para os edifícios institucionais é a abertura de portas. Como garantir o acesso ao público e resguardar a segurança tendo que manter um controle para cada porta existente? O ICC, concebido com a possibilidade de muitas aberturas, não o fez, e se mantém pouco permeável. O edifício da BCE, com todo o movimento tem apenas três acessos. O Memorial Darcy Ribeiro mantém no dia a dia apenas um dos acessos aberto. A exceção é a Reitoria, com diversos acessos e pilotis livre, estabelecendo uma fronteira suave.

Além de poucas portas, os edifícios não têm janelas com vista livre. Estão sempre protegidas por persianas, encobertas pela vegetação ou fora do nível da rua. Dessa forma, não se favorece a interação interior/exterior. Como resultado, a praça tem muitos espaços convexos cegos.

18	nível	o lugar não está no nível do solo		o lugar está no nível do solo	

Quanto ao nível, apesar de estar localizada em um terreno extenso e levemente inclinado, a implantação da praça não acompanha o relevo. A concepção paisagística gerou uma série de desníveis e escadas desnecessários que comprometeram a acessibilidade geral, mas não chegam a comprometer a visualização das atividades.

19*	barreiras e permeabilidades ao movimento	19.1	ocorrência	a implantação dos elementos paisagísticos não colabora com a passagem ou permanência de pessoas e configura barreira ao acesso	a implantação dos elementos paisagísticos colabora com a passagem e permanência de pessoas e não configura barreira ao acesso
		19.2	tipo	[ x ] há indícios de caminhos improvisados (linhas de desejo) [ x ] há caminhos ou estares urbanizados e subutilizados	

Este item complementa a tabela original, inserindo o conceito de barreiras e permeabilidades, fundamental à dimensão sociológica, e focando, neste caso, os aspectos paisagísticos do espaço.

A implantação de pisos, caminhos, estares, árvores e arbustos, distribuição do mobiliário urbano etc. deve trabalhar a favor da passagem e da permanência de pessoas no espaço público. Os caminhos devem ser coerentes com os fluxos de pedestres, os estares integrados para que sejam efetivamente utilizados, e a vegetação e mobiliário implantados de forma a beneficiar diretamente os usuários. Na Praça Maior, em grande parte isso não acontece, pois muitos caminhos, com excesso de inflexões, não conduzem o pedestre de forma direta, e são subutilizados. Em consequência os estares ficam deslocados dos eixos de passagem. Há também os desníveis excessivos, árvores distantes dos caminhos e estares, além do mobiliário insuficiente. As patas-de-vaca mal desenvolvidas forçam as pessoas a se abaixarem ou contornarem, configurando um tipo especial de barreira.

20*	transparências e opacidades à visão	20.1	ocorrência	o conjunto paisagístico não permite a ampla visualização do espaço	o conjunto paisagístico permite a ampla visualização do espaço
		20.2	tipo	[ x ] o local é mantido/vigiado por pessoas contratadas para isso [ x ] há indício de manutenção voluntária/vigilância informal	

Este item complementa a tabela original, inserindo o conceito de transparências e opacidades, fundamental à dimensão sociológica, e focando, neste caso, os aspectos paisagísticos do espaço.

A distribuição, forma, altura e densidade de arbustos e árvores (copas muito baixas), além de outros elementos, podem configurar uma opacidade à ampla visualização do espaço. Idealmente, a vegetação (e demais elementos) deve se manter abaixo ou acima da linha de visão. As patas-de-vaca muito baixas têm a copa justamente nesta altura. Os arbustos existentes na Praça Maior em geral não configuram opacidades, mas, há casos, como o bambuzal junto à BCE que impede a mirada do lago. A maior parte das árvores é adulta e suficientemente alta para manter a transparência à visão da maioria dos locais da praça.

21	acesso e circulação	21.1	acesso por transporte público	o lugar não é acessível por transporte público	o lugar é facilmente acessível por transporte público
		21.2	acesso por pedestres e ciclistas	o lugar não é acessível por pedestres e ciclistas	o lugar é facilmente acessível por pedestres e ciclistas
		21.3	conexões	o lugar não se conecta adequadamente com seus limites	o lugar se conecta adequadamente com seus limites
		21.4	circulação	o lugar tem obstáculos ou barreiras e não atende aos requisitos de acessibilidade	o lugar não tem obstáculos ou barreiras e atende aos requisitos de acessibilidade

Quanto aos aspectos funcionais, a praça é acessível por transporte público e por bicicleta. Há paradas de ônibus e ciclovia em todo seu perímetro. Já no quesito pedestres, as condições de acesso e circulação não são tão favoráveis. As escadas, rampas acentuadas e irregularidades no piso, a falta de corrimãos e de sinalização dificultam a circulação a pé. A falta de sombreamento nos caminhos e as distâncias entre edifícios não são estimulantes. Apesar de haver faixas de pedestres nas três bordas, as quadras vizinhas não são consolidadas nem adequadamente urbanizadas.

22	atividades nos limites e arredores do lugar	22.1	variedade	não há variedade de atividades	há grande variedade de atividades
				[ ] há presença de moradias	[ x ] há pouca presença de estabelecimentos que comercializem comida (atividades descritas no texto)

		22.2	distribuição espacial	as atividades estão mal distribuídas	as atividades estão bem distribuídas
		22.3	complementaridade	as atividades não se complementam	as atividades se complementam muito bem
		22.4	distribuição temporal	há péssima distribuição das atividades no tempo	há ótima distribuição das atividades no tempo

Os limites e arredores da praça praticamente não oferecem atividades. Apenas o ICC tem lanchonetes e lojinhas em seus acessos principais e uma parte pequena desse movimento se prolonga até a praça, sobretudo pelas pessoas que compram lanches e trazem para comer na praça. Nos outros três limites não há atividades além das paradas de ônibus.

23	atividades no lugar	23.1	variedade	não há variada oferta de atividades	há variada oferta de atividades
				[ x ] há locais para sentar [ x ] os locais para sentar são <b>poucos</b> [ x ] os locais para sentar são <b>pouco</b> variados	
				[ ] há bancas e quiosques que comercializem comida [ x ] há presença de elementos com água (fontes, espelhos) [ x ] os elementos com água são <b>pouco</b> acessíveis [ x ] há espaço para atividades improvisadas ou programadas [ ] o espaço oferece apoio às atividades identificadas no levantamento listar/descrever as demais atividades existentes:	
				as atividades estão mal distribuídas	as atividades estão bem distribuídas
		23.2	distribuição espacial	as atividades não se complementam	as atividades se complementam muito bem
		23.3	complementaridade	há péssima distribuição das atividades no tempo	há ótima distribuição das atividades no tempo

Quanto à oferta de elementos de apoio a realização de atividades, avaliou-se que ela não é variada. Não há muitos locais para sentar; não há variedade nos modelos de banco, nem conforto, predominando os sem encosto; não há mesas para usos diversos, além das dos estabelecimentos comerciais; não há bebedouros; há apenas uma banca que comercializa alimentos e um restaurante com mesas na calçada; há um único espelho d'água em toda a extensão da praça, localizado no Memorial Darcy Ribeiro (o espelho d'água da Reitoria foi desativado nos anos 2000); e não há nenhum elemento de apoio a atividades físicas, como jogos e esportes. Há, entretanto, bastante espaço para atividades improvisadas e programadas.

Avaliou-se que a praça não oferece apoio suficiente às atividades identificadas no levantamento, tais como: sentar com conforto, estudar, fazer refeições, fazer reuniões, descansar, deitar, acessar a *internet*, se hidratar etc., bem como não oferece elementos de apoio a diversas atividades que a praça poderia comportar.

Entre as atividades identificadas avaliou-se que estão mal distribuídas. Elas se concentram nas áreas mais sombreadas, entre os edifícios, enquanto há grandes áreas ermas nas bordas, sem atividade. Há concentração de atividades diurnas e em dias de semana e no período letivo, o que já é esperado, dado o objeto de estudo.

Diante do tamanho da Praça Maior, avaliou-se que há espaço suficiente para que atividades diversas aconteçam simultaneamente, sendo elas passivas e ativas, improvisadas e programadas, sem que interfiram umas nas outras.

De forma complementar, observou-se atividades que são propiciadas especificamente pelos elementos paisagísticos, que são capazes de atrair ou estimular a permanência de pessoas nos espaços públicos. Na Praça Maior há arbustos que proporcionam: fotografar, brincar e colher flores. Há árvores apropriadas: aproveitar a sombra, colher frutas, subir, recostar, pendurar rede, balanço, *slackline* etc. E os gramados são propícios a: sentar, deitar, meditar, alongar etc. Essas atividades são apreciadas pela comunidade, em especial o extenso gramado, onde muitos usuários escolhem ficar.

24	conforto	24.1	higrotérmico	o lugar tem péssimo desempenho				o lugar tem ótimo desempenho			
				[ ]				[ ]			
		24.2	luminoso	o lugar tem péssimo desempenho				o lugar tem ótimo desempenho			
				[ ]				[ ]			
				[ ] o lugar é <b>mal</b> iluminado à noite							
		24.3	sonoro	o lugar tem péssimo desempenho				o lugar tem ótimo desempenho			
				[ ]				[ ]			
		24.4	qualidade do ar	o lugar tem péssimo desempenho				o lugar tem ótimo desempenho			
				[ ]				[ ]			

Este item contém muitas considerações relacionadas ao paisagismo, apesar de não terem sido propostos acréscimos à tabela. Quanto à dimensão bioclimática, a Praça Maior é de forma geral muito agradável. No quesito conforto higrotérmico e luminoso há muita variação a depender do local que se esteja. Onde

há menor quantidade de árvores, ou elas possuem copa menos densa, os lugares são excessivamente quentes e luminosos. Esse é infelizmente o caso de grande parte dos locais concebidos como estares da praça e de toda a parte norte. Por outro lado, onde há mais arborização, com árvores mais desenvolvidas e copas mais densas, o resultado são lugares extremamente agradáveis, com ótimo desempenho higrotérmico e luminoso. Esses lugares são muito escolhidos pelos frequentadores mesmo que não haja bancos ou piso calçado e a verdade é que há poucos casos em que se concilia estares e sombra. Os trechos em que há apenas palmeiras ou vegetação de pequeno porte não conseguem atrair a permanência mais longa de pessoas. Diante da heterogeneidade nos quesitos higrotérmico e luminoso, a gradação em amarelo apenas registra uma média.

No quesito sonoro, a praça é um verdadeiro oásis dentro do *campus*. Distante das vias e edifícios (fontes de ruídos) se escuta o canto de pássaros e a folhagem em movimento. E mesmo o barulho dos grupos mais animados não incomoda devido ao tamanho do lugar. Há também um efeito psicológico positivo da vegetação, que ao esconder a fonte de ruídos (pouco se vê as ruas), reduz a sensação de incômodo. Especificamente durante o evento Batalha da Escada, o som é amplificado e gera conflito com as aulas noturnas do ICC.

O ar tem boa qualidade e a brisa sopra do lago. A depender da época, percebe-se o aroma de flores e frutos. Por outro lado, eventualmente percebe-se o odor que exala das caixas de passagem de esgoto existentes em locais diversos, embora o fato não tenha sido registrado pelos frequentadores. Cabe lembrar que os aspectos bioclimáticos estiveram entre os mais comentados de forma positiva nos questionários, e apenas a iluminação noturna foi alvo de críticas.

Entende-se que a presença de elementos naturais no espaço público traz benefícios para o desempenho ambiental dos centros urbanos e para a saúde física e mental das populações. O contato com a natureza deve ser estimulado, e elementos como árvores, plantas, solo e água devem estar acessíveis para qualquer cidadão. Na Praça Maior há forte presença de elementos naturais, com exceção da água. Por outro lado, o processo de urbanização determinou

um paisagismo sem referências originais da vegetação, relevo ou corpos d'água.

Entende-se também que deve haver um equilíbrio na proporção de áreas pavimentadas, para que não sejam excessivas, ocasionando alagamentos e enxurradas, nem sejam insuficientes para apoiar as atividades. Na Praça Maior há muitos caminhos subutilizados, caminhos não pavimentados e estares superdimensionados. Por outro lado, um solo exposto ou sem tratamento não contribui com um bom espaço público, nem para infiltração da água. Portanto o tipo de tratamento do solo natural deve ser considerado. Na Praça Maior todo o solo está coberto por vegetação, principalmente grama.

Entende-se ainda que árvores nativas ou bem adaptadas se desenvolvem melhor, exigem menos gastos e interagem bem com a fauna. Já a utilização de exóticas, além de dispendiosa, pode não oferecer o resultado paisagístico esperado. É o caso do plantio inadequado da pata-de-vaca. Mas há também outras exóticas bem adaptadas na praça.

25	custos	25.1	implantação	os custos de implantação do lugar são muito altos	os custos de implantação do lugar são muito baixos					
		25.2	manutenção	os custos de manutenção do lugar são muito altos	os custos de manutenção do lugar são muito baixos					

Quanto à dimensão econômica, a praça tem baixo custo de implantação e manutenção, tendo sido implantado com materiais baratos e resistentes. Todo o piso e os bancos são em concreto. Há poucos sinais de depredações, no que se destacam as lixeiras plásticas. A irrigação é feita somente na vizinhança dos edifícios.

26	orientabilidade e identificabilidade	26.1	orientabilidade	é difícil orientarmo-nos nele	é fácil orientarmo-nos nele					
		26.2	identificabilidade	o lugar tem fraca identidade	o lugar tem forte identidade					

Em relação à dimensão topoceptiva, também se verificou grande implicação dos elementos paisagísticos. Avaliou-se que Praça Maior tem forte identidade e se distingue dos demais espaços do *campus*. Para isso colaboram a arquitetura marcante dos edifícios, a diagramação singular de pisos e escadas, o exten-

so gramado e o conjunto de árvores com aspecto de bosque que proporciona vistas apreciáveis.

Quanto à orientabilidade, a inclinação do relevo que decai para o Lago Paranoá é uma referência em todo o Plano Piloto de Brasília, embora o lago em si esteja pouco visível da praça. O ICC que envolve toda a parte alta também é uma referência. Os grupos de vegetação marcam referências, como no caso dos guapuruvus que dão referência ao espaço “guapú”, mas, por outro lado, a massa de vegetação por vezes encobre a vista dos edifícios, e a diagramação de caminhos pode dificultar a orientação. Os nomes dos espaços dados pelos usuários também indicam outras formas de orientação, como exemplo da inscrição "*Don't panic, it's organic*" em determinada escada.

Entende-se que a disposição das árvores (alinhadas em retas ou curvas, em grupos densos ou rarefeitos, em alamedas, reforçando eixos e caminhos, isoladas etc.), bem como características marcantes (forma singular da copa, altura, tronco ornamental, cor, forma e textura das folhas, flores e frutos) podem ajudar a formar paisagens singulares. Na Praça Maior, há alguns grupos que se destacam e ajudam a criar identidade em certos locais, a exemplo disso, temos os grupos isolados de macaúbas e jerivás, o conjunto alto de guapuruvus, os ipês-brancos em volta da arena, paineiras, paus-ferro etc. Entretanto, a maior parte da praça contém árvores tão misturadas, que formam um bosque homogêneo. Além disso, a maioria dos caminhos não é marcada por árvores alinhadas, o que ajudaria a reforçar a orientação.

27	significado e simbolização	27.1	significado	o lugar não contém elementos que remetam a valores, ideias, história etc. caros à sua população	o lugar contém elementos que remetam a valores, ideias, história etc. caros à sua população
		27.2	simbolização	o lugar não contém elementos que o façam memorável.	o lugar contém elementos que o façam memorável.

Quanto à dimensão simbólica da Praça Maior, há alguns elementos que remon- tam sua história, população e características. A arquitetura moderna dos edifí- cios circundantes e a extensa área verde presentes na praça são símbolos de Brasília. O Teatro de Arena remete ao caráter coletivo, político e cultural da comunidade universitária. O nome do teatro, Honestino Guimarães, remete

também ao passado de resistência estudantil e segue sendo palco de importantes acontecimentos da universidade.

28	afetos	o lugar evoca afetos negativos		o lugar evoca afetos positivos	
		<input checked="" type="checkbox"/> o lugar traz sensação de segurança <input checked="" type="checkbox"/> o lugar traz sensação de que alguém zela por ele <input checked="" type="checkbox"/> o lugar traz sensação de pertencimento			

Quanto à dimensão afetiva, avaliou-se que a praça provoca afetos positivos em seus usuários, transmitindo a sensação de tranquilidade, paz e segurança. Os numerosos registros de “relaxante”, “tranquilo”, “bonito” etc. nos questionários demonstram isso. A distância das vias dá ao espaço o domínio extenso e exclusivo do pedestre. Além disso, avaliou-se que há sensação de pertencimento, pela forma despojada como os usuários utilizam o espaço e pelos apelidos que dão a ela.

Observou-se também que o conjunto de árvores não cria sombra excessiva e os arbustos não formam esconderijos ou espaços segregados, que tragam sensação de insegurança.

29	beleza e conservação/manutenção	29.1	beleza do lugar	o lugar como um todo é feio		o lugar como um todo é belo	
		29.2	beleza dos seus elementos constituintes	os elementos constituintes do lugar são feios/mal desenhados		os elementos constituintes do lugar são belos/bem desenhados	
		29.3	conservação/manutenção	o lugar e seus elementos se encontram em péssimo estado de conservação/manutenção		o lugar e seus elementos se encontram em ótimo estado de conservação/manutenção	
				o lugar e seus elementos se encontram em péssimo estado de conservação/manutenção		lugar e seus elementos se encontram em ótimo estado de conservação/manutenção	

Por fim, quanto à dimensão estética, avaliou-se que o lugar como um todo é belo. A beleza da praça está relacionada à composição dos elementos naturais e à qualidade destacada da arquitetura dos edifícios que a compõem.

Entende-se que mera presença de arbustos e árvores não torna um lugar belo, pois há uma questão estética nas composições e espécies vegetais. Os grupos de guapuruvus, ipês, palmeiras diversas, paus-ferro etc. e os vazios gramados

formam, conjuntos destacados, equilibrados e complementares. O gramado e o conjunto vegetal são em geral bem cuidados.

Por outro lado, quanto aos elementos construtivos do paisagismo, como os caminhos, estares e mobiliário, eles não são bem desenhados, são incompletos, insuficientes e estritamente básicos. Além disso, o estado de conservação e manutenção poderia ser melhor. A gradação da tabela não ilustra bem os diferentes elementos constituintes do lugar (elementos construtivos x elementos naturais), de forma que a marcação apenas registra uma média.

### 4.3.3. Conclusões

Avaliou-se que a vida pública da Praça Maior está aquém de seu verdadeiro potencial enquanto espaço público central de uma das principais universidades brasileiras, em um *campus* ocupado por 50.000 pessoas. Além do número de frequentadores da praça ser reduzido, se faz notória a presença quase exclusiva do segmento de estudantes (jovens), sendo poucos os servidores e ausentes os professores.

Quanto aos atributos globais, no contexto de formalidade do urbanismo implantado no *Campus Darcy Ribeiro* e em Brasília, era esperado haver pouca gente no espaço público. Mas sabendo disso, ainda assim, um espaço com localização central, com tamanha circulação de pedestres e significado para a Universidade de Brasília, como é a Praça Maior, poderia ser mais bem apropriado por toda a comunidade universitária.

Quanto aos atributos locais, pode se dizer que a má delimitação do espaço, com exceção da borda do ICC, gera extensas áreas ermas nas regiões periféricas, que dificilmente serão integrados à área efetivamente utilizada. Apesar disso, e de haver pouca oferta e variedade de atividades em seu entorno, há elementos de configuração favoráveis que tornam o espaço reconhecidamente agradável. Entre eles se destacam a qualidade arquitetônica dos edifícios existentes e a exuberância dos elementos naturais do paisagismo, cujas características são bastante perceptíveis nas dimensões bioclimáticas, estéticas, topográficas e afetivas.

Por outro lado, chamam a atenção os problemas vinculados aos elementos construtivos do paisagismo proposto, em que se destacam os desníveis excessivos, os caminhos e estares deslocados dos eixos naturais de passagem, e a falta de elementos de apoio às atividades existentes (e a outras que poderiam haver), tais como: superfícies diversas e confortáveis para sentar e repousar; mesas para comer, reunir, ler, jogar; bebedouros; áreas cobertas e quiosques de alimentos (edificações leves que não interfiram na paisagem); elementos de apoio como tomadas e internet sem fio; equipamentos para atividades físicas; entre outros, devendo ser todos eles, quando propostos, muito bem desenhados. Além disso, a falta de acessibilidade nas rampas e escadas, a falta de corrimãos, guias e guarda-corpos e o piso rústico inibem e impedem o uso do espaço por um público mais vasto.

Por último, observou-se a desarticulação entre elementos naturais e construídos do paisagismo, que estabelecem áreas gramadas, frescas e sombreadas em contraste com as áreas pavimentadas quentes e ensolaradas, propostas como permanência e passagem. Em suma, as características relacionadas às dimensões sociológica e funcional da arquitetura, tão importantes para o florescimento da vida pública, são as mais prejudicadas na Praça Maior.



## Considerações finais

As razões para analisar o espaço da Praça Maior sob os enfoques paisagístico e sociológico, simultaneamente, surgiram a partir da observação de que a arquitetura paisagística tem-se distanciado de sua função social. Ela nunca perdeu a preocupação estética ao longo do tempo, e nos últimos anos, felizmente, tem-se voltado cada vez mais para a questão ambiental. Mas o aspecto do uso e apropriação dos espaços urbanos pela sociedade parece não estar sendo alvo de consideração em muitos projetos.

Observamos de um lado espaços muito dinâmicos de cidades brasileiras, onde houve pouco cuidado com o desenho urbano. E de outro lado, espaços que receberam um tratamento paisagístico, mas que, entretanto, são subutilizados e deslocados no contexto urbano. Como exemplos para um e outro caso, podemos citar a Plataforma Rodoviária e a Praça dos Cristais em Brasília.

Por isso, pareceu adequado analisar conjuntamente as questões paisagísticas e sociológicas do espaço público. Afinal, a arquitetura como lugar da vida cotidiana só faz sentido quando alguém a utiliza. O caso da Praça Maior foi escolhido para se compreender os dois aspectos, e trazer à luz o que, no paisagismo implantado, colabora com a vida pública.

Apesar do contexto inovador no qual a Universidade de Brasília foi criada, e das personalidades que estiveram envolvidas nesse processo, a materialização de seu espaço livre mais importante, a Praça Maior, distanciou-se da ideia originalmente desejada de integração. O propósito de intensa convivência universitária, e de ser um local de encontro, não foi materializado no projeto de Fernando Chacel.

O grande acerto do paisagismo da Praça Maior foi ter sido proposto como um bosque no centro do *campus*. Hoje, com as árvores adultas, o espaço tornou-se um verdadeiro parque, com espaço para a realização das mais diversas atividades, desde as mais simbólicas, como o hasteamento da bandeira, até as mais cotidianas, como leitura no gramado. Um espaço com tais possibilidades é um privilégio no ambiente universitário. E, como foi relatado nos questioná-

rios, funciona também como um refúgio e espaço de reflexão em meio à atribulada vida acadêmica.

A questão principal dessa pesquisa é que, os espaços livres da Praça Maior não foram trabalhados adequadamente para atrair e reter pessoas, tornando-a um lugar de encontro e convívio. O projeto não foi implantado por completo; os elementos construtivos contêm problemas estruturais, no traçado dos caminhos e nos desníveis implantados; a arborização inadequada não se desenvolveu nos estares de forma a projetar sombra; e todo um detalhamento de elementos de arquitetura, de mobiliário e de infraestrutura não foi implementado. Ainda assim, os espaços são utilizados por uma parte da comunidade, porém de forma dispendiosa, improvisada e reduzida. E a arquitetura, pelas razões descritas, tem tudo a ver com isso. O fato de o projeto paisagístico de Chacel carecer de detalhes e ter sido implantado da forma mais básica possível, traz efeitos ainda não superados, e que efetivamente comprometem a ampla utilização do espaço. Até hoje, o que vem sendo feito são inserções de elementos avulsos, sem um planejamento global.

Esse necessário projeto tem, todavia, passado imperceptível aos olhos de sucessivas gestões. Em grande parte, isso se deve à eterna visão de que a Praça Maior seria aquele projeto de Oscar Niemeyer que nunca foi (e nem será) executado - o que apenas colabora com a postergação em tratar e equipar de forma coerente o principal espaço livre da universidade. Enquanto a praça continuar sendo vista como o local onde serão construídos os edifícios da Aula Magna, Museu etc., e não como um espaço público em si, ela não terá o devido tratamento. Este, infelizmente, não é um problema exclusivo da UnB: de forma geral, nas universidades brasileiras, os espaços livres não são valorizados como parte da estrutura universitária.

A Praça Maior precisa ser enxergada como um lugar consolidado, como ela é hoje, sem nenhum edifício a mais ou a menos. E, assim, ter seus espaços solucionados: as correções da arborização e da pavimentação, a instalação de um bom mobiliário e todo um detalhamento urbanístico que nunca foi encarado. Ela tem potencial para se firmar como verdadeiro local de integração da comunidade universitária, agregando mais gente e gente variada, inclusive dos seg-

mentos dos professores e técnicos, que hoje frequentam pouco – ou não frequentam - o local.

Assim, é possível conciliar a perspectiva de um lugar, que mantém seu caráter simbólico, reduto dos eventos mais expressivos e importantes da Universidade de Brasília, mas que permite haver também locais tratados para estimular a vida pública no cotidiano universitário. Afinal, seu tamanho e características de parque urbano comportam experiências diversas e simultâneas.

O texto de Gabriela Tenorio, a respeito do Eixo Monumental leste, cabe no contexto da Praça Maior, guardadas as devidas proporções:

(...) compreender que a vida secular possível (dentro das limitações que a ela impõe um espaço simbólico monofuncional com dimensões tão generosas) pode ocorrer sem que isso macule as características essenciais dos lugares. (TENORIO, 2012, p. 340)

É essencial entender que, apesar de monumental no nome e nas proporções, a Praça Maior se mostra hoje como um espaço não burocrático, um lugar do livre pensar, do desprendimento e da criatividade, parte fundamental de sua identidade, e que deve estar presente inclusive nos elementos de sua arquitetura. E, como mencionado por um entrevistado, um espaço necessário à vida universitária. Independentemente da implantação da Aula Magna, hoje a praça tem outras necessidades e outras atividades acontecendo. O seu principal desafio seria, então, equacionar possíveis conflitos, como o caso da Batalha da Escada, evento já abraçado pela universidade<sup>126</sup>, que antagoniza com as aulas noturnas do ICC devido ao volume do som. Portanto, são a essas necessidades, atividades e conflitos, que deveria ser dedicado o planejamento e tratamento urbanístico da Praça Maior.

Quanto aos resultados desta pesquisa, há algumas considerações e serem feitas. O levantamento arbóreo da área, fundamental para a confecção de um mapa atualizado do paisagismo, não foi realizado por completo. Em virtude do tamanho da área e das muitas diferenças vistas entre o especificado e o existente, foi feita na verdade uma comparação entre os grupos arbóreos e arbusti-

---

<sup>126</sup> O evento Batalha da Escada passou a contar com o apoio oficial do Decanato de Extensão – DEX.

vos mais expressivos, sobretudo nos locais de maior ocupação. Esse seria um trabalho importante a ser feito.

Outra questão surgiu após a tabulação dos resultados da pesquisa de campo, quando se percebeu a ausência de uma pergunta relacionada ao local de moradia dos respondentes. Essa pergunta possibilitaria demonstrar a utilização da Praça Maior por um público de origens diversas do Distrito Federal e área metropolitana. A questão apareceu diante da hipótese, de que talvez os estudantes advindos de regiões menos estruturadas e com menor acesso a espaços públicos arborizados, seriam aqueles que mais frequentam a Praça Maior, e não os que vivem, por exemplo, nas superquadras do Plano Piloto. Fica aqui, portanto, a dúvida.

Também com relação ao desenvolvimento da pesquisa, entendeu-se que a adoção do método de Gabriela Tenorio para avaliação da vida pública mostrou-se de forma geral bastante útil e acertada. Mesmo com ênfase nos aspectos paisagísticos, o conteúdo das tabelas, cobriu a maior parte das questões levantadas. Dois acréscimos foram feitos aos elementos de configuração local, trazendo aspectos diretos da dimensão sociológica da arquitetura: o sistema de barreiras e permeabilidades, e de transparências e opacidades. E acredita-se que seja uma contribuição oportuna ao método de Tenorio.

Ainda com relação a aplicação do método, observou-se que, para o caso de espaços tão grandes e heterogêneos como a Praça Maior - um parque -, a simples gradação das tabelas, em alguns itens, não responde bem. Para isso, seria necessário subdividir a área em partes menores e avaliar uma a uma. Ao invés disso, optou-se por manter o estudo do espaço como um todo e acrescentar comentários à gradação.

A pesquisa buscou enriquecer a discussão sobre a Praça Maior, trazendo contribuições e aprofundando o conhecimento sobre este espaço do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, tanto do ponto de vista paisagístico e morfológico, quanto das formas de utilização social do espaço, e dessa forma servir como material de referência no embasamento de futuras intervenções.

Um desdobramento para esta pesquisa, seria o estudo do outro trecho integrante do projeto de Fernando Chacel, no lado oeste do ICC que, tendo sido concebido e implantado em conjunto com a Praça Maior, como um sistema de espaços livres, é também uma área essencial para o *campus*.

Por fim, entende-se que o interesse em estudar e analisar criticamente o espaço público da Universidade de Brasília, e assim poder colaborar com as melhores soluções possíveis, faz parte do respeito e do cuidado com a instituição. As universidades públicas brasileiras, que destacadamente contribuem com a construção das diversas áreas de conhecimento, formando cidadãos, amparando a sociedade e desenvolvendo pesquisa, têm enfrentado todo tipo de adversidades, em especial nos últimos tempos. E uma coisa que as faz resistir é justamente o que está por trás da mera instituição: uma comunidade forte que tem afeto e orgulho por aquilo que produz, o coletivo que vivencia a experiência universitária - o de ontem, de hoje e de amanhã.



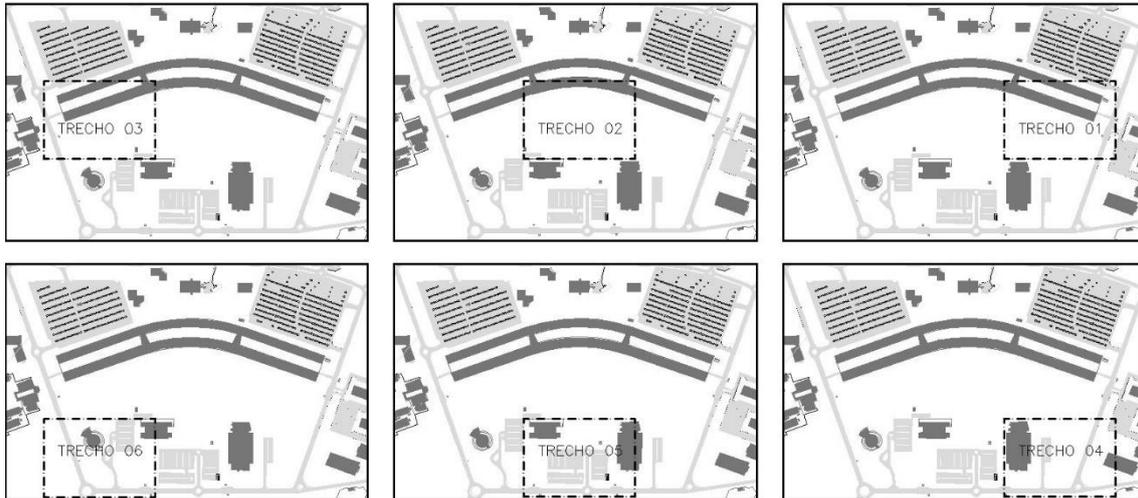
## Anexo 1 - Modelo de questionário aplicado

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo: \_\_\_\_\_
3. Tipo de vínculo com a UnB:
  - Estudante:  graduação  especialização  mestrado  doutorado.  
Qual o curso? \_\_\_\_\_.
  - Professor: Qual curso? \_\_\_\_\_.
  - Funcionário:  servidor  prestador de serviço  outro. Qual? \_\_\_\_\_.  
Qual setor? \_\_\_\_\_.
  - Outro vínculo:  extensão  outro. Qual? \_\_\_\_\_.
  - Sem vínculo:  visitante  lazer  outro. Qual? \_\_\_\_\_.
4. Em que prédio você exerce sua principal atividade na UnB? \_\_\_\_\_.
5. Com que frequência você vem ao *Campus* Universitário Darcy Ribeiro?
  - 6 dias  5 dias  4 dias  3 dias  2 dias  1 dia por semana
  - eventualmente  primeira vez
6. Quantas horas por dia, em média, você costuma passar no *campus*? \_\_\_\_\_.
7. O que você gosta de fazer no seu tempo livre/ intervalos no *campus*?  
\_\_\_\_\_.
8. Como você chama este lugar em que estamos? \_\_\_\_\_.
9. Você costuma vir aqui?
  - 6 dias  5 dias  4 dias  3 dias  2 dias  1 dia por semana
  - fins de semana  eventualmente  primeira vez
10. O que você gosta de fazer aqui? \_\_\_\_\_.
11. Costuma vir?  sozinho(a)  acompanhado(a)  ambos.
12. Quando você vem aqui, fica, em média, por quanto tempo? \_\_\_\_\_.
13. Conhece ou participa de alguma atividade que acontece por aqui? \_\_\_\_\_ Quais?  
\_\_\_\_\_.
14. Como você descreveria este espaço?  
\_\_\_\_\_.
15. O que lhe agrada neste espaço?  
\_\_\_\_\_.
16. O que falta neste espaço para você aproveitá-lo melhor e por mais tempo?  
\_\_\_\_\_.
17. Você sabia que este grande espaço se chama Praça Maior?  
\_\_\_\_\_.

Muito obrigada!

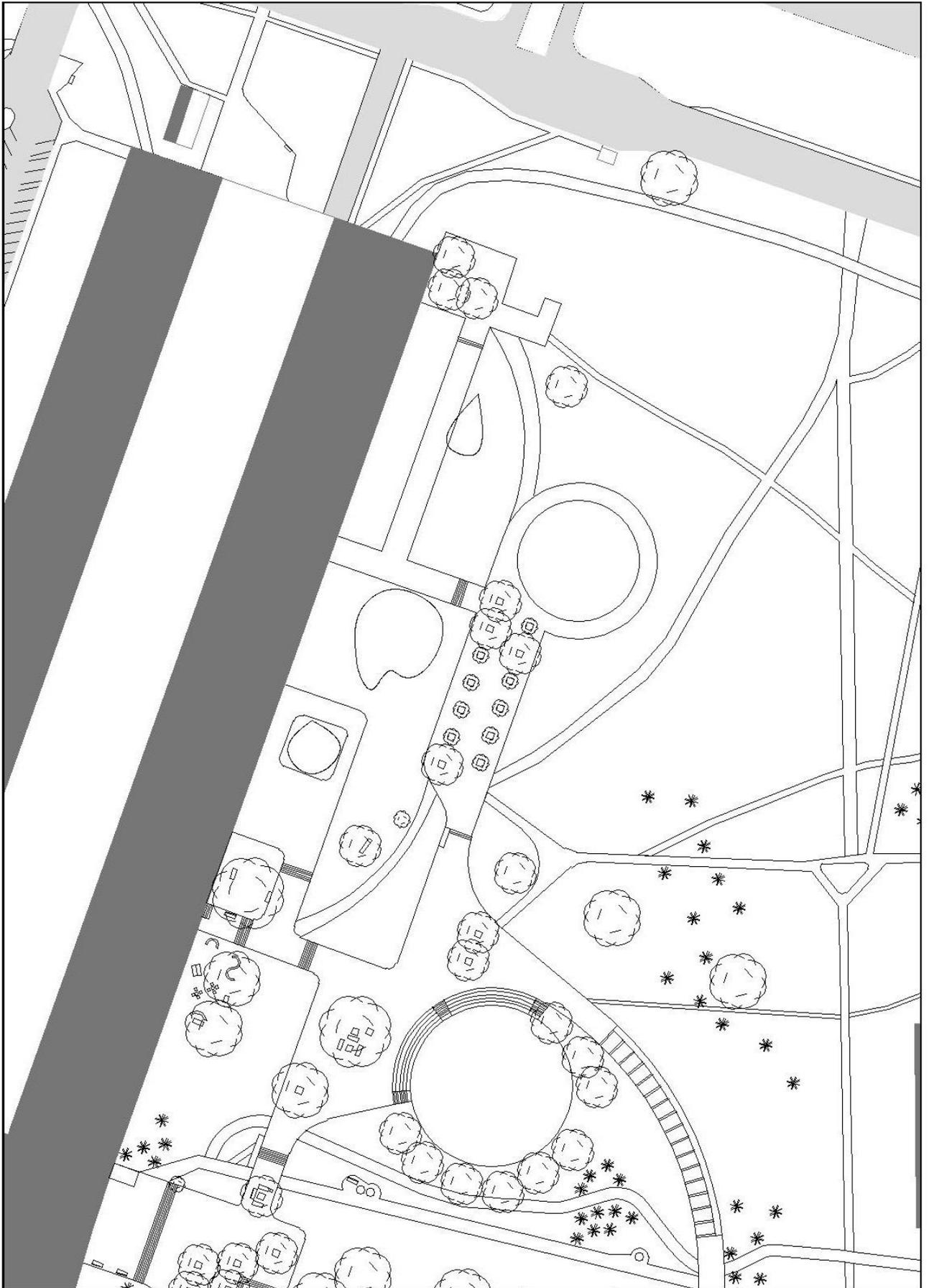
## Anexo 2 – Mapas comportamentais da Praça Maior

### Mapa comportamental da Praça Maior – Mapas-chave



### Tabela de sujeitos e atividades - Mapa comportamental da Praça Maior - 08h às 10h

- 1 homem sentado no banco, come e ouve fone
- 2 homem (funcionário de limpeza) recolhe folhas secas
- 3 2 homens sentados no banco conversam
- 4 1 homem sentado no banco come e ouve fone
- 5 homem e mulher conversam em pé
- 6 na banca de lanches: mulher lancha sentada; homem lancha sentado
- 7 homem (vigilante) vigia o estacionamento sentado no posto  
2 homens (funcionários de manutenção) serram material para reparo do brise do
- 8 ICC
- 9 homem (funcionário de manutenção) separa material (calhas elétricas)
- 10 mulher (funcionária de limpeza) varre o chão
- 11 homem de pé usa fone/ celular  
na parada de ônibus: mulher de pé conversa com homem na moto; homem de
- 12 pé usa celular
- 13 mulher idosa sentada no banco fuma
- 14 homem fuma em pé
- 15 mulher sentada com lanche
- 16 2 mulheres sentadas estudam
- 17 homem sentado no banco fuma
- 18 homem sentado no banco lancha e ouve fone

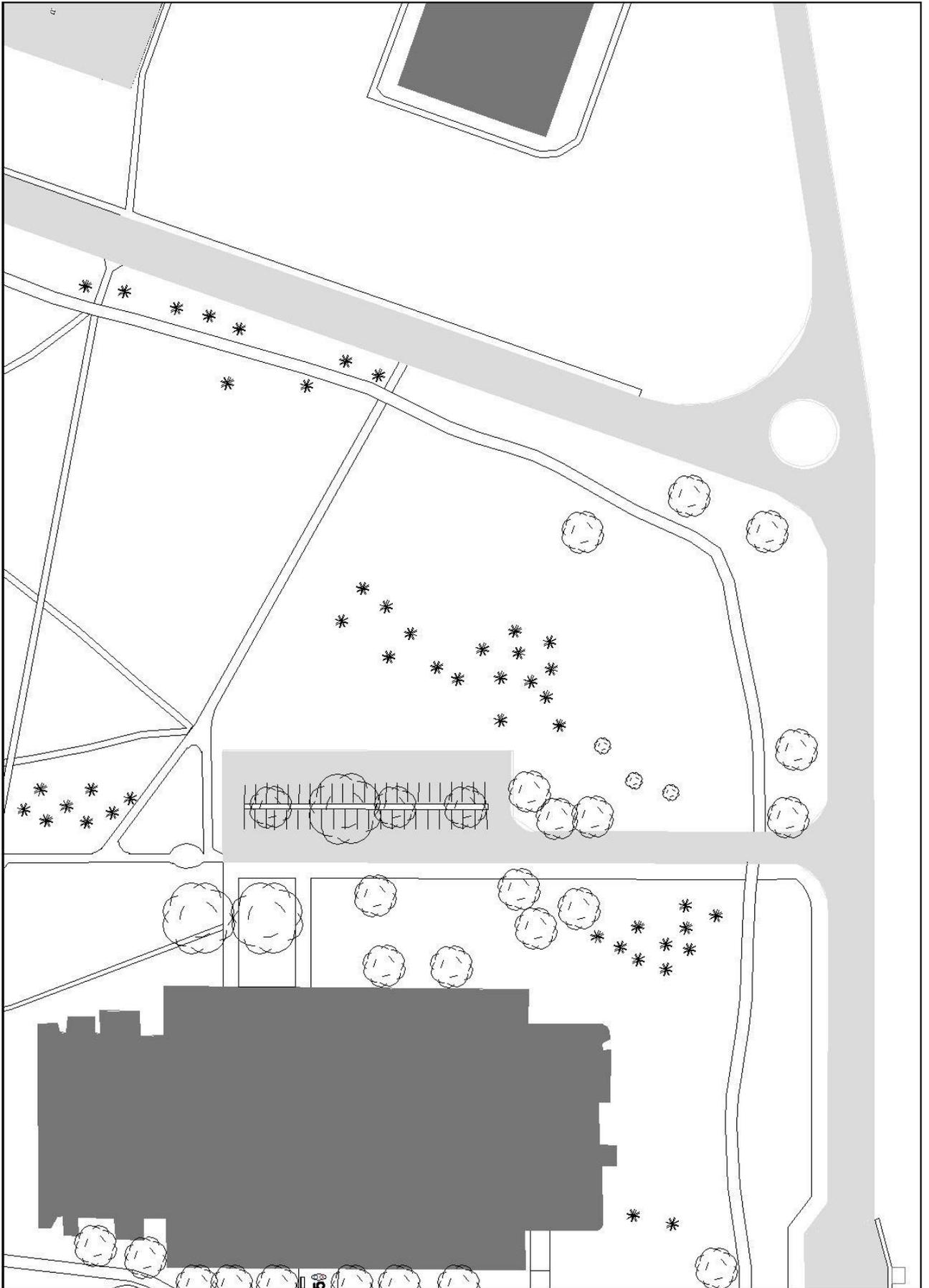
**Mapa comportamental da Praça Maior (08h – 10h) trecho 01**

Mapa comportamental da Praça Maior (08h – 10h) trecho 02

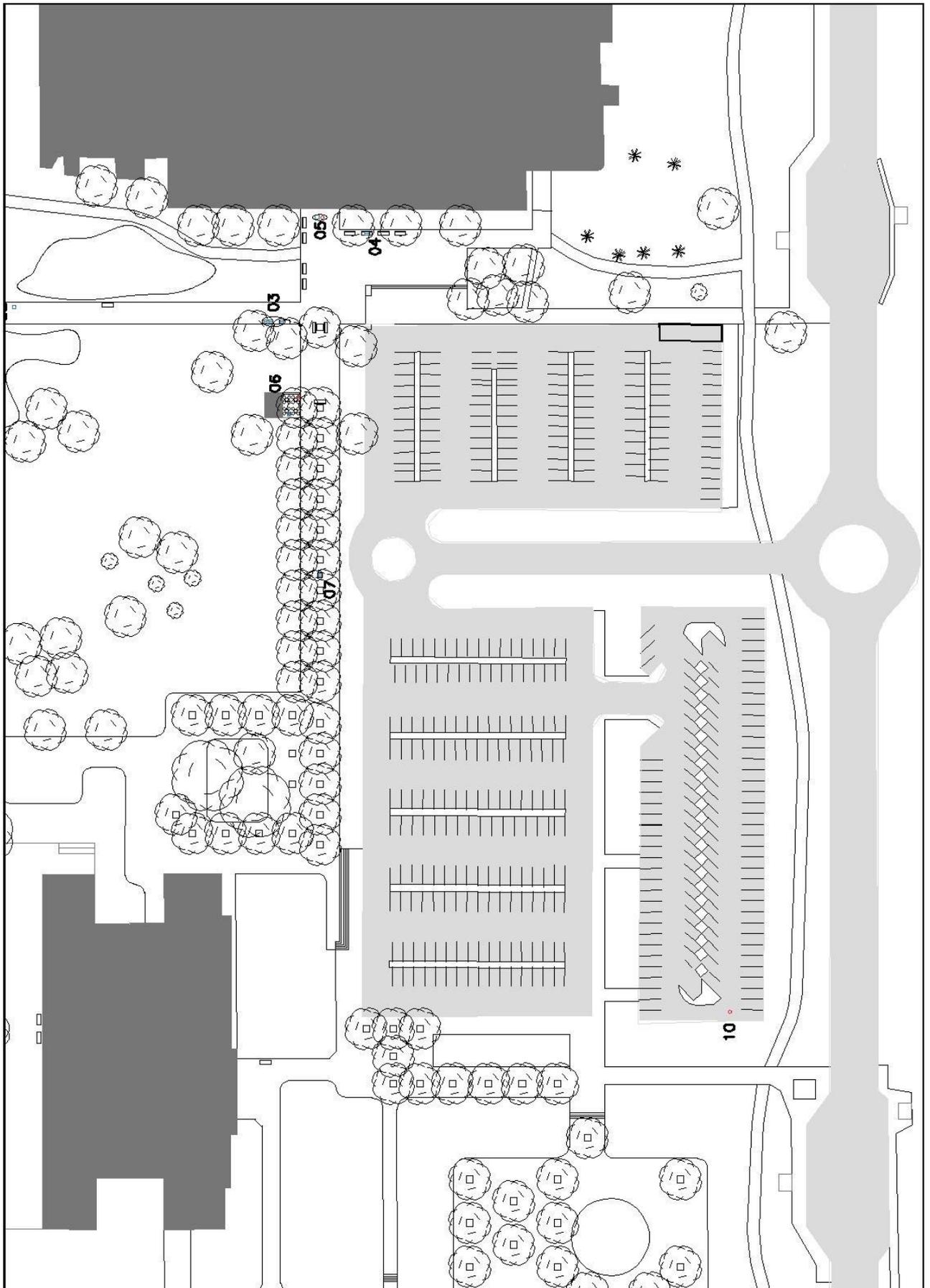


**Mapa comportamental da Praça Maior (08h – 10h) trecho 03**

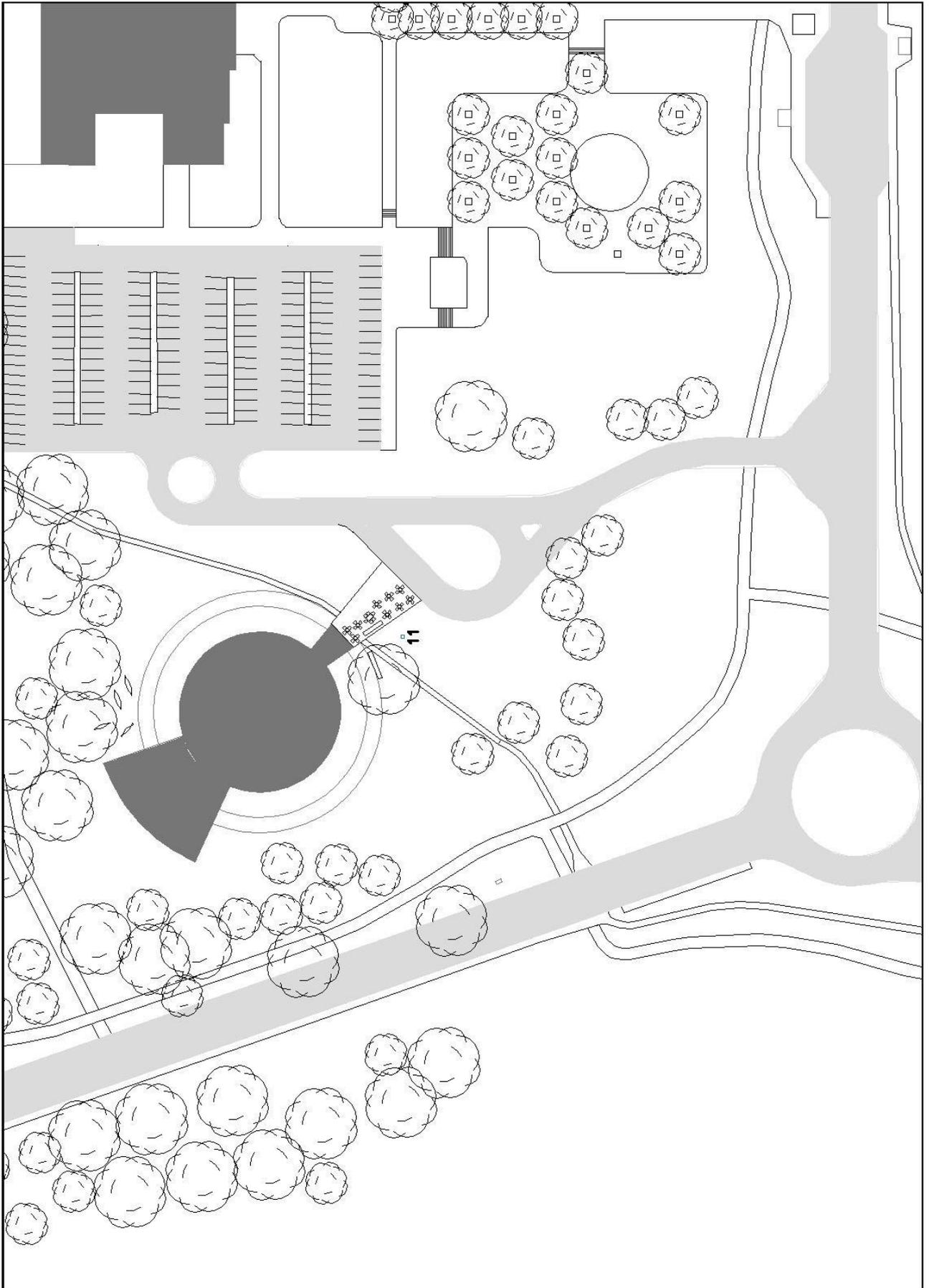
Mapa comportamental da Praça Maior (08h – 10h) trecho 04



## Mapa comportamental da Praça Maior (08h – 10h) trecho 05



Mapa comportamental da Praça Maior (08h – 10h) trecho 06



**Tabela de sujeitos e atividades - Mapa comportamental da Praça Maior - 10h às 12h**

- na parada de ônibus: 4 mulheres e 1 homem sentado e mulher em pé na coberta; 2 homens e 2 mulheres em pé esperam ônibus em volta da parada
- 1 homem sentado na calçada lendo na sombra do bambuzal
  - 2 homens sentados em tronco sob sombra de árvore fumam, conversam e usam celular
  - 3 homem sentado no chão (doido) declama poesia e fuma
  - 5 no teatro de arena: 2 homens sentados conversam
  - 6 homem (doido) perambula e cata pontas de cigarro no chão
  - 7 3 homens sentados conversam
  - 8 homem sentado no banco e homem em pé conversam
  - 9 homem sentado à mesa usa celular e fone
  - 10 homem e mulher sentados no mesmo banco conversam  
homem e mulher sentados no gramado (com canga) sob sombra de árvore
  - 11 conversam e namoram
  - 12 2 homens sentados no gramado sob sombra de árvore conversam
  - 13 mulher sentada na escada e homem em pé a fotografa e eles conversam
  - 14 mulher fuma em pé
  - 15 homem fotografa plantas, mulher colhe flores, põe no cabelo e ele a fotografa
  - 16 2 mulheres sentadas no banco conversam e lancham  
mulher sentada no banco fuma; mulher e homem sentados em outro banco
  - 17 conversam com homem em pé  
na banca de lanches: homem sentado usa celular; homem sentado; homem e
  - 18 mulher de pé recebem mercadoria da banca
  - 19 mulher e homem lancham sentados no banco e conversam
  - 20 2 homens sentados no banco e 1 homem em pé conversam
  - 21 mulher sentada no banco telefona
  - 22 homem e mulher relaxam e namoram
  - 23 2 mulheres conversam e fumam
  - 24 mulher sentada no banco lancha
  - 25 vigilante sentado em seu posto vigia estacionamento
  - 26 2 homens sentados no banco namoram
  - 27 2 homens de pé conversam no estacionamento
  - 28 mulher de pé fuma
  - 29 homem de pé usa celular
  - 30 homem sentado no banco usa celular (leitura)
  - 31 6 homens conversam e fumam, 1 deles sentado na escada e os outros de pé
  - 32 mulher sentada no banco usa celular  
2 homens sentados na escada sob sombra de árvores conversam e usam celular
  - 33
  - 34 homem e mulher namoram de pé e passeiam entre as árvores
  - 35 homem sentado na grama encostado em tronco de árvore relaxa  
homem e mulher sentados no banco e mulher de pé conversam e descansam
  - 36 (policiais com bicicleta)
  - 37 homem de pé na sombra da árvore ouve música com fone  
na parada de ônibus: 2 mulheres sentadas na parada esperam ônibus e não
  - 38 conversam
  - 39 homem sentado em cima dá árvore fuma

- 40 homem e mulher de pé na escada abraçados, ela em degrau mais alto que ele
- 41 homem sentado na escada lancha  
grupo reunido ouve música e conversa, entre eles 1 casal se abraça e 1 ho-
- 42 mem fuma  
grupo conversa e ouve música (tecno): homem e mulher sentados no banco, 2
- 43 homens e 1 mulher sentados no chão
- 44 mulher e menina sentadas conversam (mãe e filha)
- 45 2 mulheres e 1 homem sentados no banco conversam
- 46 2 homens sentados no banco conversam
- 47 4 homens sentados em bancos sob sombra de árvore conversam e estudam
- 48 2 mulheres sentadas no banco conversam e lancham

## Mapa comportamental da Praça Maior (10h – 12h) trecho 01



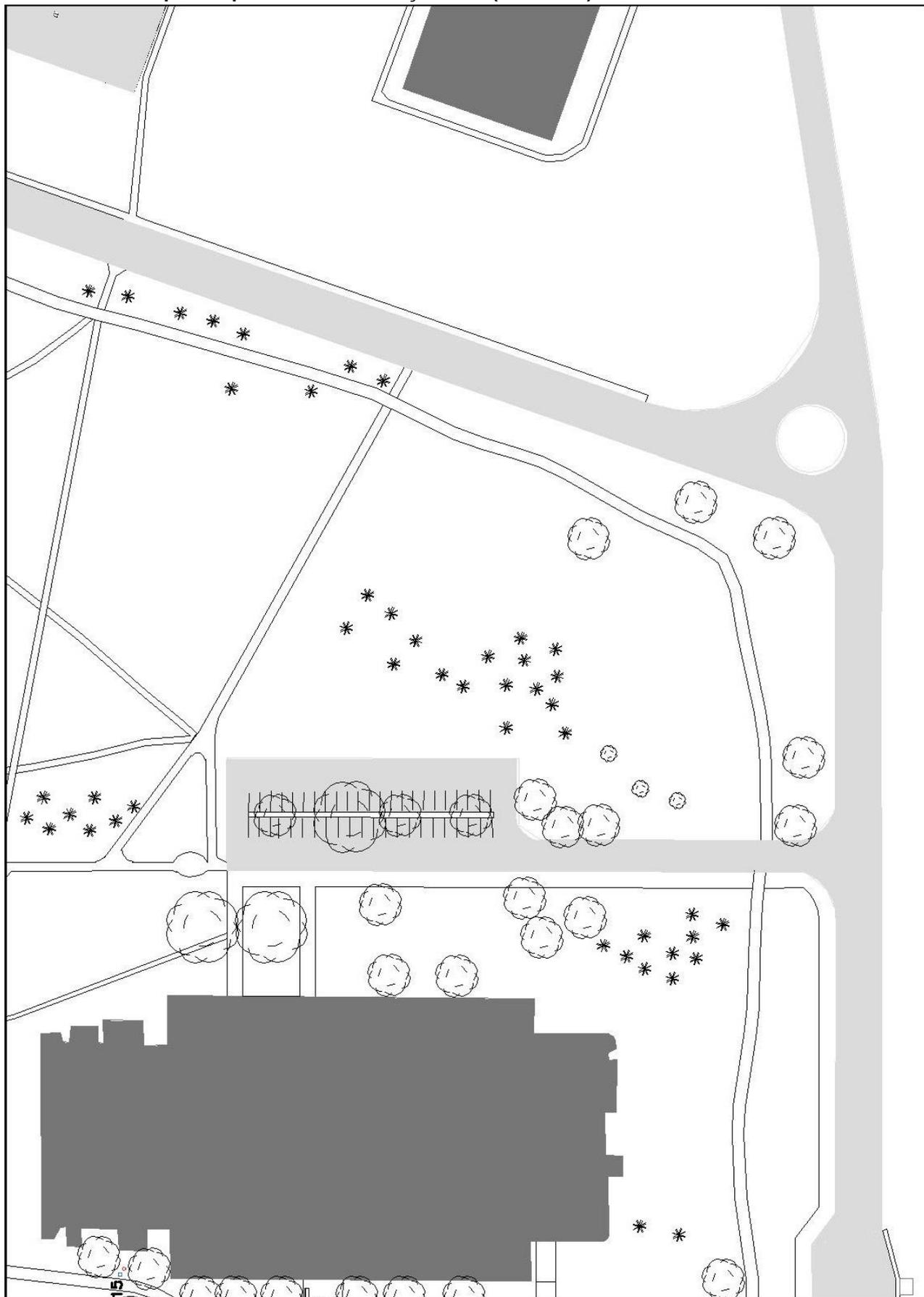
Mapa comportamental da Praça Maior (10h – 12h) trecho 02



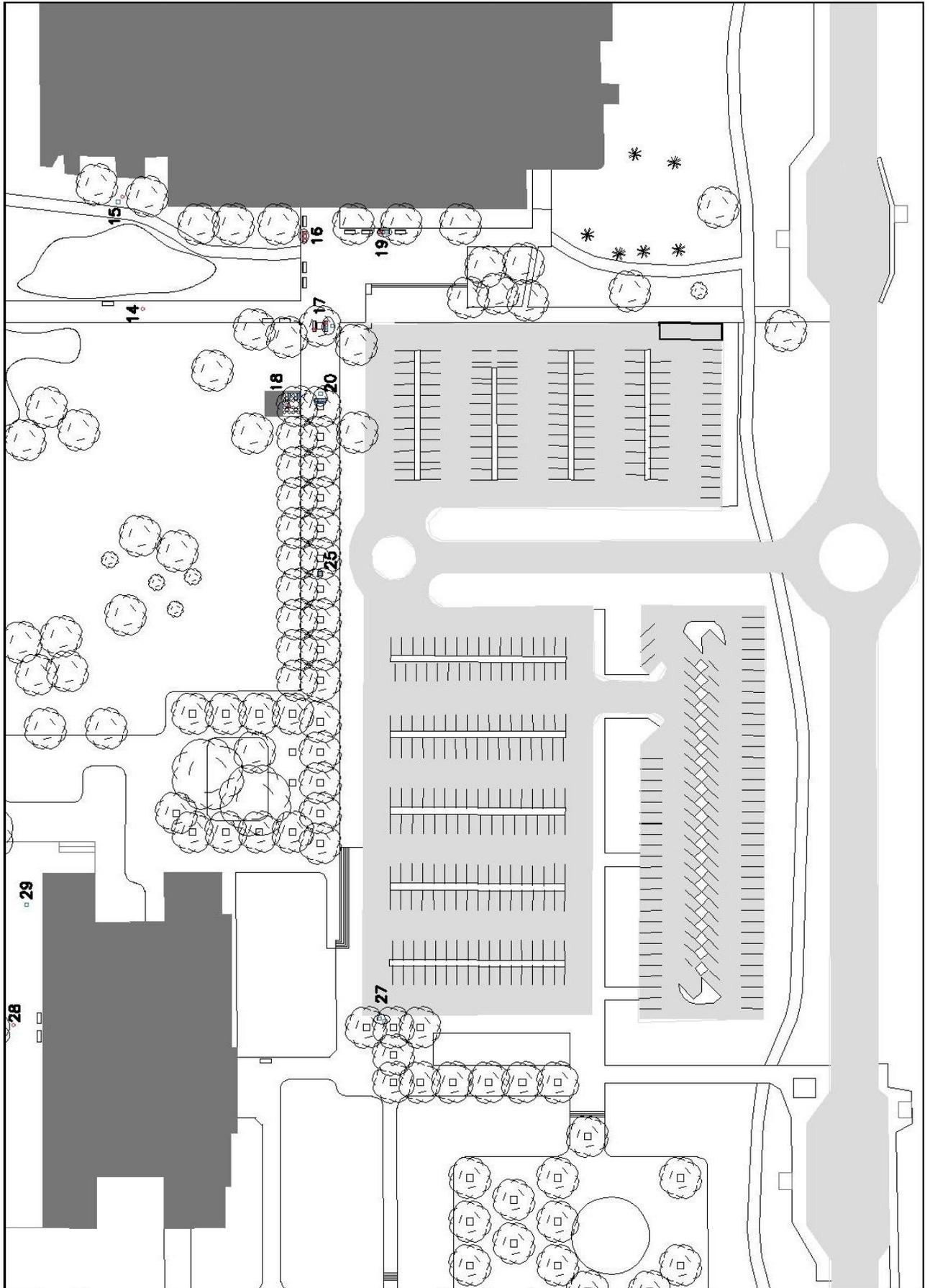
## Mapa comportamental da Praça Maior (10h – 12h) trecho 03



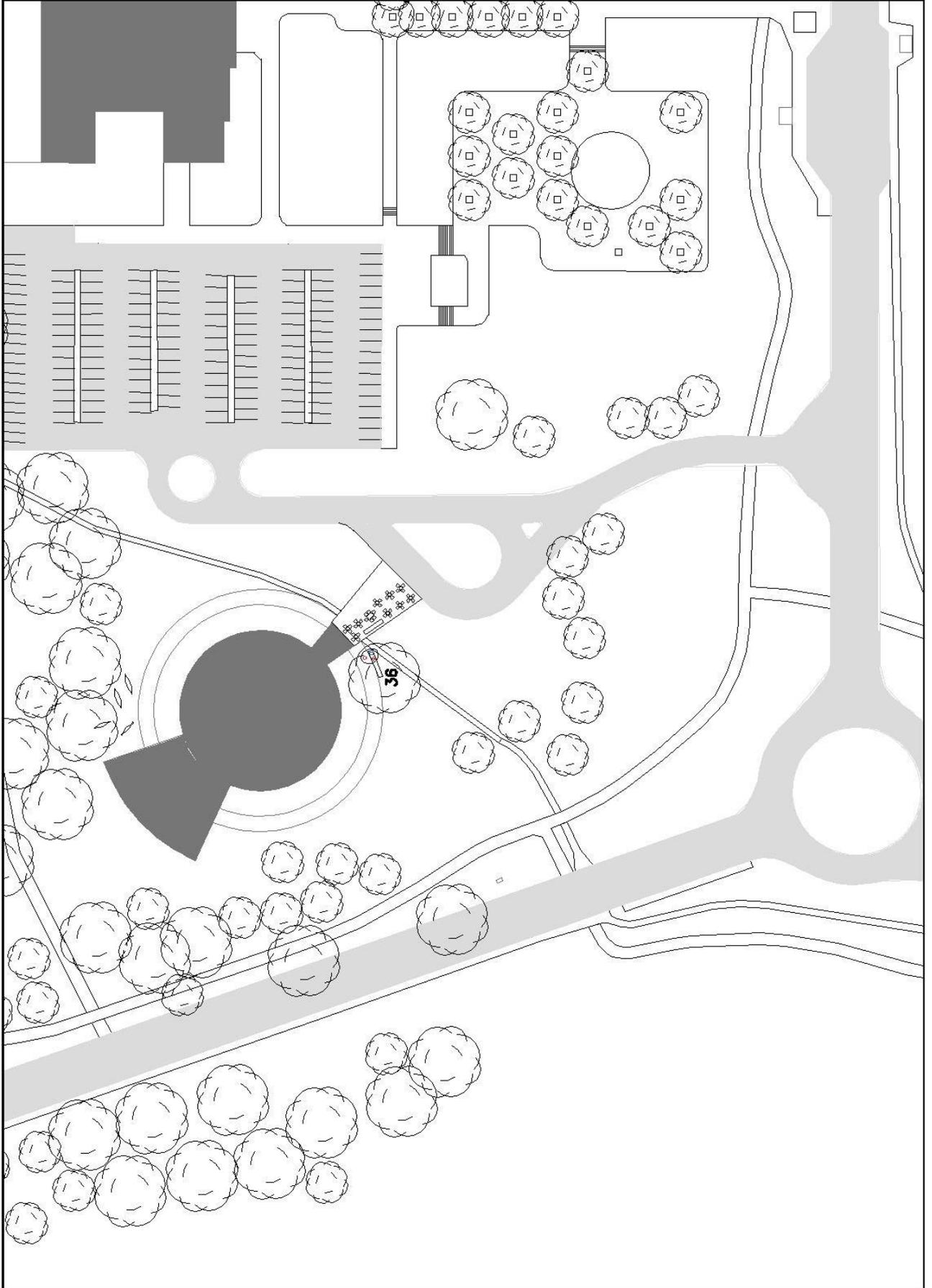
## Mapa comportamental da Praça Maior (10h – 12h) trecho 04



## Mapa comportamental da Praça Maior (10h – 12h) trecho 05



Mapa comportamental da Praça Maior (10h – 12h) trecho 06

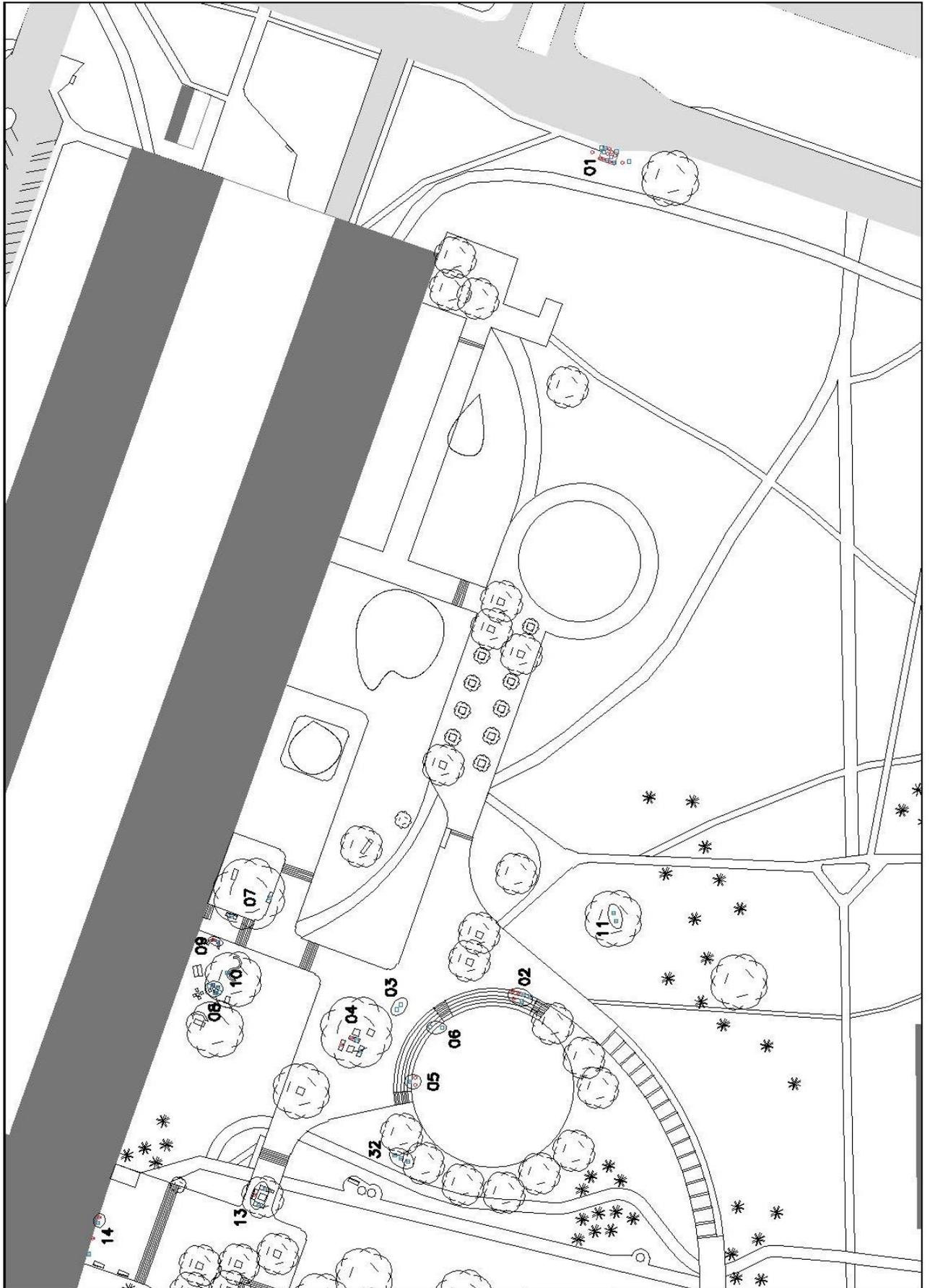


**Tabela de sujeitos e atividades - Mapa comportamental da Praça Maior - 12h às 14h**

1	na parada de ônibus: no abrigo 5 homens e 4 mulheres em pé e 2 homens e 3 mulheres sentados; fora do abrigo 2 mulheres e 1 homem em pé esperam ônibus
2	no teatro de arena: 3 mulheres e 3 homens sentados conversam, ouvem música e fumam
3	2 homens se reúnem de pé para orar
4	2 mulheres e 2 homens sentados à mesa conversam
5	no teatro de arena: homem sentado e 2 mulheres em pé conversam, fumam e usam celular
6	2 homens em pé procuram alguma coisa no chão
7	2 homens sentados cada um em um banco
8	grupo de homens sentados conversam à mesa, 3 sentados e 2 em pé
9	homem e mulher sentados no banco conversam
10	homem sentado em mureta de alvenaria olha celular
11	2 homens sentados na grama na sombra da árvore conversam
12	2 homens e 1 mulher sentados na grama na sombra da árvore conversam
13	2 homens e 1 mulher sentados cada um em um banco conversam sob sombra de árvore
14	homem deitado; mulher sentada com celular; homem e mulher sentados conversam
15	homem sentado no chão e 2 homens sentados no banco sob sombra da árvore e um deles toca violão
16	homem e mulher sentados na escada conversam e tomam açaí
17	2 mulheres sentadas em bancos individuais na sombra da árvore conversam próximas
18	2 homens de pé na escada na sombra das árvores conversam
19	homem sentado em banco toca violino e 1 homem e 1 mulher sentados em outro banco escutam na sombra do bambuzal
20	mulher sentada no banco usa celular
21	homem e mulher sentados no banco conversam
22	mulher sentada no banco usa celular
23	mulher sentada no banco usa notebook
24	homem e mulher em pé conversam
25	2 mulheres sentadas no banco conversam
26	homem sentado no banco lancha
27	na banca de lanches: homem sentado comendo; mulher sentada comendo; 2 mulheres sentadas conversando; mulher sentada com celular; homem sentado aguarda o lanche
28	2 homens de pé conversando usam celular
29	vigilante em pé ao lado do posto vigia o estacionamento
30	homem e mulher sentados na grama na sombra da árvore conversam
31	homem sentado no banco almoça
32	3 homens sentados na grama conversam
33	homem sentado na grama
34	homem em pé na sombra fala ao celular
35	2 homens, 1 sentado e outro deitado nos bancos conversam e usam celular
36	homem e mulher sentados no banco namoram
37	2 mulheres de pé conversam e trocam informação com celular

- 38 mulher sentada na escada estuda
- grupo reunido na grama sob árvore: 2 homens sentados e 1 mulher e 1 homem
- 39 deitados relaxando
- 40 homem e mulher deitados na grama na sombra de árvore relaxam
- 41 grupo de 3 mulheres e 1 homem sentados na grama conversam e fumam
- 42 homem deitado na escada relaxa
- 43 homem e mulher sentados na grama (com canga) sob árvores conversa
- no redário: 1 mulher, 1 homem e um sujeito indefinido descansam em suas re-
- 44 des individualmente. Obs há espaço para 10 redes.
- no restaurante Memorial Darcy Ribeiro: 3 mesas com casais, 1 com 2 ho-
- 45 mens, 1 com 3 homens e 1 mulher, 1 homem e 1 mulher. Todos almoçam
- na parada de ônibus: 4 mulheres sentadas; um casal, 4 mulheres e 3 homens,
- 46 grupo de 1m +3h, grupo de 3m+1h em pé esperam ônibus
- 47 2 homens sentados na escada conversam, fumam e bebem refrigerante
- 48 homem e mulher sentados na grama na sombra das árvores namoram
- 49 2 homens sentados na escada fumam
- 50 5 homens e 1 mulher jogam bola (golzinho)
- 51 homem e mulher sentados em bancos diferentes fumam
- 52 mulher deitada na grama usa celular
- 53 homem e mulher sentados em bancos diferentes conversam
- 54 mulher sentada no banco
- 55 homem e mulher sentados no mesmo banco conversam
- 56 homem sentado na escada na sombra
- 2 homens e 1 mulher sentados em bancos diferentes na sombra conversam e
- 57 fumam
- 58 mulher sentada no banco come
- 59 mulher senta na escada para comer
- 60 homem sentado em um toco de madeira na sombra de árvore

## Mapa comportamental da Praça Maior (12h – 14h) trecho 01



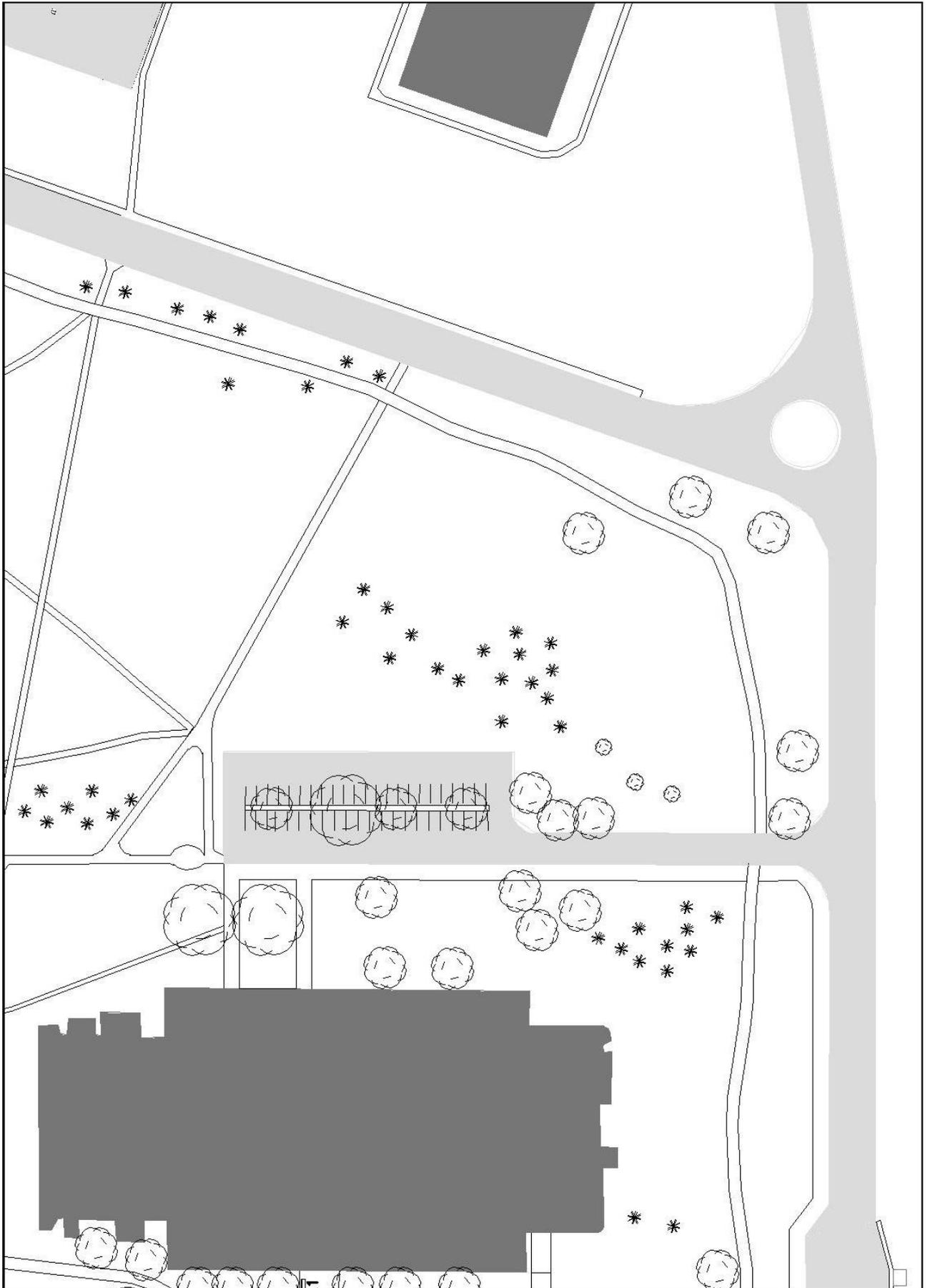
Mapa comportamental da Praça Maior (12h – 14h) trecho 02



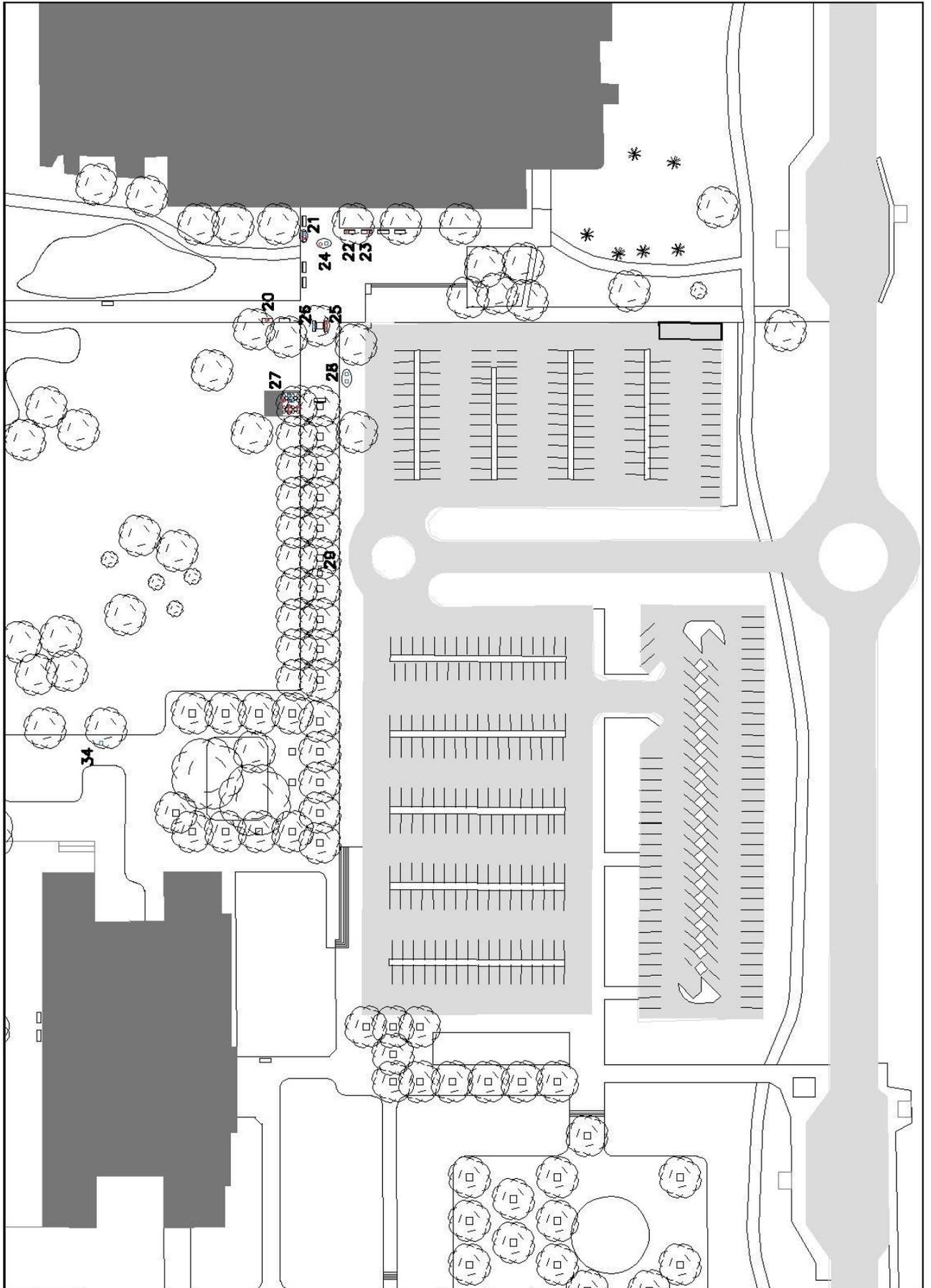
## Mapa comportamental da Praça Maior (12h – 14h) trecho 03



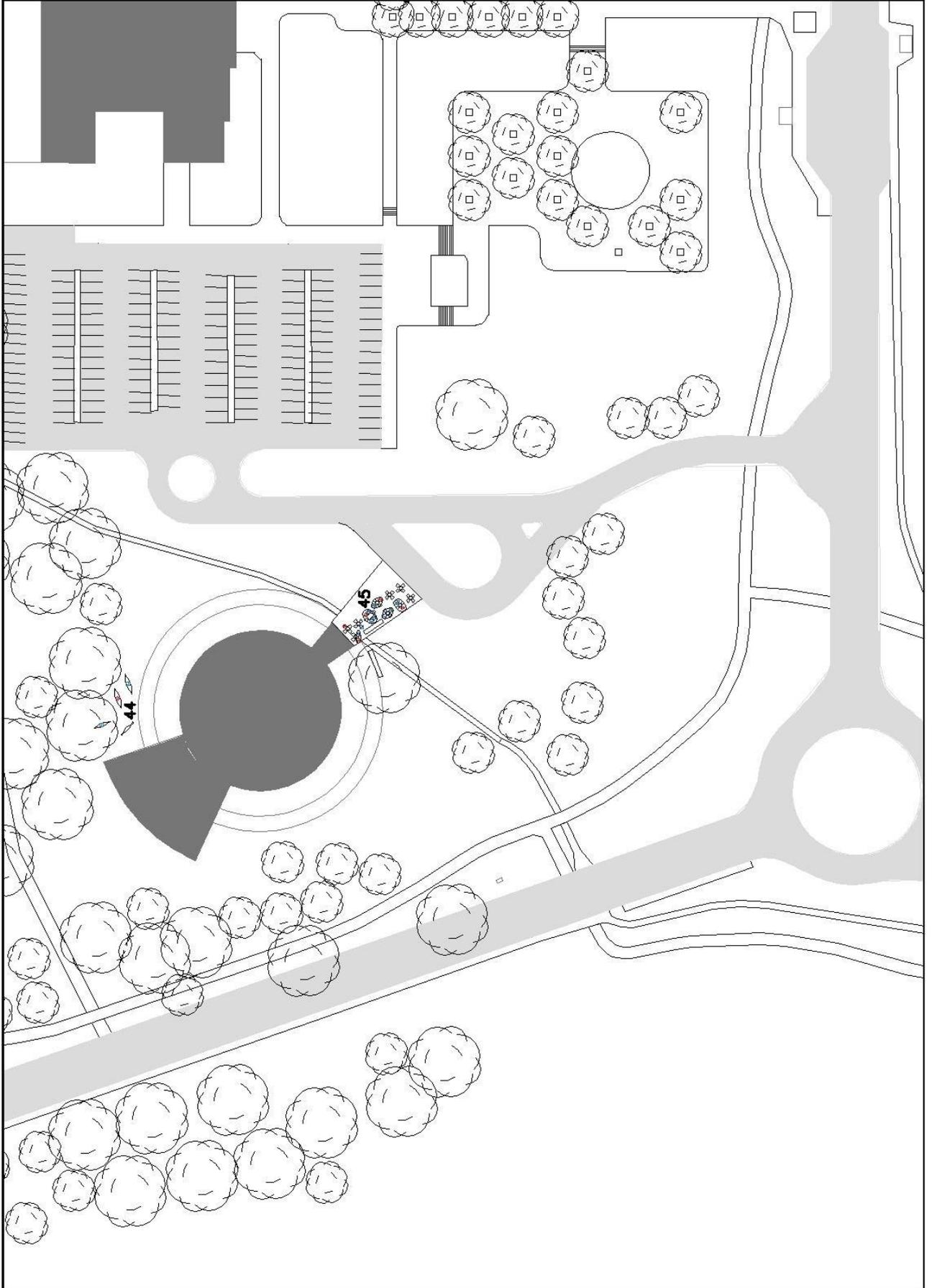
Mapa comportamental da Praça Maior (12h – 14h) trecho 04



## Mapa comportamental da Praça Maior (12h – 14h) trecho 05



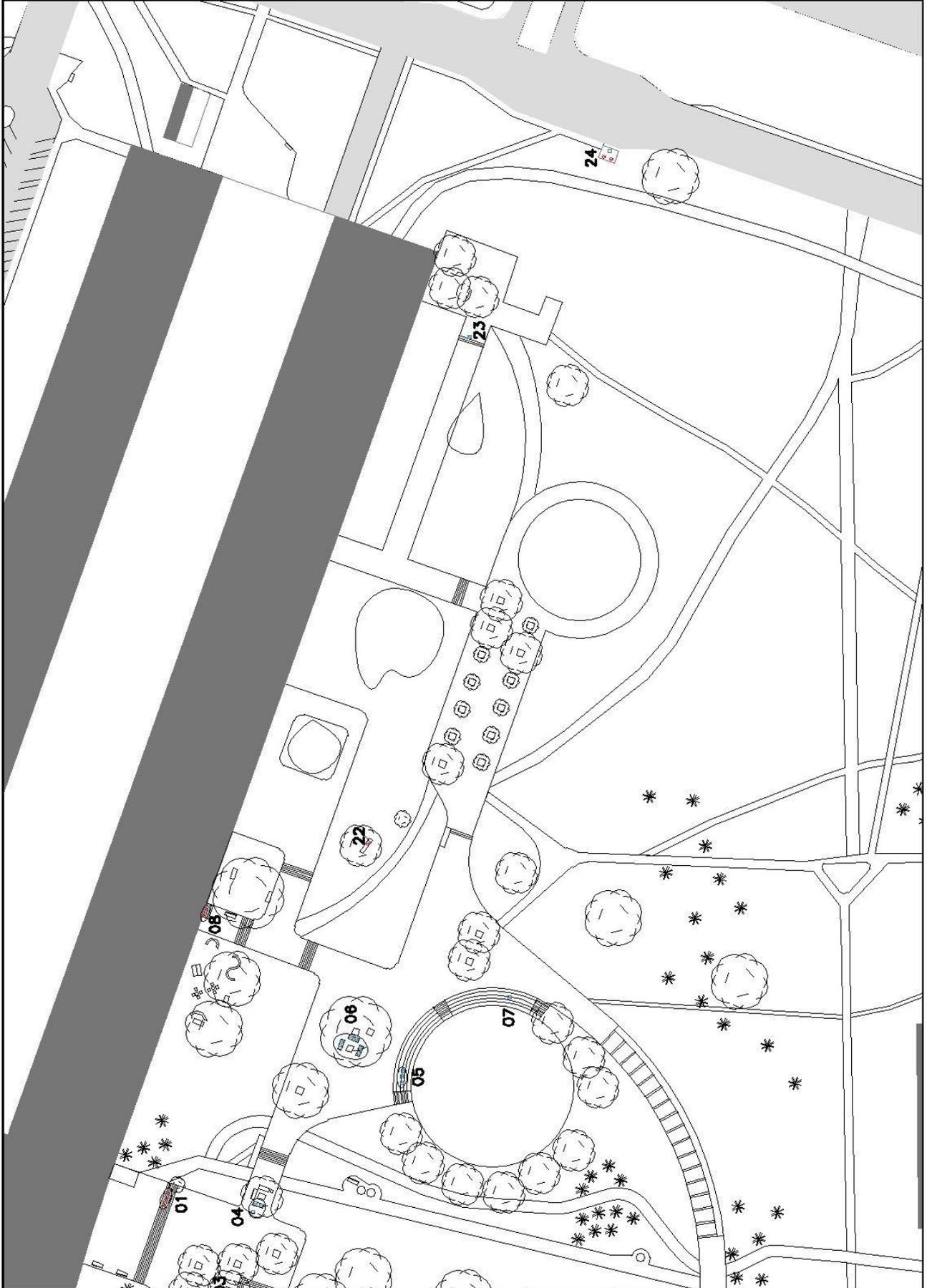
Mapa comportamental da Praça Maior (12h – 14h) trecho 06



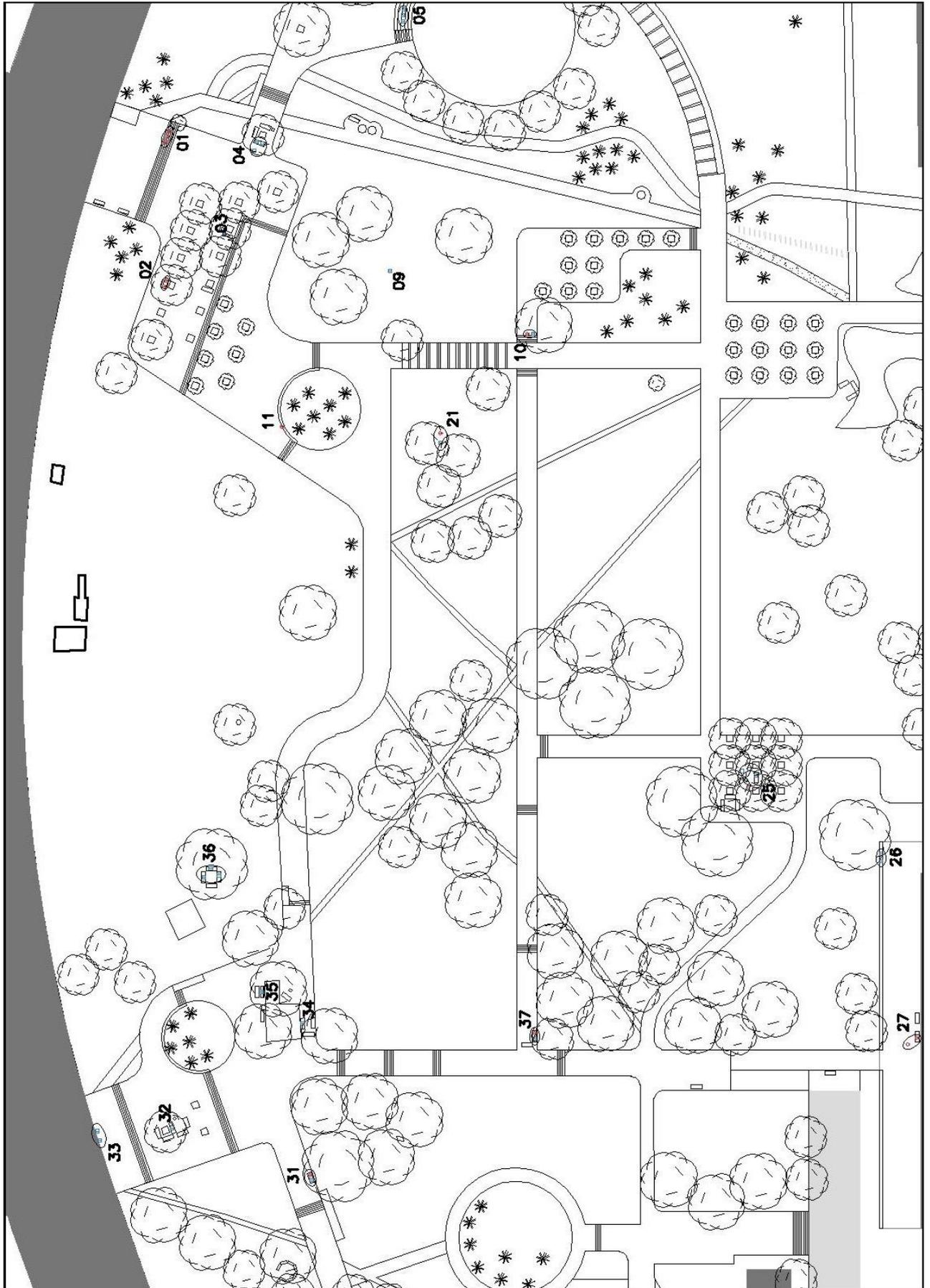
**Tabela de sujeitos e atividades - Mapa comportamental da Praça Maior - 14h às 16h**

- 1 3 mulheres sentadas na escada conversam
- 2 2 mulheres sentadas no banco namoram
- 3 homem sentado usa celular
- 4 2 homens sentados no banco e 1 em pé conversam
- 5 no teatro de arena: 3 homens sentados conversam
- 6 6 homens sentados à mesa jogam baralho
- 7 no teatro de arena: homem sentado usa celular
- 8 2 mulheres sentadas no banco usam juntas celular
- 9 homem sentado sobre caixa de serviço medita ou faz oração  
homem e mulher sentados na escada na sombra namoram, tiram selfies e
- 10 ele toca violão
- 11 mulher sentada no bundoril pensativa
- 12 homem sentado no banco
- 13 2 mulheres sentadas no banco conversam
- 14 homem e mulher sentados no banco conversam
- 15 homem sentado no banco usa fone
- 16 mulher sentada no banco usa celular
- 17 homem sentado no banco usa celular
- 18 mulher sentada no banco usa celular  
na banca de lanches: 2 homens sentados conversam; 2 mulheres conver-
- 19 sam e lancham
- 20 homem sentado no banco fuma  
homem e mulher sentados na grama sob sombra de árvores conversam e
- 21 usam celular
- 22 mulher sentada em tronco sob árvore toca instrumento de lata
- 23 homem sentado na escada usa fone  
na parada de ônibus: 2 mulheres sentadas e 1 homem de pé conversam e
- 24 esperam ônibus  
3 homens e 1 mulher em pé e 1 homem sentado conversam animadamente
- 25 e pulam
- 26 2 homens sentados no banco conversam
- 27 mulher de pé fuma e conversa com outra sentada
- 28 homem de pé vigia estacionamento (vigilante)
- 29 homem e mulher de pé conversam  
na parada de ônibus: 2 mulheres de pé conversam; 1 mulher sentada, todas
- 30 esperam ônibus
- 31 homem e mulher sentados no banco na sombra namoram
- 32 homem sentado no banco usa celular
- 33 2 homens sentados na escada conversam
- 34 homem sentado no banco fuma
- 35 homem sentado no banco usa celular e fuma
- 36 3 homens sentados conversam
- 37 homem e mulher sentados no banco namoram

## Mapa comportamental da Praça Maior (14h – 16h) trecho 01



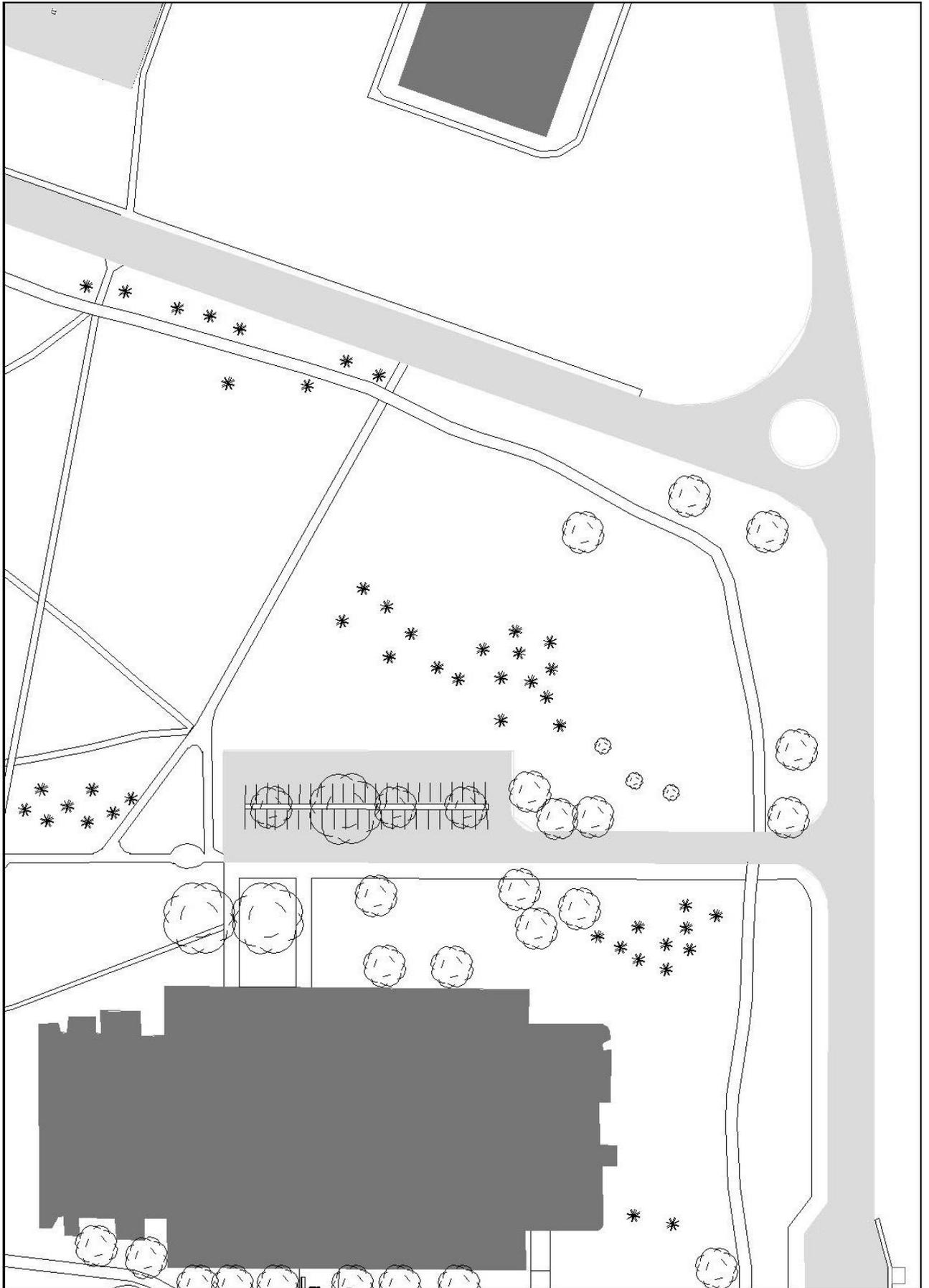
## Mapa comportamental da Praça Maior (14h – 16h) trecho 02



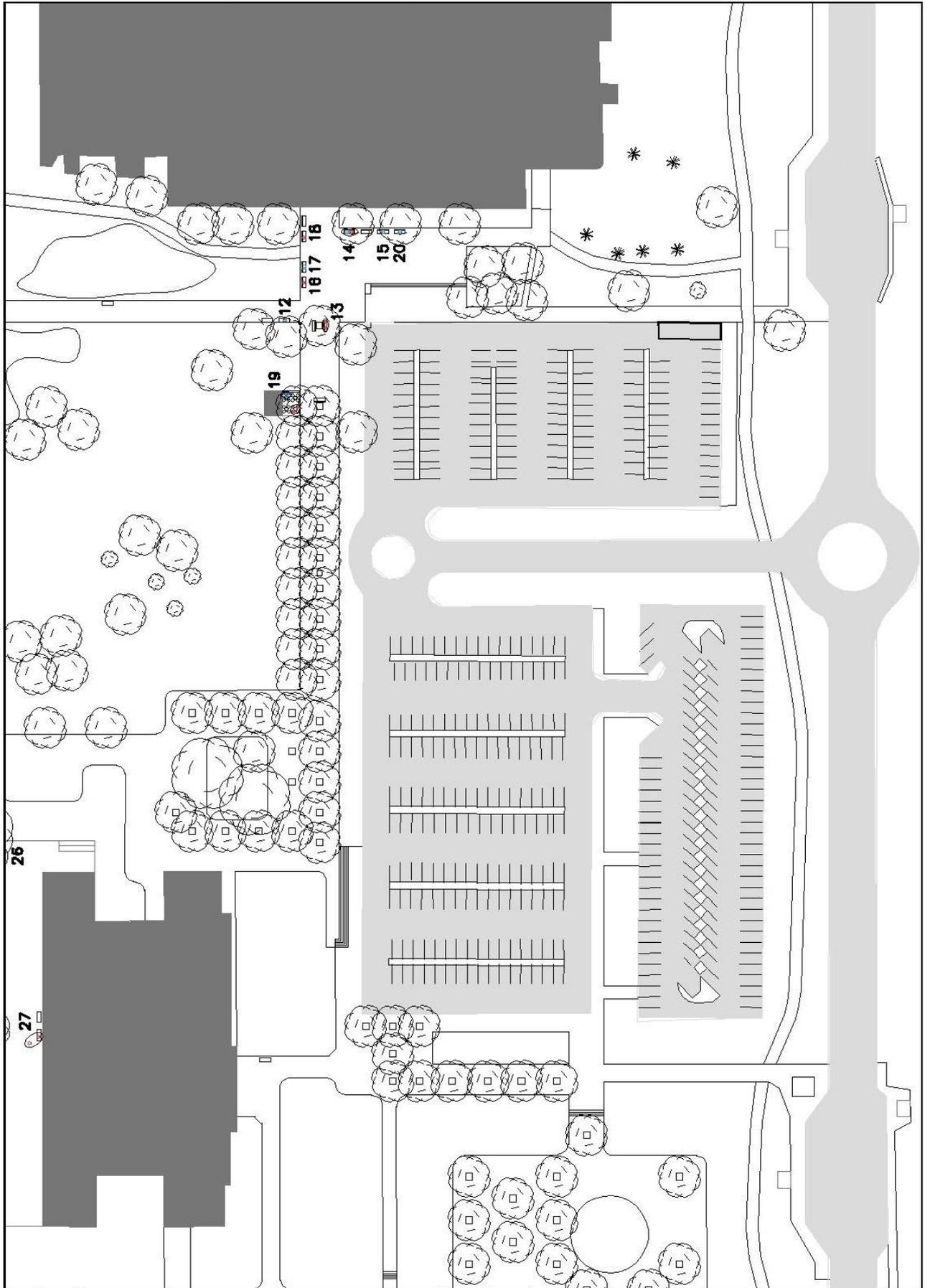
Mapa comportamental da Praça Maior (14h – 16h) trecho 03

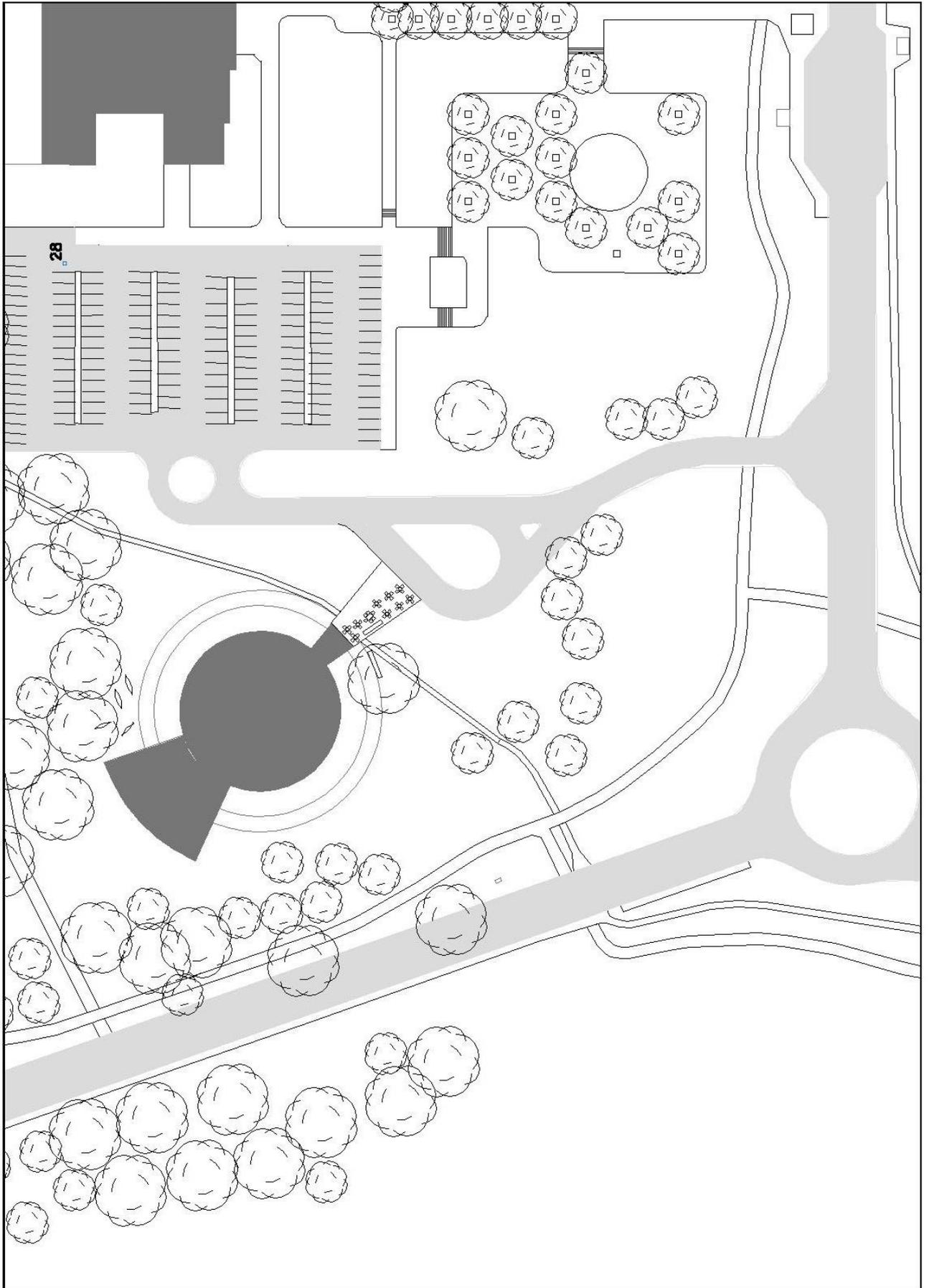


## Mapa comportamental da Praça Maior (14h – 16h) trecho 04



## Mapa comportamental da Praça Maior (14h – 16h) trecho 05

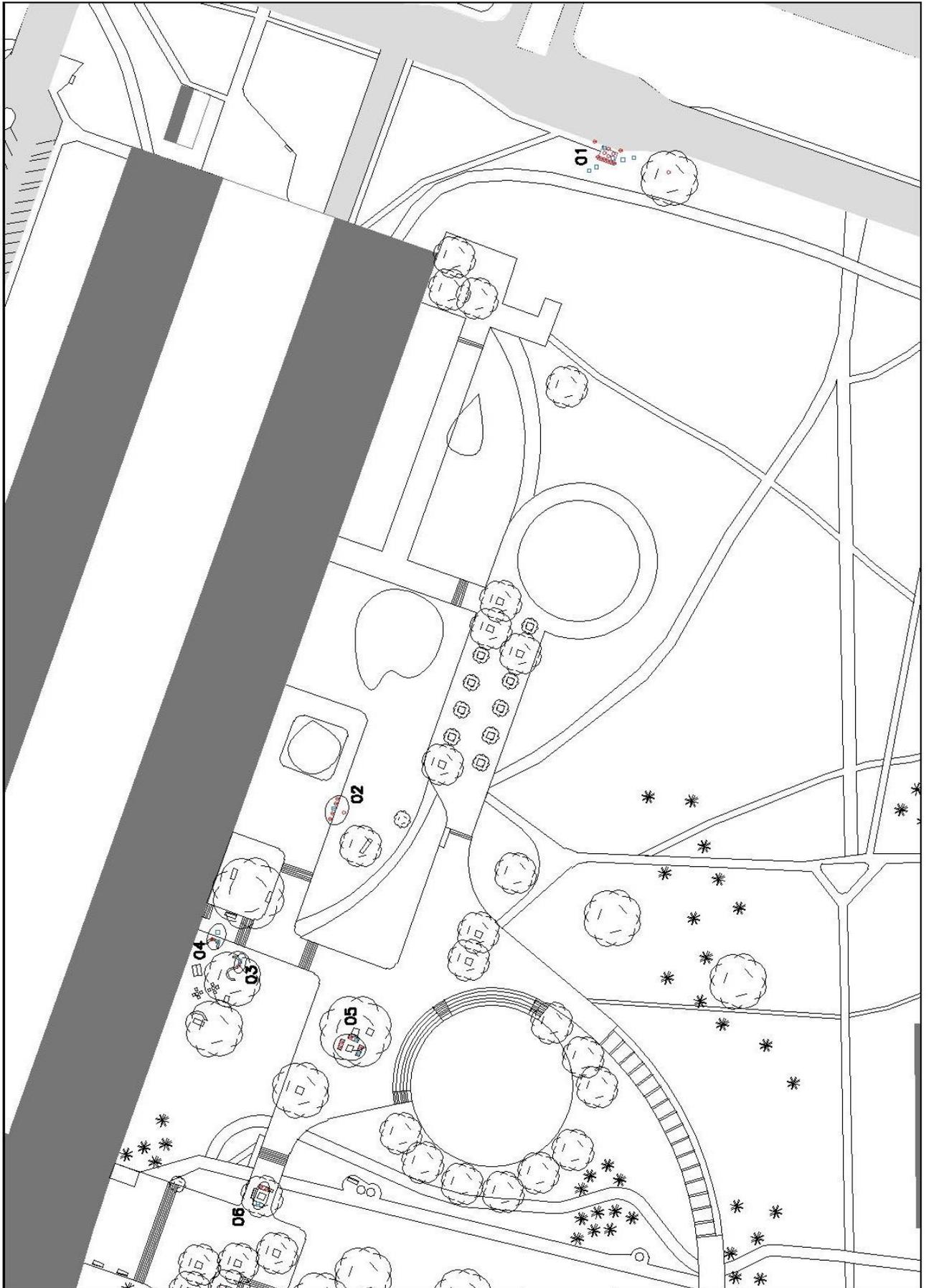


**Mapa comportamental da Praça Maior (14h – 16h) trecho 06**

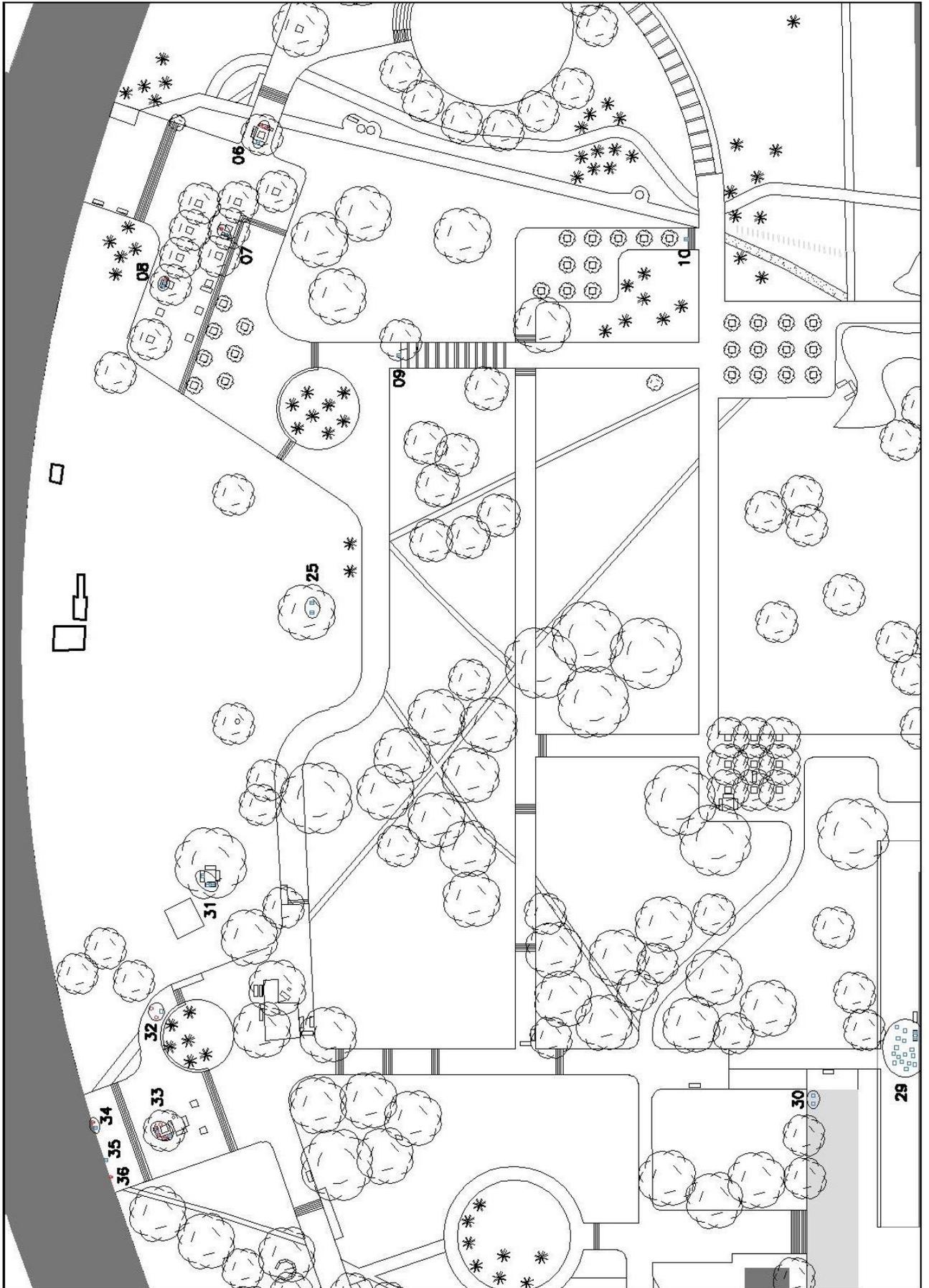
**Tabela de sujeitos e atividades - Mapa comportamental da Praça Maior - 16h às 18h**

	na parada de ônibus: 6 mulheres sentadas no banco, 2 sentadas no meio-fio, 4
1	de pé, 4 homens de pé e 1 mulher sob árvore esperam ônibus
2	4 mulheres e 1 homem sentados no meio-fio e 1 mulher em pé conversam
3	mulher e homem sentados no banco usam celular
4	mulher e homem sentados no banco e homem em pé conversam
5	4 mulheres e 2 homens sentados conversam e fumam
6	2 mulheres e 1 homem sentados conversam e fumam
7	mulher e homem sentados em bancos individuais conversam
8	1 mulher e 2 homens sentados fumam
9	homem sentado na escada assiste vídeo e fuma
10	homem sentado na escada usa celular e caderno
11	2 homens sentados no banco conversam, bebem e usam celular
12	3 homens sentados no banco conversam e fumam
13	homem sentado no banco relaxa
	homem sentado no banco; homem sentado no banco usa celular; homem e mu-
14	lher sentados no banco abraçados lancham
	sentados no banco: mulher usa celular; homem lê papel; homem telefona; mu-
15	lher toma café; homem usa fone
16	homem e mulher em pé conversam
17	homem em pé telefona
18	homem em pé telefona
19	2 mulheres sentadas no banco fumam e conversam
20	homem sentado no banco lancha; mulher sentada no banco lancha
21	mulher em pé lancha
	na banca de lanches: 2 mulheres e 1 homens sentados juntos; 1 homem e 2
	mulheres sentados individualmente; 2 homens e 2 mulheres em pé. Todos lan-
22	cham e usam celular
23	homem e mulher conversam em pé
24	homem sentado no meio-fio amarra o sapato
25	2 homens sentados na grama sob sombra de árvore conversam
26	homem e mulher encostados na parede conversam
27	na parada de ônibus: 2 mulheres sentadas no banco esperam ônibus
28	2 homens sentados na escada, 1 homem e 1 mulher de pé conversam
29	grupo de 17 homens joga <i>Pokemon Go</i> , 2 sentado e outros de pé
30	2 homens de pé conversam
31	3 homens sentados em bancos sob árvore conversam
32	2 mulheres e 1 homem conversam em pé
	grupo de 3 mulheres e 2 homens sentados e 1 mulher em pé conversam e fu-
33	mam
34	homem e mulher sentados no chão conversam
35	homem sentado na escada usa fone
36	mulher sentada em carteira
37	homem e mulher em pé mexendo na horta conversam e fumam
	na parada de ônibus: 3 mulheres e 2 homens sentados; 13 homens e 24 mulhe-
38	res em pé esperam ônibus
39	2 homens em pé junto à fachada fumam

## Mapa comportamental da Praça Maior (16h – 18h) trecho 01



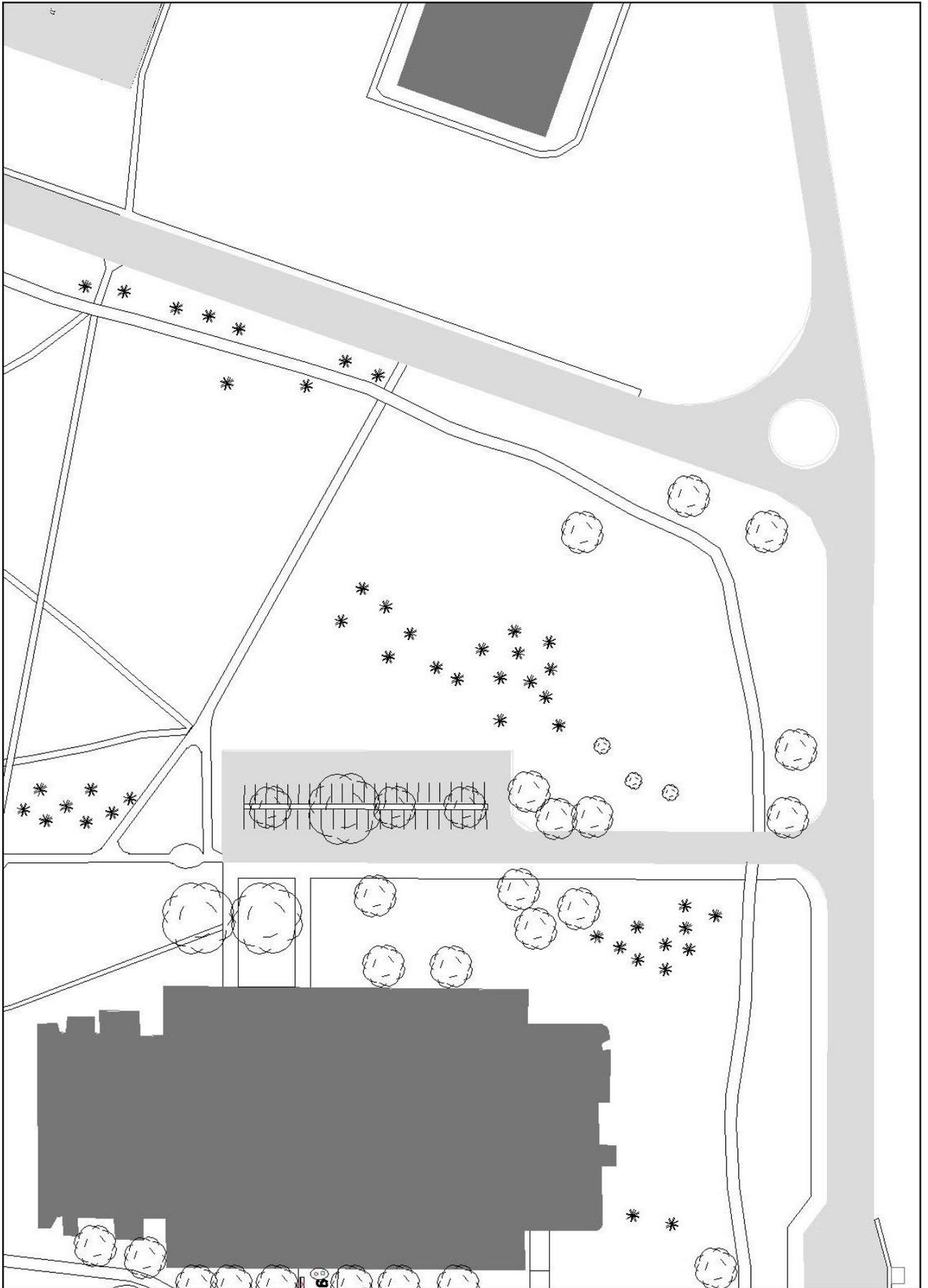
Mapa comportamental da Praça Maior (16h – 18h) trecho 02



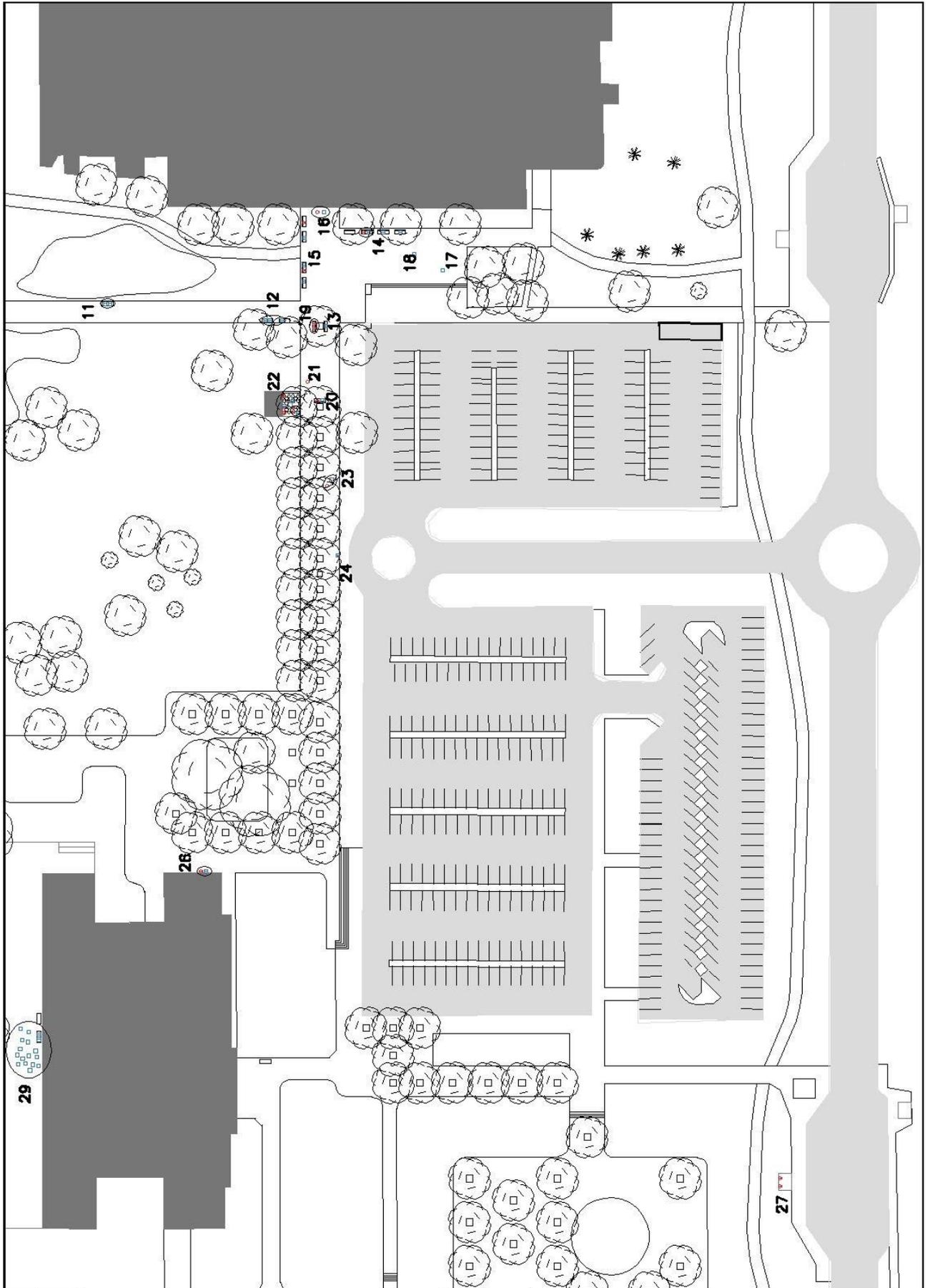
## Mapa comportamental da Praça Maior (16h – 18h) trecho 03



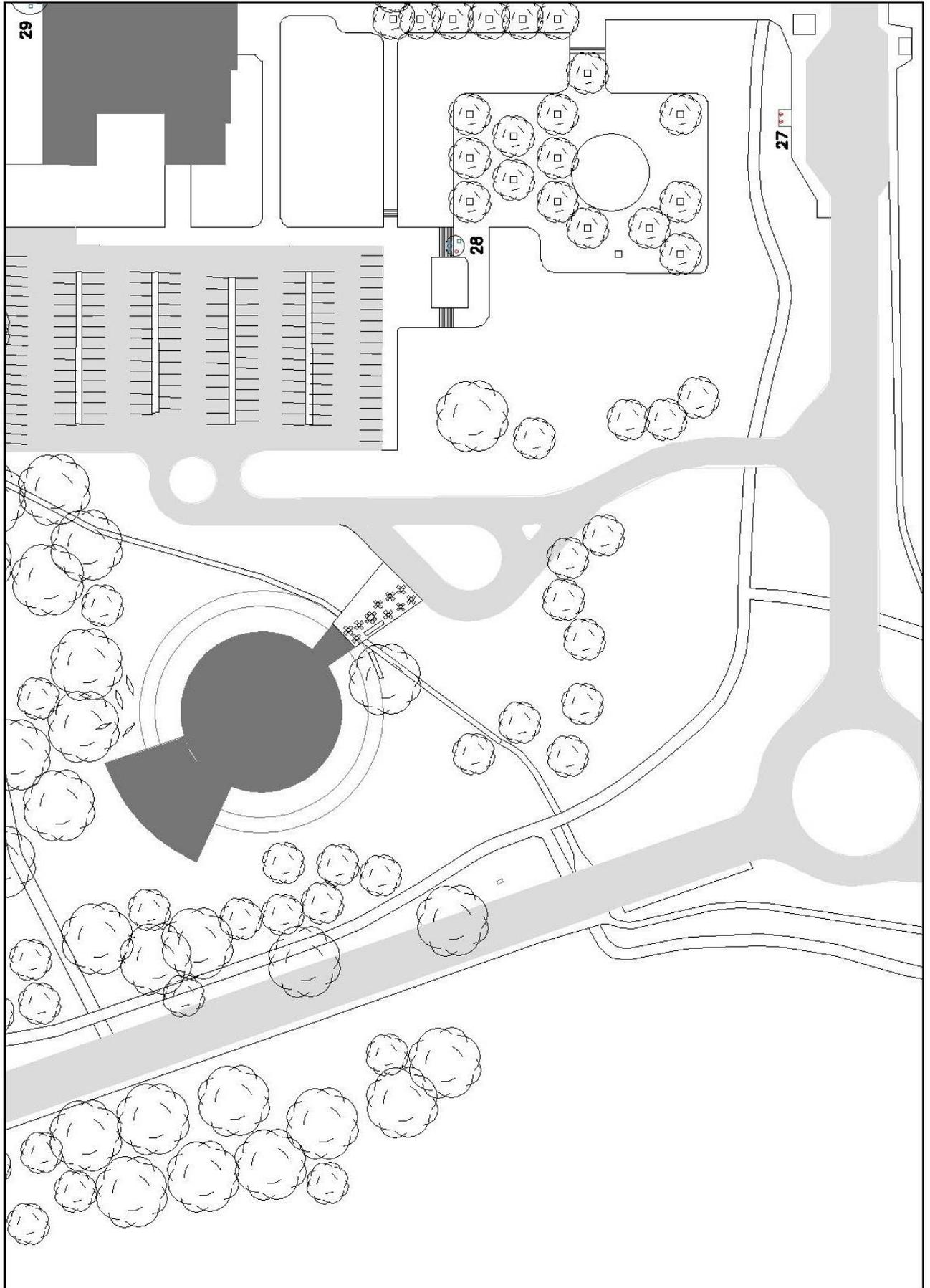
Mapa comportamental da Praça Maior (16h – 18h) trecho 04



## Mapa comportamental da Praça Maior (16h – 18h) trecho 05



Mapa comportamental da Praça Maior (16h – 18h) trecho 06

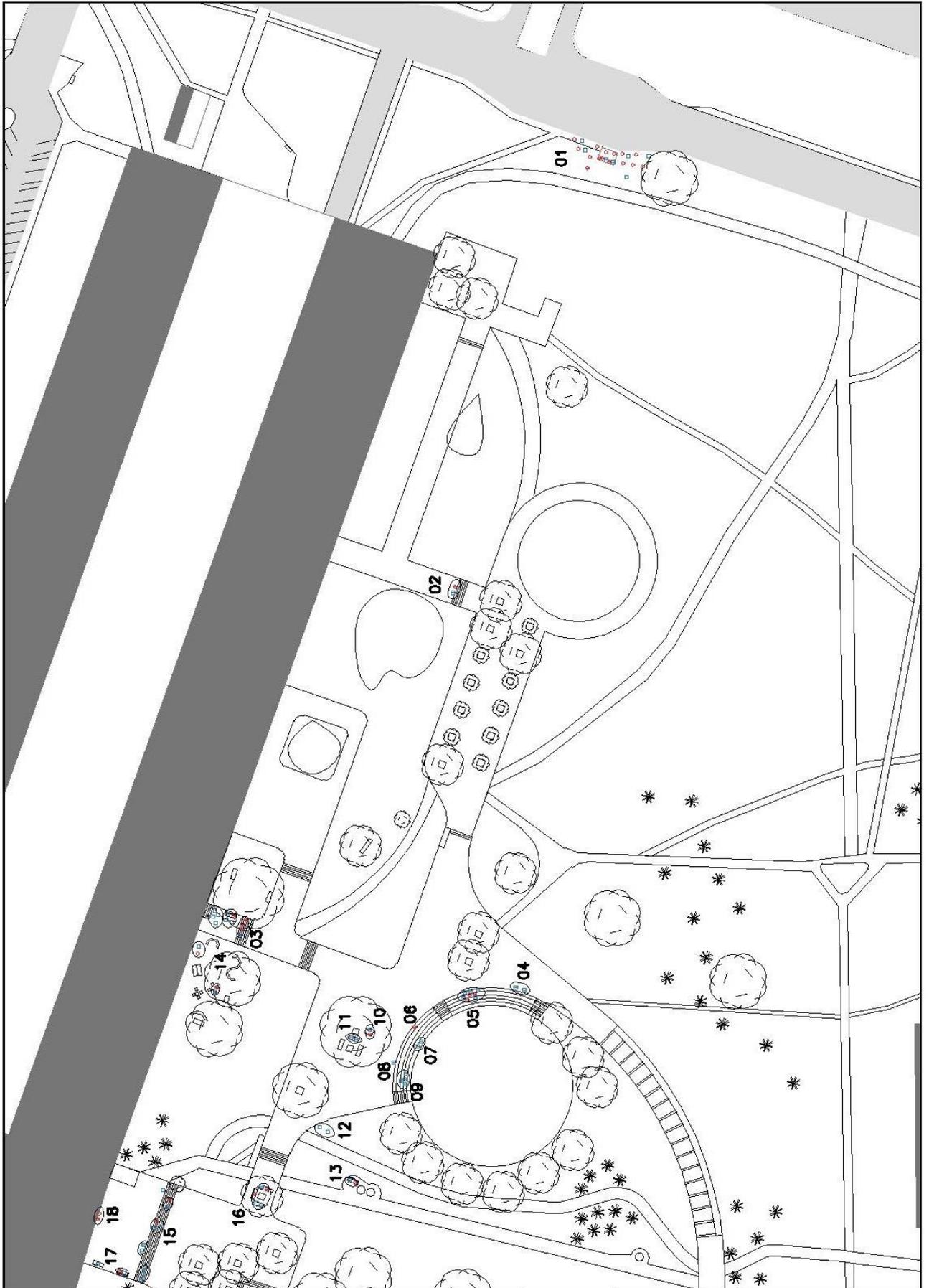


**Tabela de sujeitos e atividades - Mapa comportamental da Praça Maior - 18h às 20h**

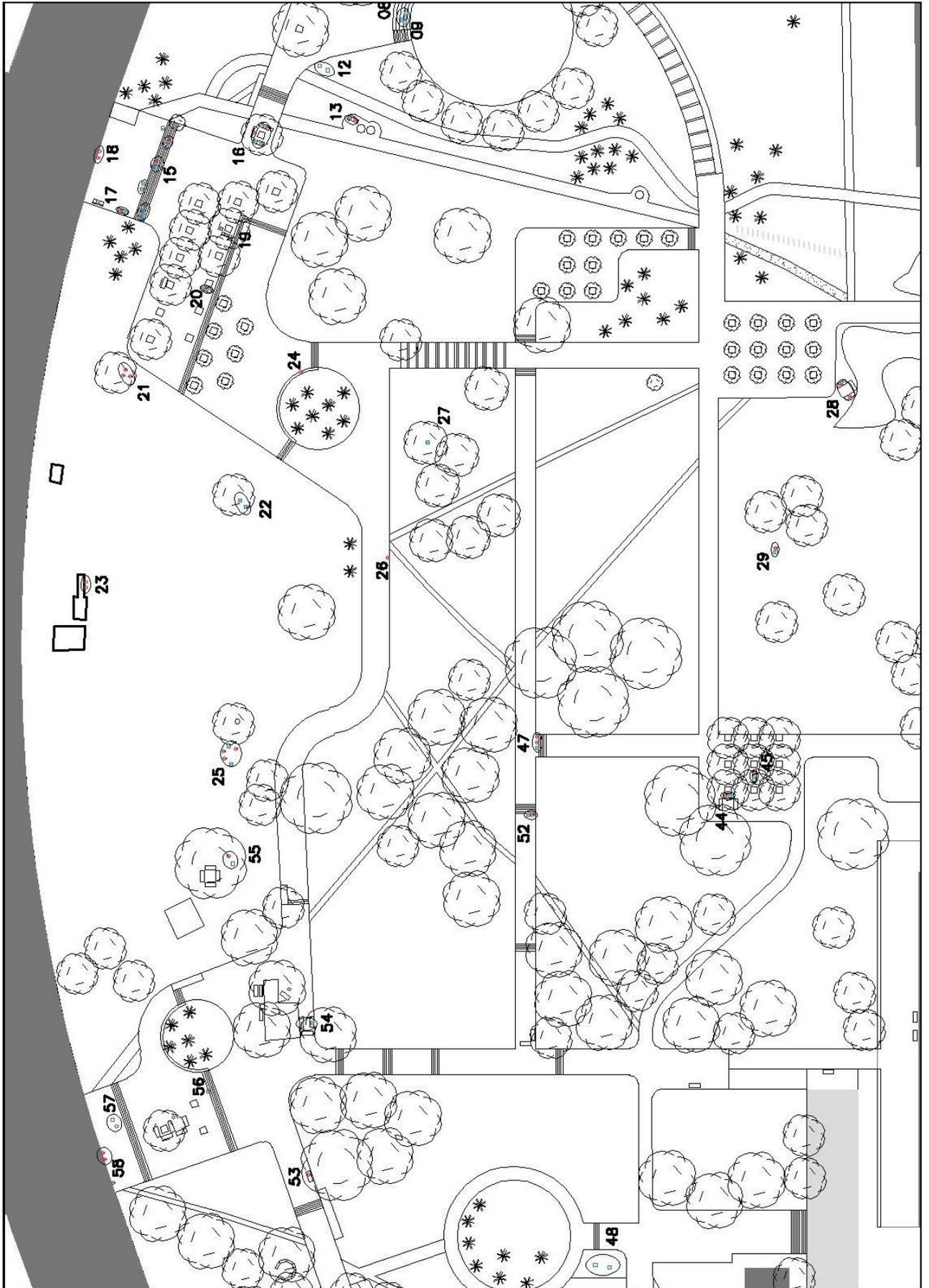
	na parada de ônibus: 3 mulheres e 2 homens sentados no banco, 11 mulheres
1	e 5 homens de pé e 1 mulher sentada na grama esperam ônibus
2	homem e mulher sentados na escada conversam e fumam
3	3 mulheres e 1 homem sentados na escada conversam; homem e mulher na mesa conversam
4	no teatro de arena: 2 homens sentados conversam e usam celular
5	no teatro de arena: 3 mulheres e 5 homens sentados conversam, fumam e usam celular
6	no teatro de arena: mulher sentada usa celular
7	no teatro de arena: 2 homens sentados conversam próximos
8	no teatro de arena: homem sentado lê
9	no teatro de arena: 4 homens sentados conversam e fumam
10	homem e mulher sentados no palet conversam e fumam
11	2 homens sentados à mesa usam notebook
12	2 homens cortam madeira e vendem artesanato (têm carrinho e mostruário)
13	homem e mulher sentados no banco conversam
14	4 homens em pé conversam; homem e mulher em pé conversam; mulher sentados no banco e 2 homens em pé conversam;
15	sentados na escada: 3 homens; 2 homens; homem, mulher e homem de pé; homem e mulher; homem
16	grupo de 3 homens e 2 mulheres sentados conversa e bebe
17	homem sentado no banco; homem e mulher sentados conversam
18	mulher sentada e mulher em pé conversam
19	homem sentado no banco lê
20	homem e mulher sentados no banco conversam e fumam
21	3 mulheres sentadas na grama conversam
22	2 homens sentados na grama namoram
23	2 mulheres encostadas em volume construído conversam
24	mulher sentada no bundoril grava e ouve áudios
25	grupo de 2 homens e 3 mulheres sentados na grama conversam
26	mulher sentada no meio-fio pensativa
27	homem sentado encostado em árvore ouve música
28	homem e mulher sentados no banco e mulher em outro banco conversam
29	mulher sentada e homem deitado na grama namoram
30	homem e mulher sentados no banco conversam e lancham
31	homem e mulher conversam de pé sob árvore
32	sentados nos bancos: mulher pensativa; mulher e homem usam celular; 2 mulheres usam celular; homem usa celular; 2 homens conversam;
33	2 mulheres e 1 homem conversam; mulher come fruta e conversa com homem; homem usa celular
34	na escada sentados: mulher; 2 mulheres conversam; mulher fala no celular;
35	homem fala no celular; 2 mulheres conversam
36	homem encostado em mureta fala no celular
37	2 homens sentados no banco conversam
38	homem em pé apoia a mochila no banco quebrado
	homem e mulher sentados no banco conversam
	2 mulheres e 1 homem em pé conversam

- 39 mulher sentada no banco lancha  
na banca de lanches: casal lancha; 2 mulheres conversam; mulher lancha, to-
- 40 dos sentados; mulher em pé no balcão
- 41 3 homens e 1 mulher em pé conversam
- 42 homem (vigilante) sentado no posto come manga com sal
- 43 na parada de ônibus: 3 mulheres esperam ônibus sem interagir
- 44 homem e mulher sentados no banco namoram
- 45 homem e mulher sentados no banco olham celular
- 46 na parada de ônibus:
- 47 homem e 2 mulheres sentados na escada conversam
- 48 2 homens fazem experimento usando tela
- 49 2 mulheres e 1 homem sentados e 1 mulher em pé conversam
- 50 homem e mulher em pé conversam e apreciam a arquitetura  
na parada de ônibus: mulher sentada no banco; 2 mulheres e 3 homens em pé
- 51 esperam ônibus
- 52 homem e mulher sentados na escada conversam
- 53 mulher sentada no banco fuma e usa celular
- 54 2 homens sentados em bancos diferentes conversam
- 55 homem e mulher em pé sob árvore namoram
- 56 homem sentado na escada fuma
- 57 homem e mulher em pé conversam e fumam
- 58 mulher usa celular; 2 mulheres conversam, todas sentadas

## Mapa comportamental da Praça Maior (18h – 20h) trecho 01



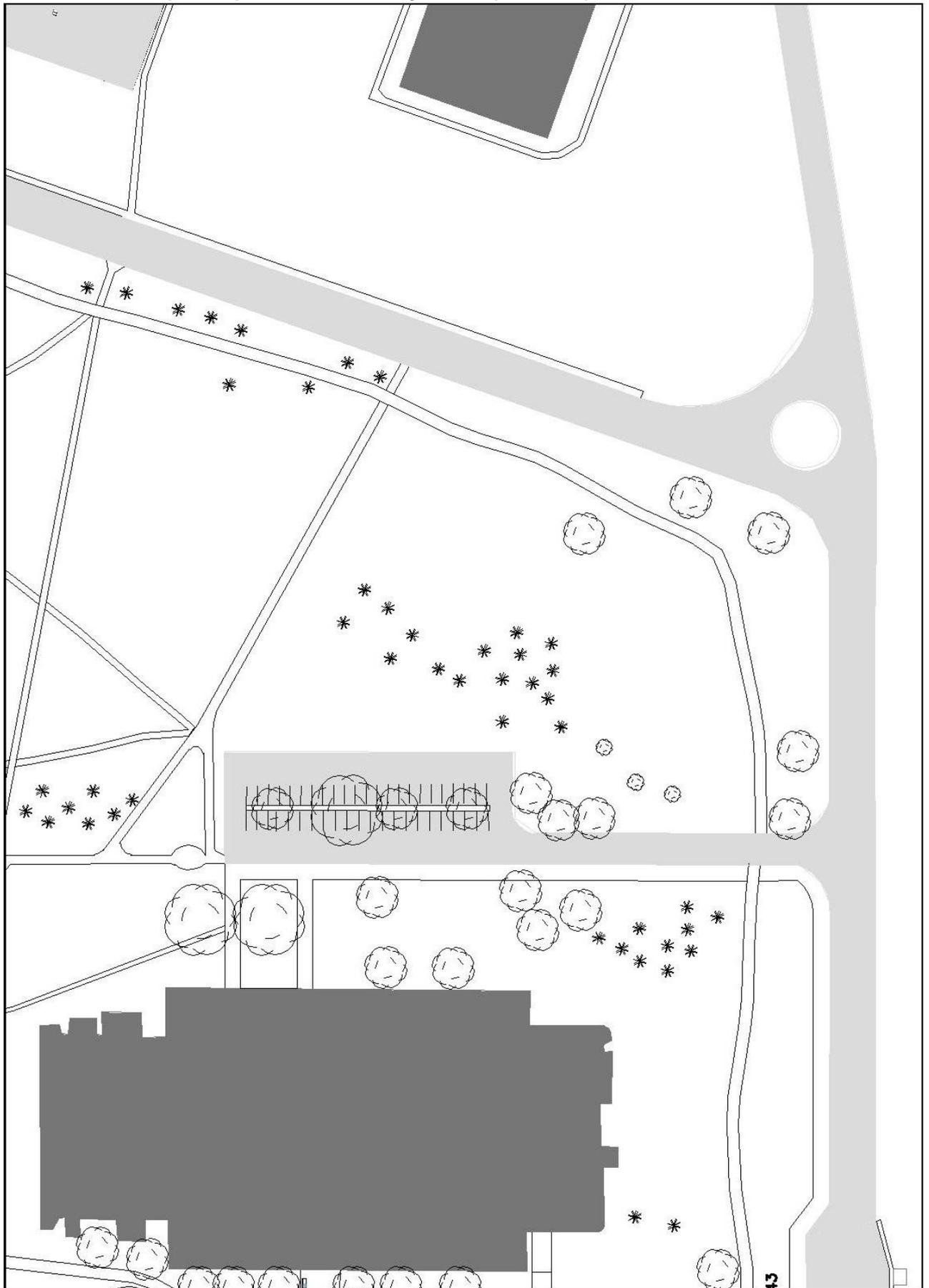
Mapa comportamental da Praça Maior (18h – 20h) trecho 02



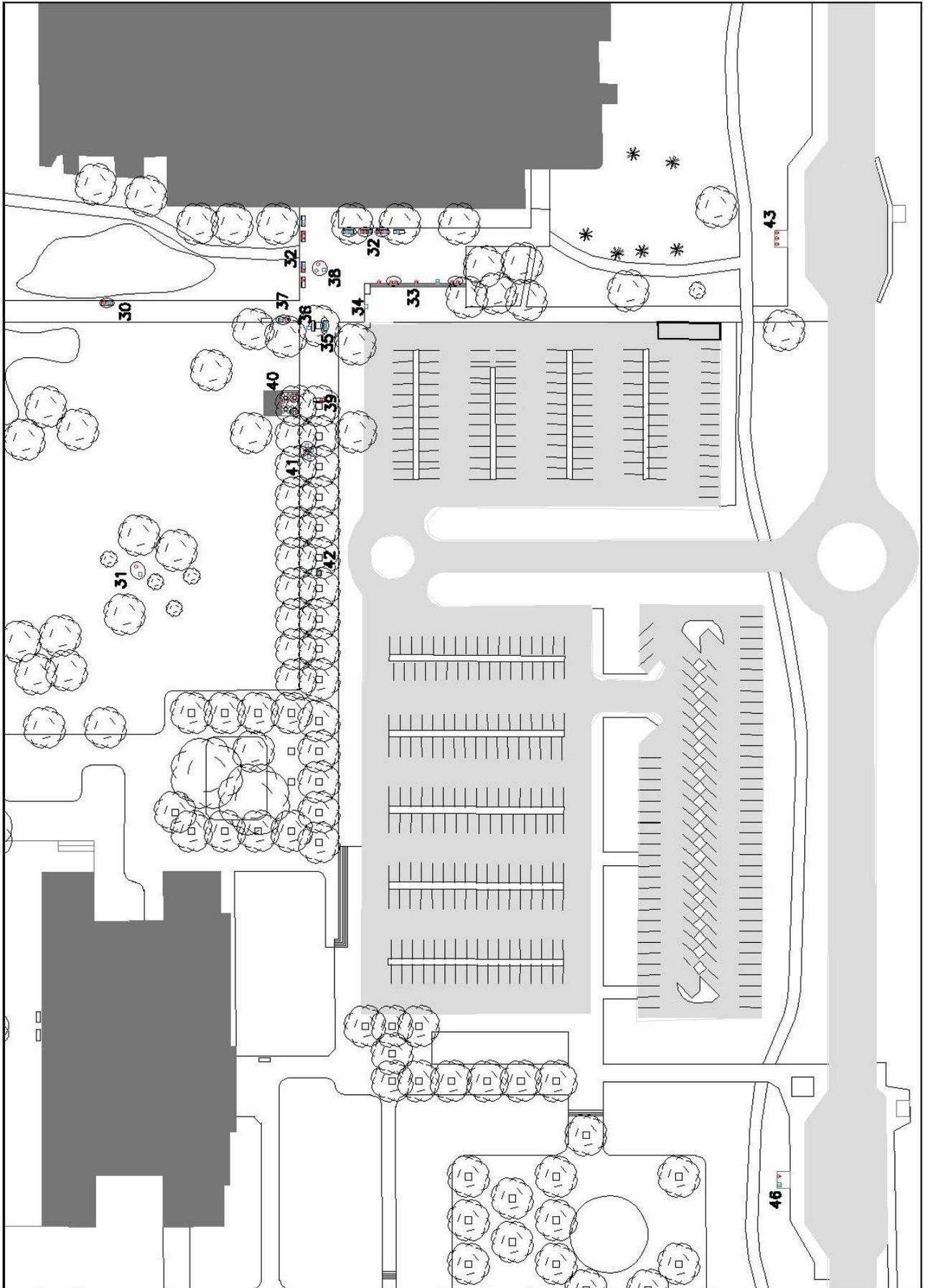
## Mapa comportamental da Praça Maior (18h – 20h) trecho 03



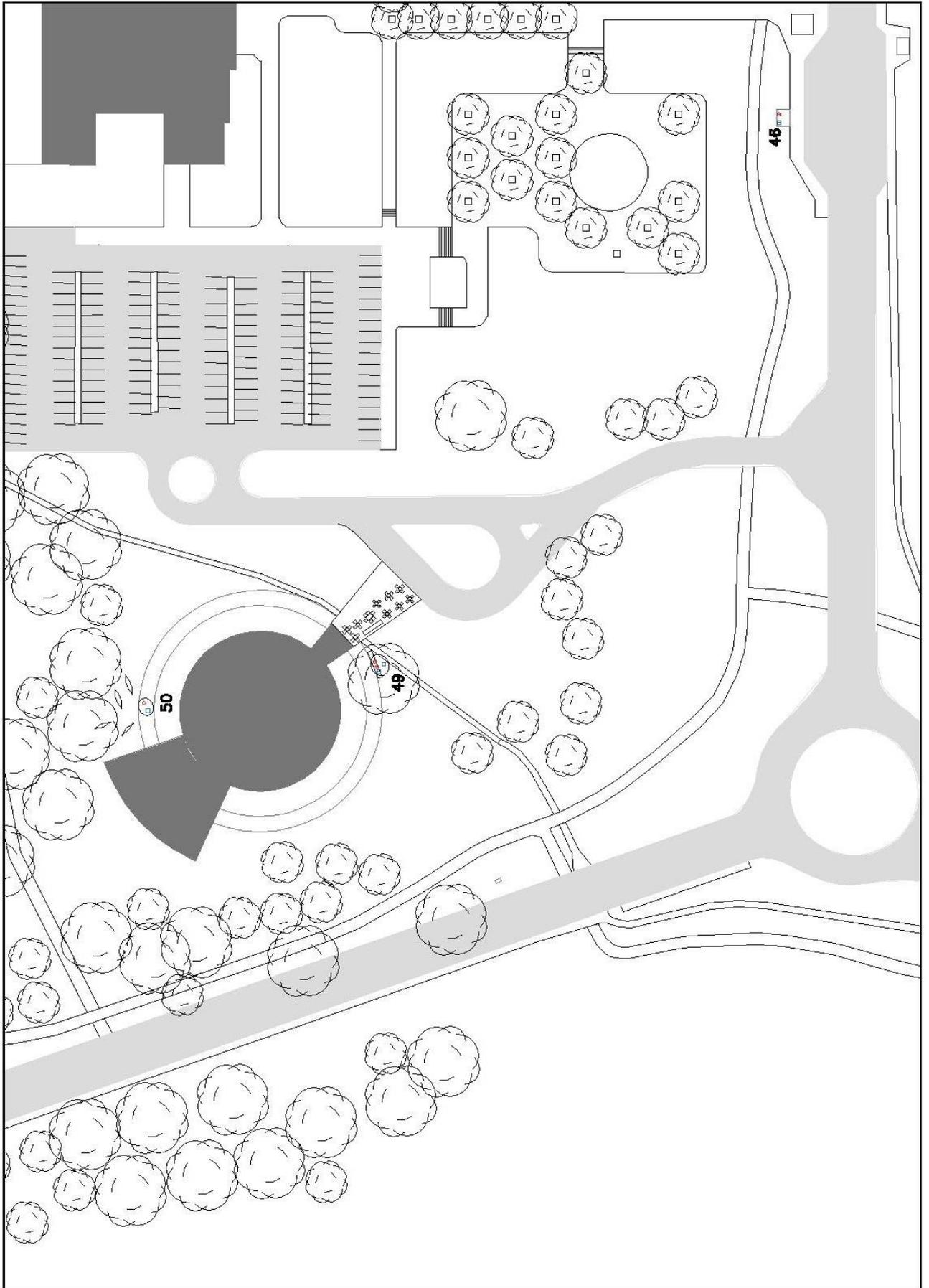
## Mapa comportamental da Praça Maior (18h – 20h) trecho 04



## Mapa comportamental da Praça Maior (18h – 20h) trecho 05



## Mapa comportamental da Praça Maior (18h – 20h) trecho 06



## Referências

- AFONSO, C. Jardins do ocidente e do oriente: ordenamento ou recriação da paisagem. **Paisagem e Ambiente**, nº 40, p. 107-132, 15 dez. 2017.
- ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. **A pattern Language**. New York: Oxford University Press, 1977.
- BARBOSA, A. A. Fernando Chacel. **Vitruvius**, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.017/3333?page=2>  
Acesso em: 15 dez. 2017.
- BARBOSA, Y.V.B.P.; VIANNA, M. Pesquisa de imagem do Plano Piloto de Brasília junto à população do DF. *In*: BENAMY TURIKIENICZ, O. **Cadernos Brasileiros de Arquitetura. Desenho Urbano I**. Brasília: Projeto, 1984. pp.133-143.
- BARCELLOS, V. Q. **Os Parques como espaços públicos livres de lazer: o caso de Brasília**. Tese. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1999.
- BARRA, E. Paisagistas brasileiros: formações e formatações profissionais. **Paisagem e Ambiente**, nº 22, p. 136-143, 4 dez. 2006.
- BOTELHO, L. A. O princípio das escalas no plano urbanístico de Brasília: sentido e valor além de proporção. *In*: LEITÃO, F. (Org.). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro**. Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009. pp. 87-98.
- BRAGA, Milton. **O Concurso de Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- CALS, S. **Roberto Burle Marx: uma fotobiografia**. Rio de Janeiro: S. Cals, 1995.
- CAVALCANTE, N. **Ceplan: 50 anos em 5 tempos**. Tese. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2015.
- CAVALCANTI, L.; EL DAHDAH, F. **Roberto Burle Marx: a permanência do instável, 100 anos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- BURLE MARX, LHO, L. A. Conceitos de composição em paisagismo. *In*: CAVALCANTI, L.; EL DAHDAH, F (Org.). **Roberto Burle Marx: a permanência do instável, 100 anos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. pp. 74-83.
- CHACEL, F. **Paisagismo e Ecogênese**. Rio de Janeiro: Fraiha, 2001.
- CHACEL, F., 1931-2011. **Fernando Chacel: tributo tribute** / Ana Borelli (editora); [tradução: Claudia Campbell]. – 1ª ed. Rio de Janeiro: TIX, 2017.
- CHOAY, F. **O Urbanismo – utopias e realidades, uma antologia**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 1997.

CIAM. **Carta de Atenas. Atenas.** 1993. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>.

COSTA, L. **Brasília Revisitada, 1985-1987**: Anexo I do Decreto nº 10.829 de 14 de outubro de 1987. *In*: Diário Oficial do Distrito Federal, suplemento, ano XII, nº 194, 14 de outubro de 1987.

\_\_\_\_\_. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes e EDUNB, 1995.

\_\_\_\_\_. **Relatório do Plano Piloto de Brasília.** Brasília: GDF, ArPDF, Co-deplan e DePHA, [1957] 1991.

COSTA, M. E. **Notas relativas ao tombamento de Brasília,** 1997. Texto remetido ao IPDF/GDF, em novembro de 1997, como contribuição aos estudos para elaboração do Plano Diretor Local de Brasília.

COSTA, M. E.; LIMA, A. V. Brasília 57-85: do plano piloto ao Plano Piloto. *In*: LEITÃO, F. (Org.). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro.** Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009. pp. 45-69.

CURADO, M. M. **Paisagismo contemporâneo: Fernando Chacel e o conceito de ecogênese.** Dissertação. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

FEIN, A. **Frederick Law Olmsted and the American environmental Tradition.** New York: George Braziller, 1972.

FERREIRA, A.; ONO, F. P.; NÓBREGA, C. A institucionalização do ensino de Arquitetura Paisagística no Rio de Janeiro. **Paisagem e Ambiente**, nº 40, p. 133-148, 15 dez. 2017.

FICHER, S.; PALAZZO, P. P. Paradigmas urbanísticos de Brasília. **Cadernos PPG-AU.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005. Edição especial, pp. 49-71.

GEHL, J. **Life between buildings: using public space.** Copenhagen: *The Danish Architectural Press*, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cidades para pessoas.** 3ª. Edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, M. E. A. **Vilas operadoras de FURNAS nas bacias dos Rios Grande e Parnaíba – da concepção à atualidade.** Tese. Uberlândia: Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

GUSMÃO, C. Escala bucólica: os três mosqueteiros são quatro. *In*: LEITÃO, F. (Org.). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro.** Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009. pp.159-181.

HOLANDA, F. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. **Brasília Cidade moderna, Cidade eterna**. Brasília: FAU-UnB, 2010.

\_\_\_\_\_. **10 mandamentos da arquitetura**. 2ª edição. Brasília: FRBH, 2015.

\_\_\_\_\_. Transformações por que passou Brasília nos últimos 50 anos. **Arquitetura Urbanismo**, 2010. Disponível em: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/192/frederico-de-holanda-analisa-as-transformacoes-por-que-passou-brasilia-163903-1.aspx> Acesso em 10 mai. 2018.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

IPHAN. Portaria nº 166, de 2016. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria\\_n\\_166\\_de\\_11\\_de\\_maio\\_de\\_2016\\_.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_166_de_11_de_maio_de_2016_.pdf).

IPHAN. Portaria nº 314, de 1992. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1992. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria\\_166\\_doc\\_tec.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria_166_doc_tec.pdf).

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, [1961] 2009.

KIM, L.; WESELY, M. **Arquivo Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KOHLSDORF, M. E. **Análise Morfológica do Campus Universitário Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília**. Relatório final de atividades – 2/ 2005 e 1/ 2006. Brasília: CEPLAN, UnB, 2006.

LEITE, M. A. A paisagem, a natureza e a natureza das atitudes do homem. **Paisagem e Ambiente**, nº 4, p. 45-66, 10 dez. 1992.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, [1960] 1997.

MACEDO, S. S. **Quadro do Paisagismo no Brasil: 1783-2000**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1999] 2015.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras: Public squares in Brazil**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [2002] 2003.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAHLER, C. R. **Territórios universitários: tempos, espaços, formas**. Tese. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2015.

MÓDULO. Praça Maior da Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: **Módulo**, n.28, jun., 1962.

MÓDULO. Praça Maior da Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: **Módulo**, n.32, mar., 1963.

PINTO, G. A.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ROMERO, M. A. B.; ANDRADE, L. S. de; FARIA, A. A. de. Planejamento Sustentável da expansão do extremo sul do *campus* da Universidade de Brasília. Brasília: **Paranoá**, n. 5, 2010.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MAFRA, F.; FIGUEIRÔA, A. **Os Jardins de Burle Marx no Recife**. Recife: MXM Gráfica, 2009. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0By5jFQqiTee-U1UxdW1hbDJaUzA/view>> Acesso em 10 mar. 2018.

SCHLEE, A. R. et al. **Registro Arquitetônico da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SCHLEE, A. R. **A Praça Maior da UnB**. 9º Seminário Docomomo Brasil, Brasília, 2011. Disponível em: <[http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/181\\_M25\\_RM-ApracaMaiordaUnB-ART\\_andrey\\_schlee.pdf](http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/181_M25_RM-ApracaMaiordaUnB-ART_andrey_schlee.pdf)> Acesso em: 25 ago. 2017.

SCHLEE, M. O Passeio Público do Rio de Janeiro. **Vitruvius**, 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.052/3141.>> Acesso em: 10 jun. 2018.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

TENORIO, G. de S. **Ao desocupado em cima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública**. Tese. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2012.

The Social Life of Small Urban Spaces. Direção: William H. Whyte. [S.l.]: [s.n.]. 1988.

UnB. **Plano Orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora UnB, 1962.

UnB. **Trabalho Planejamento do Campus UnB**. Brasília: CEPLAN, 1971.

UnB. **Planejamento Físico do Campus da Universidade de Brasília**. Brasília: CEPLAN, 1972.

UnB. **Ideia de Desenvolvimento Físico Espacial do Campus da UnB**. Instituto de Arquitetura e Urbanismo / Prefeitura do *Campus*, 1987-888.

UnB. **Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro**. Brasília: CEPLAN, 1998.

VIEIRA, M. E. M. **O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar**. São Paulo: Anablume, 2007.

WHYTE, W. H. ***The social life of small urban spaces***. Nova York: Project for Public Spaces, 2009.

WISSENBACH, V; TSUKUMO, V. **Cadernos Brasileiros de Arquitetura. Paisagismo**. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., 1978.

## Lista de figuras<sup>127</sup>

- Fig. 1 Distrito Federal e Plano Piloto de Brasília 2
- Fig. 2 Localização do Campus Universitário Darcy Ribeiro (glebas A, B e C) 2
- Fig. 3 Localização da Praça Maior no Campus 3
- Fig. 4 Área da Praça Maior e área de abrangência do projeto de Fernando Chacel 4
- Fig. 5 Vista aérea da Praça Maior, inserida no sistema de espaços livres projetado por Fernando Chacel. ICC ao fundo, Memorial, Reitoria e Biblioteca, da esquerda para direita. Fotografia Joana França (2013) 4
- Fig. 6 Diagrama do PPS “O que faz um lugar ser bem-sucedido?” 20
- Fig. 7 Estratégias de inibição ou promoção de contato 24
- Fig. 8 Paisagismo naturalista x formalista. 30
- Fig. 9 Paço Imperial. Autoria Johann Moritz 31
- Fig. 10 Jardim colonial brasileiro em Morro Velho (1872). Espaço privado. Autoria Marianne North 31
- Fig. 11 Passeio Público RJ (1847). Autoria Alfred Martinet 32
- Fig. 12 Terraço do Passeio Público RJ (1854). Autoria Louis-Julien Jacottet 32
- Fig. 13 Passeio Público do Rio de Janeiro. 33
- Fig. 14 Exposição internacional, Rio de Janeiro (1922) 34
- Fig. 15 Nanquins de Burle Marx. Esquerda, Praça Euclides da Cunha. Direita, Largo da Casa Forte Recife 35
- Fig. 16 Aterro do Flamengo. RJ (1966). Parque estruturado com áreas de piquenique, parquinho, ciclovias e setores esportivos, Museu de Arte Moderna etc. 36
- Fig. 17 Jardim suspenso do Ministério da Educação. RJ (1946). Fotografia Nelson Kon 38
- Fig. 18 Praça dos Cristais em Brasília. Fotografia Joana França 38
- Fig. 19 Parque da Gleba E, Rio de Janeiro e Fernando Chacel. Fotografias Eduardo Barra 41
- Fig. 20 Trecho de desenho de Chacel (sem identificação) 42
- Fig. 21 Praça Central do Rio Center, RIOTUR (1978). Autores Vera Aranha e Chacel 42
- Fig. 22 Trecho de estudo para pavimentação do Centro de Convenções da Amazônia. Fonte: CHACEL, 2017, p.39 42
- Fig. 23 Classe rudimentar na Universidade de Bolonha (1350s). Laurentius de Voltolina 46
- Fig. 24 Gravura antiga da Universidade de Sorbonne Fonte: <http://sopesci.com.br> 46
- Fig. 25 Vista aérea de colleges da Universidade de Oxford 46
- Fig. 26 Vista aérea do Campus da Universidade de Virginia 46
- Fig. 27 Ilustração de Olmsted para a University of Maine (1867) 48
- Fig. 28 Universidade Federal da Bahia. 50
- Fig. 29 Alunos no gramado do Campus Darcy Ribeiro. Maio de 2018 54
- Fig. 30 A figura A atende à condição de convexidade e a B não atende 58
- Fig. 31 Espaços negativos (à esquerda) e positivos (à direita) e relações figura-fundo Fonte: Alexander et al. 1977, p. 518 58
- Fig. 32 Mapa das escalas predominantes 78
- Fig. 33 Letchworth, a primeira Cidade-Jardim construída 79
- Fig. 34 Croqui de Le Corbusier para moradia exposta ao verde e ao céu 79
- Fig. 35 Brasília, cidade parque. Esquerda, Eixo Monumental. Direita, Eixo Residencial. Fotografia Joana França 79
- Fig. 36 Adaptado do Plano Piloto de Brasília com destaque para a localização da Cidade Universitária 82
- Fig. 37 Plano de Urbanização da Universidade de Brasília de Lucio Costa. Os institutos centrais (círculos vermelhos), e as faculdades (quadrados azuis) 84
- Fig. 38 Plano de Oscar Niemeyer de 1962-1964 (1 – ICC e 2 – Centro Olímpico) 86

<sup>127</sup> Figuras sem indicação de fonte são da autora deste trabalho.

- Fig. 39 Plano de Oscar Niemeyer de 1969 (1 – Centro de Vivência e 2 - Centro Olímpico) 86
- Fig. 40 Campus Universitário Darcy Ribeiro, glebas A, B e C 89
- Fig. 41 Mapa axial do Distrito Federal (integração global) 89
- Fig. 42 Campus Universitário Darcy Ribeiro e vizinhança 90
- Fig. 43 Total de viagens atraídas nas zonas de tráfego do DF. Ano base 2009 90
- Fig. 44 Mapa do Campus Universitário Darcy Ribeiro. Glebas A, B e C. 92
- Fig. 45 Diferentes níveis de tratamento paisagístico no Campus Darcy Ribeiro: jardins internos, áreas descampadas, arborizadas e as populares bordaduras 95
- Fig. 46 Batalha da Escada no Teatro de Arena. Abril de 2019 99
- Fig. 47 Cotidiano no Campus Darcy Ribeiro. Esquerda, ICC. Fotografia Mariana Costa. Centro, ICC. Fotografia Murilo Abreu. Direita, CO. Fotografia Beatriz Ferraz. 99
- Fig. 48 Cotidiano no Campus Darcy Ribeiro. Esquerda, Salsa UnB. Fotografia: Corazón Salsero. Centro, Cheerleader. Direita, serviços de cópia e papelaria. 99
- Fig. 49 Praça Maior da UnB: ICC (01), Reitoria (02), BCE (03) e Memorial (04). Do outro lado do ICC: RU (05), Vivências (06), MASC (07) e Protótipo (08). 100
- Fig. 50 Trecho do Plano de Lucio Costa com destaque para a Praça Maior 101
- Fig. 51 Variação 1 da Praça Maior de Oscar Niemeyer 102
- Fig. 52 Variação 2 da Praça Maior de Oscar Niemeyer 102
- Fig. 53 Maquete da Praça Central proposta pelo CEPLAN em 1969, com o Centro de Vivência. Fonte: Acervo do CEPLAN 103
- Fig. 54 Maquete eletrônica com o Centro de Convenções em primeiro plano e a Aula Magna ao fundo 104
- Fig. 55 A Praça Maior da UnB com o Lago Paranoá ao fundo (2012). 105
- Fig. 56 Delimitação oficial x delimitação morfológica da Praça Maior 107
- Fig. 57 Bordas da Praça Maior. No sentido horário: face oeste (ICC); face norte; face leste; e face sul 108
- Fig. 58 Vista aérea do Campus em construção. A Praça Maior “crua” (década de 1960). 110
- Fig. 59 Vista aérea do Campus em construção. O ICC, os SGs, a FE3 (antiga Reitoria), OCA1 e os barracões de obras junto ao ICC. Ao fundo o Lago Paranoá (década de 1960). Assessoria de Comunicação Social. Fonte: Arquivo Central UnB 111
- Fig. 60 Campus da UnB. Biblioteca, ICC e Reitoria em construção na área da Praça Maior. Ao fundo o Lago Paranoá e a Esplanada dos Ministérios (sem data). Assessoria de Comunicação Social. Fonte: Arquivo Central UnB 113
- Fig. 61 Adaptado da prancha APPM 01 – Tratamento Paisagístico da 116
- Fig. 62 Adaptado da prancha PMPA 87 - Tratamento Paisagístico da 117
- Fig. 63 Adaptado da prancha PMPA 35 - Praça Maior - Tratamento Paisagístico Restaurante Central - Plano Geral 118
- Fig. 64 Adaptado do Tratamento Paisagístico da Praça Maior. Detalhe da arborização. Fonte: Acervo do CEPLAN 119
- Fig. 65 Prancha PMPA 31 - Detalhes dos bancos propostos 120
- Fig. 66 Adaptado do Tratamento Paisagístico da Praça Maior. Detalhe da distribuição de bancos retos e quadrados (gola de árvore) nos estares do ICC Sul 120
- Fig. 67 Praça Maior na década de 1970. CEDOC UnB 122
- Fig. 68 Projeto executado da Praça Maior 123
- Fig. 69 Praça Maior sendo implantada 123
- Fig. 70 Teatro de Arena. 124
- Fig. 71 Capa do calendário comemorativo de 55 anos da UnB (2017) 126
- Fig. 72 Edifícios da Praça Maior e arredores 127
- Fig. 73 Instituto Central de Ciências - ICC 129
- Fig. 74 Biblioteca Central - BCE 130
- Fig. 75 Reitoria da UnB 130

- Fig. 76 Memorial Darcy Ribeiro 131*
- Fig. 77 Teatro de Arena Honestino Guimarães 132*
- Fig. 78 Configuração atual da Praça Maior 132*
- Fig. 79 Vista do Lago Paranoá. Esquerda, da via VC-12. Direita, da via VC-1 134*
- Fig. 80 Topografia da Praça Maior. Curvas de nível a cada um metro. 136*
- Fig. 81 Excesso de escadas. No sentido horário: talude gramado central; estar na saída do ICC Sul; acréscimo de rampas sem critérios; e falta de corrimão, guia, guarda-corpo. 137*
- Fig. 82 Urbanização de caminhos x eixos principais de deslocamento 139*
- Fig. 83 Caminhos. No sentido horário: "linha do desejo"; acréscimo à pavimentação; excesso de escadas; descontinuidade; e inflexão 140*
- Fig. 84 Urbanização de caminhos na Praça Maior. De cima para baixo: caminhos projetados; caminhos acrescidos pavimentados (incluindo ciclovia); todos os caminhos existentes (incluindo "linhas do desejo") 141*
- Fig. 85 Localização dos estares na Praça Maior 142*
- Fig. 86 Estares. Espaços pavimentados, amplos, pouco sombreados, com pouco ou nenhum mobiliário, sem detalhamento arquitetônico ou infraestrutura para permanência. 143*
- Fig. 87 Sombreamento de caminhos. Esquerda, padrão predominante sem sombra. Direita, alameda de paus-ferro como exceção 144*
- Fig. 88 Arborização mais concentrada na parte sul da Praça Maior. 145*
- Fig. 89 Arborização na parte sul da Praça Maior. Destaque para grandes árvores e áreas mais sombreadas 146*
- Fig. 90 Arborização na parte norte da Praça Maior. Destaque para palmeiras e bambuzais, e áreas mais ensolaradas 146*
- Fig. 91 Arbustos e forrações próximos à Reitoria e ao Memorial Darcy Ribeiro 147*
- Fig. 92 Modelos de banco: com encosto, sem encosto em vários tamanhos e "bundoril" 148*
- Fig. 93 Mobiliário improvisado com madeira, pallets e carteiras escolares 148*
- Fig. 94 Mesas produzidas pela comunidade ou para uso comercial. Da esquerda para direita: Pracinha da FAU, banca de lanches e restaurante do Memorial 148*
- Fig. 95 Espaços produzidos pela comunidade. Da esquerda para direita: Pracinha da FAU, Curral do CAAGRO e redário do Memorial 148*
- Fig. 96 Localização dos espaços produzidos pela comunidade. Pracinha da FAU, Curral do CAAGRO, agrofloresta e redário do Memorial 150*
- Fig. 97 Outros elementos da urbanização da Praça Maior: bicicletário, escultura, endereçamento, parada de ônibus, mastros e totem com mapa do campus 150*
- Fig. 98 Locais de contagem de tráfego de pedestres 155*
- Fig. 99 Locais 01 e 02 (com número total de pedestres) 157*
- Fig. 100 Locais 07 e 11 (com número total de pedestres) 159*
- Fig. 101 Locais 10 e 12 (com número total de pedestres) 160*
- Fig. 102 Locais 03 e 09 (com número total de pedestres) 162*
- Fig. 103 Locais 06 e 08 (com número total de pedestres) 163*
- Fig. 104 Locais 04 e 05 (com número total de pedestres) 164*
- Fig. 105 pedestres, skatistas e ciclistas em trânsito 166*
- Fig. 106 Área de predominância de fluxo de pedestres 167*
- Fig. 107 Mapa comportamental – sobreposição das ocupações ao longo do dia (08h a 20h) 169*
- Fig. 108 Atividades encontradas na Praça Maior 176*
- Fig. 109 Funcionários jogam dominó e, ao terminar, guardam os móveis na Reitoria 176*
- Fig. 110 Mapa comportamental. Áreas-tipo 177*
- Fig. 111 Área 02 - Pracinha da FAU (acesso alternativo ao ICC) 178*
- Fig. 112 Área 05 - Estar no acesso do ICC Norte 178*
- Fig. 113 Área 08 - Estar no acesso da BCE 179*

*Fig. 114 Área 16 - Estar no acesso da Reitoria 179*

*Fig. 115 Área 17 - Estar no acesso do ICC Sul 180*

*Fig. 116 Área 20 - Acesso do Memorial Darcy Ribeiro 180*

*Fig. 117 Área 15 - Estar próximo à Reitoria 181*

*Fig. 118 Área 04 – Teatro de Arena 181*

*Fig. 119 Área 03 (ICC Norte) à esquerda, Área 13 (ICC Sul) no centro e Área 07 (bambuzal) à direita 182*

*Fig. 120 Área 06 à esquerda, Área 14 no centro e Área 19 à direita 182*

*Fig. 121 Área 10 - Talude central gramado 182*

*Fig. 122 Área 11 à esquerda, Área 12 no centro e Área 18 à direita 183*

*Fig. 123 Área 09 à esquerda e centro, e Área 21 à direita 183*

*Fig. 124 Áreas 01 e 22. Paradas de ônibus norte e sul respectivamente 183*

## Lista de tabelas

- Tabela 1* Resumo de técnicas de levantamento da vida pública 68  
*Tabela 2* Quantidade, tipos de bancos e número de pessoas que comportam 149  
*Tabela 3* Resumo de fluxo de pedestres em dias de semana de outubro de 2018, entre 8 e 19h. 156  
*Tabela 4* Quadro resumo da ocupação ao longo do dia 170  
*Tabela 5* Listagem com todas as atividades observadas e relatadas no decorrer da pesquisa 174

## Lista de gráficos

- Gráfico 1* Tráfego de pessoas nos locais 01 e 02, por hora, de 08h a 19h 158  
*Gráfico 2* Tráfego de pessoas nos locais 07 e 11, por hora, de 08h a 19h 159  
*Gráfico 3* Tráfego de pessoas nos locais 10 e 12, por hora, de 08h a 19h 161  
*Gráfico 4* Tráfego de pessoas nos locais 03 e 09, por hora, de 08h a 19h 162  
*Gráfico 5* Tráfego de pessoas nos locais 06 e 08, por hora, de 08h a 19h 163  
*Gráfico 6* Tráfego de pessoas nos locais 04 e 05, por hora, de 08h a 19h 165  
*Gráfico 7* Quantidade de pessoas ao longo do dia 170  
*Gráfico 8* Quantidade de homens e mulheres e suas posições 170  
*Gráfico 9* Pessoas sentadas e tipos de apoio 172  
*Gráfico 10* de atividades quantificadas 173  
*Gráfico 11* Diversidade de cursos 188  
*Gráfico 12* Edifícios em que exercem atividade 189  
*Gráfico 13* Atividades no tempo livre no campus 190  
*Gráfico 14* Nomes dados aos espaços da Praça Maior 191  
*Gráfico 15* Frequência com que vem à Praça Maior 192  
*Gráfico 16* Atividades preferidas no local (ativas e passivas) 193  
*Gráfico 17* Atividades relatadas no local 194  
*Gráfico 18* Descrições do espaço 195  
*Gráfico 19* O que lhe agrada neste espaço 196  
*Gráfico 20* O que falta neste espaço (itens relacionados a aspectos físicos, outros aspectos e respostas sem críticas) 197